

APRENDIZ

IMAGINE SE SUA VIDA
MUDASSE EM UM INSTANTE

POR

ACASO

VIKAS

SWARUP

Autor do livro que deu origem ao filme
Quem quer ser um milionário?

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**APRENDIZ
POR
ACASO
VIKAS
SWARUP**

Tradução
FLÁVIA YACUBIAN

**PA
RA
LE
IA**

*Para Aditya e Varun,
que ouviram minhas primeiras histórias*

Sumário

Prólogo

O primeiro teste: *Amor nos tempos do Khap*

O segundo teste: *Diamantes e ferrugem*

O terceiro teste: *Sonhos trancados*

O quarto teste: *A cegueira da fama*

O quinto teste: *O Atlas da Revolução*

O sexto teste: *Cento e cinquenta gramas de sacrifício*

O sétimo teste: *Chuva ácida*

Epílogo

Agradecimentos

Prólogo

Na vida, você nunca recebe o que merece: você recebe o que negocia.

Essa foi a primeira lição que ele me ensinou.

Nos últimos três dias, estive tentando botar o conselho em prática, negociando freneticamente com meus promotores e perseguidores em uma tentativa desesperada de adiar a pena de morte que eles acham que eu mereço.

Do lado de fora da prisão, jornalistas rodeiam como abutres. O canal de notícias não se cansa de mim, apresentando-me como uma fábula moralizante sobre o que acontece quando ganância e ingenuidade colidem para gerar um trem desgovernado manchado de sangue chamado homicídio doloso em primeiro grau. Ficam reciclando a foto da ficha policial tirada depois da prisão. A TV Sunlight até desenterrou uma foto antiga e granulada de classe, ainda na escola em Nainital, onde estou sentada com as costas eretas na fileira da frente, ao lado da sra. Saunders, nossa professora do oitavo ano. Mas Nainital parece outro mundo agora, uma terra do nunca de montanhas exuberantes e lagos prateados, onde, certa vez, meu otimismo juvenil me levou a acreditar que o futuro era ilimitado; e o espírito humano, indomável.

Quero ter esperança, sonhar, ter fé outra vez, mas o peso desalmado da realidade me sobrecarrega a todo minuto. Sinto como se estivesse vivendo um pesadelo, presa em um poço profundo e escuro de desespero sem fim, do qual não há saída.

Sentada em minha cela abafada e sem janelas, meus pensamentos viajam para o dia fatal em que tudo começou. Embora tenha sido há mais de seis meses, ainda consigo me lembrar de cada detalhe com inabalável clareza, como se tivesse sido ontem. Em minha mente, me vejo caminhando em direção ao templo de Hanuman, na Connaught Place, naquela tarde fria e cinza...

É sexta-feira, 10 de dezembro, e o trânsito na Baba Kharak Singh Marg é o costumeiro rosnado caótico de calor e barulho. A rua está emperrada com ônibus estrondosos, carros buzinando, motocicletas lamuriantas e autorriquixás gaguejantes. O céu está sem nuvens, mas o sol é invisível por trás do coquetel tóxico de neblina que sufoca a cidade todo inverno.

Visto um cardigã cinza sobre um recatado *salvar kameez* azul-celeste, após ter, prudentemente, tirado o uniforme de trabalho. É a rotina que sigo toda sexta-feira: sair de fininho do showroom durante a hora do almoço para uma pequena caminhada através do mercado até o antigo templo dedicado ao deus-macaco, Hanuman.

A maioria das pessoas vai aos templos para rezar; eu vou para expiar. Ainda não me perdoei pela morte de Alka. Parte de mim sempre acreditará que o que aconteceu a ela foi minha culpa. Desde aquela terrível tragédia, Deus tem sido meu único refúgio. E tenho uma ligação especial com a deusa Durga, que

também possui um altar no Hanuman Mandir.

Lauren Lockwood, uma amiga americana, fica fascinada pelo fato de termos trezentos e trinta milhões de deuses. “Jesus, vocês hindus querem mesmo se garantir”, ela diz. Isso é um exagero, mas todo templo que se preze possui altares para ao menos meia dúzia de divindades.

Cada uma dessas divindades tem alguns poderes especiais. A deusa Durga é “A Invencível”, capaz de resolver situações de máxima aflição. Depois da morte de Alka, quando minha vida se tornou um túnel escuro de dor e arrependimento, Ela me deu força. Ela sempre está comigo quando preciso.

O templo está estranhamente cheio para uma tarde de sexta-feira, e sou levada pela confusão sem fim de devotos empurrando-se para chegar ao *sanctum sanctorum*. O chão de mármore é frio sob meus pés nus, e o ar está pesado com a mistura intoxicante de suor, sândalo, flores e incenso.

Chego à fila das mulheres, consideravelmente menor, e consigo me comungar com Durga Ma em menos de dez minutos.

Após terminar meu *darsham*, prestes a descer as escadas, uma mão pesa sobre meu ombro. Viro-me e vejo um homem me observando atentamente.

Quando um homem adulto desconhecido aproxima-se de uma mulher jovem em Delhi, o instinto leva imediatamente a mão da moça para o spray de pimenta sempre presente. Mas o estranho me olhando não é um vagabundo de rua. É um homem mais velho, vestido com um *kurta* de seda amarelada e com uma pashmina jogada sob os ombros. Claro e alto, possui um nariz aquilino, uma boca dura e resoluto, e a cabeça coroada por uma massa pesada de cabelo branco como a neve. Uma *tika* escarlate enfeita sua testa. Os dedos estão carregados de anéis brilhando com diamantes e esmeraldas. Mas são seus olhos castanhos e penetrantes que me perturbam. Parecem me analisar com uma tal retidão que considero intimidante. Esse é um homem que gosta de estar no controle.

— Posso conversar com você? — ele pergunta com uma entonação rápida.

— O que você quer? — eu respondo abruptamente, com mais gentileza que o normal, por respeito à idade dele.

— Meu nome é Vinay Mohan Acharya — ele diz, calmo. — Sou o proprietário do Acharya Business Consortium. Você já ouviu falar do Grupo de Companhias ABC?

Minhas sobrancelhas se arqueiam em reconhecimento. O Grupo ABC é amplamente conhecido como um dos maiores conglomerados da Índia, produzindo de tudo, de pasta de dente a turbinas de avião.

— Tenho uma proposta para você — ele continua. — Algo que vai mudar sua vida para sempre. Você me daria dez minutos para explicar?

Eu já tinha ouvido aquelas palavras antes. De incômodos vendedores de seguro e mascates de produtos de limpeza. E todos sempre me deixavam cautelosa.

— Não tenho dez minutos — digo. — Preciso voltar ao trabalho.

— Apenas me ouça — ele insiste.

— O que é? Diga.

— Eu gostaria de te oferecer o cargo de CEO do Grupo ABC. Estou te dando a oportunidade de encabeçar um império de negócios que vale dez bilhões de dólares.

Eu sei que ele não é confiável. Soa como um charlatão, em nada diferente dos ambulantes da rua Janpath, tentando vender cintos de Rexine fajutos e caixas de lenços vagabundos. Espero pelo sorrisinho que vai me explicar que ele está brincando, mas a face do homem permanece impassível.

— Não estou interessada — digo com firmeza e começo a descer as escadas. Ele me segue.

— Você quer dizer que está recusando a oferta do século, mais dinheiro do que jamais vai ver em sete vidas? — O tom dele é penetrante, corta como um chicote.

— Olhe, sr. Acharya, ou quem quer que você seja. Eu não sei qual é o seu jogo, mas não estou interessada nele. Então, por favor, pare de me incomodar — eu digo enquanto recolho meus chinelos Bata com a senhora que cuida dos sapatos largados na entrada no templo em troca de uma pequena gorjeta.

— Sei que você provavelmente está achando que isso tudo é uma piada — ele diz, calçando um par de sandálias marrons.

— Bem, e é, não é?

— Nunca falei tão a sério em minha vida.

— Então, você deve ser de um programa de TV de “pegadinhas”. Suponho que quando eu disser “sim”, você vai apontar para a câmera secreta.

— Você acha que um homem do meu escalão faria programas de TV estúpidos?

— Bem, e não é estúpido oferecer seu império para estranhos na rua? Começo a duvidar de que você seja quem diz que é.

— Bem colocado — ele assente. — Um pouco de ceticismo é sempre saudável. — Ele coloca a mão no bolso de seu *kurta* e retira uma carteira preta de couro. Pega um cartão de visitas e me entrega. — Talvez isso a convença.

Examino superficialmente. O cartão é mesmo impressionante, feito de algum tipo de plástico semitransparente, com o logo do Grupo ABC em relevo e os dizeres “VINAY MOHAN ACHARYA PRESIDENTE” gravado em negrito.

— Qualquer um pode mandar imprimir isso por poucas centenas de rúpias — eu digo, devolvendo o cartão.

Ele retira outro pedaço de plástico da carteira e o levanta. — E isto aqui?

É um cartão American Express Centurion All-black com “VINAY MOHAN ACHARYA” gravado no rodapé. Eu vi uma dessas espécies raras apenas uma vez antes, quando um construtor exibido de Noida tinha usado para pagar uma TV Sony LX-900 de sessenta polegadas que custava quase quatrocentas mil rúpias.

— Isso não muda nada. — Dou de ombros. — Como vou saber se não é uma falsificação?

Agora já cruzamos o átrio do templo e estamos nas proximidades da rua.

— Este é o meu carro — ele diz, apontando para um veículo reluzente estacionado ao lado da calçada. Um chofer está no banco do motorista, trajando um quepe e um uniforme branco engomado. Um guarda armado, com indumentária militar, desce do banco da frente e se posiciona, atento e rígido. Acharya estala os dedos, e o homem abre a porta de trás de carro com animação. A servidão zelosa não parece falsidade; parece ter sido aprimorada ao longo de anos de subserviência incondicional. O carro, percebo com admiração, é um Mercedes Benz CLS-500 prata, que deve valer mais de nove milhões de rúpias.

— Espere um segundo — diz Acharya e se abaixa dentro do carro. Pega uma revista do banco e me entrega. — Este é meu último recurso. Se isto não convencer você, nada o fará.

É a edição de dezembro de 2008 da *Business Times*. O retrato de um homem na capa, com uma manchete flamejante: *HOMEM DE NEGÓCIOS DO ANO*. Observo a capa e, em seguida, o homem parado à minha frente. Idênticos. Não há como confundir o cabelo prateado penteado para trás, o nariz curvo e os olhos castanhos penetrantes. Estou, de fato, na presença do industrial Vinay Mohan Acharya.

— O.k. Então, você é o sr. Acharya. O que quer de mim?

— Já disse: quero que você seja minha CEO.

— E você espera que eu acredite?

— Por isso, me dê dez minutos, e eu vou fazer com que você acredite. Podemos nos sentar em algum lugar para conversar?

Olho para o meu relógio. Ainda tenho vinte minutos de almoço.

— Podemos ir até a Coffee House — digo, indicando um local caindo aos pedaços do outro lado da rua, que serve como ponto de encontro para as “classes tagarelas”, como chamamos a elite intelectual indiana.

— Preferiria o lobby do hotel Shangri-la — ele diz, com o ar relutante, mas aceitando minha sugestão de conversar na lanchonete. — Você se importa se um colega meu se juntar a nós?

Enquanto ele pronuncia a última frase, um homem materializa-se do meio da multidão de pedestres, como um fantasma, e para ao lado de Acharya. É bem mais jovem, provavelmente tem trinta e poucos anos, e se veste de forma casual, com um conjunto Reebok azul-marinho. Tem por volta de um metro e oitenta e é musculoso e rijo como um atleta. Analiso o corte à escovinha, os olhos pequenos como os de um furão e a boca fina e cruel. O nariz é levemente torto, como se já tivesse sido quebrado, e dá um toque peculiar à sua face comum. Suponho que ele devia estar seguindo Acharya o tempo todo. Mesmo agora, seus olhos atentos ficam constantemente de um lado a outro, escaneando os arredores como um guarda-costas profissional, antes de se fixarem em mim.

— Este é Rana, meu braço direito — diz Acharya, apresentando-o.

Aceno com a cabeça educadamente, tremendo sob seu olhar gelado.

— Vamos? — perguntou Rana. O rapaz tem uma voz desgastada, rouca, como folhas secas roçando o chão. Sem esperar por minha resposta, começa a guiar o caminho pela passagem subterrânea.

O cheiro forte de *dosas* fritas e café torrado ataca meus sentidos assim que passo pela porta vaivém da lanchonete. É o ambiente de uma cafeteria de hospital. Vejo Acharya torcendo o nariz, já arrependido de ter aceitado minha sugestão. Por ser hora do almoço, o lugar está cheio.

— Espera de vinte minutos, por favor — informa o gerente.

Observo Rana passar uma nota de cem rúpias dobrada e instantaneamente uma mesa de canto fica pronta. Acharya e seu lacaio sentam-se de um lado, e eu tomo a cadeira solitária oposta a eles. Rana pede bruscamente três cafés filtrados e então Acharya começa. Fita-me nos olhos, um olhar inabalável.

— Deixe-me ser sincero com você. Essa é uma aposta às escuras para mim. Então, antes de explicar minha proposta, você pode me contar um pouco sobre você?

— Bem, não há muito que contar.

— Pode começar por seu nome.

— Sapna. Sapna Sinha.

— Sapna — ele enrola a língua ao redor da palavra antes de assentir com aparente satisfação. — Bom nome. Quantos anos você tem, Sapna, se não se importa com a pergunta?

— Vinte e três.

— E o que você faz? É estudante?

— Estudei na Universidade Kumaun, em Nainital. Agora trabalho como assistente de vendas na Gulati & Sons. Eles têm um showroom em Connaught Place para eletrônicos e utilidades domésticas.

— Já estive lá. Não é perto daqui.

— Sim. No Bloco B.

— E há quanto tempo trabalha lá?

— Pouco mais de um ano.

— E sua família?

— Moro com minha mãe e Neha, minha irmã mais nova. Ela estuda artes na faculdade de Kamala Nehru.

— E seu pai?

— Faleceu há um ano e meio.

— Oh, sinto muito. Então, você é o arrimo da família?

Assenti.

— Se não se importar em dizer, quanto você ganha por mês?

— Com as comissões, cerca de dezoito mil rúpias.

— Só isso? Você não devia estar agarrando a oportunidade de liderar uma companhia multimilionária e ganhar uma fortuna?

— Olhe, sr. Acharya, ainda estou bastante confusa com sua oferta. Para começar, por que você precisa de um CEO?

— Por quê? Porque tenho sessenta e oito anos e não estou ficando mais jovem. Deus fez o corpo humano como uma máquina com obsolescência integrada. Estou prestes a atingir minha data de validade. Antes que eu vá, quero garantir uma transição pacífica na organização de que cuido há anos. Quero garantir que eu seja substituído por alguém que acredite nos mesmos valores que eu.

— Mas por que eu? Você não tem um filho ou uma filha?

— Bem, para começar, eu não tenho mais uma família. Minha esposa e minha filha morreram em um acidente de avião há dezoito anos.

— Ah! E alguém de sua empresa?

— Procurei por toda parte dentro da companhia. Não consegui achar ninguém nem perto de estar adequado. Meus executivos são bons implementadores, excelentes subordinados, mas não vejo em nenhum deles as características de um grande líder.

— E você vê em mim? Eu não sei nada sobre como gerenciar um negócio. Não tenho nem um MBA.

— Diplomas são apenas papéis. Não ensinam como liderar pessoas, apenas como gerenciar coisas. Por isso, não fui a um instituto de administração escolher meu CEO; fui a um templo.

— Você ainda não respondeu minha pergunta: por que eu?

— Havia algo em seus olhos, um brilho que jamais vi antes. — Ele procura confirmação em meus olhos antes de desviar o olhar. — Sempre fui um observador de pessoas — ele continua, olhando ao redor, os compradores de classe média e trabalhadores de escritório sentados às outras mesas. — E de todas as pessoas que observei no templo, você parecia a mais focada. Chame de intuição, psiquismo, do que quiser, mas algo me disse que poderia ser você. Apenas você possuía a mistura comovente de determinação e desespero que eu procurava.

— Achava que desespero era uma característica negativa.

Ele balança a cabeça.

— Pessoas felizes não se tornam bons CEOs. Contentamento gera preguiça. É a aspiração que direciona a conquista. Quero pessoas com fome. Fome que nasce no deserto da insatisfação. Você parece ter isso.

Estou sendo levada por suas declarações arrebatadoras e suposições grandiosas. Mas a lógica por trás de sua retórica me escapa.

— Você sempre toma decisões baseadas em impressões?

— Nunca subestime o poder da intuição. Onze anos atrás, eu comprei uma fábrica cheia de dívidas na Romênia, chamada Iancu Steel. Perdia dinheiro a cada dia. Todos os meus experts desaconselharam. Diziam que eu jogava dinheiro bom atrás de mau. Mas eu me mantive firme na decisão. Fui atraído pela fábrica por causa de seu nome. Iancu significa “Deus é bom”. Hoje, cinquenta e três por cento de nossa receita de aço vêm dessa fábrica. Deus é, de fato, bom.

— Então, você acredita em Deus?

— Isto não é prova suficiente? — Ele aponta para a marca escarlate em sua testa. — A principal razão por que vim ao templo para selecionar meu sucessor é que ele deve ser tão devoto quanto eu. Estamos vivendo na Kalyug, a era sombria, cheia de pecado e corrupção. Religião não está mais na moda. Os jovens trabalhando para mim são feitos de puro consumismo. Provavelmente, não visitam um templo para rezar há anos. Não digo que sejam todos ateus, mas o deus deles é o dinheiro, primeiro e principalmente. Mas você... — Ele meneia a cabeça em minha direção. — Você parece ser o candidato devoto e temente que eu estava procurando.

— O.k., entendi. Você age por impulsos, e seu último impulso diz que eu sou a escolhida. Agora me conte: qual é a pegadinha?

— Não há pegadinha. Mas há alguns termos e condições. Você deverá passar por alguns testes.

— Testes?

— Não se preocupe, não vou levar você de volta para a escola. Uma escola apenas testa sua memória. Mas a vida testa seu caráter. Meus sete testes são rituais de passagem, pensados para medir sua valentia e seu potencial como CEO.

— Por que sete?

— Em meus quarenta anos de carreira, aprendi uma coisa: uma companhia é tão boa quanto quem a

dirige. E eu concluí que as características de um CEO bem-sucedido são sete atributos básicos. Portanto, cada um dos sete testes será focado em uma das sete características.

— E o que exatamente terei de fazer para passar nos testes?

— Nada que não faria no seu dia a dia. Não vou pedir para roubar ou matar ou fazer algo ilegal. Na verdade, você nem vai perceber os testes.

— Como assim?

— Meus testes virão do livro didático da vida. A vida não nos testa todos os dias? Não fazemos escolhas todos os dias? Eu simplesmente vou avaliar suas escolhas, suas respostas aos desafios diários da vida. Isso vai revelar do que você é feita.

— E se eu falhar em algum?

— Bem, nesse caso eu precisarei procurar outra pessoa. Mas meu instinto diz que você não vai falhar. Parece uma predestinação. O maior bilhete de loteria de todos os tempos será seu.

— Nesse caso, minha decisão é bem clara: não estou interessada em sua oferta.

Ele parece chocado. — Mas por quê?

— Não acredito em loteria.

— Mas você acredita em Deus. E às vezes Deus dá muito mais do que é pedido.

— Não sou gananciosa — eu digo, levantando da mesa. — Obrigada, sr. Acharya. Foi bom conhecer você, mas eu realmente devo voltar ao showroom agora.

— Sente-se — ele ordena. Há aço em sua voz. Eu engulo em seco e sento como uma estudante obediente. — Escute, Sapna. — A voz dele fica mais suave. — Há apenas dois tipos de pessoa no mundo: vencedores e perdedores. Estou lhe dando a chance de ser uma vencedora. Tudo que peço em troca é que assine este termo de consentimento.

Ele gesticula para Rana, que faz aparecer uma folha impressa de dentro do bolso de seu conjunto Reebok e a apoia à minha frente.

Desde a morte de Alka, desenvolvi um sexto sentido para algumas coisas, um alarme que toca em minha mente sempre que a situação não é muito certa. O alarme soa enquanto eu levanto o papel. É curto, apenas cinco frases:

1. *O signatário, por meio deste, concorda em ser considerado para o posto de CEO do Grupo de Companhias abc.*
2. *O signatário, por meio deste, permite ao Grupo abc efetuar as checagens e os procedimentos necessários para avaliar a adequabilidade do signatário para o serviço.*
3. *Ao signatário não é permitido interromper o acordo antes de seu término, enquanto as checagens e os procedimentos necessários ainda estejam sendo conduzidos.*
4. *O signatário concorda em manter completa confidencialidade sobre o acordo ao não discuti-lo com terceiros.*
5. *Em consideração a essas condições, o signatário recebeu o valor não reembolsável de cem mil rúpias.*

— Esse termo menciona apenas a quantia de um *lakh* de rúpias — digo, comentando as condições do termo. — Você não falou em dez bilhões de dólares?

— Um *lakh* é apenas pela participação nos testes. Se falhar, poderá ficar com o dinheiro. E se passar, ganha o emprego. Asseguro que o salário de CEO terá muito mais zeros.

Agora, o alarme está soando como o de um incêndio. Eu sei que isso é uma fraude, e que Acharya já tentou esse golpe antes.

— Diga-me: quantas pessoas já assinaram isto antes?

— Você é a sétima candidata — suspira Acharya. — Mas sei em meu coração que será a última. Minha busca acabou.

— Assim como meu tempo. — Levanto decisivamente. — Não tenho intenção nenhuma de assinar este termo ou de participar de qualquer teste.

Rana responde colocando um saco com milhares de rúpias sobre a mesa. Parecem novinhas em folha, vindas direto do banco. Ele está jogando a isca, mas não me sinto tentada.

— Você acha que pode me comprar com seu dinheiro?

— Bem, isto é uma negociação, afinal — insiste Acharya. — Lembre que no negócio da vida, você nunca recebe o que merece: recebe pelo que negocia.

— Não negocio com quem não conheço. E se isso for uma armadilha?

— A única armadilha é a da baixa expectativa. Olha, eu entendo seu receio — diz Acharya, suavemente, inclinando-se para a frente com o peso sobre os cotovelos. — Mas você precisa ter uma visão menos sombria da natureza humana, Sapna. Eu sincera e genuinamente gostaria de fazer de você minha CEO.

— Você tem ideia do quanto essa conversa soa ridícula? Coisas assim acontecem apenas em filmes e livros, não na vida real.

— Bem, eu sou real, você é real e minha oferta é real. Um homem como eu não perde tempo com bobagens.

— Estou certa de que achará outros candidatos mais dispostos a aceitar sua oferta. Não estou interessada.

— Você está cometendo um grande erro. — Acharya aponta e balança o dedo para mim. — Talvez, o maior de sua vida. Mas eu não vou te pressionar. Pegue meu cartão. Se mudar de ideia nas próximas quarenta e oito horas, me ligue. A oferta ainda estará de pé.

Ele empurra o cartão de visitas para o outro lado da mesa; Rana me observa como um gavião.

Eu pego e sorrio para eles, tensa. Os dois, sem nem mesmo olhar para trás, seguem para a porta.

Minha mente gira mais rápido que um CD enquanto eu volto correndo para o Bloco B. A sensação é de alívio, como se eu tivesse escapado de um grande perigo por um fio. Olho por cima de meu ombro algumas vezes, para ter certeza de que a dupla não está me seguindo. Quanto mais reflito sobre o que

acaba de ocorrer, mais fico convencida de que Acharya é um trapaceiro desonesto ou um doido varrido. E eu não quero nada com nenhuma das duas categorias.

Respiro com calma assim que volto à segurança do showroom, para meu mundo refrigerado de TVs de plasmas, geladeiras *frost free* e máquinas de lavar difusas. Banindo Acharya e sua oferta maluca da mente, recoloco meu uniforme de trabalho e começo a caça habitual por possíveis compradores. Tardes são comumente os períodos mais vagarosos para as vendas, e não há muitos consumidores competindo por atenção. Tento chamar a atenção de um comprador, com cara de confuso e barrigudo, com uma câmera de última geração full-HD da Samsung, mas ele parece mais interessado nas minhas pernas debaixo da minissaia vermelha. Quem quer que tenha criado esse modelo indecente de uniforme (suspeito que Raja Gulati, o filho imprestável do dono) queria que as vendedoras parecessem aeromoças. No entanto, como diz minha colega Prachi: “Nós recebemos as propostas, não o dinheiro”.

Para falar a verdade, não tenho de lutar contra tantos ataques lascivos quanto as outras três vendedoras. Elas é que parecem aeromoças, com o cabelo penteado, maquiagem impecável e pele radiante. Eu pareço uma propaganda para o creme Fair and Lovely, com meu sorriso esquisito e um rosto que poderia ser descrito em anúncio matrimonial como “da cor do trigo”, um modo educado de dizer “não branca”. Sempre fui o patinho feio da família. Minhas duas irmãs mais novas, Alka e Neha, puxaram a cútis branca como leite de Ma. Eu herdei a pele mais escura de meu pai. E nesta parte do mundo, cor da pele é destino.

Apenas quando comecei a trabalhar no showroom é que descobri que ser morena e sem graça têm suas vantagens. Mulheres abastadas ficam intimidadas com competição e não suportam ter outras mulheres bonitas por perto. Sentem-se mais confortáveis comigo. E já que a maior parte das decisões sobre compras em uma família é feita pelas mulheres, eu invariavelmente alcanço minhas metas de venda mensal mais rápido que todo mundo.

Outra coisa que aprendi é nunca julgar fregueses pela aparência. Eles vêm em todos os formatos, tamanhos e trajés. Como o homem de meia-idade que acaba de entrar no showroom logo depois das três da tarde, vestido incongruentemente com um turbante e um dhoti. Parece um halterofilista, com a parte de cima do corpo enorme, braços grossos e um bigode de guidom penteado e torcido com o cuidado de uma obra de arte. Ele vaga pelos corredores como uma criança perdida, atordoado pelo brilho da loja. Como as outras vendedoras estão rindo dissimuladamente sobre as roupas e maneiras rústicas dele, o senhor se agarra a mim. Dentro de dez minutos, extraio a história de vida do homem. Seu nome é Kuldip Singh, e é o patriarca de uma próspera família de agricultores de um vilarejo chamado Chandangarh, localizado no distrito Karnal do estado de Haryana, a aproximadamente cento e quarenta quilômetros de Delhi. Sua filha de dezoito anos, Babli, vai se casar na semana seguinte e ele veio à capital para comprar alguns produtos para o dote. Outra questão é que seu conhecimento sobre máquina alcança apenas tratores e poços artesianos. Ele nunca viu um micro-ondas na vida e acha que a máquina de lavar LG 15 kg é um aparelho engenhoso para bater *lassi*! Ele também tenta barganhar pelos preços. Eu tento explicar que a loja tem preços fixos, mas ele se recusa a aceitar.

— *Dekh chhori*, olha aqui, garota — ele fala arrastado, em seu vernáculo humilde. — Temos um

ditado em Haryana: por mais teimosa que uma cabra possa ser, no fim, ela sempre tem de dar leite.

Ele é tão insistente que eu convenço o gerente a dar cinco por cento de desconto. No fim, ele termina com um carregamento que inclui uma TV de plasma de quarenta e duas polegadas, um refrigerador de três portas, uma máquina de lavar, um aparelho de DVD e um aparelho de som. As outras vendedoras observam em reverência contida enquanto ele tira um grosso maço de notas para pagar sua farra das compras. O caipira do mato delas tinha se revelado um barão *shopaholic*. E eu instauro outra vez um recorde de vendas!

O resto do dia passa num borrão. Deixo a loja, como de costume, às oito e quinze, e embarco no metrô, como sempre, na estação Rajiv Chowk.

A jornada de quarenta e cinco minutos me leva para Rohini, um subúrbio classe média em crescimento, no nordeste de Delhi. Com a reputação de ser a segunda maior área residencial na Ásia, é um tentáculo barato e feio da capital, abarrotado de blocos de apartamento tristes e sem graça e mercados caóticos.

Desembarco em Rithala, na última parada da Linha Vermelha. Daqui, são vinte minutos de caminhada até a Colônia LIG no Pocket B-2 Setor 11, onde moro. De todas as comunidades de habitação de Rohini, a minha é a mais melancólica. O nome em si — L-I-G, abreviação de “Lower Income Group” [Grupo de Baixa Renda] — é um tapa na cara. Construídos pela Autoridade de Desenvolvimento de Delhi nos anos 1980, os quatro blocos de tijolo vermelho parecem com um amontoado de chaminés de fornalha, feitas de tijolo, os exteriores desfigurados e deteriorados carregam os sinais da construção ordinária do governo.

Ainda assim sou grata por morar aqui. Depois da morte de Papa, não daríamos conta de pagar nem mesmo os deprimentes apartamentos 2-BHK que cobram aluguéis excessivos de doze mil rúpias por mês. Felizmente, não precisamos pagar aluguel algum para o B-29, nosso apartamento no segundo andar, pois pertence ao sr. Dinesh Sinha, o irmão mais novo bem de vida de Papa. Tio Deenu teve pena de nós e permite que moremos aqui de graça. Bem, não completamente de graça. De vez em quando sou obrigada a levar os filhos idiotas dele, Rolu e Golu, para um jantar chique. Não entendo por que eles precisam comer às minhas custas se o pai deles possui três restaurantes *tandoori*.

A primeira coisa que se vê ao entrar em nosso apartamento é o quadro com a foto em preto e branco de Papa pendurada no pequeno vestíbulo onde mantemos a geladeira. Decorada com uma guirlanda de rosas secas, mostra um jovem, ainda não sobrecarregado pelo peso da responsabilidade de ser um professor com três filhas pequenas. O fotógrafo foi gentil, amenizando algumas das rugas prematuras que já naquela época apareciam na testa dele. Mas ele não foi capaz de retocar o ameaçador franzido que Papa sempre fazia com a boca.

Nossa modesta sala de visitas é dominada por uma foto ampliada e colorida de Alka na parede central. Usando um extravagante chapéu vermelho, ela posa como uma das senhoras na pista de corridas do Royal Ascot. Sua cabeça está levemente jogada para trás, olhos escuros bem abertos, e os lábios esboçando um sorriso tolo. É assim que sempre vou me lembrar dela: linda, jovem e despreocupada. Todas as vezes que olho para essa foto, ouço sua risada contagiante na sala. “*Didi! Didi! Kamaal ho gaya!* Algo incrível aconteceu hoje!” Posso ouvir sua voz ansiosa me cumprimentando, pronta para despejar todos os detalhes de algum trote bobo que ela bolou na escola.

Abaixo da fotografia, um sofá verde desbotado com protetores de plástico branco imitando bordado, duas cadeiras de bambu com almofadas desgastadas e uma velha TV Videocon no alto do aparador de madeira de teca reciclada, que eu consegui comprar por uma miséria em um leilão de embaixada, complementado por quatro cadeiras parelhas.

Atravessando uma cortina de miçangas, você entra no primeiro quarto, que pertence a Ma. Tem uma cama, cercada por dois armários de roupas e um arquivo de metal, hoje usado principalmente para guardar os remédios dela. A saúde de Ma sempre foi frágil; a morte repentina da filha mais nova e a do marido devastaram-na por completo. Fechou-se em si mesma, tornou-se quieta e distante, negligenciou a alimentação, não se preocupa mais com a aparência. Quanto mais ela se esconde do mundo, mais a doença domina seu corpo. Ela agora sofre de diabetes crônica, hipertensão, artrite e asma, e precisa de viagens constantes ao hospital público. Olhando seu corpo magro e seu cabelo grisalho, é difícil acreditar que tenha apenas quarenta e sete anos.

O outro quarto é dividido por Neha e eu. Minha irmã mais nova tem apenas um objetivo na vida: ser famosa. Ela cobriu todas as paredes de nosso pequeno quarto com pôsteres de cantores, modelos e estrelas de cinema. Ela sonha em ser rica e bem-sucedida como eles. Abençoada com um rosto bonito, corpo violão e pele impecável, Neha conhece bem o potencial econômico de ter tirado a sorte grande na genética e está pronta para explorar sua beleza para obter o que deseja. Ter treinado canto com fundo sonoro para música indiana, além de ter uma ótima voz, ajuda.

Todos os garotos do bairro são apaixonados por Neha, mas ela não dá a mínima bola para eles. Já resumiu seu futuro a duas sílabas: GRAN-DE. E não está disposta a incluir ninguém do Grupo de BAIXA Renda nele. Ela passa o dia com os colegas riquinhos da faculdade, e as noites, escrevendo cartas para participar de reality shows e de concursos de talento e de beleza. Neha Sinha é a garota-propaganda das ambições grandiosas.

Ela também tem uma queda para consumo irracional, reproduzindo cegamente a moda do momento. Metade de meu salário vai para o sustento de suas necessidades em evolução constante: jeans *skinny*, *gloss*, bolsas de grife, celulares ostentosos... A lista não acaba.

Nos últimos dois meses, ela não para de me perturbar a respeito de um laptop. Mas é aí que ponho um limite: uma coisa é um cinto de oitocentos, outra bem diferente é um aparelho de trinta mil.

— Bem-vinda de volta, *didi* — Neha me cumprimenta assim que piso no apartamento. Ela ainda dá conta de arrancar um sorriso do bico taciturno que é sua expressão de praxe sempre que eu lhe recuso qualquer coisa. — Sabe o laptop Acer que estou doida para arranjar? — Ela oferece um olhar de filhotinho que eu conheço muito bem. Geralmente, precede uma nova demanda.

— Sim — eu respondo, receosa.

— Bom, acabou de entrar em liquidação. Está disponível por apenas vinte e dois mil. Com certeza, você consegue comprar a esse preço.

— Não consigo — digo com firmeza. — Ainda assim é muito caro.

— Por favor, *didi*. Sou a única da classe sem laptop. Prometo que não vou pedir mais nada depois disso.

— Desculpe, Neha, mas simplesmente não posso. Mal estamos dando conta do básico.

— Você não pode pegar um empréstimo com a empresa?

— Não, não posso.

— Você está sendo cruel.

— Estou sendo realista. Você precisa se acostumar com o fato de que somos pobres, Neha. E a vida é dura.

— Prefiro morrer a ter esse tipo de vida. Tenho vinte anos e o que tenho para contar? Nunca nem entrei em um avião.

— Bom, nem eu.

— Então você devia. Todos os meus amigos vão passar as férias de verão em lugares como Suíça e Singapura. E nós não conseguimos ir nem pra uma cidadezinha de montanha indiana.

— Nós viemos de uma cidadezinha de montanha, Neha. Mas, enfim, laptops e viagens não são importantes. Sua prioridade número um deveria ser tirar boas notas.

— E o que notas boas vão me dar? Olha onde você foi parar depois de se formar em primeiro lugar na universidade.

Neha sempre teve a incrível capacidade de me magoar, tanto com seu silêncio quanto com suas palavras. Embora eu tivesse me acostumado às suas farpas cáusticas, essa tinha doído por sua honestidade brutal, me deixando sem palavras. É aí que meu celular toca.

— Alô — eu atendo.

É o tio Deenu, soando bem esquisito.

— Sapna *beti*, eu tenho algo importante para lhe dizer. Temo que sejam más notícias.

Preparei-me para outra morte na família. Talvez de alguma tia doente ou avó distante. Mas o que ele disse em seguida foi nada menos que uma bomba:

— Vocês vão precisar sair do apartamento em duas semanas.

— O quê?

— Sim, sinto muito, mas estou de mãos atadas. Acabei de investir em um novo restaurante e preciso de dinheiro urgentemente. Decidi colocar o apartamento de Rohini para alugar. Um corretor me ligou hoje com uma ótima oferta. Nessa situação, não tenho escolha a não ser pedir que você e sua família encontrem outro lugar.

— Mas, tio, como vamos arranjar outro lugar tão rápido?

— Vou ajudar vocês. A única coisa é: agora terão de pagar aluguel.

— Se precisaremos pagar aluguel, podemos continuar aqui.

Tio Deenu pensa a respeito.

— Suponho que isso seja razoável — ele concorda, relutante. — Mas você não vai conseguir pagar pelo aluguel.

— Quanto o novo inquilino vai lhe pagar?

— Concordamos em catorze mil por mês. Dois mil a mais do que o valor de mercado. E ele vai me pagar um depósito de um ano como adiantamento. Se você aceitar as mesmas condições, não tenho

objeção que continuem.

— Você quer dizer que precisamos pagar cento e sessenta e oito mil rúpias de adiantamento?

— Exatamente. Você sempre foi boa de matemática.

— Não temos como conseguir tanto dinheiro, Chachaji.

— Então, procurem outro apartamento. — Seu tom endurece. — Tenho de pensar em minha família também. Não sou uma entidade filantrópica. Veja bem, eu permiti que vocês ficassem de graça por dezesseis meses.

— O Papa também não fez tanto por você? Você não tem nenhuma consideração por seu falecido irmão? Você quer que a família dele vá pra rua? Que tipo de tio você é, Chachaji? — Tento sensibilizar sua consciência.

A estratégia ricocheteia.

— Vocês não são nada mais que aproveitadores ingratos — ele diz, disparando sobre mim. — E escute: vamos acabar com essa conversinha de titio. De agora em diante, nosso relacionamento é estritamente de senhorio e inquilino. Então: ou você me paga a quantia completa semana que vem ou desocupem meu apartamento.

— Nos dê ao menos um pouco mais de tempo para arranjar dinheiro — imploro.

— Uma semana é tudo que têm. Paguem ou saiam — ele diz e desliga.

Minhas mãos tremem de indignação. Por um momento desejo todos os tipos de mortes lentas e dolorosas ao tio Deenu antes de narrar a conversa para as outras duas ocupantes do apartamento. Ma balança a cabeça, mais de pesar que de dor. A perversidade do mundo é algo que ela sempre aceitou sem grandes questionamentos.

— Nunca confiei naquele homem. Deus tudo vê. Um dia, Deenu vai pagar pelos pecados.

Neha está surpreendentemente animada.

— Se aquele porco está nos despejando, vamos sair deste buraco. Viver aqui me sufoca.

— E para onde iremos? Você acha que é brincadeira de criança achar outra casa?

Antes que uma nova discussão irrompa, mamãe traz o foco de volta às questões práticas:

— Onde vamos arranjar todo esse dinheiro?

A questão assoma como nuvens agourentas.

Papa não nos deixou muito. Ele limpou o fundo de pensão para financiar a primeira incursão de tio Deenu no negócio de restaurantes. E sua poupança modesta do trabalho de professor foi usada nos gastos de assentamento quando mudamos para a cidade grande. No momento de sua morte, ele mal tinha dez mil rúpias no banco.

Ma já sabia a resposta para a questão. Ela destranca o armário e retira de lá dois pares de pulseiras de ouro.

— Guardei-as para seus casamentos. Mas se precisarmos vendê-las para manter a casa, que seja. — Ela nos oferece as joias com um suspiro melancólico.

Meu coração se compadece por Ma. Desde a morte de Papa, é a terceira peça das relíquias da família das quais ela tem de se desfazer. A primeira foi para pagar a educação de Neha, depois outra para cuidar

de seus próprios gastos médicos e agora para salvar o apartamento.

Um silêncio pesa sobre nosso lar quando nos sentamos para jantar. Sou assombrada por uma intensa sensação de fracasso, como se eu tivesse deixado minha família na mão quando eles mais precisavam. Nunca senti tanto a falta de dinheiro. Por um instante passageiro, a visão de todas aquelas notas novinhas sobre a mesa da Coffee House inundam a minha mente, antes que eu a dispense como uma piada de mau gosto. Como um louco como Acharya pode ser levado a sério? No entanto, ele continua circulando em meu cérebro, como uma mosca irritante.

Para satisfazer minha curiosidade, sento-me em frente ao computador depois do jantar. É um Dell de torre decrépito que resgatei quando estava prestes a ser vendido no showroom para o negociante de lixo. Um dinossauro rodando Windows 2000, mas que me permite navegar na internet, checar meus e-mails e usar o processador de texto para tabular os gastos domésticos todo fim de mês.

Acesso à internet e digito Vinay Mohan Acharya na busca. Os resultados registram um milhão e novecentas mil entradas.

O industrial está por toda a parte no ciberespaço. Há notícias sobre seus negócios, especulações sobre o valor líquido de seu patrimônio, galerias de imagens capturando seus diferentes humores e vídeos no YouTube de suas palestras em encontros de acionistas e conferências internacionais. Na meia hora seguinte, aprendo muitos novos fatos sobre ele, como sua paixão por críquete, suas ocasionais (e malsucedidas) incursões na política, a amarga rivalidade com o irmão Ajay Krishna Acharya (dono do Grupo Premier) e sua filantropia. Aparentemente, ele doa baldes de dinheiro para todo tipo de caridade e já foi duas vezes premiado com a Medalha Presidencial por ter o melhor programa de responsabilidade social corporativa. Também confirmo que ele perdeu a esposa e a filha em um acidente de avião da Thai Airways em um voo entre Bangkok e Katmandu, em 31 de julho de 1992, que matou todos os cento e treze passageiros.

Enquanto vasculho o atoleiro de informações, Acharya surge como uma personalidade complexa e conflituosa. Ele tem admiradores que o aclamam como o homem de negócios mais ético da Índia, e críticos vituperando suas idiossincrasias, seu narcisismo e sua megalomania. Mas não há questionamento sobre sua genialidade em ter transformado sozinho o Grupo ABC no oitavo conglomerado indiano com holdings em aço, cimento, têxteis, eletricidade, rayon, alumínio, bens de consumo, produtos químicos, computadores, consultoria e até filmes.

Minha pesquisa deixa uma coisa clara: o dono do Grupo ABC não é nem um doido varrido, nem um trapaceiro espertalhão. “Ao rejeitar a oferta de antemão, eu perdi uma grande oportunidade?”, penso, sentindo as primeiras pontadas de dúvida. No momento seguinte, ralho comigo mesma por deixar a esperança ingênua sobrepor o julgamento sensato. Neste mundo, nada vem de graça, lembro a mim mesma. Se uma oferta parece muito boa para ser verdade, é porque geralmente é falsa.

Ainda assim, vou para a cama com a sensação de que estou correndo contra o tempo. Sei que estou presa em um trabalho sem futuro, com um destino nebuloso pela frente. Houve um tempo, não muito distante, em que o navio de minha vida tinha direção e impulso. Agora parece sem rumo, vagando sem leme, uma semana após a outra, todo dia a mesma coisa, nada muda.

Pelo menos, meus sonhos são diferentes. Através da confusa mistura de imagens fragmentadas, lembro vividamente de estar sentada em um jatinho de luxo particular e voar sobre montanhas suíças cobertas de neve. Há um único probleminha: o piloto é o industrial Vinay Mohan Acharya.

Na manhã seguinte, começo a longa e traiçoeira jornada para o trabalho com uma atitude positiva e a mente limpa. O metrô é menos cheio nos fins de semana, mas tomo cuidado extra com a minha bolsa. Um presente de minha amiga Lauren: uma bolsa de tecido cor de canela com couro imitação de cobra bege, bem classuda, da marca Nine West. Ela traz as quatro pulseiras de ouro sobre as quais depende o futuro de minha família.

Na estação Inder Lok, um homem conhecido, com cabelo pintado e costeletas compridas, vestido em uma roupa de *khadi* irrompe no vagão. É seguido por um bando de partidários e uma gangue armada que expulsa os passageiros para criar espaço para o VIP e sua turma. O homem, aprendo com um de seus lacaios, é nosso representante local na Assembleia Legislativa, Anwar Noorani, fazendo sua “viagem semanal de metrô para se relacionar com o homem comum”. Li sobre esse cavalheiro nos jornais, como ele comanda uma rede de hospitais particulares supostamente custeadas com o lucro de *hawala*.

— Se há alguma questão local para a qual desejam chamar minha atenção, por favor, sintam-se à vontade para visitar meu gabinete eleitoral, localizado atrás do Instituto de Tecnologia de Delhi — anuncia. — Seus olhos caídos e inquietos giram pelo vagão e pousam sobre mim. — Como vai, irmã?

Evito seu olhar e finjo observar pela janela. Felizmente, ele desembarca na estação seguinte.

“Delhi é uma cidade estranha”, reflito. Aqui, status não é vestir Armani, dirigir Mercedes ou citar Jean-Paul Sartre em coquetéis. Seu status é determinado por quantas regras você consegue quebrar e quantas pessoas consegue importunar. Essa única distinção é o que torna você uma pessoa importante.

A loja está uma colmeia, como acontece em várias manhãs. Mas também é sábado, nosso dia mais cheio. Além disso, com a Copa do Mundo de Críquete chegando, nossa campanha de promoção está a toda. Esperamos que as vendas de TV de tela plana atinjam o auge nos próximos dois meses.

Um casal recém-casado aproxima-se para se aconselhar sobre qual televisão comprar. Estão em dúvida se LCD ou plasma. Não levo muito tempo para persuadi-los a levar o novo modelo de LED da Sony, com a ajudinha de uma torradeira de graça na promoção “dois por um”, mas não me dedico ao máximo. Estou distraída e impaciente, esperando pela hora do almoço.

Assim que o relógio dá uma hora, saio pela porta dos fundos, apenas para dar de cara com Raja Gulati, o playboy mais nojento de Delhi. Por algum motivo, ele está vadeando na frente do Beckett’s, um pub irlandês quase vizinho nosso. Vestido em sua jaqueta de couro, sua marca registrada, está encostado em sua moto Yamaha, contando um maço de notas. Assim que me vê, guarda o dinheiro e abre um sorriso. Baixinho e rechonchudo, com a barba por fazer, um bigode cheio e cabelo comprido, a única coisa que Raja tem para garantir a fama é que seu pai milionário é dono do showroom. Seu único passatempo é beber e sair com mulheres. Se a fofoca do escritório estiver certa, já obteve sucesso com uma das vendedoras. Ultimamente, anda passando cantadas grosseiras em mim e na Prachi. Mas eu prefiro comer

baratas vivas a ceder às investidas desse nojento.

— Olááá, o que temos aqui? A Donzela de Gelo em pessoa! — Exibe um sorriso animalesco e bate no assento da moto. — Quer dar um rolé comigo?

— Não, obrigada — respondo com frieza.

— Você tem belas pernas. — Os olhos dele descem pelo meu corpo. — Que horas elas abrem?

Sinto o calor da raiva subir pelo meu rosto, mas não é a hora nem o lugar para um confronto.

— Por que não pergunta pra sua mãe? — retruco e passo reto ao lado dele.

Ele suspira e entra no pub, provavelmente para afogar a decepção em bebida.

Sem perder tempo, sigo para a joalheria Jhaveri, no N-Block. Prashant Jhaveri, o jovem dono, foi aluno de Papa, e sempre oferece um preço justo pelas nossas peças. Espero que ele cote as quatro pulseiras aninhadas em minha bolsa a um preço bem acima de duzentos mil.

No cruzamento da Radial Road 6, o trânsito está parado por conta de alguma procissão religiosa. Há centenas de homens, mulheres e crianças em roupas cor de açafão, cantando e dançando ao som de trompetes e *dhol*. Carros buzina e pedestres fumegam, mas o grupo continua seu caminho alegre, inconscientes da inconveniência e chateação que causam. E isso é uma ocorrência diária. Delhi tornou-se uma cidade de passeatas e barricadas.

Ainda estou esperando a procissão passar quando alguém me cutuca. É um pivete de rua em um suéter maltrapilho. Não tem mais de oito anos, com a cara suja e cabelo encardido. Não diz nada, apenas estende a mão em forma de concha, o gesto universal da necessidade. Nada me incomoda mais do que ver essas crianças pedintes. Em uma idade em que deviam estar na sala de aula, não nas ruas, tentam ganhar a vida explorando a única habilidade que possuem: evocar pena. Quase nunca dou esmolas, pois elas encorajam o hábito. Pior, muitas vezes levam a vícios piores como cola, bebidas e até drogas. O que essas crianças realmente precisam é de uma chance, um ambiente solidário e uma boa dose de autorrespeito. Algo que Lauren e a Fundação Asha providenciam.

Este pedinte em particular não é facilmente dispensado.

— Não como faz dois dias. Você pode me dar um dinheiro? — ele murmura, pressionando a mão ossuda contra a barriga.

Olhando para seus olhos grandes e suplicantes, não consigo dizer não.

— Não vou dar dinheiro — falo — mas vou comprar seu almoço.

O rosto dele se ilumina. Ao nosso lado, há um ambulante vendendo *chhole kulcha* por dez o prato.

— Você quer um desse? — pergunto.

— Amo *kulchas* — ele responde, estalando os lábios secos.

Tiro a bolsa do ombro e abro o zíper para pegar o dinheiro. Neste exato instante, alguém investe contra mim por trás, agarrando a bolsa de minhas mãos. Tudo acontece tão rápido que eu nem enxergo a cara do ladrão. Tudo que vejo é movimento rápido cor de açafão. Antes que eu perceba, ele já se misturou à multidão de devotos. Viro e noto que o menino mendigo também desapareceu. Caí no truque mais velho da cartilha.

Por um momento, permaneço imóvel, totalmente assombrada pela reviravolta dos acontecimentos.

Minhas mãos estão frias e quase paro de respirar.

— Nãããão! — Solto um grito angustiado e corro para o mar de açafreão. Sou empurrada e esmagada por todos os lados, mas continuo a me embrenhar nessa parede humana na busca cega pelo ladrão.

Não encontro o culpado, mas assim que a procissão passa, acho minha bolsa jogada ao chão. Corro para pegá-la. Ainda carrega meu celular e minhas chaves de casa. Minha identidade, meu batom, meus óculos de sol e o spray de pimenta estão intactos. Tudo está lá, menos as quatro pulseiras de ouro.

Sento-me na sarjeta, sentindo tontura e náusea. Meus braços ficam pesados e moles, minha visão torna-se embaçada. Quando as coisas melhoram, percebo um policial agachado ao meu lado.

— Você está bem? — ele pergunta.

— Sim — respondo sem forças. — Alguém roubou minha bolsa.

— Então o que é isso? — Ele toca a bolsa no meu colo com seu cassetete.

— Ele... ele levou as pulseiras de ouro da minha mãe e deixou a bolsa para trás.

— Você viu o rosto dele? Pode dar uma descrição do ladrão?

— Não. Mas vocês não conhecem as gangues que atuam por aqui? Tenho certeza de que podem pegá-lo. — Agarro o braço dele como se fosse um salva-vidas. — Por favor, você tem de fazer alguma coisa. Vamos ficar arruinadas se eu não recuperar as pulseiras. Se você quiser, posso fazer um boletim de ocorrência.

— Não vai adiantar. Isso acontece aqui todos os dias. A não ser que tenha uma descrição, não podemos fazer nada. Siga meu conselho: não perca seu tempo e nem o nosso fazendo um boletim. Apenas seja mais cuidadosa com suas coisas na próxima vez.

Ele me ajuda a ficar de pé, olha com piedade e sai andando, batendo o cassetete na palma da mão.

Vasculho a bolsa desesperadamente outra vez, procurando sem esperanças que de algum modo as pulseiras apareçam, mas milagres assim acontecem apenas em contos de fadas e filmes. Minha garganta fica apertada e lágrimas escorrem por minhas bochechas enquanto minha mente absorve a magnitude da perda. Ao meu redor, as pessoas riem, comem, fazem compras, aproveitam o sol. Ninguém é capaz de entender meu tormento interno. Na infância, perdi uma boneca querida e chorei dois dias seguidos. Agora, perdi as joias mais preciosas de minha mãe. O ladrão levou mais do que apenas ouro. Levou nosso futuro.

Ainda estou chorando na calçada quando meus olhos caem sobre um outdoor gigante mostrando a temperatura e as horas. Com um choque, percebo que já se passava das duas. Madan, meu chefe insuportável, não é gentil com empregados que ultrapassam o horário de almoço. Além de ter perdido as pulseiras, estou correndo o risco de perder o emprego.

Começo a correr, meu sapato com oito centímetros de salto machuca e me faz tropeçar a todo instante, até que chego sem fôlego à loja. Exceto que o showroom não parece mais o mesmo. Vozes altas gritam, clientes assustados são pastoreados com desculpas abjetas e a persiana está sendo descida rapidamente, o equivalente a uma bandeira a meio-mastro, sinal de problema na certa.

Coloco a cabeça entre a persiana para encontrar ainda mais tumulto. Há muita gritaria e xingamentos. Acusações voam pelo ar como aviões de papel. Todo mundo parece estar reunido em volta do caixa,

inclusivo o sr. O. P. Gulati em pessoa, nosso venerado chefe. Alguém grita em dor agonizante. Forço o caminho pela aglomeração de office boys, funcionários do escritório, motoristas dos caminhões de entregas e o pessoal da venda para descobrir que os gritos saem do nosso caixa careca de cinquenta e cinco anos, sr. Choubey. Ele rola pelo chão, sendo esmurrado sem dó por Madan, o gerente, o homem mais odiado da loja.

— *Namak-haram*, seu filho da mãe traidor — vocifera Madan ao socar Choubey no rosto e chutá-lo na barriga.

Homem rude e desagradável, Madan tem apenas duas paixões na vida: puxar o saco do sr. Gulati e obter prazer sádico ao repreender funcionários da loja.

— Não sei como aconteceu. Fiquei fora por apenas vinte minutos na hora do almoço — o caixa lamenta, mas não pode evitar outro golpe dilacerante. Encolho-me por compaixão. Eu perdi apenas umas pulseiras de ouro; Choubey perdeu o orgulho, a dignidade.

— O que está acontecendo? — Eu cutuco Prachi. Ela conta o que aconteceu durante minha ausência. Aparentemente, o sr. Gulati fez uma inspeção-surpresa esta tarde e descobriu um déficit de duzentos mil do turno da manhã. Como o dinheiro estava sob supervisão direta do caixa, Choubey estava sendo acusado de apropriação indevida.

— Eu juro pelas minhas três crianças que não fiz isso — o caixa lamuria-se.

— Conte-me onde está o dinheiro que eu talvez lhe poupe — diz o sr. Gulati, as sobrancelhas espessas como duas lagartas tentando se encontrar.

— Madan já me revistou. Não estou com o dinheiro — berra Choubey.

— O maldito deve ter passado para o cúmplice — teoriza Madan. — Vamos entregá-lo para a polícia. Vão tirar a verdade dele rapidinho. Venho cultivando a amizade de Goswami, o inspetor da delegacia de polícia em Connaught Place, há um tempo. Agora é hora de usá-lo.

— Por favor, não faça isso, *sahib*. — Choubey agarra-se aos pés do sr. Gulati. — Trabalho nesta loja há mais de trinta anos. Minha mulher e as crianças vão morrer sem mim.

— Que morram — diz o sr. Gulati, rancoroso. — Madan, ligue para esse seu inspetor — ele ordena.

Não conheço Choubey tão bem. É um homem quieto e reservado. Nossas interações limitam-se a troca polida de cordialidades, mas sempre o considereei escrupuloso, cortês e diligente. É inconcebível que ele tenha roubado a loja. E mesmo um criminoso insensível não faz um juramento falso pelos filhos. É quando uma imagem surge em minha mente: Raja Gulati sentado na moto, ocupado com a contagem de um maço de notas. Sei que Gulati Pai não aprova as bebedeiras e o jeito mulherengo de Raja. E o filho mimado é bem capaz de atacar o caixa para financiar seu estilo de vida extravagante.

— Espere — dirijo-me a Madan —, como você sabe que o sr. Choubey é o culpado?

Todos se viram para me olhar. Madan fita-me com olhar assassino, mas se digna a responder:

— Ele é o único com as chaves do cofre.

— Não é verdade que a família Gulati também tem as chaves?

— O que está sugerindo? — interrompe o sr. O. P. Gulati. — Que eu roubei minha própria loja?

— Não estou dizendo que foi você, senhor. Mas e o Raja?

De repente, um suspiro de assombro coletivo. Eu mesma estou surpresa com minha audácia.

— Você está fora de si? — Madan tem um ataque apoplético. Raja Babu nem veio aqui hoje.

— Mas eu o vi do lado de fora, há uma hora, contando um maço de notas.

Vejo que o sr. O. P. fica abalado com a notícia. Ele torce as mãos nervosamente, mordendo o lábio inferior, ao pesar as possibilidades. Por fim, a afeição paternal prevalece:

— Como você ousa fazer uma acusação tão indecente contra meu filho — ele fustiga, os olhos brilhando de raiva. — Mais uma palavra e você será imediatamente demitida.

Viro-me em silêncio, pois sei que nenhuma argumentação vai superar o amor cego de um pai. Meia hora depois, um jipe da polícia encosta em frente à loja trazendo o inspetor Goswami, um policial alto e forte que vem recebendo trinta e cinco por cento de desconto em todas as suas compras na loja. Ele pega o acusado como um açougueiro pegaria uma galinha. Choubey vai sem protesto, sem fazer cena, como se tivesse aceitado seu destino. Observo essa simulação de justiça desenrolar-se ante meus olhos com uma raiva impotente. Choubey foi qualificado como ladrão simplesmente por ser fraco e sem poder. E Raja Gulati se safou de apropriação indevida porque é rico e tem pedigree. Sinto-me nauseada, quero vomitar. Meu corpo inteiro treme com asco de Raja e seu pai. Sei que o que aconteceu com Choubey hoje pode facilmente acontecer comigo amanhã. E, como Choubey, não seria capaz de fazer nada a respeito. Há apenas duas escolhas disponíveis aos fracos: aceitar o abuso ou ir embora, apenas para sofrer nas mãos de outra pessoa poderosa.

Acharya tinha razão. O mundo é de fato dividido entre vencedores e perdedores. Pessoas como os Gulati são vencedores, e tipos como Choubey e eu somos os perdedores.

A vida gira em torno de poucos momentos-chave. Este é um deles. Aos poucos, mas sem cessar, um nó vai apertando meu estômago. Abro minha bolsa e pesco o cartão de visitas de Acharya. O alarme soa em minha cabeça novamente, mas eu já não me importo mais. Um perdedor não tem nada a perder. Respiro fundo e digito o número do cartão no celular.

Uma voz feminina cuidadosamente modulada atende:

— Grupo ABC. Como posso ajudar?

— Eu gostaria de falar com o sr. Vinay Mohan Acharya.

— Quem gostaria?

— Sapna Sinha.

Espero ela perguntar: “Sapna quem?”, e ser passada para dúzias de departamentos, mas, em vez disso, ela diz:

— Por favor, aguarde, senhora.

E quase imediatamente Acharya surge na linha, como se estivesse esperando por minha ligação.

— Fico feliz por ter ligado — ele diz.

— Decidi aceitar sua oferta.

— Bom — ele diz. Não há risinho triunfal ou regozijo do tipo “Eu sabia”. — Venha ao meu escritório às seis horas em ponto. O endereço está no cartão.

— Mas meu serviço vai até... — eu começo, apenas para ser interrompida.

— Seis — ele repete, e é o fim da conversa.

Olho para o endereço no cartão. A sede do Grupo ABC fica no Kyoko Chambers, na rua Barakhamba, não muito longe de Connaught Place. Olho para as horas. São três e quinze. Tenho menos de três horas para me preparar para a reunião que pode mudar minha vida.

Madan, nosso chefe tirânico, é conhecido por não permitir que funcionários saiam antes da hora. Em se tratando de um sábado, menos ainda. A não ser que eu invente uma desculpa plausível.

Às cinco e meia, abordo Madan com um olhar desesperançado.

— Senhor, minha irmã acabou de ligar. Minha mãe está tendo outro ataque de asma. Preciso levá-la ao hospital. Posso ir embora agora?

O gerente enruga a cara como se tivesse cheirado algo ruim.

— Já estamos sem caixa, não posso ficar sem uma vendedora também.

— Mas se algo acontecer com a Ma...

Deixo a implicação no ar. No panteão indiano, a Mãe é o ideal máximo, ao lado de Deus. Mesmo Madan não arriscaria o opróbrio de tornar um empregado órfão de mãe.

— Vá, então — ele diz resignadamente, cedendo à minha chantagem emocional.

Dez minutos mais tarde estou sentada em um autorriquixá, a caminho da rua Barakhamba. Ainda de uniforme — blusa branca e saia vermelha —, pois fui contra o confortável, porém casual, *salvar kameez*. Afinal, estou indo para uma reunião de negócios, não a um encontro de família.

Kyoko Chambers é um prédio envidraçado impressionante de quinze andares. A segurança é como a de um prédio do governo. Há homens patrulhando a entrada, e eu tenho de colocar minha bolsa pela máquina de raios X antes de poder entrar. O foyer lembra o lobby de um hotel elegante, com um enorme candelabro de cristal, abaixo do qual há uma gigante estátua de bronze de Nandi, o Touro, o símbolo da corporação ABC. Um homem alto, de terno preto e gravata vermelha, espera por mim na recepção. Levo um instante para reconhecer: é Rana, o braço direito de Acharya.

— Por que tanta segurança? — pergunto.

— É necessário. Há rivais muito interessados em roubar nossos segredos — ele responde bruscamente e me escolta até o elevador, que desliza sem fazer qualquer ruído até o décimo quinto andar.

Piso em um átrio dramático, com colunas romanas, uma cachoeira de seis metros e um teto de vidro abobadado refratando o crepúsculo no céu.

Rana me leva pelas portas duplas de mogno até uma sala muito iluminada que parece a recepção. O lugar é todo mármore e mosaico. As paredes são pintadas em um tom de ouro sarapintado e a decoração em dourado lembra um salão parisiense opulento, com largos murais, carpetes grossos e estátuas de bronze. Outra escultura de Nandi, o Touro — essa toda revestida de ouro — guarda a entrada da sala particular de Acharya.

Fico surpresa por encontrar uma mulher branca e loira sentada atrás da mesa.

— Esta é Jennifer, secretária particular do sr. Acharya — Rana diz como apresentação.

— Você deve ser Sapna — ela diz, ficando de pé e oferecendo a mão.

O sotaque dela é igual ao de Lauren, presumo que seja americana. Provavelmente, na casa final dos vinte anos. A primeira coisa que noto é sua altura: deve ter quase um metro e oitenta, elevando-se sobre mim como um poste. Os olhos azuis vistosos estão emoldurados por óculos transparentes e retangulares, e seu cabelo loiro e macio cai perfeitamente sobre os ombros, como se estivesse pronto para ser fotografado. Vestida com um estiloso blazer azul, colocado sobre uma camisa de botões cor de creme e calças cinza claro, ela parece uma mistura de âncora da CNN com prostituta de luxo.

Ela me avalia como uma amante confrontada pela esposa. O olhar frio e abrangente é metade curioso, metade condescendente. Instantaneamente, e por instinto, já não gosto dela.

O relógio de parede mostra as horas: 17h58. Fico esperando por dois minutos até que uma campainha toca na mesa de Jennifer.

— O sr. Acharya vai recebê-la agora. — Ela dá um sorriso amarelo e me conduz até a sua sala privativa.

O *sanctum sanctorum* é ainda mais impressionante, com mesa de sala de reunião, estantes repletas de livros e uma TV de plasma imensa exibindo as cotações do mercado de ações. O mobiliário parece sólido; o carpete, caro.

Meus olhos são atraídos por uma enorme cabeça dourada contemplando a mesa de reunião. Trata-se de uma das monumentais esculturas de fibra de vidro de Ravinder Reddy que vi na National Gallery, reconhecível pelos grandes olhos exuberantes. As pinturas a óleo nas paredes revestidas de mogno também me parecem familiares. São cavalos de Husain, vacas de Manjit Bawa, e uma versão cubista de um nu que pode ter sido pintada pelo próprio Picasso. Se a intenção de Acharya ao me convidar para vir ao seu escritório era me impressionar, ele conseguiu com louvor.

Ele está sentado em frente a uma grande janela, em uma cadeira tipo trono atrás de uma antiga mesa em formato de ferradura. Em seu terno risca de giz, com um lenço de seda rosa-choque sobressaindo no bolso da frente, ele parece um magnata corporativo em cada detalhe. Se mais provas são necessárias, elas são providenciadas pela parede atrás dele, coberta por fotos emolduradas dele ombro a ombro com todos os tipos de ilustres internacionais, do papa João Paulo II ao Dalai-Lama até Bill Clinton e Nelson Mandela. Não consigo me livrar da sensação de estar em um aconchegante museu particular, um memorial de Acharya para si mesmo.

— O que achou do meu escritório? — ele pergunta, fazendo um gesto para eu me sentar.

— É muito bonito. — Aceno com a cabeça ao afundar em uma cadeira de couro macio em frente a ele.

Só então percebo a placa de madeira sobre a mesa. Ela traz a inscrição: VISÃO CLARA. DETERMINAÇÃO, DISCIPLINA E TRABALHO DURO.

— Estes são os valores principais que guiam nossas empreitadas no Grupo ABC. — Ele dá um tapinha na placa. — Espero que você mantenha os mesmos valores quando se tornar CEO.

— Você quer dizer se eu me tornar CEO.

— Isso depende inteiramente de você. Como presidente, minha tarefa é apenas selecionar a pessoa certa e dar a direção correta. Estou convencido de que você é a melhor pessoa para esta companhia.

Mas você também deve sentir o mesmo. Lembre-se: o primeiro passo para alcançar o sucesso é realmente desejá-lo. — Ele baixa as pálpebras, como se recordando algo, e cita um verso em sânscrito impecável: “*Kaama maya evayam purusha iti. Sa Yatha kaamo bhavati tat kratur bhavati. Yat kratur bhavati tat karma kurute. Yat karma kurte tad abhisam padyate*”.

Conheço o verso. É do Brihadaranyaka Upanishad, a coleção de textos filosóficos que formam a base teórica do hinduísmo. *Você é o mesmo que seu desejo profundo e impulsionador. Sua vontade é seu desejo. Sua ação é sua vontade. Sua ação é seu destino.*

— Eu nunca acreditei de fato em destino — respondo.

— Mas o destino pode acreditar em você — ele retorque.

— Então, vamos acabar logo com isso. Suponho que você precisa que eu assine o termo.

— Isso mesmo. Vou chamar Rana. — Ele pressiona um botão e Rana entra na sala carregando uma pasta de couro. Senta-se ao meu lado e me entrega uma folha de papel. É o mesmo termo que li antes.

— Antes de assinar, preciso saber se falou da oferta com alguém — diz Acharya.

— Não — respondo. — Não falei com ninguém sobre isso.

— Nem mesmo com sua mãe ou irmã?

— Não. Mas por que todo o segredo?

— Bem, como pode ver, meus métodos são um pouco... ahn... não convencionais. Não quero meus acionistas desnecessariamente inquietos. Confidencialidade total é uma necessidade nesses casos. Você não deve falar uma palavra sobre nosso arranjo com ninguém.

— Não falarei. — Assenti. — Mas quero saber mais sobre essa cláusula de que não é permitido encerrar o contrato no meio.

— Significa apenas que o contrato permanece em vigor até os sete testes terem sido concluídos. Você não pode desistir no caminho.

— Mas e se eu não passar em algum? — Nesse caso, eu encerro o contrato, não você.

— Por favor, assine no rodapé — diz Rana, oferecendo-me uma caneta.

— Antes de assinar, também quero algo.

Acharya franze o cenho. — O quê?

— Quero o dobro.

— O que você quer dizer?

— De acordo com este contrato, você vai me pagar a soma de um *lakh* de rúpias para participar dos testes. Estou pedindo dois *lakhs*.

— E o que faz você achar que eu vou concordar com seu pedido?

— Na vida, você nunca recebe o que merece: recebe pelo que negocia. Não foi isso que me ensinou no café? Bem, estou apenas seguindo seu conselho. Estou negociando.

— Touché! — Acharya bate palmas relutantemente. — Você aprende rápido. Mas para negociar você precisa ter poder de negociação. Você tem opção neste caso?

— Eu poderia fazer a mesma pergunta. Você tem opção? Um candidato melhor?

— Gosto de sua audácia. — Acharya assente. — Mas por que você precisa de tanto dinheiro?

— Tenho alguns compromissos familiares urgentes.

Acharya observa pela janela, pensando sobre meu pedido. Do ponto de vista dele, como uma águia no poleiro, ele vê Lutyens' Delhi espalhada abaixo. Há algo mágico e místico em ver a cidade do alto, longe da fuligem e do pó da selva de concreto, do calor e do barulho da rua. Estico o pescoço para olhar a capital. Tudo que vejo é uma fita brilhante dobrada sobre o horizonte, embaçando a fronteira entre céu e cidade.

Depois de alguns minutos cheios de tensão, Acharya finalmente levanta os olhos e assente com a cabeça, como se chegasse a uma conclusão.

— Rana, dê a ela os dois *lakhs*.

Rana me olha feio e sai da sala. Volto-me para Acharya.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Por que não considerou Rana para o posto que me oferece? Afinal, ele é seu fiel escudeiro.

— Pela mesma razão que não levo em conta dicas de investimento com meu barbeiro — ele diz, recostando-se à sua cadeira e brincando com um peso de papel que é a imagem de Ganesha, feito de cristal. — Para usar uma analogia do críquete, Rana é um bom faz-tudo, mas seria um péssimo capitão. Não tem a mentalidade de um líder. Nunca poderá se sentar aqui — ele dá um tapinha em sua cadeira —, mas você poderá, contanto que seja aprovada nos meus sete testes.

— Seus testes estão me deixando apreensiva.

— Não fique. A razão de meus testes não é aprovar ou reprovar, é descobrir mais sobre si mesmo. Através de cada um dos sete testes, você vai ganhar conhecimento prático sobre como dirigir um negócio no mundo real.

— Me lembra das antigas fábulas sobre reis que testam seus filhos para decidir quem será o herdeiro da coroa.

— Minha inspiração é mais moderna. Desprezo a cultura feudal de herança. De crianças ricas e mimadas recebendo tudo de mão beijada por meio de sucessão hereditária. Sou um *self-made man* e criei uma cultura de conquista no Grupo ABC. Você tem de lutar por seus sonhos, merecer seu lugar na empresa.

“Dirigir uma companhia nunca foi meu sonho”, tenho vontade de dizer, mas Rana retorna. Ele joga um envelope pardo em minha frente. — Há dois *lakhs* aí dentro. Pode contar.

Abro o envelope e o descubro estufado com milhares de notas de rúpia. Contar parece rude.

— Eu confio no sr. Acharya — declaro, e assino o termo com um floreio.

Rana recolhe o documento e o guarda novamente na pasta de couro.

— Quando os testes vão começar? — indago, guardando o envelope dentro de minha bolsa.

— Eles já começaram — responde Acharya, enigmático.

Antes que eu possa investigar mais, o interfone sobre a mesa toca. Ele o encara por um momento antes de pressionar um botão vermelho.

— Senhor, o grupo de Hong Kong está subindo — diz a voz animada de Jennifer pelo alto-falante.

Acharya assente e olha para mim.

— Boa sorte — ele diz, sinalizando que a reunião acabou.

Cinco minutos depois, estou de volta à rua, refletindo sobre a estranheza de tudo que acaba de acontecer. Há mais dinheiro em minha bolsa do que jamais tive em toda a minha vida e isso me enche com uma combinação de júbilo e temor. Já posso sentir a obscura mão do destino batendo em meu ombro, como se estivesse avisando que eu fiz um pacto faustiano e agora devo me preparar para as consequências.

A primeira coisa que faço após deixar o escritório de Acharya é seguir para Hanuman Mandir e expressar minha gratidão à deusa Durga. Apenas ela pode me ajudar a navegar pelas correntes traiçoeiras da vida que segue.

Depois de visitar o templo, faço um desvio rápido a uma loja no G-Block, antes de pegar o metrô. Nesta noite, não vou até Rithala. Desço em Pitampura e peço um autorriquixá até a residência do tio Deenu. Apesar de ser um *restaurateur* rico, ele ainda mora em uma velha casa de dois andares adjacente a um canal fedorento, entupido de esgoto.

Minha tia Manju Chachi, uma mulher acima do peso com uma adoração inexplicável para blusas sem manga, abre a porta.

— Olá, Sapna — ela me cumprimenta, sonolenta.

Tio Deenu está deitado na sala, vestido apenas com um colete e pijamas, graças ao aquecedor elétrico a toda. Ele tem um rosto redondo, sem pescoço e ombros largos. Parece um lutador aposentado. Olho em torno da sala, as poltronas vermelhas espalhafatosas, embotadas e puídas nas beiradas, a coleção caótica de fotos de família sobre a cornija, as teias de aranha nos cantos. A sala cheira a pó e desleixo. Sempre havia visto tio Deenu com bons olhos, por ser um membro da família, agora posso notar como é mesquinho e vulgar.

— Se veio implorar para que eu deixe vocês ficarem no apartamento em Rohini, está perdendo tempo — ele começa quando eu me sento. — A não ser que tenha arrumado o dinheiro, prepare-se para se mudar em duas semanas.

Apesar de todos os seus defeitos, meu pai era um homem de princípios inflexíveis. Seu irmão não tem nenhum. Deenu é um embromador, um trapaceiro oportunista sem nenhum escrúpulo. Ele rotineiramente sonega impostos, e provavelmente trai sua esposa gorda também.

— Trouxe a quantia completa — informo e conto cento e sessenta e oito mil.

Ele parece mais chocado do que contente.

— Como você arrumou tanto dinheiro tão rápido? — ele pergunta e sorri astuciosamente. — Você roubou um banco?

— Não é da sua conta, senhorio — respondo acidamente, fazendo com que ele cale a boca. — E já que estamos pagando como inquilinos, queremos que redija um contrato de aluguel adequado, conserte a infiltração na parede do banheiro, arrume o vazamento na pia da cozinha e passe uma demão de tinta em todos os cômodos.

Ele abre a boca como um macaco assustado. Eu nunca havia falado assim com ele. Por outro lado, não sou eu falando. É o poder de todo aquele dinheiro na minha mão, me dando voz e coragem. Com um sorriso convencido de triunfo, eu desfilo para fora da casa de Deenu e chamo outro autorriquixá.

Quando chego em casa, já passou das sete e meia. Mamãe está na cozinha, preparando o jantar; Neha está esticada no sofá, assistindo uma competição de talento musical no Zee TV.

— Quanto o joalheiro lhe deu? — Ma quer saber logo. — Foi o suficiente?

— O suficiente para pagar nosso tio sem-vergonha — respondo. — Agora podemos ficar aqui tranquilamente por um ano.

— E o que vai acontecer depois de um ano?

— Lidaremos com a questão quando ela surgir. — Largo minha bolsa sobre a mesa de jantar e me jogo no sofá ao lado de Neha.

Ela está tão entretida com o programa que mal nota minha presença ou a sacola de compras a meus pés. Na tela, uma esbelta candidata canta a plenos pulmões uma conhecida canção do filme *Dabangg*.

— Eu canto muito melhor que você — Neha tira sarro da moça na TV — e com certeza sou muito mais bonita.

— Pare de falar com a TV e veja o que eu trouxe pra você — disse.

Neha vira-se e seus olhos se arregalam quando vê o que retirei da sacola — um laptop Acer novinho em folha.

— *Didi!* — ela dá um gritinho de alegria e me abraça com força. — Você é demais!

Arrancando o laptop de minhas mãos, ela começa a fuçar nele como uma criança que acaba de receber um brinquedo. Mamãe aperta meu ombro gentilmente.

— Seu pai ficaria tão orgulhoso de você — ela diz, secando os olhos. — Eu nunca vi Neha tão feliz.

“Quem vai *me* fazer feliz?”, fico com vontade de perguntar antes de me entregar à ocasião. Por um breve momento, sou envolvida pelo brilho caloroso do amor familiar e tudo parece bom e promissor. Momentos assim são raros hoje em dia e desaparecem rápido demais. Logo, Ma vai se distanciar novamente; Neha vai voltar ao seu mau humor de sempre. E o desespero, o desgosto e a aflição — meus companheiros diários — também voltarão para me assombrar.

Mas pelo menos por enquanto posso mantê-los à distância. Minha mente ainda está às voltas com todas as possibilidades desencadeadas pela oferta de Acharya, e a casa é muito pequena para se pensar. Sigo para o jardim bem ao lado do portão do condomínio. Não é bem um jardim, só um pedaço de terra envolto por uma parede baixa de tijolos, alguns arbustos e árvores frutíferas espalhados. Durante o dia, as crianças do bairro usam o espaço para partidas de críquete, fazendo uma grande algazarra. Mas a essa hora da noite fica deserto e silencioso. Paro em um dos bancos de madeira. O ar da noite está cortante; e o chão abaixo de meus pés, úmido. Aperto meu xale de lã com mais força ao redor dos ombros, abraçando o calor.

Estou sentada há menos de um minuto quando Kishore Kumar começa uma serenata para mim com uma

canção do filme *Amar Akbar Anthony*:

Meu nome é Anthony Gonzalves.

Estou sozinho no mundo.

Meu coração está vazio, meu lar também está vazio

No qual alguém muito sortudo vai morar

Sempre que ela pensa em mim, devia vir visitar

Palácio da Beleza, Via do Amor, Casa número 420!

Sinto calor em minha face, como se minhas bochechas estivessem ruborizadas. Sei que o cantor lendário não voltou dos mortos. E nem mora na casa 420. A voz melodiosa pertence a Karan Kant, residente do apartamento B-35.

Karan mudou-se para a LIG um mês depois da gente. Nos últimos quinze meses, tornou-se muito mais do que um vizinho para mim. Ele é órfão, sem família, e trabalha em um *call center* no Indus Mobile, a terceira maior operadora de telefonia móvel da Índia. Embora tenha vinte e cinco anos, sua aparência de menino faz com que pareça ter cinco anos a menos. Com sua altura acima da média, corpo perfeitamente esculpido, rosto bem delineado e barbeado e o cabelo cacheado, ele é sem dúvida o homem mais bonito em Rohini, quiçá em Delhi. Some-se a isso um sorriso contagiante e olhos sonhadores e tem-se o suficiente para fazer colegas desfaçerem. Não apenas colegas, mas até as donas de casa na menopausa do condomínio são apaixonadas pelo garoto. Encontram uma ou outra desculpa para ir até a varanda no começo da noite e dar uma espiada em Karan chegando do trabalho. Mas ele parece só ter olhos para mim. Não sei o que ele vê em mim. Talvez me considere um espírito fraterno. Ambos temos alto potencial, mas não alcançamos muito, machucados pela vida, maltratados pelo destino. De todas as pessoas da área residencial, ele escolheu a mim como confidente. Somos interlocutores um para o outro, constantes defensores e os mais honestos críticos.

Ainda é muito cedo para dar nome ao nosso relacionamento. Basta dizer que ele é minha alma gêmea, minha força, minha rocha. Às vezes, enxergo Karan como um irmão; outras, como um companheiro confiável, e, de vez em quando — ousado dizer? —, como um namorado. Sempre há uma nota sensível de galanteio em suas ações, embora ele tente esconder seus sentimentos atrás de um exterior frívolo e atitudes fanfarronas. Ele é um imitador experiente, que consegue personificar a voz de quase todo mundo, desde o ator Shahrukh Khan até o jogador de críquete Sachin Tendulkar.

Apesar de seu jeito divertido, há uma tristeza furtiva em seus olhos. Muitas vezes o flagrei me fitando com uma expressão torturada, angustiada. Em momentos assim, quase posso tocar a solidão crua de seu coração e sangro em empatia. Ele é um verdadeiro palhaço, fazendo os outros rirem enquanto chora silenciosamente por dentro.

— Por que tão séria, Madamji? — ele diz ao desabar sentado ao meu lado.

— Foi um dia realmente maluco — eu suspiro.

— Você (a) ganhou na loteria; (b) foi assaltada; (c) recebeu uma proposta de emprego ou (d) conheceu

uma celebridade? — Ele está imitando Amitabh Bachchan fazendo uma pergunta em *Quem quer ser um milionário*?

— Todas as anteriores — eu respondo.

Ele estreita os olhos.

— Então, quer ligar para um amigo?

É como se ele tivesse lido minha mente. Tanta coisa aconteceu nas últimas vinte e quatro horas que eu não consigo mais me reprimir. Preciso conversar com alguém, desabafar. E não consigo pensar em ninguém melhor que Karan. Sei da ordem de Acharya sobre manter confidencialidade absoluta, mas se posso confiar em alguém para manter segredo, esse alguém é o homem sentado ao meu lado. Fito seus olhos expressivos e sinto o mundo parar.

— Você não vai acreditar no que vou contar.

Conto tudo, começando pelo encontro por acaso com Acharya no templo até o telefonema do tio Deenu, o roubo das pulseiras, a cena na loja com Choubey e o encontro final com Acharya em seu escritório resultando em uma herança inesperada de dois *lakhs* de rúpias em dinheiro vivo.

Karan ouve atento, absorto. Depois, solta um longo e baixo assobio.

— Caramba, essa história vai ser contada para os meus netos!

— Então, você acha que Acharya está falando sério sobre me tornar sua CEO?

Ele ri. — Você tá louca? Isso é um golpe, tá na cara. Ninguém oferece a um completo estranho uma empresa de dez bilhões de dólares de bandeja.

— Mas eu pesquisei Acharya. Ele parece honesto.

— Assim como todo trapaceiro antes de ser pego. Big Bull Harshad Mehta era aclamado como um mago das finanças antes de arruinar o mercado de ações.

— Mas o que Acharya pode querer de mim? Não tenho dinheiro para investir na companhia dele.

— Talvez ele tenha uma queda por belezas pardas.

— Ele não parece um tarado. E eu não sou nenhuma Bipasha Basu.

— Há alguma chance de você ser sua filha ilegítima há muito tempo desaparecida?

— Não seja engraçadinho. Isto não é um filme de Bollywood.

— Mas eu já consigo visualizar a cena. — Karan posa as mãos como as de um diretor enquadrando a tomada. — Ele chama você para a casa dele tarde da noite. Você não o encontra lá, mas acha a mulher dele morta em uma poça de sangue. Atiraram nela. E a arma que a matou tem suas digitais. Aí você percebe que foi tudo um plano engenhoso para se livrar da mulher dele e incriminar você.

Antes que sua imaginação hiperativa conjure outro cenário medonho, eu o interrompo:

— Acharya não tem esposa. Fim da conspiração.

— Então, deve haver outro plano tortuoso. Todo mundo sabe que ele detesta seu irmão gêmeo Ajay Krishna Acharya. O Grupo Premier é o maior concorrente do Grupo ABC. E se Acharya quer fazer de você um fantoche para pegar o gêmeo?

— Acharya não disse uma palavra sobre o irmão. E o que eu sou? Uma boba idiota que vai se tornar o fantoche de alguém por livre e espontânea vontade?

— Não estou pondo a culpa em você. É uma regra básica da natureza humana que a promessa de riqueza inesperada provoca um curto-circuito tanto na inteligência quanto no senso comum. Por isso, há tantos esquemas Ponzi, fundos Chit, fraudes. Eu vejo acontecer todos os dias no *call center*, com clientes ingênuos caindo em tratos duvidosos lançados por telemarqueteiros inescrupulosos que sempre dão um jeito de desaparecer antes que a polícia apareça.

— Há algo que se chama arriscar. Apenas aqueles que arriscam ir longe demais podem descobrir o quão longe são capazes de ir.

— O Acharya disse isso?

— T.S. Eliot disse. E não sou *eu* arriscando aqui; Acharya se arrisca. Ele que está apostando em mim. Como poderia deixar escapar a oportunidade de minha vida? Pela primeira vez, sinto uma ponta de esperança em meu futuro.

— Rá! — ele reage com desdenho. — Esperança é uma droga, que dá um barato artificial de acordo com a dosagem de expectativas irreais. O que você precisa é de uma dose de realidade.

— E você precisa é de uma dose de alegria. Por que você tem de ser sempre tão negativo?

— Porque eu gosto de você e estou com um sentimento ruim quanto a isso, Sapna. Você não devia ter aceitado o dinheiro do Acharya.

— Eu não tive escolha.

— Só espero que você não acabe se arrependendo. Vai ter um *quid pro quo*. E você ainda não sabe nada sobre esses tais de sete testes. O que eles requerem? Como vão acontecer? Quando?

— Sim. Eu estou apreensiva em relação a eles.

— Deixe contar uma pequena fábula, Sapna. Era uma vez um homem que estava desesperado para ser mais alto. Então, ele rezou para Deus por vinte anos, e Deus por fim concedeu o desejo. Mas havia uma condição. Deus disse: “Eu posso fazer você ficar mais alto, mas por cada centímetro que eu lhe der, cinco anos de vida lhe serão retirados”. O homem concordou. Então, Deus o fez três centímetros mais alto... e o homem morreu instantaneamente. Moral da história: nunca faça um acordo sem conhecer todos os detalhes.

— Eu não tenho intenção de seguir com os testes. Eu vou falhar logo no primeiro. E assim fico com os *lakhs*. Fim da história.

— Se ao menos fosse tão simples. Um homem como Acharya deve ter pensado muito cuidadosamente antes de abordar você.

O cinismo mórbido e implacável de Karan cresce em mim como um fungo. Ao sentar-me com Ma e Neha para o jantar, estou convencida de que assinar o contrato com Acharya foi o pior erro de minha vida.

Sempre que estou perturbada, volto-me para a poesia para me consolar. Depois do jantar, pego meu diário secreto no qual anoto meus pensamentos e sentimentos desde os nove anos de idade. Ao folhear as páginas gastas, meus olhos pousam sobre um pequeno poema chamado “Amanhã”. Foi escrito em 14 de abril de 1999, quando eu era uma imatura ginásial de onze anos, num tempo mais feliz e mais simples. É a tônica de que eu preciso.

*Esperança é como sol brilhante
Que ilumina toda manhã.
Amor é o vento forte
Que sopra a malsã.
O futuro é uma estrada vazia
E eu não tenho medo do amanhã.*

O primeiro teste:

Amor nos tempos do Khap

— Bem-vindo, senhor, gostaria de saber mais sobre a nossa variedade de TVs? Temos ofertas fantásticas. — Sorriu para o freguês com o entusiasmo solícito de uma apresentadora do canal de vendas Home Shop.

É sábado, 18 de dezembro. Uma semana se passou desde meu encontro com Acharya e minha mente está cheia de preocupação. Nunca tive medo de exames em toda a minha vida, mas só de pensar nos testes de Acharya o fundo de meu estômago reage de uma maneira estranha. Ainda mais por não saber nada sobre eles; a incerteza me estressa. Para completar, o showroom se tornou um manicômio. A febre da Copa do Mundo está ardendo e nossas vendas de TV estão transbordando. Esta amanhã, um frisson de excitação atacou os empregados quando nos avisaram que a atriz de Bollywood Priya Kapoor vai visitar a loja em duas semanas. Ela é embaixadora da marca Sinotron Corporation e vai promover os últimos modelos de TV deles.

Outros acontecimentos surgiram. Temos um novo caixa, chamado Arjun Soni, um gordo preguiçoso que constantemente joga amendoins dentro de sua boca e responde a perguntas com outras perguntas. Neelam, uma das meninas das vendas, vai sair mês que vem, pois vai se casar. O rapaz é um indiano que mora em Estocolmo. Ela está animada com a ideia de ir para a Suécia, um país sobre o qual não sei quase nada.

À tarde, o gerente me chama em seu cubículo.

— Sapna, acabei de checar suas vendas. Você está no topo da lista novamente. — Ele sorri para mim. O sorriso forçado, amarelo e cheio de dentes, lembra o de um vilão de filmes antigos chamado Jeevan, o que me coloca imediatamente em guarda. Madan sorri apenas quando quer arrancar um favor de um funcionário, como quando quer que façamos hora extra ou trabalhemos no domingo.

— Você se lembra do sr. Kuldip Singh, o homem que comprou um carregamento de mercadorias na semana passada? — ele continua.

— Você está falando do fazendeiro de Haryana?

— Sim, sim. — Madan concorda com a cabeça. — Bem, ele ligou hoje para dizer que ninguém na casa dele sabe mexer em nenhum dos aparelhos. Ele quer que alguém da loja vá até o vilarejo dele e explique as instruções operacionais. Está entendendo?

— Sim, mas por que não você não manda um dos meninos de vendas?

— Esse é o problema — Madan suspira. — Ele quer você. Aparentemente, você o impressionou muito. Este é o trato: queremos que você vá para o vilarejo amanhã e lhe mostre como usar a TV, a máquina de lavar, o aparelho de som e o DVD. Vamos cobrir os gastos da sua viagem e, além disso, você vai receber quinhentas rúpias para despesas.

— Não vou perder o domingo por quinhentas rúpias.

— Pense nisso como dinheiro fácil. Descobri que leva apenas três horas até o vilarejo de Chandangarh. Você pode ir pela manhã e voltar no fim do dia. Tudo bem?

— Não. Como você pode pedir para uma mulher solteira ir sozinha até um vilarejo remoto?

— Eu entendo, eu entendo. — Ele balança a cabeça. — Mas Gulati *sahib* vai considerar como um favor pessoal. Por favor, apenas esta vez — ele implora.

— Não posso ir neste domingo — digo, balançando a cabeça de um lado para o outro, séria. — É aniversário da Alka.

— Quem é Alka?

— Minha irmã que morreu há dois anos.

— Por que os mortos precisam interferir com os negócios dos vivos? — ele murmura antes de assentir resignadamente. — *Theek hai*. Você pode ir na segunda, pelo menos?

— Sim, posso. Mas não vou ficar mais do que algumas horas no vilarejo. A que horas o táxi vai passar na minha casa na segunda?

— Táxi? Quem você pensa quem é? Priya Capoorr? Vai pegar um ônibus, entendeu?

Tenho vontade de mandá-lo ver se estou na esquina, mas Madan tem o pavio curto e ele parecia prestes a explodir.

Se algum dia eu me tornar CEO do Grupo ABC, a primeira coisa que vou fazer é comprar a Gulati & Sons e tornar Madan o faxineiro da loja. Por enquanto, contudo, eu simplesmente meneio a cabeça e engulo meu orgulho.

Um ar de melancolia profundamente inquietante paira sobre a casa. A cruel e zombadora imobilidade do destino. Hoje é aniversário de Alka. Ela faria dezessete anos. Mamãe seca os olhos. Eu tenho um nó na garganta que se recusa a desatar. O clima de homenagem e penitência me envolve em um abraço sufocante.

Não houve um único dia nos últimos dois anos em que eu não pensei em Alka. Os mortos não morrem. Simplesmente se transformam em fantasmas, pairando no ar, caçando nossos pensamentos, invadindo nossos sonhos. A ausência de Alka me assombra todos os dias, mas hoje ainda mais. Há algo particularmente estranho em estar viva no dia do aniversário de sua irmã morta.

Enquanto estou sentada, observando a fotografia dela, consumida pela culpa do sobrevivente, memórias de nosso tempo em Nainital voltam para mim.

Vivíamos no número dezessete, uma casa grande de quatro quartos no campus da Academia Windsor, um internato para garotas, onde Papa era o professor titular de matemática. Construída nos anos 1870, a escola era como uma fortaleza vitoriana espalhada sobre um território de mais de quarenta hectares, completa com torrões crenulados, parapeitos em pináculos de pedra e anjos e gárgulas incrustados na fachada gótica do prédio principal. Encarapitado sobre um morro verde, rodeado por montanhas cheias de névoa e carvalhos, pinheiros e bosques de cedros-do-himalaia. De nossa casa, podíamos ver até o lago em formato de olho Naini brilhando em sua negritude.

Papa tinha uma relação antiga com a Academia, começando sua carreira de professor em 1983 e trabalhando lá desde então por mais de vinte e cinco anos. Éramos uma família de classe média, levando uma existência discreta de classe média. A atmosfera em nossa casa era de disciplina, responsabilidade e poucas extravagâncias. De várias formas, era uma vida idílica de solitude pacífica e estudo diligente, pontuada por tempestades de verão, passeios preguiçosos de barco no lago e excursões invernais para nosso lar ancestral em Hardoi.

Embora tenhamos crescido juntas na mesma casa, nós, as três irmãs, tínhamos personalidades e visões de mundo muito diferentes. Eu era a tímida, nerd, amante dos livros. Neha era exibida, esnobe. E Alka era o espírito livre que marchava em seu próprio ritmo. Ela tinha um senso de humor incrível e encontrava alegria nas menores coisas. Era escandalosa, vivaz, espontânea, extravagante, quase irritante algumas vezes. Mas no momento em que exibia seu sorriso endiabrado e dizia *kamaal ho gaya!*, tudo era perdoado. Era a menina dos meus olhos, o centro das atenções, o coração da família.

Fomos escolarizadas em um ambiente de dever regimentado, onde regras eram mais importantes que sentimentos. Alka, Neha e eu cursamos o convento Santa Theresa, um internato para meninas, onde se lecionava exclusivamente em inglês, e dirigido por freiras católicas. Nós três éramos frequentadoras diurnas sem honorários, um privilégio graças ao emprego de Papa, que possuía um arranjo recíproco com o convento. Irmã Agnes, nossa diretora tirânica, possuía ideias muito claras sobre o que era permitido, o que não devíamos fazer e o que não podíamos fazer de jeito nenhum. Em casa, papai aplicava o mesmo código de conduta estrito, incluindo um toque de recolher às oito da noite. “Sem disciplina, resta apenas a anarquia”, Papa costumava dizer. Sendo professor de matemática, ele havia reduzido seu mundo ao binário do branco e preto, bom e mau. Não havia permissão para o cinza em nosso universo.

Ele também tinha mapeado o futuro das três filhas. Eu, a estudiosa, iria me tornar uma funcionária pública; Neha, a bela, seguiria carreira de âncora na TV; e Alka, a caridosa, seria médica.

Como uma filha obediente, eu fazia o que papai esperava de mim. Eu me destacava na escola e me matriculei no curso de artes na Universidade Kumaun. Embora minha graduação fosse em literatura inglesa, eu lia tudo que caía em minhas mãos. Do ciclo de vida de uma mariposa até o ciclo do combustível em uma usina nuclear; de buracos negros a nuvens tóxicas à computação na nuvem, eu sugava cada pedacinho de informação obscura para incrementar meu conhecimento geral, essencial para o sucesso nos concursos públicos.

A regra mais importante de papai, claro, estava relacionada a meninos. Poucos anos antes, um colega professor, sr. Ghildayal, foi chamuscado pelo romance secreto de sua filha de dezoito anos com um representante de classe da escola, que resultou em uma gravidez inesperada. Papa ficou petrificado pela possibilidade de um escândalo semelhante em sua família. “Se eu pegar uma de minhas filhas sequer olhando para um garoto no campus, ela vai apanhar”, ele ameaçava. Mas ele não podia evitar garotos olhando para a gente, ou melhor, para Neha e Alka. Eram as meninas mais bonitas em um campus cheio de hormônios, onde cada dia trazia um novo despertar sexual para alguma alma atormentada. Os meninos eram em geral riquinhos mimados de lugares como Delhi, Bombaim e Kolkata, que haviam sido banidos por seus pais e queriam aproveitar a nova liberdade ao máximo. A Academia Windsor gabava-se por ser

uma utopia acadêmica. Na verdade, era um antro de corrupção e degradação. Todos os tipos de materiais pornográficos e bebidas alcoólicas circulavam livremente pelo campus. Havia rumores sombrios de uso de drogas e visitas de prostitutas.

Eu estava muito focada em meus estudos para notar os garotos. Neha tratava-os com completo desprezo. Ela percebera muito cedo que Nainital não era o local onde queria passar o resto da vida e evitava os nativos como se fugisse da peste. Restava nossa irmã mais nova, Alka. Uma estudante adolescente tentando lidar com as mudanças em seu corpo. Embora ela estivesse crescendo fisicamente, do ponto de vista emocional ainda era uma criança que acreditava na fada do dente. Para mim, meninos eram uma distração contornável; para Neha, uma diversão passageira; mas, para Alka, eram um enigma sedutor visto pelas lentes cor-de-rosa dos romances Mills & Boon, nos quais era viciada. As reprimendas severas de Papa pouco faziam para diminuir sua fascinação com o mundo de fantasia açucarada com heróis galantes e donzelas em perigo. Por sua inocência, jeito despreocupado e completo desdém pela autoridade, era apenas uma questão de tempo até um Romeu predador arrebatá-la.

Aconteceu antes do que eu esperava. No aniversário de quinze anos de Alka, tive o primeiro pressentimento de que algo ocorreria.

Papa não acreditava em comemorações de aniversários, considerando-as semelhantes ao Dia dos Namorados, uma importação do Ocidente para alavancar o comércio. A única concessão que ele permitia a nós era deixar com que Neha e eu distribuíssemos balas para a classe nos nossos aniversários. Apenas Alka, a mimada, podia fazer festas. Eram eventos modestos, consistindo de bolo, algumas amigas da escola e um presente barato, geralmente um livro.

O aniversário de quinze anos de Alka teve o bolo e cookies obrigatórios, os jogos e diversão de sempre. Mas além de sua exuberância típica, ela exibia uma sexualidade natural, antes escondida. Naquela noite, ao inspecionar os presentes dela, encontrei um perfume Poison de Christian Dior jogado casualmente entre as roupas.

— Uau! Que sortuda! — revirei os olhos. — Quem em Nainital tem dinheiro pra isso?

Com um sorriso desarmado e um dar de ombros, Alka tentou minimizar.

— *Kamaal ho gaya didi!* Rakhi, aquela miserável, de repente resolveu ser generosa.

Eu sabia que ela estava mentindo. Rakhi Rawat era sua colega de classe no Santa Theresa. No ano anterior, ela tinha presenteado Alka com um baú de tesouros de plástico no valor de cinquenta rúpias. Não havia como ela dar um perfume importado de três mil.

Havia outros sinais também. Durante as férias de duas semanas no Natal, quando Windsor fechava, eu peguei Alka escrevendo cartas furtivas, que ela deixava discretamente na caixa de correio vermelha bem ao lado do portão principal da escola. Quando a confrontei, disse que era um amigo de correspondência no Brasil. Ainda mais preocupante: as notas dela caíram um pouco. Ela começou a sofrer de insônia, perder o apetite.

Tive a prova final no dia em que a Academia reabriu. Retornando da biblioteca à noite, ouvi sons abafados vindos de trás da sala de ginástica vazia da escola. Quando me aproximei, vi um garoto e uma garota agarrados apaixonadamente embaixo de um carvalho. A menina estava com as mãos sobre o ombro

do garoto, ele a beijava nos lábios. Largaram-se assim que notaram minha presença. O menino virou-se e saiu correndo morro abaixo, desaparecendo em um emaranhado de pinheiros. Não vi seu rosto, mas o blazer verde e as calças cinza deram a pista: era o uniforme da escola. A menina tentou virar o rosto e me evitar, mas eu peguei em sua mão. Era Alka.

Fizemos uma longa caminhada aquela noite. Ela recusou-se a dizer o nome do garoto ou qualquer outro detalhe sobre ele, a não ser que era o cara mais legal do planeta e filho de um homem de negócios muito rico de Delhi.

— Estou apaixonada, *didi* — ela repetia e acrescentava as letras de uma música de amor brega.

— Ninguém se apaixona com quinze anos, Alka — eu expliquei. — É apenas uma paixonite. O menino está querendo tirar vantagem de você.

— Amor não tem idade, *didi* — ela retrucou. — Acontece quando acontece. E dura a vida toda. Você vai ver quando eu casar com ele.

— E o que Papa vai dizer quando descobrir sobre esse namorico?

— Ele não vai descobrir. Eu sei que você vai manter segredo, *didi*. Você é a única pessoa em que confio a minha vida.

— Então, deve confiar quando eu digo que o que você está fazendo não é apenas errado e irresponsável, mas incrivelmente estúpido também.

Apesar de usar todo argumento, toda ameaça, toda invenção e influência, não consegui persuadir Alka a terminar o relacionamento. Era obstinada e teimosa tanto quanto eu era insistente e persuasiva. Por fim, chegamos a um acordo. Extraí uma promessa de que ela iria suspender o caso com o menino por um tempo. Em troca, eu não deduraria o namorico a ninguém, muito menos a Papa.

Apesar de confiar em Alka, comecei a monitorá-la discretamente daquele dia em diante, até mesmo fuçando em suas coisas quando ela não estivesse no quarto. Duas semanas se passaram sem outros incidentes. Até que uma noite encontrei um pequeno pacote que ela tinha escondido dentro de um sapato. Era um envelope pardo enrolado. Dentro, um plástico transparente contendo uma substância marrom em pó. Parecia um sachê de açúcar mascavo, mas eu já tinha visto filmes o suficiente para saber que aquilo era heroína de alta qualidade.

Chamei Alka em meu quarto e fechei a porta.

— Como isso foi parar em suas mãos? — perguntei friamente, segurando o sachê no alto.

— Onde você encontrou isso? — ela perguntou, agitada e com medo.

— Responda minha pergunta: quem deu isso a você? — repeti com firmeza.

— Meu namorado — ela respondeu com olhos baixos.

— Achei que você tivesse terminado com ele.

— Eu tentei, mas não consegui — ela gemeu. — Ele é o meu oxigênio. Eu morro sem ele. E ele morre sem mim. Ele quase cortou os pulsos quando eu disse que não nos veríamos mais.

— Apenas para provar que ele é doente, além de traficante de drogas.

— Ele não é traficante de drogas. E eu não estou usando drogas. Experimentamos só uma vez. E isso também foi só uma experiência.

— Uma experiência que pode tornar você uma viciada, que pode lhe roubar a vida!

— Por que você leva tudo tão a sério, *didi*?

— Nada pode ser mais sério que drogas, Alka. Você traiu minha confiança. Foi a gota d'água. Vou ter de contar a Papa.

— Não, *didi* — ela disse com veemência, segurando meu braço. — Eu juro que me mato se você soltar uma palavra sobre isso ao Papa.

— As drogas vão matar você antes, Alka — eu disse e a empurrei para o lado.

Papa estava absorto na leitura do jornal quando abri a porta de seu escritório.

— Sua filha Alka está usando drogas. Por favor, resolva isso com ela — disse sem preâmbulo, largando o sachê de plástico no colo dele como se jogasse uma casca de banana.

Aquela noite viu a maior de todas as brigas em casa. Papa era respeitado na Academia por sua ética e disciplina. Considero-me sortuda por ter herdado apenas sua pele escura, e não seu temperamento sombrio. Papa sempre acreditou que estava destinado a coisas importantes, que lecionar para crianças em escolas estava abaixo de seu potencial. E ele despejava essa frustração nelas. Histórias ainda circulavam sobre a vez em que ele tinha açoitado um aluno, que tinha cometido o erro de levar uma cópia pirata da *Playboy* para dentro da sala de aula, até que este se tornasse uma massa trêmula de carne dilacerada. Os estudantes costumavam se acovardar em sua presença. Seus testes levavam qualquer um às lágrimas. A escola sabia de seu estado emocional volátil, mas tolerava apenas porque ele era um professor de matemática excelente, talvez o melhor do país. Ele era capaz de calcular mais rápido que um computador, resolver qualquer equação, provar qualquer teorema.

O que ele não sabia era lidar com o estresse e a ansiedade de um adolescente de quinze anos. Pensei que ele teria uma conversa sincera com Alka, que instilaria nela algum juízo por meio da absoluta força moral de sua personalidade. Em vez disso, o confronto rapidamente se degenerou em uma briga de rua, cheia de teatralismo beligerante, com gritaria e berros.

— Eu posso mandar você para a prisão por posse de drogas — disse Papa, tentando assustar Alka.

— Então me mande — foi a resposta. — Estarei mais feliz lá do que nesta prisão chamada lar.

No calor do momento, muitas coisas que não deveriam ter sido ditas foram. Papa acusou Alka de ser uma criança mimada que manchava o nome da família. Alka o chamou de torturador:

— Suas expectativas são irreais; seus testes, impossíveis.

O talho mais profundo foi quando ela o chamou de covarde:

— A escola inteira ri às suas costas. Você não passa de um perdedor perverso e patético, que não merece nenhum respeito — ela gritou.

Foi então que o vulcão erupcionou.

— Como você ousa?! — Papa trovejou, o sangue subindo à sua face ao ficar de pé em um pulo. —

Como você *ousa*?! — ele repetiu e estapeou a cara dela, derrubando-a no chão.

Ma, Neha e eu olhamos a cena com perplexidade e horror. Era a primeira vez que Papa levantava a mão para uma de suas filhas.

Alka levantou-se do chão. Havia um enorme vergão vermelho na bochecha dela e um arranhão em seu

braço. Seus olhos escuros brilhavam de fúria incandescente, capaz de derreter uma rocha. Ela olhou para todos nós antes de parar em mim. Senti uma rajada de puro e irrestrito desprezo penetrando minha alma.

— Eu odeio você, eu odeio todos vocês — ela sibilou entre os dentes.

Em seguida, correu para o seu quarto e trancou a porta. Implorei para que ela me ouvisse, insisti desesperadamente que abrisse a porta, mas ela recusou com teimosia.

Eu mereci o ódio dela. Eu mereci tudo que ela despejou sobre mim naquela noite.

— Deixe que ela apodreça em seu quarto — disse Papa com desprezo. — Nossa indulgência levou a isso.

Nenhum de nós jantou aquela noite.

O dia seguinte era 26 de janeiro. Dia da República na Índia. A escola mudava de aparência nesse dia, com bandeiras cor de açafreão, verde e branco penduradas por todo o campus. A tricolor flamulava orgulhosamente em postes altos no campo de esportes. Eu ouvia os estudantes ensaiando canções patrióticas desde cedo pela manhã, as vozes robustas contribuindo para o fervor cívico. Alka, no entanto, ainda não havia saído de seu quarto, e eu estava ficando um pouco preocupada. Bati na porta diversas vezes, sem resposta. Então, escalei pelo jardim dos fundos. A primeira coisa que notei foi que a janela do quarto dela estava aberta. Minha primeira reação foi pensar que ela tinha fugido. Ao fundo, eu ouvia o cantarolar do “Hum Honge Kamyab”, o hino nacional, sendo cantado pelos meninos na área de reunião aberta. “Vamos superar... Vamos superar... Vamos superar algum dia...”

Abri a pesada cortina fazendo barulho e um poço de luz do sol afastou a penumbra do quarto. No brilho fulgurante, vi uma cena que me gelou a alma. Alka pendurada do ventilador de teto, com a cabeça pendente para o lado. Havia um *dupatta* amarelo amarrado em torno de seu pescoço. Uma pequena cadeira de madeira jazia de ponta-cabeça no chão.

Senti uma tontura se apoderar de mim.

— PAPA! — gritei e tropecei me afastando da janela.

Vamos andar de mãos dadas, vamos andar de mãos dadas,

Um dia, vamos dar as mãos.

Oh, no fundo de meu coração, eu acredito.

Um dia, vamos dar as mãos.

Lembro que tudo em seguida aconteceu em câmera lenta sob o véu das lágrimas. Papa chutou a porta de Alka, arfando e contorcendo-se como um homem em chamas. Mamãe subindo na cama e pegando o corpo mole de Alka para diminuir a tensão do pedaço de tecido pelo qual ela pendia. Neha buscando uma faca para cortá-lo.

Não temos medo, não temos medo,

Hoje, não temos medo;

Oh, no fundo de meu coração, eu acredito,

Hoje, não temos medo.

Era tarde demais. A vida já tinha se esvaído de minha linda irmã. Deitamos seu corpo na cama e desfizemos o nó do lenço amarelo de seu pescoço. Eu nunca o vira antes. A face dela estava pálida em repouso. Seus pés nus estavam tingidos de um roxo-azulado, devido ao sangue que se acumulou ali. Uma coloração post mortem conhecida como hipóstase ou livor. Outra informação completamente inútil que eu tinha adicionado ao meu banco de dados de conhecimentos gerais. A mão direita dela segurava um pedaço de papel. Gentilmente, retirei-o de seus dedos frios. Escrita na sua letra infantil e cativante estava a mensagem: “O amor nunca morre. Apenas adquire outra forma”. Lembrei que era o slogan de um filme híndi que tínhamos visto recentemente na TV, uma tragédia moderna. E havia uma última linha: “Perdoe a todos vocês”.

Embalei minha irmã morta nos meus braços, com os ombros encurvados ao sucumbir à cruel realidade de que nossos caminhos nunca mais se cruzariam sobre a terra. O coração dela era grande demais para este mundo. Em vida, ela tinha tocado a todos nós com sua presença radiante, sua bondade e sua graça. E mesmo na morte ela tinha escolhido nos perdoar. Como irmã Agnes costumava nos lembrar sobre Jesus, Alka tinha nos redimido através de seu sangue. Nunca a entendemos completamente, e agora ela tinha ido embora para sempre, fazendo com que nos sentíssemos tão pequenos.

A verdade nos libertará, a verdade nos libertará,

Um dia, a verdade nos libertará;

Oh, no fundo de meu coração, eu acredito,

Um dia, a verdade nos libertará.

A polícia veio, e uma ambulância levou o corpo de Alka. Vizinhos reuniram-se e conversaram em tons soturnos sobre a inevitabilidade do destino. O diretor também apareceu, após encurtar seu discurso do Dia da República. Ele parecia mais preocupado com a interrupção na programação do dia do que com nossa perda. Mamãe e Neha nem o notaram, ocupadas demais em chorar. Eu não chorei. Fiquei imóvel como uma rocha, o rosto congelado em um ricto de choque absoluto misturado à dor esmagadora.

Vamos viver em paz, vamos viver em paz,

Um dia, vamos viver em paz;

Oh, no fundo de meu coração, eu acredito,

Um dia, vamos viver em paz.

Não havia paz. Naquele resultado perplexo da tragédia, havia apenas culpa. Primeiro, vieram os pesadelos, quando eu acordava no meio da noite coberta de suor e arfando por ar. Então, vieram os

ataques de pânico provocados pelas feridas pustulentas da memória. A realidade se tornou um filme psicodélico, cheio de cortes ríspidos e cenas congeladas do corpo balouçante de Alka na brisa. As coisas chegaram a um ponto que eu não podia olhar para um ventilador de teto sem ter ânsia de vômito. A visão de qualquer tecido amarelo provocava ataques de ansiedade em Ma.

O fantasma de Alka nos perseguia todas as horas de todos os dias. A casa número dezessete estava embebida em seu cheiro, repleta de sua presença. Cada minúscula coisa em seu quarto nos lembrava dela. Cada velha fotografia iniciava uma nova crise de autoflagelação. Por fim, não aguentávamos mais. Como a história não podia ser alterada, decidimos mudar a geografia.

Neha sugeriu que mudássemos.

— Vamos para um lugar bem distante de Nainital. Vou morrer se continuar aqui.

Papa aceitou a sugestão quase que com alívio. A mácula do escândalo, a qual ele tanto evitara, tinha se espalhado bem além do campus, manchando sua carreira e destruindo sua autoestima. Ele desejava se livrar da humilhação diária que tinha de suportar nas encaradas censórias de seus colegas e na malícia dissimulada de seus alunos. Assim, trancamos nossas coisas em baús e deixamos o conforto frio de Nainital pelo calor úmido do ar de Delhi, a trezentos e vinte quilômetros de distância.

Liberados da claustrofobia incestuosa da insignificante Nainital, tentamos reconstruir nossas vidas nos enxertando no áspero anonimato da metrópole. A morte de Alka tinha me ensinado o sentido da vida, como é frágil, e como não a levamos a sério. Acordei muitas manhãs com a assustadora certeza de que aquele dia poderia ser o último de minha vida na Terra.

E assim que você começa a viver com a consciência da morte, isso lhe traz urgência, intensidade e foco. Ensina a viver uma existência menos trivial, impele a buscar o maior valor possível para todas as suas ações. Eu comecei a doar sangue regularmente na Cruz Vermelha. Depois de minha primeira doação, aprendi que meu sangue era um dos mais raros, conhecido como o grupo sanguíneo de Bombaim. Apenas quatro em um milhão o possuem. Agora, se há uma emergência, a Cruz Vermelha me telefona e manda um carro me buscar. Eu sou a doadora mais valiosa que eles possuem.

Até conseguir um emprego na Gulati & Sons eu também costumava fazer trabalho voluntário na Escola para Cegos. Agora tenho tempo livre apenas aos domingos, que utilizo para ensinar inglês a um grupo de crianças da favela, que moram perto de nosso condomínio. O que significa que, muito em breve, Suresh, Chunnu, Raju e Aarti vão bater à minha porta.

Conforme o fluxo de memórias diminui, eu começo a procurar o *Simple English Reader*, que uso como um livro didático informal para minha pequena classe. O livro está com Neha, sendo usado como portacopos para a Coca Diet que ela bebe com tanto gosto. Ela não parece transtornada pela ocasião do aniversário de Alka. Longe de triste, ela está borbulhante de animação.

— Leia isto, *didi!* — Ela enfia uma carta na minha mão.

É dos organizadores de *Popstar N. 1*, um show de talentos musicais popular na Índia para o qual ela tinha feito uma audição. Dos quinhentos mil candidatos, ela tinha sido selecionada para a audição final em Bombaim, onde vinte dos melhores cantores serão selecionados para a competição na TV. Quatro diretores musicais importantes vão ser os “gurus” julgadores.

— Essa é a chance pela qual esperei a vida toda. *Bas*, eu vou ser uma estrela agora, você vai ver, *didi* — ela guincha.

Dou um sorriso débil, pensando sobre a beleza do acaso, os truques do destino. Alka me deslumbra novamente da parede. Talvez ela esteja orquestrando tudo isso de seja lá onde ela está, ainda nos redimindo, dando-nos segundas chances. Olho dentro de seus olhos calorosos e brilhantes. “*Kamaal ho gaya! É incrível!*” Quase posso ouvir a voz cadente soando na sala.

Os mortos não morrem. Enquanto nos lembrarmos deles, permanecem vivos em nossos corações.

É uma manhã translúcida de segunda-feira e há um frescor no ar, com a temperatura pairando por volta dos dez graus. É o tipo de tempo que faz você querer ficar enrolado na cama. Em vez disso, vou ao terminal de ônibus intermunicipal Maharana Pratap, no Kashmiri Gate, ao qual todo mundo se refere simplesmente como ISBT. O lugar está fervilhando com pessoas de todo tipo — executivos, estudantes, peregrinos e turistas —, prestes a embarcar em jornadas para o norte da Índia. Meu destino é Karnal, pois não há ônibus direto de Delhi para o vilarejo do sr. Kuldip Singh em Chandangarh.

Decidi por uma roupa conservadora: um *salvar kameez* bege com um *dupatta* inteiriço quase invisível por baixo da gola de meu sobretudo cinza-escuro. Uma pequena bolsa contém tudo de que eu preciso para a viagem — alguns doces e salgadinhos, uma garrafa de Bisleri e um livro amarelado de poemas de Anna Akhmatova.

Na plataforma dezoito, sou agradavelmente surpresa ao descobrir que meu ônibus é um Volvo novinho em folha, com poltronas reclináveis e encostos para braço ajustáveis. Sento-me na janela, ao lado de uma jovem de jeans e cabelo logo abaixo da orelha que parece ter minha idade. Ela não é bonita de maneira convencional, com seu cabelo masculinizado e rosto quadrado, no entanto, me parece estranhamente familiar. Fico com vontade de conversar, mas ela está totalmente absorta mandando mensagens pelo celular. Sem querer me intrometer, também enfio a cara no livro quando o ônibus parte às nove da manhã em ponto.

Dentro da cidade, ele vai devagar, mas assim que alcançamos a estrada Grand Trunk, o Volvo acelera. A rodovia de quatro faixas serpenteia como um elástico preto pela paisagem plana e esparsa, pontuada por fazendas pequenas, fornalhas de tijolos e trechos de expansão urbana. A viagem é tão tranquila que quase me embala para o sono.

Por fim, a mulher ao meu lado se cansa do telefone. É quando me viro para ela:

— Com licença, mas nós nos conhecemos?

Ela sorri.

— Creio que não, mas você pode ter me visto na TV.

— Você é atriz?

— Sou repórter investigativa para a TV Sunlight.

— Claro — respondo em lento reconhecimento.

Não assisto a TV Sunlight com tanta frequência, mas o canal de notícias é bem famoso por suas

revelações ousadas. (“Como o sol que entra em uma sala escura, iluminando-a, nós trazemos à tona os fatos escondidos”, é o slogan do canal.)

— Olá! Sou Shalini Grover. — Ela estende a mão, que aperto com prazer.

Fico sabendo que Shalini está a caminho de Panipat para cobrir a história de um assassinato em nome da honra que aconteceu há seis meses. Ela me conta que um jovem casal — Mahender e Ragini — foi morto por seus respectivos pais e os corpos jogados em um canal de irrigação simplesmente por desafiarem o tabu contra o casamento por amor entre membros da mesma subcasta.

— Assassinatos em nome da honra? — Levanto a sobrancelha. — Achava que esse tipo de coisa só acontecia no Afeganistão tribal.

— Você nunca ouviu falar dos *khap panchayats*?

Sacudo a cabeça. Quando minhas aspirações ao funcionalismo público foram por água abaixo, decidi parar de incrementar meus conhecimentos gerais.

— *Khap panchayats* são estruturas sociais em Haryana, no estado de Uttar Pradesh, e Rajastão, que aplicam sua própria forma de justiça brutal. Os conselhos das castas consideram-se guardiões da moralidade medieval e uma de suas prioridades é evitar casamentos por amor entre membros da mesma gotra ou subcasta. Jovens casais que desafiaram seus *fatwas* foram banidos, espancados, forçados a viver como irmãos ou mesmo mortos. São piores do que Kangaroo Courts, aqueles odiosos tribunais falsos.

— Sim, mas como alguém consegue matar seus próprios filhos?

— Quando a honra parece mais importante que a vida deles. Esses *khaps* já foram longe demais. São compostos por capangas que querem apenas perpetuar a ordem patriarcal e feudal. Mesmo a Suprema Corte já pediu para que eles fossem extintos sem piedade.

— Você disse que o casal foi assassinado há seis meses. Por que o interesse agora?

— Há muitas Raginis em nossos vilarejos, mas as histórias delas não são vistas nem ouvidas. Eu quero trazer à tona a opressão assustadora que uma garota comum de vilarejo enfrenta na Índia rural se decidir pelo amor em vez do medo.

Ao ouvi-la falando com tanto fervor, começo a sentir a sensação pesada e vagarosa que costumava ter na escola sempre que um professor perguntava algo que eu não sabia responder. Por algum motivo, meus olhos sempre vagueiam superficialmente sobre as histórias apavorantes de esposas espancadas, noivas queimadas e estudantes estupradas nos jornais.

Para mudar o assunto, olho em volta no ônibus.

— Onde está sua equipe?

— Não tenho — responde Shalini. — É apenas uma viagem de vistoria, para conferir o assunto.

— Mas e se uma jornalista de TV como você se depara com uma reportagem inesperada?

— Então isto se torna minha câmera. — Ela balança o celular. — Tem um sensor CMOS de doze megapixels que me permite filmar vídeos de 640 x 480 a trinta quadros por segundo. Além disso, eu posso enviar direto do celular para o nosso servidor, é só conectar pela internet.

Agora ela está falando a minha língua. Entramos em uma conversa animada sobre os méritos dos últimos modelos de smartphones. Logo depois, a conversa vai para filmes em híndi. Quando Panipat

chega, já estabelecemos um elo firme.

— Bem, boa sorte — digo a Shalini quando ela se prepara para desembarcar.

Trocamos números de telefone, prometendo manter contato, mas é uma daquelas promessas casuais que companheiros de viagem fazem sabendo que seus caminhos poderão nunca mais se cruzar.

Depois de Panipat, a estrada fica congestionada e empastada de nós de trânsito até o ônibus chegar em Karnal. Com seus mercados cheios e apartamentos de luxo entre a vegetação exuberante, Karnal tem o ar de uma província próspera. Não tenho tempo para explorar a cidade ou checar suas famosas joias de miçangas de prata, pois tenho outro ônibus a pegar até Chandangarh, a quarenta quilômetros de distância. Desta vez, o veículo é um velho e enferrujado Ashok Leyland, e a estrada de terra e cascalho é esburacada. A tortuosa viagem de uma hora até Chandangarh me deixa enjoada e com dor de cabeça. Mas ao bater do meio-dia, estou no vilarejo do sr. Kuldip Singh.

O grandalhão espera por mim na parada de ônibus.

— Venha, venha, *beti* — ele diz como boas-vindas. — Sua chegada enche meu coração de felicidade.

Ele veste sua camisa e seu *dhoti* habituais, e o bigode de guidom está magnífico como sempre. Entramos em sua Toyota com chofer e partimos, deixando uma nuvem de pó atrás de nós.

— Você já esteve em um vilarejo? — Kuldip Singh me pergunta.

Nego com a cabeça. Sempre fui uma menina da cidade, apenas vi de relance alguns vilarejos ao passar de trem ou pela janela do ônibus. Minha ideia da vida rural ainda está ancorada nos vilarejos idílicos dos filmes de Bollywood, nos quais donzelas lindas cantam canções folclóricas apimentadas em campos verdes exuberantes, e as pessoas vivem vidas comunitárias descomplicadas e felizes. É a primeira vez que boto os pés em um vilarejo de verdade.

— O vilarejo de Chandangarh tem três mil habitantes — ele conta.

— É menos de um décimo do número de pessoas do Setor onze em Rohini — comento.

— Ainda não entendo como vocês, pessoas da cidade, conseguem viver em prédios, pendurados entre o céu e a terra. — Ele ri. — Nós, aldeões, não conseguimos imaginar a vida em um lugar em que não temos um teto sobre nossas cabeças e terra firme sob nossos pés. É isso que chamamos de terra, que chamamos de lar. Lar é a nossa terra. Terra é o nosso lar.

Passamos por fazendas equipadas com tratores, poços artesianos e debulhadores. Mesmo a estrada não é inteira de terra, há pedaços pavimentados com granito. Um fazendeiro nos abana a mão quando o ultrapassamos em sua scooter.

— E quando sua aldeia começou a ter eletricidade? — pergunto.

Ele me olha com uma expressão um tanto irritada.

— Você não sabe que Haryana foi o primeiro estado em toda a Índia a fornecer eletricidade para todos os seus vilarejos, lá em 1970? E todos os vilarejos são ligados por estradas cascalhadas. A única coisa que nossa aldeia não tem é um hospital, que deve estar pra chegar em alguns anos.

Olhou de relance o pináculo de um templo aparecendo entre as árvores e os fios de eletricidade à distância.

— É o templo Amba, dedicado à deusa Durga — diz Kuldip Singh. — Ela é a divindade de nossa

aldeia.

Meu respeito por Chandangarh aumenta um pouquinho enquanto eu baixo a cabeça em reverência.

A casa de Kuldip Singh fica bem próxima ao templo. Uma construção de tijolo *pucca* e cimento, é um complexo ancestral e confuso com muitos cômodos. Eu entro por um pátio iluminado pelo sol onde um grupo de *halwais* está ocupado fazendo docinhos. No canto esquerdo, fica a cozinha, onde outra equipe cozinha em panelas grandes sobre um fogo aberto. As mulheres, vestidas em roupas de Punjab brilhantes, estão agrupadas em um *charpoy*. Elas me olham com vergonha e curiosidade. A casa inteira está banhada pela atmosfera festiva de um casamento tradicional.

— Quando é o casamento? — pergunto a meu anfitrião.

— Amanhã mesmo. Na verdade, você devia participar como nossa convidada de honra. Por que está com tanta pressa para partir ainda hoje?

— Trabalho — afirmo como se não precisasse estender a explicação.

Sou conduzida a um cômodo amplo e pintado de branco, com apenas uma cama e uma penteadeira. Um exército de empregadas me serve um elaborado almoço em uma bandeja de metal com seis tipos de prato. Todos parecem deliciosos de lambe os dedos. O *missi roti* é o melhor que já provei. Como tudo com a ajuda de dois copos de *lassi* doce.

O serviço para o qual fui chamada começa depois do almoço. Um Mahindra Scorpio chega em frente a casa, e um homem trajando suéter preto sobre camisa branca e calças pretas desce. Ele parece estar na metade dos quarenta, corpulento, face barbeada rente e olhos apertados.

— Este é Badan Singh *ji* — apresenta Kuldip Singh e dirige-se para os fundos da casa, onde ficam os estábulos das vacas.

Há mais de doze vacas e búfalos ruminando. Ao lado, há um abrigo de tijolo, com teto de palha. Dentro dele, estocadas ao lado de fardos de feno, estão as compras feitas na loja.

Uma vara fluorescente brilha com força acima de nossas cabeças, providenciando a única iluminação naquele cômodo sombrio. Os aparelhos tinham sido retirados das caixas e expostos com organização. Uma longa extensão sai de uma tomada, posicionada na base da televisão.

— Não entendo nada de nada dessas novas máquinas incrementadas — diz meu anfitrião, encabulado e sorrindo. — Até Chhotan, nosso eletricitista, não tem ideia de como essa máquina de lavar roupas funciona. Por isso, tivemos de importunar você. Por favor, explique como elas funcionam para Badan Singh *ji*. Tenho de receber os decoradores agora.

Ele sai da cabana, deixando-me a sós com Badan Singh. O ar dentro do cômodo parece opressivo, pesado, permeado pelo odor do feno, e por um momento fico sem ar.

— Você vem de Delhi? — pergunta Badan Singh.

— Sim — respondo.

— Todos esses produtos vão acabar na nossa casa, então, achei melhor vir pessoalmente. Dirigi do vilarejo Batauli até aqui, mais ou menos trinta quilômetros. Nossa casa fica do outro lado do canal.

— Você é o pai do noivo? — pergunto.

Ele me olha de soslaio.

— Eu sou o noivo. Pareço velho pra você?

— Não, não — respondo rapidamente, ralhando comigo mesma em pensamento pelo fora.

— Chamei meus empregados. Agora, conte-me como ligar e fazer esses aparelhos funcionarem.

Chhotan, Nanhey — ele grita.

Dois homens aparecem no mesmo instante. Por conta de suas roupas empoeiradas, do ar reverente, das expressões nervosas e do cinto de ferramentas, adivinho que são o eletricitista e o encanador, respectivamente.

— Vamos começar com a TV?

Eu insiro o plugue da Samsung 42C430 na extensão. A tela de plasma acende, chuviscando devido à estática.

— Sei tudo sobre TVs — declara o eletricitista. — Sou o operador de cabo do vilarejo. É a máquina de lavar que acho complicada. Você pode mostrar como usá-la primeiro?

— Claro. — Dou de ombros e ligo a máquina Whirlpool. Assim que pressiono o botão de ligar, o tubo de luz acima começa a piscar. — O que foi?

— Kuldip Singh *ji* ainda usa o medidor antigo, que não aguenta muita carga. — Badan Singh ri entre os dentes. — Não há problema em nossa casa. Podemos ligar quatro ACs ao mesmo tempo.

— A voltagem é um problema nas aldeias. Vocês precisam ligar esses aparelhos com estabilizadores — eu digo, puxando o fio da tomada.

Na hora seguinte, explico a programação de ciclos na lava-roupas, as funções do aparelho de som, a conexão HDMI entre o DVD e a televisão, os ajustes corretos na geladeira. Badan Singh e seus dois subalternos balançam a cabeça em sinal de aprovação, mas duvido que tenham entendido tudo. Ao longo de minha exposição, eles mantêm a expressão acovardada, levemente atordoada, de homens incapazes de lidar com o fato de que uma mulher sabe mais sobre eletrônicos do que eles.

Às duas e meia, termino. Quero ir embora no mesmo instante. Não há nada me segurando nesta aldeia caipira, mas meu ônibus de volta a Karnal só sai às quatro.

Kuldi Singh ainda está tentando me persuadir a passar a noite.

— Babli é minha única filha. O casamento dela vai ser um evento memorável — ele diz orgulhosamente enquanto me acompanha de volta ao aposento dos convidados. — Tem certeza de que não quer participar das comemorações?

— Absoluta — afirmo. — Se não se importa, vou descansar por uma hora e depois seu motorista pode me levar de volta ao ponto de ônibus.

Tranco a porta, tiro meu casaco e deito na cama para um cochilo rápido. Lá fora, as mulheres cantam o que soa como uma animada música de casamento. Fico sonolenta.

Acordo com sons abafados vindos de algum lugar próximo ao meu cômodo. Sento-me e olho em volta. Só então percebo a porta de madeira do outro lado. O som vem de lá.

Ouçõ um trinco sendo abaixado e a porta se abre com um ruído. Uma jovem menina olha para dentro. Ela tem o rosto bonito e delicado, com olhos amendoados enormes, lábios delineados cor-de-rosa, e cabelo negro e volumoso.

— *Didi* — ela cochicha —, você pode me fazer um favor?

Ela tem a expressão furtiva de um animal enjaulado.

— Sim — reajo com cautela, descendo da cama.

Ao me aproximar dela, noto um vergão escuro em sua bochecha esquerda, como uma rosa selvagem florescendo em sua pele clara. Ela está assustadoramente pálida, seus olhos estão vermelhos e inchados; dá para ver que ela esteve chorando.

— Você pode enviar isso para mim? — Ela segura um papel dobrado.

— Quem é você? — pergunto.

— Sou a Babli.

— Ah, então é você que vai se casar?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Bem, parabéns pelo casamento.

Ela não responde, mas a expressão de infinita tristeza em seus olhos transmite mais do que palavras seriam capazes.

— Babli? O que você ainda está fazendo no seu quarto? — Ouço a voz de uma mulher chamando do outro lado.

— Eu sei que você vai voltar hoje. Se você puder colocar isso em um envelope, com um selo de cinco rúpias e deixar na caixa de correios mais próxima, ficarei eternamente grata. Escrevi o endereço no alto. Você faria isso por mim?

— Com prazer — respondo e pego o pedaço de papel das mãos pintadas com henna da menina.

— Por favor, não se esqueça de postar isso, *didi*. É muito importante para mim — ela diz, lamuriosa.

Depois, como uma tartaruga enfiando a cabeça de volta à casca, ela sai e tranca a porta outra vez.

Ainda estou tentando absorver o choque do encontro inesperado quando batem à porta.

— Está acordada, *beti*?

Ouço a voz de Kuldip Singh. Lá fora, o motorista está buzinando. Chegou a hora de pegar meu ônibus das quatro para Karnal.

Com um último e prolongado olhar para a porta trancada, como se estivesse me despedindo de um ente querido, coloco meu casaco e saio do cômodo. Kuldip Singh está esperando do lado de fora com uma grande caixa de *laddoos* que ele enfia em minhas mãos.

— Já que não pode ficar para o casamento, ao menos aproveite estes doces. — Ele sorri.

Agradeço com alegria, digo adeus e entro no Innova.

Conforme o veículo se afasta da casa, não consigo parar de pensar em Babli. Há algo nela que me faz lembrar de Alka. O olhar triste e resignado levanta dúvidas sobre este casamento. Está claro que uma menina de dezoito anos está sendo forçada a se casar com um homem bem mais velho. Mas casamentos do tipo ocorrem o tempo todo no interior. Não há nada que eu possa fazer a respeito. Sou apenas uma passageira. Não tenho direito de atravessar os limites dos assuntos privados da família.

Quase involuntariamente, enfio a mão no bolso do casaco e retiro de lá o papel que Babli me deu. Está endereçado a alguém chamado Sunil Chaudhary, que mora em Vaishali, Setor 4, Ghaziabad. Não resisto à

vontade de ler. Vejo uma carta escrita na caligrafia trêmula de uma jovem escolar, em papel pautado rasgado de um caderno. Em hîndi austero, leio:

Meu querido Sunil,

Vão me casar amanhã.

O casamento deve acontecer entre duas pessoas que se amam e devotam a vida uma a outra. Mas este casamento é de opressão e supressão, pois, para minha família, o prestígio é mais importante que minha felicidade.

Serei vendida a Badan Singh. Para papai, é uma transação. Para mamãe, significa se livrar de mim. Ninguém desta família leva meus sentimentos em conta. O coração de todos virou pedra.

Perdoe-me por não ter entrado em contato nos últimos três meses. Depois que expulsaram você daqui, fui mantida presa em casa, sem permissão para pisar fora nem por um minuto. Mas, hoje à noite, serei livre.

Quero apenas que saiba que eu sempre fui sua e sempre serei sua. Se não nesta vida, certamente na próxima.

Com amor,

Babli.

Minhas mãos gelaram ao ler as palavras. Não é uma carta de amor, mas um bilhete de suicídio. Sinistramente parecido com o que Alka escreveu antes de se enforcar.

Sei que Babli não está fazendo ameaças vazias. Ela irá até o fim. Vi a expressão em seus olhos; o olhar de uma menina sem esperanças. *Hoje à noite, serei livre.* Sinto um calafrio na espinha.

O ônibus para Karnal está esperando pelos últimos passageiros quando chego ao ponto.

— Por pouco. — O motorista seca a testa em alívio. — Depressa, senhora. — Ele se atrapalha para abrir a porta, mas eu permaneço sentada; em minha mente, um turbilhão de indecisão e ansiedade.

Seria a coisa mais fácil do mundo embarcar no ônibus e esquecer Babli e este vilarejo. Posso escolher entre postar a carta ou rasgá-la em pedacinhos e jogar fora na calçada como uma passagem de ônibus usada. Mas algo me prende. Sei que é a culpa, rodeando a minha mente como um abutre. De repente, uma visão surge em minha mente. Um cadáver pendurado em um ventilador de teto por um pedaço de pano amarelo. Quando o corpo balança para a esquerda, vejo Alka. Quando balança para a direita, vejo Babli. Fecho os olhos, mas a cena reaparece e se repete outra vez e outra, como um diapositivo desvairado do qual não consigo desviar os olhos. As imagens cáusticas são sobrepostas por um grito mudo de agonia que arrebatava meus sentidos. Ecoa como um trovão, reverberando em cada poro de meu corpo. Quando a imagem se esvai, abro os olhos e imediatamente sinto vontade de vomitar.

— O que há, senhora?

O motorista me observa, preocupado.

— Nada — respondo quando as teias da incerteza se dispersam de minha mente. — Leve-me de volta para a casa.

— Para a casa?

O motorista olha com perplexidade.

— Sim. Não vou para Karnal. Vou voltar para a casa de Kuldip Singh. Acho que vou participar do casamento, afinal.

— Sim, senhora — diz o motorista, depois de revirar os olhos, e dá marcha a ré.

Quinze minutos depois, estou de volta. Kuldip Singh cumprimenta-me com deleite surpreso.

— *Yeh hui na bat*. Estou tão feliz por ter decidido voltar. Hoje à noite você vai ver o que uma festa de casamento em Haryana significa.

Estou desesperada para me comunicar com Babli, mas as mulheres da casa insistem que eu me junte à cerimônia *sangeet*. Sento-me na fileira da frente e finjo me divertir com as músicas e danças apresentadas no pátio ao som rítmico do *dholak* com colher. A noiva deveria estar presente ao *sangeet* das mulheres, mas, após três horas, não há sinal de Babli. Indago polidamente à esposa de Kuldip Singh, uma mulher gorda e com aparência severa.

— Babli foi ao salão de beleza — ela conta.

— Seu vilarejo tem um salão de beleza?

— Você achava que não? — Ela sorri, os olhos com um brilho triunfante. — Não somos tão atrasados quanto vocês da cidade pensam.

São quase sete e meia quando Babli retorna, acompanhada por três mulheres mais velhas. Ao atravessar o pátio, nossos olhos encontram-se por um instante. Percebo que ela se surpreende ao me ver, e uma expressão de medo atravessa seu rosto. Sorrio para tranquilizá-la, tentando comunicar que seu segredo está a salvo comigo. Entendo uma resposta em seu olhar, como se tivéssemos acabado de formar um pacto silencioso.

O salão de beleza fez um bom trabalho. O inchaço dos olhos sumiu, e o vergão na bochecha foi habilmente coberto por maquiagem. O cabelo foi reunido em um coque elaborado, e a pele brilha artificialmente. Vestida em um *salvar kameez* magenta e *chunni* combinando, ela parece uma noiva radiante em vez da adolescente consternada. É apenas a tristeza pensativa de seus olhos que me contam que não passa de uma encenação.

Depois do jantar comunitário estrelado por delícias de dar água na boca como *mooli ke paranthe*, *kadhi pakoras*, *jeera chawal* e *besan pinni*, estou pronta para a cama. Kuldip Singh oferece um quarto de luxo na casa geminada, mas digo que prefiro o quarto de hóspedes em que fiquei antes.

No quarto, com a porta trancada, vou pé ante pé até a outra porta e coloco a orelha contra ela, tentando ouvir. Ouço soluços abafados e duas mulheres conversando. Babli obviamente não está só.

Volto para a cama, desligo a luz e espero pacientemente pelas damas de companhia de Babli pegarem no sono. Mas uma casa em dia de casamento é como a ala de emergência de um hospital, infestada por constantes interrupções. Alguém sempre está entrando ou saindo. Somem-se a isso tábuas rangendo, vacas mugindo, cães uivando, correntes arrastando, panelas tinindo, torneiras vazando, e é o suficiente para eu me tornar uma pilha de nervos mal-humorada.

Permaneço deitada, encarando o teto escuro, tentando me acostumar ao ambiente desconhecido. Às

duas da manhã, levanto-me e espio entre as cortinas. Um silêncio profundo pesa sobre o pátio. Nem uma única alma se movimenta pelo terreno. A casa, finalmente, dorme.

Vou na ponta dos pés até a porta de Babli. Sei que ela está acordada, sua mente tensa como a minha.

— Babli! Babli! — sussurro com urgência. — Quero falar com você.

Nada acontece por alguns minutos. Quando estou prestes a desistir, ouço um raspãozinho. É a tranca sendo cuidadosamente baixada. A porta abre apenas alguns centímetros, e Babli se enfia em meu quarto trajando uma roupa de dormir de seda. Sob a pálida luz da lua, ela parece uma frágil boneca de porcelana. A jovem estremece um pouco quando uma brisa fria sopra pela janela aberta. Fecho as cortinas rapidamente, mergulhando o quarto na escuridão.

De início, o clima entre nós é estranho, pesado com nossos pensamentos não ditos. Estou pronta para ouvir, mas Babli ainda não está pronta para falar. Fica em silêncio, reservada.

— Eu tive uma irmã chamada Alka — eu revelo. — Ela cometeu suicídio quando tinha apenas quinze anos.

— Por quê? — pergunta Babli.

— Ela estava apaixonada por um garoto viciado em drogas. Tentamos separá-la dele.

— É por isso que voltou? Para me obrigar a me separar de Sunil?

— Não. Voltei para lhe dizer que sua vida é preciosa. E que nós não temos direito de tirar uma vida, seja a sua ou de outrem.

— Diga isso ao meu pai e minha mãe, que tiraram minha vida.

— Todo mundo fica chateado com os pais de vez em quando. Mas eles sempre querem nosso melhor.

— Você é casada?

— Não.

— Então, como pode entender minha dor? Amanhã não é meu casamento, é meu funeral.

— Eu sei que você não quer se casar com Badan Singh. Por que não conta isso ao seu pai?

— Foi ele que me colocou nesta situação. Eu amo Sunil. Se não puder me casar com ele, vou morrer. Hoje.

— O que você vai fazer?

— Tomar uma lata de inseticida. E quando eu subir, vou perguntar a Deus por que nós, garotas, não podemos viver nossas vidas como queremos. Por que não posso me casar com o homem que me ama, o homem que amo?

— Sunil falou com seus pais sobre querer casar com você?

— Claro que sim. E meu pai o recusou. Nós íamos fugir para nos casar, mas Baoji descobriu e contou para o *khap*. *Bas*, o céu caiu sobre nós. O *khap* decretou que devido à gotra de Sunil ser relacionada à minha subcasta, nosso casamento seria como o casamento entre irmãos. Daquele dia em diante, fiquei confinada em casa. E Sunil foi expulso do vilarejo, com a ameaça de que, se voltasse, seria morto. Diga-me, *didi*, cometemos algum crime? Por que fazem nos sentir como criminosos?

— Quem é Badan Singh?

— É um velho nojento que sempre me desejou. Estou convencida de que ele subornou o chefe do *khap*

panchayat para dar o veredicto contra Sunil.

— Você tem o número de Sunil?

— Não. E eu não tenho celular. O *khap* baniu celulares para as meninas solteiras do vilarejo. Eu vivo em uma prisão, não em uma casa, *didi*.

Assenti com uma expressão empática. Alka dissera a mesma coisa.

— Às vezes, sinto que a maior maldição é nascer menina — ela continua. — A luta começa antes de nascer e continua até a morte. Meu único desejo é nascer menino na próxima vida.

— Não seja tão pessimista. E se eu conseguir impedir este casamento?

— Como?

— Não posso contar agora. Mas juro, em nome da memória de minha irmã, que não vou permitir que esta farsa de casamento aconteça.

— Nem mesmo Deus pode impedir este casamento agora. Apenas minha morte pode.

A voz dela adquire um tom desesperado. Seguro a mão da menina.

— Prometa, Babli, que não vai fazer nada por impulso hoje. Na verdade, quero que me traga a lata de inseticida.

Babli não fala por um longo tempo, como se estivesse virando e revirando aquele pensamento em sua cabeça, lutando com seu destino. Então, abaixa-se sob minha cama e retira de lá uma garrafa de plástico cheia de avisos: VENENO PERIGOSO. MANTENHA FORA DO ALCANCE DE CRIANÇAS. PODE MATAR SE INGERIDO. Não fazia ideia de que o quarto está sendo feito de esconderijo secreto.

— Minha vida está em suas mãos agora, *didi*.

Ela me entrega a embalagem com uma expressão de rogo, de lamento. Depois, tão silenciosamente quanto entrou, ela retorna ao seu quarto.

Ao segurar o inseticida em minhas mãos, sou abatida por um forte sentimento de déjà-vu. Já passei por este caminho muitas vezes antes, em minha mente, em meus sonhos. E se? A questão me persegue desde o suicídio de Alka. E se eu não tivesse dedurado Alka para Papa? Eu não podia salvar Alka, mas, talvez, eu pudesse salvar Babli. Este é um momento de graça, a chance de redenção. Eu não farei isso por Babli. Farei por mim.

Há apenas um problema. Eu fiz uma promessa, mas não tenho ideia de como cumpri-la. Uma coisa é tentar consertar um antigo erro, mas como conjurar um final feliz para uma situação que tem os traços de uma tragédia?

Espero apenas que o amanhã traga a resposta.

Chandangarh é um vilarejo de madrugadores. Antes mesmo de o sol ultrapassar o horizonte, os aldeões já estão a toda, pegando água do poço, tirando leite das vacas ou fazendo suas abluções matinais, como eu.

O conceito de suíte não existe na casa de Kuldip Singh. Os banheiros comunitários ficam localizados no lado oeste do complexo e são todos ao estilo indiano. Também preciso carregar um *lota*

transbordando, pois a torneira jorra ar e não água. É isso que detesto na vida rural: o saneamento ruim. Todo inverno, Papa levava-nos para Hardoi, sua cidade ancestral, onde vovô possuía uma casa esparramada com um pomar de mangas. Mas minha única lembrança da casa é o buraco no chão usado como latrina de cócoras. E eu costumava ter pesadelos com uma mão fantasma subindo pelo orifício, agarrando-me e me puxando para baixo na pilha de cocô.

Depois de um banho rápido e frio, procuro Kuldip Singh. Ele está escarrapachado em um *charpoy* no canto do pátio, recebendo uma massagem de uma profissional magra com dedos nodosos.

No centro do pátio, trabalhadores montam o *mandap*, onde a cerimônia de casamento será formalizada à noite.

Fico em meu quarto até a massagem acabar, e Kuldip Singh vestir novamente seu colete.

— Posso falar com você? — pergunto com vapor se condensando em frente ao meu rosto.

— *Bilkul*, claro — ele diz expansivamente. — Venha, sente-se comigo aqui.

Ele dá um tapinha no *charpoy*. Sento-me na beirada e abordo o assunto com cautela:

— Soube ontem que o noivo de Babli é Badan Singh *ji*...

— Sim. Badan Singh é o orgulho de nossa comunidade. Possui seu próprio moinho de arroz. Babli vai viver como uma rainha.

— Mas você não acha a diferença de idade muito grande?

— Quem disse isso, hein? — Subitamente, ele fica tenso. — A Babli andou conversando com você?

— Não... não. Eu estou apenas curiosa, só isso.

— A idade do homem não importa. Como dizem em nosso vilarejo: “*Joban lugai ka bees ya tees, ar bael chaley nou saal. Mard aur ghora kadey no ho burha, agar milley khurak*”. Uma mulher permanece jovial apenas até os vinte ou trinta; um touro permanece ativo por nove anos; mas um homem e um cavalo, se receberem uma boa dieta, nunca envelhecem.

— Só espero que Babli esteja tão feliz com este casamento quanto você...

— Claro que *está* — ele diz, realçando o “*está*”. — Você sabe como são as garotas. Ela está triste por deixar nossa família. Mas uma menina é *paraya dhan*, a riqueza de outrem. Um dia, tem de deixar a casa do pai e ir para a do marido. Você também vai se casar um dia. Se quiser, posso sugerir uns bonitões do vilarejo.

— Não, obrigada — digo ao me levantar do *charpoy*.

— Aonde você vai agora?

— Quero visitar o templo Amba.

— Você pode ir de Innova.

— Prefiro andar e tomar ar fresco.

Ando devagar para o lado de fora, ainda nas mesmas roupas de ontem. Assim que alcanço certa distância, pego o celular e ligo para Karan.

— Onde você está? — ele quer saber.

— No vilarejo Chandangarh, em Haryana.

— O que está fazendo aí?

— É uma longa história. Por enquanto, preciso que localize alguém pra mim.

— Quem? Seu irmão gêmeo que se perdeu na debandada durante o Kumbh Mela?

Para Karan, tudo é piada. Mas, para mim, é um caso de vida ou morte.

— É um homem chamado Sunil Chaudhary que mora em Ghaziabad.

Leio o endereço de Sunil em voz alta.

— Quero que arranje o número do celular dele.

— Espere — diz Karan. Poucos minutos depois, ele informa: — É seu dia de sorte. Sunil Chaudhary

assina a Indus. Anote o número.

Telefone para o Sunil, mas a ligação cai direto na caixa postal.

— O número Indus Mobile que você está tentando contatar se encontra atualmente desligado. Por favor, tente mais tarde — diz a mensagem automática.

Tento de novo a cada dois minutos, mas não consigo uma única vez.

Quando você está desesperadamente tentando encontrar alguém, a coisa mais frustrante no mundo é o telefone não exercer sua função primária. A cada vez que tento, encontro a voz levemente soberba da mulher, o que me dá vontade de esmurrá-la.

Por fim, ligo para o celular de Madan, informando que não poderei trabalhar hoje.

— Ainda estou em Chandangarh, com uma dor de barriga grave.

— O que você comeu? — ele questiona.

— Tudo que Kuldip Singh ofereceu. Ai, minha barriga dói tanto. — Gemo roucamente para causar efeito. — Você não devia ter me mandado pra cá.

— Olhe, sinto muito. Tudo bem. Descanse e tome *pudin hara*. Vou lhe reembolsar o valor.

Saboreio o raro prazer de ouvir culpa na voz presunçosa de Madan. Sentindo-me satisfeita e convencida, sigo para o templo Ambla, ali perto. Fica à beira de um pequeno lago e possui uma antiga estátua da Durga de oito braços. Inclino-me diante da deusa, pedindo força para lutar a batalha em nome de Babli.

Fortificada pelas bênçãos de Durga Ma, vou aproveitar o dia. Os homens já estão para trabalhar no campo ou nos moinhos da região; as mulheres estão ocupadas fazendo bolinhas com estrume de vaca para alimentar o fogo.

Ao deixar o território do templo, deparo-me com um jipe com farol vermelho e inscrição dourada na placa que diz: OFICIAL DE DESENVOLVIMENTO DA UNIDADE ADMINISTRATIVA.

O BDO, como é conhecido, é um órgão público importante, responsável pela formulação e implementação de vários esquemas governamentais. Meus olhos se acendem diante deste inesperado golpe de sorte. Se há uma entidade que pode tirar Babli desse rolo desgraçado, é o governo.

O BDO é um *sikh* de meia-idade e turbante chamado Inderjit Singh. Sua barba grisalha é malcuidada. Conto-lhe sobre o apuro de Babli e procuro angariar sua ajuda para resolver a situação.

Ele ouve empaticamente.

— Veja bem, eu não sei nada sobre Babli e Sunil, mas há muitas ocorrências do *khap* local criando problemas para casais que vão contra os ditames da comunidade. Em uma instância, forçaram o garoto a

beber urina; em outra, fizeram-no desfilar nu pela aldeia.

— E você não devia estar fazendo algo para impedir esses atos desumanos?

Ele balança a cabeça com vagar.

— Não posso fazer nada a respeito. Ninguém pode lutar contra o *khap*.

— Mesmo quando se sabe que eles estão fazendo coisas erradas e criminosas?

— Sim. Eu sei que alguns de seus pronunciamentos são contra os pobres e as mulheres em essência — ele diz com franqueza. — Mas se meter com a hierarquia social local é pedir para ter problemas.

— Se você não ajudar, quem irá?

— Entenda que aqui é um vilarejo, não o India Gate, onde você pode fazer marchas e vigílias à luz de vela. Não há ativistas sociais aqui que podem desafiar o *khap*. Os homens são indiferentes; as mulheres, acovardadas.

— Eu não sou covarde. Desafiarei o *khap*. Quem é o chefe do *khap panchayat*?

— É Sultan Singh. E aquela é a casa dele.

Ele aponta para uma casa de tijolo vermelho à distância.

— Mas se você acha que pode argumentar com ele, está sendo imprudente.

— Talvez. Mas como o famoso provérbio em híndi diz: “Agora que decidi colocar minha cabeça dentro do morteiro, por que temer o barulho?”.

— Se é assim, boa sorte — diz o BDO e vai embora em seu jipe.

Levo quinze minutos para caminhar até meu novo destino. Sultan Singh é um velho encarquilhado com o impressionante ar aristocrático de um *zamindar*. Ele me recebe na varanda de sua *haveli* decadente, trajando um colete preto e carregando uma bengala em suas mãos nodosas.

— Sim, o que você quer? — ele pergunta, áspero, fitando-me com o olhar desconfiado de uma diretora de albergue para moças.

— Você é o venerando chefe do *khap panchayat* e o portador de seus princípios. Então, pensei em procurá-lo diretamente para fazer justiça no caso de Babli.

— Babli? Quem é Babli?

— A filha de Kuldip Singh?!

— Ah, aquela *chhori* — ele diz com uma pausa dramática. — *Wa to aafat ki pudiya sai*. Ela só traz problemas.

— Você sabe que ela ama Sunil. Então, por que você a condena a este casamento sem amor com Badan Singh?

— Você não sabe que Babli é da gotra *jorwal* e Sunil da *jaipal*? Em nosso vilarejo, pessoas dessas duas subcastas possuem uma relação fraterna há séculos. Portanto, um casamento entre essas duas gotras não pode ser sancionado.

— Quem liga para gotra hoje em dia? Eu nem sei qual é a minha.

— Pobre de seus pais. Não lhe ensinaram nada sobre nossa gloriosa herança e tradições.

— Houve um tempo em que o *sati* era algo que fazia parte da cultura hindu. Viúvas eram queimadas vivas na pira funerária de seu marido. Acostrar pessoas apaixonadas e matá-las não é menos

repreensível.

— Quem diz que matamos pessoas? — ele pergunta, acalorado, quase me cutucando no rosto com sua bengala. — Isso é um boato espalhado pelas castas mais baixas. Nosso *khap* encarna um papel positivo banindo dotes e consumo de bebidas na aldeia.

— Mas você proibiu Sunil de entrar na aldeia. E agora Babli ameaça cometer suicídio.

— Então, que morra. Ninguém vai derramar uma lágrima por ela. Uma garota desonrada é uma mancha na família — ele afirma sem remorso.

— Portanto, amor não tem valor para você?

— Esses caprichos modernos do coração não cabem na tradição. *Khap* é uma instituição muito venerável. Não interfira em nossas tradições. Vá e diga a Babli: o que não pode ser mudado deve ser enfrentado.

— Diga-me, Sultan Singh *ji*, quantas mulheres são membros de sua *khap panchayat*?

— Nenhuma.

— Desse modo, as mulheres não possuem papel algum exceto ouvir seus decretos?

— Nossos decretos são baseados na razão e na lógica. Um casamento entre Babli e Sunil é incestuoso. Como podemos permitir tal abominação?

— Mas o Ato Matrimonial Hindu reconhece tais uniões.

Ele ri.

— Este é meu vilarejo. Aqui, minha ordem rege, e não a do governo da Índia.

Ouvi-lo me enche de repulsa. Às vezes, sinto que não há país no mundo com tanto amor desperdiçado quanto o nosso. Em vez de unir amantes que ousam sonhar além das barreiras de casta e classe, as forças da ortodoxia e da tradição os separam, machucam, torturam, extinguem, assassinam, encontrando novos e terríveis jeitos de desprezar o amor. Eu ainda preciso compreender qual é o maior horror existencial: a perda da humanidade de pais que desmembram seus próprios filhos e filhas em nome da vergonha, ou o cavalheirismo afoito de infortunados amantes que preferem a morte à separação. Tudo que sei é que não permitirei a adição do nome de Babli a esta infeliz lista, custe o que custar.

Despeço-me de Sultan Singh e continuo a caminhar pelos campos e terrenos bravios. A paisagem parece bem diferente do pitoresco e calmo refúgio pintado pelos filmes de Yash Chopra. Em vez de campos exuberantes e ensolarados, verdes e amarelos, a paisagem é uniformemente marrom. Em vez de aldeões felizes, vejo apenas homens e mulheres taciturnos trabalhando nos campos. Os velhos ficam sentados em seus *charpoys*, fumando *hookahs*, enquanto criancinhas brincam na terra.

Esta parte da vila é consideravelmente menos próspera. As casas são em geral cabanas feitas de taipa com tetos de palha. Mulheres me olham feio sem razão aparente e ninguém me oferece sequer um copo de água.

De repente, dou de cara com Chhotan, o eletricista, de scooter.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta.

— Nada. Apenas passeando.

Ele desce e começa a andar comigo. Ele me conta que o vilarejo é uma incubadora de comunalismo e

conflito entre castas.

— Há treze castas diferentes em Chandangarh — ele explica. — Castas superiores, como a de Kuldip Singh, compõem quase metade do vilarejo; o resto são *harijans*, os “intocáveis”, e castas inferiores, como a minha.

— E onde fica a delegacia?

— Por quê? Você precisa reportar algo?

— Não, só curiosidade.

— No lado leste, na periferia da vila, pouco antes do rio.

— Eu adoraria ver o rio.

— Eu vou praquele lado. Se quiser, posso dar uma carona.

Um minuto depois, estou na garupa, passando pelos caminhos de terra do vilarejo. As pessoas observam com curiosidade, como se nunca tivessem visto uma mulher numa scooter antes.

A viagem sacolejante passa pela escola da vila, onde estudantes descansam sob uma árvore nim.

— Os professores da escola são como deuses — diz Chhotan amargamente —, dizem que existem, mas ninguém os vê.

O mercado é uma conglomeração de algumas lojinhas hortifrúti *kirana*, algumas lojas de ferramentas, barracos de beira de estrada vendendo legumes, macarrão instantâneo Maggi e ovo cozido, uma locadora com os últimos sucessos de Bollywood e até uma lan house. Lentamente, mas consistentemente, o progresso parece chegar a Chandangarh.

Aos trancos e barrancos, chegamos enfim às margens cheias de reentrâncias do rio. Chhotan me deixa perto de uma ponte pênsil e vai embora. As águas do Yamuna refletem cor de prata e marrom logo abaixo de mim. Sendo a estação do inverno seco, o rio está reduzido, expondo seus bancos de areia.

Não demoro muito para localizar a delegacia. É uma casa de tijolo de apenas um cômodo com um pátio fechado por portão. Subinspetor Inder Varma, policial no comando, parece um desses tiras de filme em híndi: mascando semente *paan*, barrigudo, provavelmente corrupto. Ele me ouve e dá risada.

— Quem é você? Assistente social?

— Não importa quem eu sou. Estou reportando um casamento forçado.

— Como sei que é um casamento forçado? Onde está a menina? Por que ela mesma não registra um boletim pessoalmente?

— Já falei que eles a mantêm presa em casa.

— Então, tire-a de lá. Traga aqui. Ela precisa mostrar que é maior de idade. Aí podemos entrar em ação.

— É uma promessa?

— Veja, senhora, meu dever é defender a lei. Mas a lei requer que eu verifique se a moça é adulta. Se puder trazer Babli aqui, prometo fazer justiça.

Pela primeira vez, um raio de esperança penetra meu coração. A figura casmurra do subinspetor Inder Varma pode se tornar o improvável salvador de Babli.

Ao deixar a delegacia, tento novamente o número de Sunil. Minha sorte parece estar mudando, pois

consigo falar com ele desta vez.

— Alô? — diz uma voz cautelosa.

Apresento-me e faço a pergunta de um milhão de dólares:

— Sunil, você ainda ama Babli?

— Claro que sim — ele responde.

— E por que não se casa com ela?

— Rá — ele ri amargamente. — Você não sabe o que o *khap* fez comigo? Há três meses, eles me humilharam, fazendo com que eu desfilasse pela vila com um sapato na boca. Depois me forçaram a abandonar a aldeia, com ameaças de morte não somente a mim, mas a Babli também, caso eu retornasse.

— Bem, agora eles deram um passo adiante. Vão casar Babli com Badan Singh hoje à noite.

— Não! — ele solta um uivo que interfere na ligação, como estática.

— Ouça, Sunil. Se você vier para o vilarejo agora, ainda conseguimos impedir o casamento. Falei com a polícia: eles vão ajudar vocês dois.

— Gostaria que tivesse me dito isso ontem.

— Fiquei tentando ligar para você, mas seu telefone estava desligado. Ainda há tempo. Você vai levar apenas umas duas horas de Ghaziabad até aqui.

— É, mas agora estou em Chennai, dois mil quilômetros de distância.

— Ah, não!

— Não se preocupe, pegarei um avião. Vou chegar o mais rápido possível. Faço tudo por Babli.

— Bom. Espero por você. Ligue neste número quando chegar em Chandangarh.

— Obrigado... — ele diz e, depois de um instante de hesitação, acrescenta: — ... *didi*. — Instantaneamente forjando uma relação comigo.

Mesmo antes de terminar a ligação, o esboço de um plano forma-se em minha mente. A primeira coisa que preciso para o plano funcionar é de um carro para a fuga.

— Há algum lugar onde eu possa alugar um carro? — pergunto a um aldeão que cruza a ponte.

Ele olha para mim como se eu fosse um extraterrestre. Obviamente, a última coisa a se esperar de uma vila como Chandangarh é um serviço de aluguel de carro.

— Pelo menos você conhece alguém que possui uma moto?

Ele assente.

— O mecânico Babban Sheikh tem uma Honda Hero.

— Como posso entrar em contato com ele?

— Venha, eu acompanho você até a oficina dele — ele oferece. — Fica em Uttar Pradesh, do outro lado rio.

Cruzamos a ponte e me encontro em uma colônia muçulmana. Há um pequeno agrupamento de casas e um bando de lojas. Alguns adoradores de barba estão perambulando perto de uma velha mesquita.

A oficina é pouco mais que um barraco de lata. Babban Sheikh é um homem de quarenta e poucos, baixo e musculoso, com marcas de varíola no rosto e olhos vigilantes. Vestido em um macacão ensebado, ele trabalha em uma moto de marca Bajaj Pulsar quebrada quando eu chego. Ele tem um ajudante, um

jovem de quinze ou dezesseis anos, vestido de modo semelhante, mas com o cabelo pintado de castanho-claro, que está ajustando uma Ninja Kawasaki.

— Ahn... Babban Bhai, posso falar com você um instante? — dirijo-me ao homem mais velho.

Babban Sheikh larga a vela de ignição que está limpando, esfrega as mãos num trapo e levanta os olhos para mim.

— Sim, senhora, o que posso fazer por você?

— Disseram-me que você possui uma Honda Hero.

— Isso, correto.

— Bem, há um casamento hoje à noite e...

Ele ouve meu plano e nega com a cabeça.

— Temos um negócio honesto aqui. Não somos mafiosos que raptam jovens noivas. Não posso ajudar você.

— O futuro de uma menina depende disso — imploro, mas ele não se abala.

O jovem ajudante parece mais empático.

— A dona tem razão, *Abbu* — ele interfere, revelando ser filho de Babban. — Devemos impedir este casamento. Eu sei que Salim Ilyasi o faria. Ele salvou Priya Kapoor quando ela estava sendo obrigada a casar com aquele canalha do Prakash Puri no *Love in Bangkok*.

O pai não caiu nessa.

— Então, você voltou a assistir filmes, é? Você não sabe que Imam Sahib impôs proibição total aos filmes em híndi e suas músicas sujas?

— Eu sei, *Abbu*, mas o que eu posso fazer. Não consigo me controlar quando Salim Ilyasi lança um novo filme.

— Estes filmes são a raiz de todo o mal em nossa sociedade. Se assistir a mais um filme, vou pessoalmente denunciá-lo a Imam Sahib. Então, você passará o resto de seus dias limpando tapetes na mesquita — admoesta Babban antes de notar que eu estou ouvindo. — O que você ainda está fazendo aqui? — ele volta-se para mim. — Já desperdiçou o bastante de nosso tempo. Agora, vá embora.

Abatida, arrasto-me de volta para a ponte, sentindo as decepções do dia me esmagando, como um dedão gigante. O sol está a pino, mas meu coração está em sua maré mais baixa, afundando com remorso por ter falhado com Babli.

Ao cruzar a ponte, uma motocicleta engasga ao parar ao meu lado. É a Kawasaki, guiada pelo jovem mecânico.

— Desculpe o ataque de meu *abbajan*. Vou ajudá-la — ele diz com um sorriso acessível.

— E seu pai?

— Ele acha que eu saí pra entregar esta moto ao cliente. Não se preocupe. Eu sei lidar com ele. Mas como vamos lidar com o pai da garota? E se ele me perseguir?

— Bem, nesse caso, você terá de ser mais rápido. E eu pagarei pelo incômodo.

— Não, não aceitarei dinheiro por isso — ele declara, imitando a *nonchalance* de Salim Ilyasi. — Para proteger *muhabbat*, o amor, Aslam Sheikh dá a própria vida.

O jovem mecânico oferece para me deixar na casa de Kuldip Singh, e eu aceito com gratidão. Desta vez, os aldeões encaram de boca aberta, imaginando quem é essa mulher que anda na garupa de uma scooter na ida e na de uma motocicleta na volta.

Ele me deixa a certa distância da casa de Kuldip Singh, para não levantar suspeitas. Mas é uma precaução inútil. Rumores de minhas indiscrições já alcançaram o lar. O patriarca está de péssimo humor e investe contra mim assim que atravesso a porta:

— Chamamos você aqui para nos contar como operar uma máquina de lavar, não para lavar nossa roupa suja na rua. Sultan Singh contou tudo. Por favor, saia imediatamente. Não há lugar em nossa casa para uma encenqueira como você.

— Kuldip Singh *ji*, você não entende — eu digo, tentando argumentar. — Babli não vai aceitar este casamento. Ela prefere morrer a aceitar Badan Singh como marido.

— Aconteça o que acontecer, ela casará com Badan Singh. E se ela quer morrer, morrerá na casa do marido, não na nossa.

— Que tipo de pai é você? Disposto a sacrificar a filha por conta de um costume antiquado?

— Chega! — ele ruge. — Saia de minha casa neste mesmo instante ou vou ter de colocar você para fora.

— Eu saio, mas não sozinha. Babli virá comigo.

— Você perdeu a razão. Babli é minha filha. Vai fazer o que eu mandar.

— Desse modo, por que não pergunta para ela? — eu desafio.

Ele aceita o desafio de prontidão.

— Vamos resolver isto agora mesmo — ele diz e chama: — Mãe da Babli! Traga sua filha aqui.

Babli entra no pátio tremendo como uma vara, com sua mãe segurando-a com firmeza. Ela encara os pés, incapaz de me olhar. Kuldip Singh aponta com o dedão em minha direção.

— Diga, Babli, você quer ir com esta mulher?

A menina nega com a cabeça lentamente. Em seguida, explodindo em lágrimas, cobre os olhos e corre de volta para o quarto.

— Pronto, aí está sua resposta. — Kuldip Singh torce o bigode, sorrindo como um mágico maligno. — Agora, saia.

— Não sei se devo desprezar ou sentir pena de você — eu digo como despedida e saio da casa dele.

Volto para o templo Amba, minha sede estratégica na crise. As cinco horas seguintes são as mais longas de minha vida. Fico tentando ligar para Sunil, mas o celular dele está outra vez desligado. O desânimo avulta como uma sombra obscura sobre meu coração. Desejo que Karan estivesse aqui para me confortar, levantar meu ânimo. O sacerdote do templo me oferece fruta. Sento ao lado dele nos degraus da entrada, observando a tarde se apagar.

No crepúsculo, o ar começa a vibrar com a cacofonia da banda de sopro do casamento. Há inúmeros trompetes retumbando, e um cantor de voz analasada cantarola: “*Aaj mere yaar ki shaadi hai*” — “Hoje

é o casamento de meu amigo” —, acompanhado do barulho de trombones, tubas, saxofones e *dhol*. É a *baraat*, procissão de casamento, de Badan Singh a caminho da casa de Kuldip Singh, iluminada por luzes pisca-pisca.

Neste instante, meu celular apita com uma mensagem. É de Sunil, avisando que chegou ao vilarejo. Envio um SMS de volta mandando que venha direto ao templo.

À primeira vista, Sunil Chaudhary me impressiona. Ele é um homem jovem e apresentável de vinte e quatro anos, com uma face gentil e olhos cheios de emoção. Formado em engenharia, atualmente trabalha para uma firma de software em Noida. Ele é um pouco tímido, um pouco desajeitado e inseguro, mas não há dúvidas de que ama Babli. Sei que ele fará qualquer coisa para fazê-la feliz, para deixá-la segura.

— Peguei um avião em Chennai até Delhi e depois vim de táxi. Acabei de ver uma procissão entrar na casa de Babli. É tarde demais? — ele dispara. Seu rosto é uma máscara de preocupação e medo.

— Vamos descobrir em breve. Venha comigo.

Explico meu plano para Sunil enquanto nos apressamos para nosso destino. Freamos ao ver homens uniformizados patrulhando o lado de fora da casa de Kuldip Singh, logo percebemos que não são seguranças, mas, sim, membros da banda de sopro. Após trabalhar, eles estão relaxando, esperando o início do jantar. Espiamos pela porta aberta. Babli e Badan Singh estão sentados embaixo do *mandap*. Um sacerdote acende o fogo sagrado no centro. O casamento está prestes a começar. Em filmes em híndi, este é o momento em que o herói entra e declara “*Yeh shaadi nahin ho sakti*. Este casamento não pode ser solenizado”. Ele pode fazer isso, pois possui a proteção total do diretor. Na vida real, se Sunil tentar essa artimanha, será imediatamente linchado.

Aslam Sheikh está espreitando nas sombras do beco próximo, a motocicleta rosnando baixinho, pronta para a fuga. Ele sorri e me faz positivo com o dedão. Apresento Sunil a ele e depois sigo furtivamente para os fundos da casa.

Alcanço os estábulos sem dificuldade. As vacas e os búfalos estão ocupados ruminando, supremamente inconscientes das barulhentas celebrações de casamento ocorrendo ao lado.

O depósito está escuro quando eu entro. Aperto o interruptor e luz branca inunda o cômodo, refletindo nas superfícies vítreas dos aparelhos que estão exatamente como os deixei. Ligo a TV. Depois, faço o mesmo com o DVD player, o aparelho de som e a geladeira. A vara de luz começa a piscar assustadoramente, incapaz de suportar a carga. Assim que ligo a máquina de lavar, a luz emite um estouro suave e desliga. Simultaneamente, a casa inteira mergulha na escuridão profunda, como previ.

Abandono o depósito e corro de volta para o beco onde Aslam aguarda em sua moto.

Momentos depois, o estupor dos membros da banda é acordado pela Ninja Kawasaki que passa voando pela rua ao lado deles carregando quatro pessoas, inclusive uma noiva em fuga. Ouvimos as vozes gritando atrás de nós, algumas pessoas nos perseguindo, mas elas estão a pé, e nós estamos em uma moto de 250 cilindradas.

Sunil, Babli e eu seguramos uns aos outros enquanto Aslam navega com precisão pelas ruas sulcadas do vilarejo. O ar frio de inverno castiga meu rosto como uma luva tachonada. Felizmente, chegamos à estação de polícia em cinco minutos. Aslam nos deixa, fazendo uma reverência teatral, e acelera, sua

missão cumprida.

Babli e Sunil abraçam-se como se não houvesse amanhã.

— Assim que a luz acabou e alguém agarrou meu braço, eu sabia que era você — diz Babli, lágrimas escorrendo pelo rosto e borrando a maquiagem.

Ainda assim, ela continua radiante em sua saia *lehenga* vermelho-vivo e blusa de brocado. Sunil gentilmente seca as lágrimas com os dedos. Espero que comecem a cantar uma trilha sonora de filme romântico a qualquer momento.

No entanto, quando entramos na delegacia, encontramos o Inspetor Inder Varma cantando em um ritmo completamente diferente.

— O que vocês fizeram foi muito errado. Vou acusar vocês por confinamento ilegal. Vocês sequestraram uma garota — Varma ameaça.

— Você disse para trazer a garota. Bem, eu trouxe a garota — intervim, antes de me virar para a noiva: — Babli, conte para ele.

— Sim. *Didi* e Sunil me salvaram de um casamento forçado — diz Babli, desafiadora. A presença de Sunil parece ter lhe injetado uma ousadia nova. — Não quero me casar com Badan Singh. Quero me casar com Sunil.

— Ouça, aqui não é o cartório. Aqui é uma delegacia — admoesta Varma, balançando o dedo na cara dela. — Primeiro, preciso de prova de que possui mais de dezoito anos.

— Prova? Você pode olhar meu boletim do colegial. Lá aparece minha data de nascimento.

— Então, mostre. Está com você?

— Como pode estar comigo? Venho direto do *mandap*, não da escola.

— Desse modo, não há nada a fazer. Vou tratar este caso como sequestro de menor. Ram Kumar — ele chama o policial-chefe —, leve este garoto em custódia. Chame o pai da garota. Diga que venha buscar a filha. E também informe a Sultan Singh *ji*.

— Você não pode fazer isso — eu grito. — É uma injustiça nojenta. Nós confiamos em você.

Ele sorri com seus dentes manchados de *paan*.

— Nunca confie em um policial.

— Se ligar para meu pai, Deus não vai perdoar você — diz Babli, lágrimas escorrendo pela face outra vez.

— Dentro desta delegacia, *eu* sou Deus.

— Veja bem, Inspetor Sahib — eu tento novamente. — Este é apenas um simples caso de um menino e uma menina apaixonados, ambos adultos, que querem se casar. Em vez de ameaçá-los, devia ajudá-los.

— Nada é simples na vida, muito menos o casamento — ele diz. — Fique fora disso, ou vou colocar você como cúmplice de sequestro.

Nossos apelos encontram ouvidos surdos. O gratuito abuso de autoridade me enche de asco. Sinto a raiva impotente dos fracos, que têm seus direitos negados por um ditador arrogante e arbitrário. É quando me lembro de Shalini Grover. Aproveitando que o inspetor se ocupa de Sunil e Babli, corro para o banheiro feminino e rapidamente ligo para a repórter investigativa de meu celular.

— Shalini — sussurro —, você estava investigando o caso do casal assassinado pelos desmandos de um *khap*. Estou na delegacia de Chandangarh, onde um jovem casal pode ser morto agora mesmo por ir contra o *khap*. Você pode vir imediatamente? Apenas você pode salvá-los.

— Ainda estou em Panipat — diz Shalini, jogando água fria sobre minhas esperanças. — Não há como eu chegar em Chandangarh a tempo.

Assim que saio do banheiro, Ram Kumar já fez suas ligações. Um Innova guincha ao frear com tudo diante da delegacia e Kuldip Singh avança, acompanhado por Badan Singh e um bando de meia dúzia de homens da família, todos carregando rifles. Ele me fulmina com o olhar e vai direto falar com o inspetor. Vejo um dinheiro passando de uma mão para a outra e percebo que para o Inspetor Varma tudo foi uma oportunidade de negócio.

Após subornar o inspetor, Kuldip Singh pega Babli pela mão.

— Venha comigo já. Uma prostituta não traria este tipo de vergonha para a nossa família.

Babli de algum modo se livra do aperto do pai e se esconde embaixo da mesa de madeira do inspetor. Quando Kuldip Singh se abaixa para pegá-la, ela se enrola em volta de uma das pernas da mesa.

— Eu não vou. Você vai ter que me levar em pedacinhos se quiser — ela grita.

— Então, eu cortarei você, sua puta, e jogarei os pedaços no Yamuna — Badan Singh declara ao se juntar a Kuldip Singh no esforço de levar Babli.

— A garota tem *dum*: resistência e energia — diz o policial-chefe ao se agachar para observar melhor a briga.

— Ajude-a — urjo para Ram Kumar quando Sultan Singh entra na sala.

O chefe do *khap panchayat* está interessado apenas em Sunil.

— Então, você ousou voltar? — ele pergunta com um farfalhar teatral da bengala. — Agora, vamos mostrar o que acontece com aqueles que violam as tradições sagradas.

Ele não veio só; há ao menos cinquenta de seus partidários, que cercam a delegacia entoando “Morte àqueles que desafiam o *khap*!”. É uma turba de linchamento que não vai hesitar em arrancar cada membro de Sunil e Babli. Como aqueles zumbis irracionais de filmes B de terror, eles não podem ser parados, não podem ser aplacados.

Dali em diante, os eventos evoluíram com a inevitabilidade de uma tragédia grega. Babli é por fim puxada de debaixo da mesa. Ela grita e arranha o chão conforme Badan Singh e Kuldip Singh a arrastam em direção à porta. O inspetor entrega Sunil aos proletários do *khap*.

— Vá e faça o que quiser com ele. Eu lavo minhas mãos deste rolo todo.

Sultan Singh gira a bengala com alegria.

— Vamos acabar com ele agora mesmo.

— Aceite meu conselho e faça-o do outro lado do rio. Aí vai cair na jurisdição de Bhojpura *thana* e vai se tornar dor de cabeça da polícia de Uttar Pradesh — o Inspetor sugere friamente.

— Sunil! — Babli grita, fazendo um último esforço para se livrar da posse de seu pai.

— Babli! — Sunil tenta agarrá-la, conforme ele é enrolado em um lençol e chutado repetidamente pelos capangas de Sultan Singh.

O Inspetor e seus policiais observam tudo com calmo distanciamento, como se fosse um *tamasha*: um showde beira de estrada. Sinto vontade de vomitar.

É Ram Kumar, o policial-chefe, que chama a atenção para mim.

— E ela, senhor? — ele pergunta, apontando com a cabeça em minha direção. — Me parece uma verdadeira encrenqueira.

O inspetor suspira, seu trejeito implica que ele me considera uma complicação desnecessária com a qual ele precisa lidar.

— Qual é seu interesse neste caso? Você é professora da Babli ou irmã do Sunil?

— Nenhuma das duas — retruco. — Sou apenas uma cidadã preocupada com o bem-estar público tentando ajudá-los.

— Não conheço muitas cidadãs preocupadas com o bem-estar público que sejam também vendedoras. Você parece mais uma daquelas jornalistas enxeridas. Pra qual jornal você trabalha? O *Punjab Kesari* ou o *Jag Bani*?

— Eu não sou jornalista. Eu sou apenas...

Varna interrompe:

— Você sabe o que fazemos com jornalistas encrenqueiros? Nós acabamos com eles.

E, de repente, ele me estapeia.

Eu fico mais chocada do que insultada. É a primeira vez em minha vida que alguém me dá um tapa.

— Como você pode... — eu começo, o sangue subindo ao rosto, quando ele levanta a mão novamente.

— Feche a matraca ou vai vir coisa pior. Ram Kumar, leve-a em custódia.

— Sob que acusação? — questiono.

— Oh, não há falta de acusações. Podemos achar drogas em sua bolsa, indiciá-la por conspiração criminosa, prendê-la por crime de ódio ou mesmo acusá-la de prostituição.

Meu corpo literalmente amolece ao ouvir as palavras. Assim que minha visão começa a acinzentar e a escuridão me cerca por todos os lados, o silêncio ensurdecedor em minha mente é quebrado pelo som de sirenes distantes, muitas delas, cada vez mais perto. É como se o primeiro-ministro estivesse passando pela vila.

O comboio para bem em frente à delegacia. Há sons de portas sendo abertas. Em seguida, um político com cara de importante vestindo um casaco tipo *bandgala* marcha pela porta da frente acompanhado de meia dúzia de policiais uniformizados e burocratas em ternos imaculados.

Um desconcertado Subinspetor Inder Varma entra em estado de alerta. O policial-chefe Ram Kumar também está aturdido demais mesmo para fazer continência, parecendo soterrado pela visão de tanta alta patente em uma sala.

— Prenda-os — o político ordena, e um policial vestindo o emblema nacional com uma estrela de prata nas ombreiras surge com um par de algemas.

— O que... o queacon... aconteceu, senhor? — gagueja Inder Varma enquanto as algemas são fechadas em volta de seus pulsos.

— Você tem consciência do espetáculo ao vivo que está passando no canal de TV Sunlight pela última

meia hora? — outro policial explode. As três estrelas nas ombreiras identificam-no como um Xerife Inspetor-Geral de Polícia. — O país inteiro viu você aterrorizar um menino e uma menina inocentes, permitindo que o *khap* fizesse justiça com as próprias mãos, e intimidar uma boa samaritana com falsas acusações. Você é uma mancha na força policial.

— Cobertura ao vivo? Sunlight? Mas, senhor, não há câmeras de TV aqui. — Varma olha rapidamente de um lado a outro.

O xerife anda até mim e gentilmente retira o celular do bolso de meu casaco, com a câmera espiando para o lado de fora.

— Acho que não precisamos mais da cobertura ao vivo. — Ele o desliga antes de devolvê-lo a mim.

Os olhos de Varma arregalam-se quando a ficha finalmente cai. Dou-lhe um sorriso atrevido. Quando percebi que Shalini não chegaria a tempo, decidi me tornar a própria jornalista disfarçada. Usando meu celular, comecei a gravar secretamente tudo que acontecia na delegacia, com o vídeo indo diretamente para o site da Sunlight TV.

O que se segue é remanescente de um filme roteirizado de Bollywood. Subinspetor Inder Varma e policial-chefe Ram Kumar são levados sob custódia. A multidão em frenesi do lado de fora é açoitada com *lathi* e dispersada. Sultan Singh procura abrigo com o rabo entre as pernas. E Kuldip Singh muda instantaneamente de ideia, decidindo que o melhor partido para Babli é Sunil.

Naquela noite, ao observar a noiva alegre e o noivo executarem os sete giros em torno do fogo sagrado, não resisto em olhar para o céu, piscar para Alka e sussurrar:

— *Kamaal ho gaya*. Uma coisa incrível aconteceu hoje!

Chego em Delhi na manhã seguinte, no carro de Kuldip Singh até a porta de minha residência. Depois de um banho rápido e de trocar de roupa, vou para o trabalho, para a labuta diária.

— Você não parece nem um pouco doente. — Madan me fita com desconfiança assim que piso no showroom.

— Obrigada pelo *pudin hara*.

Depois de tudo que aconteceu no dia anterior, o retorno ao mundo enfadonho de máquinas de lavar louças e micro-ondas parece se arrastar penosamente. Mas eu prefiro vender TVs a arriscar ser estapeada por um policial psicopata.

À tarde, Shalini Grover me liga.

— Tiro o chapéu, Sapna. Você conseguiu mesmo. Você foi incrível — ela borbota.

— Eu não teria feito sem você — respondo. — Foi você quem me ensinou a logar no website da Sunlight TV.

— Olhe, eu também escrevo uma coluna para o *Daily Times*. Para a minha próxima, quero destacar você. Você é uma inspiração para as mulheres indianas.

— Não — digo com firmeza —, não quero meus quinze minutos de fama. Vai apenas deixar as pessoas com inveja. E os capangas do *khap panchayat* podem fazer com que me arrependa.

— Sim, há um risco — admite Shalini. — E se eu fizer a matéria sem usar seu nome real?

— Pode ser — digo, em dúvida, ainda não totalmente concordando com a ideia.

— Que nome devo usar para você?

— Que tal Nisha?

— Parece bom. Mas por que Nisha?

— Você não percebe? É um anagrama perfeito para Sinha!

Dois dias depois, recebo uma ligação de Rana.

— O sr. Acharya quer ver você hoje. Venha ao escritório às seis. Não se atrase.

Um nó de apreensão forma-se dentro de mim. Fico tão perturbada que nem consigo pensar em uma nova desculpa. Portanto, vou com a velha ao abordar Madan em seu cubículo de gerente:

— Senhor, minha mãe teve uma recaída. Preciso correr com ela para o hospital.

Madan joga as mãos para o alto, exasperado.

— Isto está ficando cansativo. Por que você não interna sua mãe de uma vez? Se você precisar sair mais cedo dia sim dia não, vou precisar interromper seu contrato.

— Olhe, farei horas extras semana que vem. Mas agora eu preciso ir.

Isso amolece um pouco o gerente e sua atitude ameaçadora se transforma em uma aceitação mal-humorada. Às cinco horas e quarenta e cinco minutos, estou a caminho de Kyoko Chambers outra vez.

Rana me encontra no lobby e Jennifer me acompanha até a sala de Acharya pontualmente às seis.

— Parabéns! — O homem de negócios me cumprimenta com um sorriso acolhedor.

— Parabéns por quê?

— Por passar no primeiro teste.

— Que teste?

— O teste da liderança.

— Não estou entendendo nada.

— Olhe isto. — Acharya pega um jornal sobre a mesa. É a edição de hoje do *Daily Times*. Ele cutuca o artigo de Shalini intitulado AMOR NOS TEMPOS DO KHAP. — Você viu este artigo?

Faço que sim com a cabeça.

— Sei que você é a heroína da história.

— Por que você acha isso? O artigo é sobre uma atendente de *call center* chamada Nisha.

— Não há necessidade de fingir para mim. O xerife que visitou você na delegacia de Chandangarh é filho de um velho conhecido meu. Ele me contou tudo. E eu também falei com Babli e Sunil.

— Como você sabe que fui para Chandangarh?

— Descobri no showroom. Veja bem, Sapna, não importa como eu sei. O que importa é que você passou no primeiro teste. Se quisesse, poderia ter largado tudo para trás, abandonado Babli para o seu destino. Mas você escolheu se responsabilizar por fazer o que era certo. Você decidiu lutar contra uma injustiça mesmo que as probabilidades estivessem se amontoando contra você. Pelas minhas contas, isso

qualifica você como uma líder.

— Eu não sabia que era um teste montado por você.

— Não por mim, pela vida. O que eu contei para você? Que a vida nos testa todos os dias, forçando-nos a fazer escolhas. Você fez as escolhas certas naquele vilarejo. Você demonstrou verdadeira liderança. — Ele deixa o jornal cair sobre seu colo e massageia a testa. — Liderança é a única competência que não se pode aprender na escola de administração. Um gerente é treinado para fazer as coisas da maneira certa; um líder *faz* as coisas certas. Não é uma questão de treinamento e preparação, mas, sim, de instinto e consciência.

— Olhe, sr. Acharya, só porque ajudei Babli não significa que eu me tornei uma grande líder. Sou apenas uma simples vendedora.

— Esse é precisamente o ponto. Um líder não precisa ser o mais esperto, o mais forte, o mais bonito. Eu preferiria ter um líder pouco inteligente como meu CEO do que um gênio trabalhador, porém, covarde. Pois liderança é o fator mais importante para um negócio ser bem-sucedido. É o líder que providencia a direção, que encoraja e inspira pessoas comuns a fazer tarefas extraordinárias. Para isso, o líder precisa dar o exemplo. Parafraseando Thomas Jefferson: em questões de estilo, um líder nada com a corrente; mas, em questões de princípio, ele permanece firme como uma rocha. Você permaneceu firme como uma rocha em Chandangarh. Não estou apenas orgulhoso de você, Sapna, estou orgulhoso de ser seu mentor.

Eu nunca ouvi tais palavras de elogio e apreciação fora da universidade. Elas me deixam intensamente constrangida.

— Bem... não sei o que dizer.

— Não diga nada, apenas faça. Continue a seguir sua consciência e você passará nos testes restantes com notas azuis.

Preciso lembrar a mim mesma de que tudo isso é um jogo para Acharya. Nem eu sou uma líder, nem ele é meu mentor. Ele é apenas um homem rico e entediado, usando-me como um brinquedo para sua diversão. E eu sou obrigada a brincar porque peguei duzentos mil dele. Portanto, olho para ele com um sorriso agradecido. Um sorriso de dois *lakh*.

À noite, conto os últimos acontecimentos para Karan em nosso ponto de encontro no jardim.

— Acharya disse que eu passei no primeiro teste. Agora, sou uma líder com certificado.

— Rá! — ele ri. — Ele pensa que somos idiotas com certificados. Ele não teve nada a ver com o que aconteceu no vilarejo e está tomando o crédito. Enfim, esqueça o Acharya. Estou orgulhoso de você pelo que fez por Babli e Sunil.

— Você acha que eles vão viver felizes para sempre?

— Não sei. Mas graças a você, eles ao menos vão viver.

Ele fita o horizonte. Há uma tensão curiosa em sua expressão; sua mandíbula está retesada. Então, ele liberta um quase sorriso.

— Na verdade, há um tipo de pessoa que vive feliz para sempre.

— E qual é?

— A que está morta.

O segundo teste:

Diamantes e ferrugem

São onze horas da manhã, sexta-feira, dia 31 de dezembro, o último dia do ano. Uma fila de um quilômetro e meio já se formou na frente do showroom. Em um país onde corriqueiramente quinhentas pessoas se reúnem para assistir a uma briga de rua, é normal que cinco mil apareçam para cobiçar uma celebridade.

Sim, hoje é o grande dia em que Priya Capoorr dá o ar da graça em nosso showroom como embaixadora da marca Sinotron TV.

Dois dias antes, uma mulher entrona chamada Rosie Mascarenhas, a RP da atriz, veio à loja para selecionar uma “acompanhante” para a srta. Capoorr. Os requisitos eram muito específicos.

— Precisa ser uma garota. Precisa falar em excelente inglês. E precisa possuir uma voz suave e boas maneiras.

As quatro vendedoras foram exibidas na frente dela, e ela me escolheu. Eu com certeza providenciarei o melhor contraste para a pele branca da srta. Capoorr, permitindo-lhe brilhar com mais intensidade. A mudança em meu status de “aeromoça” para “acompanhante” é profundamente irritante, mas a loja toda age como se eu tivesse ganhado na loteria.

— Então, você vai passar um tempo com uma estrela. Que sortuda, *yaar* — Prachi derrete-se. — Quem sabe, talvez ela até lhe ofereça um papelzinho em seu próximo filme.

Eu gosto de assistir a filmes em híndi, mas não sou uma grande fã de Priya Capoorr. Ela não tem talento de verdade; é apenas uma bonequinha de luxo cujo único motivo para a fama é ser a rebenta de uma das dinastias mais longevas de Bollywood. E essa adoração irracional de celebridades me deixa nauseada. Eu não invejo celebridades; tenho pena delas. São seres humanos anormais, palhaços tristes dançando para entreter os outros, condenados a viver a vida em aquários, cobiçados por suas legiões de fãs.

Os fãs são ainda mais patéticos. Esses bobos insípidos, fascinados pelo estrelato, que seguem cegamente as celebridades, seduzidos pela intimidade falsa de seus *tweets*, precisam fazer exame de cabeça. A Swati, balconista da loja, por exemplo. Ela diz que se sente mais próxima de Priya Capoorr do que da própria mãe!

A maioria das celebridades é tão insegura que leva a superstição a outro nível. A própria Priya Capoorr é o exemplo perfeito. Seu nome de nascença é Priyanka. Quando seu filme de estreia fracassou, ela abreviou o nome, seguindo o conselho de um astrólogo. Depois, mudou o sobrenome de Kapoor para Capoor. E, por fim, por sugestão do numerólogo, adicionou o segundo “r”, para que a pronúncia se assemelhasse ao ronronar dos gatos. E isso não é tudo. Se os rumores dos bastidores são verdade, ela já fez mais cirurgias plásticas do que Pamela Anderson: enchendo os lábios de colágeno, aumentando o

tamanho do busto e consertando o nariz. Como resultado, ela parece uma Barbie de plástico bizarra, mais velha do que seus vinte e seis anos. Apesar disso, ela conseguiu três supersucessos seguidos e está agora ranqueada entre as quatro principais heroínas de Bollywood.

Sua visita está agendada para o meio-dia; trabalhamos sem parar para deixar tudo pronto. A loja inteira foi decorada com bexigas e bandeirolas. Pôsteres de propaganda da Sinotron TV adornam todas as paredes. Um palco improvisado foi construído de um lado da principal sala de exposição, contra um pano de fundo gigante com o rosto da atriz. Hinos de dança de seus filmes de sucesso explodem dos alto-falantes, criando uma atmosfera de discoteca.

Onze e meia, a porta da frente é aberta e a multidão recebe permissão para entrar e se assentar. Segundos depois, todos os centímetros da sala principal, do foyer e dos corredores estão repletos de gente. A antecipação e o entusiasmo são palpáveis. “Priya! Priya! Priya” alguém começa a entoar. Logo, outros acompanham, levando a atmosfera ao nível febril.

Priya Capoorr chega elegantemente atrasada à uma e meia; uma hora e meia depois do agendado. Ela não vem só. Há todo um séquito com ela, consistindo de seis guarda-costas robustos, a RP, o maquiador e até uma cabeleireira. Ela chega pela entrada de trás, e é rapidamente levada ao escritório, que foi limpo e convertido em camarim. O dono, sr. Gulati, e seu filho, Raja, estão lá para dar as boas-vindas pessoalmente, junto com um homem que parece chinês chamado Robert Lee, o diretor de marketing da Sinotron Corporation.

Devo admitir que, na vida real, Priya é tão glamourosa quanto nos filmes, apenas um pouco mais baixa. O cabelo castanho-claro está penteado em cachos que emolduram o rosto oval e cascadeiam até os ombros em ondas macias, um pouco rebeldes. Anos estreitando os olhos, fazendo caretas, sorrindo timidamente e afetadamente para a câmera transformaram os cantos de seus olhos de corça em uma encarada cortante de predador, desconcertante e intensa. Vestida em uma camisa bufante branca e jaqueta marrom, complementada por jeans apertados, botas de couro e bolsa de mão Birkin, ela se comporta com a confiança arrogante de uma diva imperiosa que sabe exatamente seu valor. Raja Gulati quase fica de joelhos em sua tentativa de lhe entregar um buquê de rosas.

— Obrigada — ela diz sem emitir som, com o sorriso inexpressivo de uma mulher em uma festa da qual mal pode esperar para ir embora.

Minutos depois de sua chegada, a entrada do escritório fica congestionada por funcionários esticando o pescoço para dar uma espiadela na atriz. Estão extasiados, embriagados pela emoção de ver uma estrela do cinema em carne e osso. Normalmente, eu seria a última pessoa a ficar embasbacada pela ideia de estar na presença de uma celebridade, mas, vendo o modo como os outros estão agindo, percebo que não é difícil se deixar levar pelo drama da coisa toda.

Os guarda-costas por fim enxotam as pessoas do camarim, deixando Priya Capoorr apenas com sua RP, o maquiador, a cabeleireira e eu. Eles sentam ao redor da mesa. Fico de pé, deferente, nos fundos, pronta para oferecer chá, refrigerantes e sanduíches, todos à disposição.

— O torneio será em menos de quatro meses e você ainda não achou um time — escuto Priya falando para Rosie Mascarenhas.

Minhas orelhas ficam em pé. A Copa Mundial de Críquete é em menos de dois meses, desse modo, ela provavelmente está se referindo a Indian Premier League que começa em abril.

— Estou trabalhando nisto — diz a RP.

— Não ligo para o time, apenas quero ser vista na IPL.

A atriz não percebe minha presença enquanto o maquiador aplica pó em sua testa. Para ela, sou apenas parte da decoração. Testemunhá-la agindo como superior a mim (e a todos os outros, aliás) me enche com a mesma indignação ardente que senti no vilarejo Chandangarh. Havia um sistema de castas lá, mas há um sistema de castas no trabalho em Bollywood também. Um sistema que confere vantagem desmerecida para alguns poucos privilegiados — os filhos e filhas de estrelas do cinema ou produtores, que são carregados nos ombros até a fama e a fortuna, muitas vezes sem ter a aparência ou o talento. Pessoas como Priya Capoorr nascem em berço de ouro, destinadas ao sucesso mesmo antes de aprenderem a andar. Ela nunca teve de laborar como extra, dançando em formações geométricas na praia com um grupo de jovens com pouca roupa enquanto o mocinho e a mocinha saltitam no mar. Ela sabia que começaria a carreira como protagonista e inevitavelmente se tornaria uma estrela. Mas para cada Priya Capoorr há milhares de atores aspirantes que tentam sua sorte em Bombaim todos os dias, sem sucesso. Ninguém nunca saiu das fileiras de extras sem rosto para se tornar uma estrela famosa, com a possível exceção de Salim Ilyasi. E mesmo ele teve o músculo financeiro do industrial Ram Mohammad Thomas por trás.

Na verdade, Priya já teve um romance tórrido com Salim Ilyasi, o que detonou rumores de que os dois poderiam se casar em breve. Mas então ela encontrou mais verdes pastagens na forma de Rocky M., filho do bilionário barão do carvão, Laxman Mudaliar. Os dois estão firmes há dois anos, mas há indícios de que Rocky já tenha feito o pedido. Se for verdade, Priya não só garantiu seu presente, como astutamente assegurou seu futuro.

Assim que a maquiagem fica pronta, ela abre a bolsa Birkin e tira de lá um anel de diamante que coloca no dedo anular da mão esquerda. Vejo que está largo e não se ajusta bem ao dedo. Priya ajeita-o algumas vezes para que fique centralizado. Ela obviamente quer exibi-lo. E por que não? Eu nunca vi diamante deste tamanho. Deve ter, no mínimo, quatro quilates, provavelmente mais. Sob a dura luz fluorescente, ele cintila como uma estrela brilhante em um mar de ouro, sua radiância ofuscante cria um arco-íris de cores em meus olhos.

Rosie Mascarenhas levanta o dedo.

— Tem certeza de que quer usá-lo aqui?

— Sim — responde Priya. — Já passou da hora.

— As pessoas vão comentar. A mídia vai entrar em frenesi. Vão vir atrás de você como uma matilha de cães famintos que receberam um osso inesperado.

— Eu sei como lidar com cachorros.

— Não estou muito confortável com essa situação. Preferiria que fizéssemos uma exclusiva com a Filmfare sobre o noivado.

— Não quero mais discutir o assunto. Vou fazer do jeito que eu quero — ela diz, levantando a voz apenas o suficiente para a RP saber quem manda ali.

A cabeleireira, uma menina do nordeste do país com olhos pequenos e sofridos, gentilmente ajeita os cachos de Priya. A atriz dá uma última olhada no espelho levantado pelo maquiador e depois levanta da cadeira.

— O.k., vamos acabar logo com isso.

Quando ela está prestes a sair para a sala principal, Raja Gulati entra correndo e pede para que espere.

— Desculpe, senhora, mas estamos tendo algum tipo de problema em nosso sistema de som. Vai levar mais dez minutos para consertar.

Noto Priya ficando impaciente.

— Por que não deixaram um backup pronto? — ela resmunga.

Para passar o tempo, ela pega o BlackBerry e começa a digitar mensagens. Mas ela não está concentrada nisso. Pouco tempo depois, deixa a tarefa de lado, visivelmente entediada.

— Você está no Twitter? — pergunto a ela, apenas para quebrar o silêncio.

Ela levanta os olhos, como se me notasse pela primeira vez. Rosie me apresenta rapidamente.

— Está é Sapna, uma das vendedoras da loja.

Priya me analisa de cima a baixo, avaliando-me.

— Não, não estou no Twitter e nem quero estar no Twitter — ela responde, agitando as mãos teatralmente. — Veja bem, eu sou uma estrela, e uma estrela, por definição, deve ser misteriosa e distante. Muita familiaridade acaba com a mística. Uma marca de sucesso deve ser única e exclusiva. E eu sou uma marca agora, não sou?

É uma pergunta retórica; ela não espera que eu responda. Eu respondo mesmo assim:

— Salim Ilyasi diz a mesma coisa na nova biografia sobre ele. Você leu?

— Eu não leio — ela afirma. — Mal tenho tempo, e, para ser bem honesta, livros me entediam. Por que perder uma semana lendo um livro, se você pode assistir à versão cinematográfica em duas horas? E hoje em dia nós fazemos muitos filmes baseados em livros.

— O que você achou de *Quem quer ser um milionário*?

— Achei bem bom. Mas, só porque um homem branco fez o filme, nosso povo ficou com ciúme.

Mesmo ao fazer essas revelações incautas, seu rosto não se suaviza nem um pouco. Ela está apenas sendo benevolente para comigo, sem um convite para a aproximação.

— Qual foi o último filme meu que você viu? — de repente, ela pergunta.

Penso a respeito. O último filme de Priya que vi foi *Murder in Mumbai* e foi execrável. Eu não consegui assistir até o fim.

— Foi *City of Dust* — minto.

Ela levanta as sobrancelhas perfeitamente delineadas.

— Esse saiu há dois anos.

— Sim, mas eu vi na TV a cabo há dois dias.

— E o que achou?

— Foi bom, bastante bom. Você tentou um papel bem não glamouroso dessa vez.

Ela assente, ficando mais animada.

— Sim. Foi um verdadeiro desafio interpretar uma simples aldeã, mas eu dei conta. Quase ganhei o National Award por ele.

— Devo admitir que fiquei um pouco confusa com o final.

Seu olhar frio avisa que estou navegando águas desconhecidas.

— E o que exatamente você não entendeu sobre o final? — ela pergunta, gelada.

— Bem, quase todo o filme é uma crítica sensível e pós-moderna da cultura materialista, mas perto do fim surge um número de dança exagerado com você em calças saruel. Achei um pouco nada a ver, só isso.

Ela me olha, sardônica.

— Você não entendeu mesmo, não é?

Fito-a inexpressivamente.

— Você disse que assistiu há dois dias, certo?

Faço que sim com a cabeça.

— Recomendo que pense a respeito por mais cinco dias.

— Perdão?

— Veja, esse filme foi feito para as elites, não para as massas. Pessoas como você precisam analisá-lo por ao menos uma semana para entendê-lo completamente. É o tempo que a luz dentro de seu cérebro geralmente demora a acender.

Um surto de raiva explode dentro de mim.

— Pessoas como você...

A frase me irrita como um insulto ofensivo que não pode ficar sem resposta. Mas Rosie Mascarenhas já me encara em sobreaviso para que fique quieta.

— Por que não nos serve um chá? — ela interpõe.

— Sim, chá seria bom — concorda Priya, apoiando a ideia, colocando-me em meu lugar ainda com mais firmeza, dizendo que ela é a celebridade, e eu sou uma reles criada. Pessoas como eu servem chá, e pessoas como ela bebem-no. Passo-lhe a xícara, com autopiedade exsudando de cada poro de meu ser.

Ela não se digna a dirigir outra palavra para mim depois daquilo. Em todo caso, o sistema de áudio logo fica pronto, e ela vai para o salão. Sigo-a, observando das fileiras de trás.

Ela apresenta uma performance consumada, abrindo com um discurso ensaiado sobre as características superiores das TVs Sinotron, desfilando em frente às unidades topo de linha e posando para fotógrafos.

Quando a sessão de perguntas começa, os repórteres pouco se importam com a hospitalidade da Sinotron. Eles não têm interesse em TVs de plasma ou painéis de LED. Seus olhos estão fixos no dedo anular de Priya, e só há uma questão em seus lábios:

— É um anel de noivado?

— Sim, é — responde Priya, orgulhosamente exibindo o acessório sob um coro de gemidos e suspiros dos membros masculinos da audiência e olhares hipnotizados das mulheres.

— Quantos quilates?

Ela levanta cinco dedos, provocando *oohs* e *ahs* por toda parte.

— Quando você vai casar com Rocky M.?

— Não temos pressa. Com certeza, não nos próximos dois anos.

— Quanta custa o anel?

— Não tem preço.

Com um floreio final, ela termina a sessão, deixando repórteres e público embasbacados. Fico deslumbrada com sua perspicácia para os negócios, como ela foi capaz de extrair acres de cobertura para a marca Priya Capoorr em um lançamento chato de produto.

Quando ela volta ao camarim, traz o sorriso satisfeito de uma mulher que conseguiu o que queria.

— Então, o que você vai fazer na virada do Ano-Novo? — ela me pergunta, talvez para compensar as palavras duras de antes.

— Nada — respondo. — Para mim, 31 de dezembro é um dia como outro qualquer.

— Bem, mas não é — ela rebate. — É o fim de um ano e o começo de outro. Um novo ano enterra o velho e conduz novos sonhos, novas esperanças e novas aspirações — ela diz com sinceridade tão alegre e desinibida que soa como um diálogo de um de seus filmes.

Tenho vontade de lhe dizer que um novo ano não enterra os detritos do anterior. A mesma lenta iteração de nossas dores permanentes e velhos arrependimentos continuará no novo ano. Em vez disso, pergunto:

— E o que o *você* vai fazer hoje à noite?

— Ah, o Rocky está organizando uma festança no Regency, e eu vou festejar a noite toda. Na verdade, você é bem-vinda. Apareça por volta de onze e meia. Você vai ver como a outra metade festeja.

Parece uma daquelas ofertas impulsivas da qual ela já deve estar se arrependendo. Rosie Mascarenhas fica suficientemente alarmada e começa a ter um ataque de tosse. De todo modo, eu não tenho intenção de sofrer outro round do paternalismo e condescendência da outra metade.

— Obrigada pelo convite. — Sorrio para a atriz. — Mas acabei de lembrar que prometi a uma amiga americana que iria a sua festa de Ano-Novo em Mehrauli.

Àquela altura, Rosie e a equipe já recolheram tudo que podiam ter deixado para trás. A RP olha em volta do camarim para a última checada antes de anunciar:

— Acho que estamos prontos para ir.

Priya continua a me encarar, como se eu fosse um novo brinquedinho do qual ela não quer se separar.

— Você não quer um autógrafo antes que eu vá?

A pergunta é tão inesperada que sou pega de surpresa.

— Claro — murmuro.

— Onde está seu caderno de autógrafos?

Eu não tenho um caderno de autógrafos. Eu nem tenho nada que possa *fingir* ser meu caderno de autógrafos. Meus olhos viajam pelo camarim em pânico; minha mente em comoção confusa. Vejo apenas livros-caixa grossos preenchendo as prateleiras, arranjados por ano. E então noto um volume fino sobre a última prateleira. Pego e tiro o pó da capa. É um álbum de fotografia vazio, suas páginas grossas espiraladas e com coberturas de plástico fosco. Perfeito!

Retiro a cobertura de plástico de uma página central e coloco o álbum diante de Priya que já está postada com a caneta. “Para Sapna, com amor, Priya Capoorr”, ela rabisca na página com uma garatuja expansiva. Neste instante, há uma comoção na porta. Viro-me e vejo um fã tentando entrar no camarim. Há uma pequena briga com os guarda-costas, mas nada sério.

Priya fecha o álbum e me devolve.

— Aqui, melhor guardar em um lugar seguro.

Vejo Raja Gulati entrando na sala e deposito o álbum rapidamente de volta à prateleira de cima.

— Obrigado, Priya *ji*, você foi incrível — ele diz, liso como um showman oleoso.

Desta vez, Priya não sorri. Mal se dá conta da presença dele ao entrar na sua limusine. Com um educado mas desdenhoso aceno, ela levanta a janela escura e o carro acelera.

— Achava que janelas com insulfilm fossem proibidas em Delhi — digo para Raja Gulati.

— Para você e para mim — ele responde, ainda fitando a esquina onde o veículo desapareceu. — Não para as superestrelas como a que acabou de ver.

Volto para a loja, apenas para ser atacada como se fosse uma estrela do rock pelas outras vendedoras.

— Conte: sobre o que você conversou com Priya? — pergunta uma Prachi sem fôlego.

— Rocky M. telefonou? — Neelam cutuca meu braço.

— Ela deu alguma dica de maquiagem? — Jyoti quer saber.

A loja toda deleita-se sob o brilho refletido da visita de uma celebridade, mas a euforia dura apenas uma hora. Às três da tarde, a atriz volta a Gulati & Sons, raivosa e consternada.

Acontece que ela não consegue achar o anel de noivado de cinco quilates. Escorregou do dedo dela e ela tem certeza de que deve ter caído em algum lugar na loja. Ela nos instrui a expulsar os consumidores e baixar a persiana. Então, pela hora seguinte, nos obriga a esquadriñar cada centímetro da loja. Procuramos embaixo do assoalho, embaixo de mesas e cadeiras, atrás de TVs e máquinas de lavar, nas cubas dos banheiros e latas de lixo, mas não achamos o anel perdido.

A polícia é convocada, liderada pelo mesmo Inspetor Goswami, que lidou com nosso antigo caixa, o Choubey.

— Está óbvio para mim que um de vocês tem o anel — ele declara ominosamente, andando pela loja, investigando nossos rostos como se estivéssemos na delegacia para identificação. — Não é tarde demais para confessar — ele continua, a voz tomando um tom paciente de pai admoestador dividindo sua importante sabedoria. — A senhorita Capoorr não vai prestar queixa se você devolver o anel.

Deparando-se com uma parede de silêncio, ele volta-se para a atriz:

— Priya *ji*, você suspeita de alguém em particular?

Priya também escanea o círculo de funcionários, olhos frios e duros. Quando chega em mim, ela faz uma pausa, tentando ler meu rosto. Meu coração bate tão rápido que tenho certeza de que todos podem ouvi-lo em bom som. Depois, levantando o dedo manicurado para mim.

— Esta é a garota que passou a maior parte do tempo comigo. Tenho certeza de que ela sabe onde está meu anel. Chequem a bolsa dela!

Fico boquiaberta, o queixo pendurado em descrença. Um policial movimenta-se para pegar minha

Nine West de minhas mãos. Estou chocada demais para protestar. Além disso, um protesto seria uma admissão tácita de culpa. Por isso, permito que o policial abra minha bolsa e a vire de ponta-cabeça sobre a mesa, espalhando seu conteúdo. Observo em suspense agonizante enquanto ele fuça em minhas coisas, como um agente alfandegário inspecionando a bagagem de um contrabandista. Desnecessário dizer que o anel não é encontrado entre chaves, cartões, cliques, lenços, tíquetes usados, recibos, hidratante labial, spray de pimenta e celular que caem para fora.

Priya ainda não terminou.

— Revistem-na — ela ordena, como se ela fosse a inspetora.

Ela está exercitando a mais óbvia prerrogativa de celebridade: poder. Mesmo antes de eu conseguir emitir uma palavra, sou arrebanhada para o banheiro feminino por uma policial com braços tatuados que manda eu tirar a roupa.

— O quê?

— Você ouviu: tire as roupas — ela rosna, empurrando-me bruscamente contra a parede, seu hálito quente em meu rosto.

Ela está exercitando a mais óbvia prerrogativa do poder: direito de se comportar mal.

— Tire suas mãos de mim. Não vou tirar a roupa de jeito nenhum. Você não pode me obrigar.

— Eu posso obrigar você a comer merda, entendeu?

De repente, ela me puxa pelo cabelo e empurra minha cabeça na direção da privada, a poucos centímetros da água. Uma onda de puro terror me arrebatou, convencendo-me de sua força bruta, acovardando-me para a submissão.

Os momentos seguintes são os mais humilhantes da minha vida enquanto a policial arranca minha camisa e minha saia e enfia os dedos e cutuca dentro de meu sutiã e calcinha. Fecho os olhos e desejo que a terra abra e me engula.

Dois minutos depois, saio do banheiro, com meu orgulho em frangalhos, mas minha probidade ainda intacta.

— Ela não está com o anel — suspira a policial.

A atriz está inconsolável.

— Aquele anel vale dois *crores*, dois milhões de rúpias! Se não for encontrado, meu noivo vai me matar. Procurem até achar.

— Nós vamos, senhora, nós vamos. — A garantia reconfortante de Raja Gulati é tão solene quanto falsa.

Assim que a atriz vai embora, as persianas são reabertas e a loja retoma seu funcionamento normal, mas, para mim, tudo mudou. Os relanceios dos outros funcionários, variando entre pena e zombaria, são simplesmente insuportáveis. No espaço de poucas horas, passei de estrela do rock para suspeita de roubo.

Pouco antes do fechamento, Prachi e Neelam agrupam-se à minha volta.

— O que aconteceu com você, *yaar*, não foi legal — diz Prachi, tentando apaziguar meus sentimentos feridos. — Essas estrelas do cinema mimadas acham que podem acusar qualquer um do que quiserem.

— Eu nunca mais vou ver um filme dela — declara Neelam. — E se algum dia eu tiver a oportunidade, vou arrancar fora os olhos daquela biscate.

— Não vamos ser hipócritas, Neelam — interrompe Prachi. — Você diz isso hoje, mas aposto que se encontrar Priya amanhã, não vai arrancar os olhos dela, vai pedir um autógrafo.

Neste instante, lembro-me do autógrafo de Priya. Na tumultuosa decorrência do desaparecimento do anel, tinha me esquecido completamente dele.

Quando ninguém está olhando, volto para o escritório e pego o álbum da prateleira. “Para Sapna, com amor.” A inscrição queima minha consciência como se fosse um ferro de marcar. É uma insígnia da humilhação. Com bile subindo pela garganta, arranco a página e rasgo em pedacinhos, que depois jogo na lixeira mais próxima.

Quando estou prestes a fechar o álbum, ouço um som metálico. Intrigada, examino o volume novamente e recuo, horrorizada. Alojado no estreito espaço entre duas espirais de metal, está o anel de cinco quilates de Priya. Como escorregou do dedo dela e foi parar na lombada do álbum eu não tenho ideia. Há uma chance de provavelmente um em um bilhão de isso acontecer, mas aconteceu, de fato.

Enquanto luto para entender a nova situação, minha mente rapidamente analisa as opções disponíveis para mim. Primeira: posso deixar o anel no álbum e fingir que nunca achei. Segunda: posso levar o anel para Raja Gulati, contar o que aconteceu e pedir para que devolva a Priya. O problema das duas é que não me absolvem completamente da culpa presumida. Sempre haverá dúvidas rondando a mente das pessoas que vão achar que escondi o anel no álbum e amarelei no último minuto.

É quando a terceira opção surge: eu poderia levar o anel pessoalmente para Priya, contar como o achei e encerrar este terrível capítulo.

Antes mesmo de raciocinar sobre o assunto, ouço passos que se aproximam. Quase instintivamente, guardo o anel no bolso assim que Madan irrompe na sala.

— O que você está fazendo aqui? — ele late.

— Nada. Apenas vim ver se deixei minha caneta aqui.

— Não vejo nenhuma caneta dando sopa.

— Devo ter esquecido em outro lugar, então — digo e saio rapidamente; meu coração batendo com força.

Sentada no metrô, minhas bochechas ainda queimam de vergonha. Minha mente repete a cena no banheiro incessantemente, até que me distraio com o anel. Giro em meus dedos, fascinada por suas facetas brilhantes. É um solitário redondo que parece pulsar com energia secreta, irradiando fogo. Priya estimou-o em dois *chores*. O absurdo valor do objeto faz minha boca secar. Eu teria de trabalhar cem anos para receber o equivalente. Olho furtivamente para a direita e para a esquerda. O vagão está praticamente deserto, a multidão da festa de Ano-Novo ainda não apareceu. Com mãos trêmulas, coloco o anel em meu dedo do meio. Cabe perfeitamente. Admiro por um momento, depois, me sentindo como um ladrão flagrado na calada da noite, tiro o acessório rapidamente e o coloco de volta em minha bolsa.

No apartamento, estou inquieta, consumida pela energia nervosa. Neha já saiu para celebrar com os amigos da faculdade; Ma está reclinada na cama, encarando o teto sem expressão. Ela se retraiu tanto no lamaçal de sua dor que nem percebe que é fim de ano. Sinto uma pontada de dor ao deixá-la sozinha, mas me troco e saio rapidamente do apartamento às dez da noite.

Pego o metrô em Dhaula Kuan. É uma rota complicada, requer que eu faça três baldeações. Em Dhaula Kuan, pego um auto até Bhikaji Cama Place, onde o Grand Regency é localizado.

O porteiro olha com cautela para meus jeans e suéter cinza desafiadoramente fora de moda quando entro no hotel. Levo um momento admirando o esplendor lustrado do lobby antes de caminhar até a recepção. A recepcionista trata-me com frieza nítida. Vejo em seus olhos a mesma condescendência que as vendedoras da loja reservam para quem só olha vitrine. Talvez ela tenha concluído pelas minhas roupas e ar de desajeitada falta de familiaridade que eu não sou alguém que almoça semanalmente no Polo Lounge do hotel.

— Vim ver a srta. Priya Capoorr — anuncio, esperando impressioná-la.

— Desculpe, senhora — ela responde de imediato. — Não temos hóspede com esse nome.

— Eu quis dizer a atriz de cinema.

— Idem.

— Talvez você não tenha entendido. A srta. Capoor me convidou pessoalmente para a festa que o namorado dela está dando hoje.

— Eu disse que ela não está hospedada aqui. Mas, se quiser, pode tentar o Salão de Baile no andar de baixo, senhora.

Ao chegar no foyer do salão, sou parada por uma atendente ainda mais inoportuna. Ela move o dedo sobre uma lista impressa de convidados sobre a mesa e balança a cabeça.

— Me desculpe, seu nome não está na lista.

— Veja, você pode perguntar a Rosie Mascarenhas. Priya me convidou pessoalmente. Se você permitir minha entrada por um segundo, vou esclarecer tudo.

Ela me olha com o punho pressionando contra o queixo, como se pudesse ver através de mim.

— Desculpe, este é um evento particular, com entrada mediante convite apenas. Sem um convite, não posso permitir sua entrada.

— O.k., você pode ao menos mandar um recado para ela, dizer que Sapna Sinha está esperando aqui fora?

— Não posso fazer isso e não posso permitir que espere aqui. Sugiro que saia agora ou vou chamar a segurança.

É impossível argumentar com ela. E eu não tenho como falar com Priya. A parede da inacessibilidade erigiu-se em volta da atriz de modo que não pode ser violada. Depois de quinze minutos de esforço inútil, saio correndo do hotel, frustrada e irritada. Pego o primeiro autorriquixá disponível e digo ao motorista para me levar direto para a casa de Lauren, em Mehrauli. Idealmente, eu deveria ter voltado para Dhaula Kuan e pegado o metrô, mas ainda estou sofrendo pelo desrespeito da recepcionista. E quando você tem um diamante de dois *crore* no bolso, não pensa duas vezes antes de se dar ao luxo de uma viagem de táxi

de cem rúpias.

Neste momento, preciso do bálsamo da amizade, e ninguém pode providenciá-lo de melhor maneira que Lauren. Em apenas um ano e meio, ela tornou-se uma estimada parte de minha vida. Nosso laço foi forjado no caldeirão da tragédia. Foi ela quem testemunhou o acidente de Papa e o levou ao hospital.

Quando chegamos a Nova Delhi, em março de 2009, Papa alugou um pequeno apartamento em RK Puram, e tentamos construir uma nova vida no núcleo da zona sul. Matriculei-me no mestrado em inglês na Universidade de Jawaharlal Nehru, e Neha no bacharelado na Kamala Nehru. Por um tempo, parecia que eu tinha tido sucesso em superar o suplício do passado, mas foi uma ilusão. Papa não era mais o mesmo. A bazófia e a arrogância não estavam mais lá. Ele tinha se tornado uma massa trêmula de arrependimento e autopiedade. Na verdade, dentro de um mês após nossa mudança para Delhi, a mão direita dele, a qual tinha usado para bater em Alka, desenvolveu uma forma leve de paralisia. Ele conseguiu um emprego como professor de matemática em uma escola de Vasant Kunj, mas não era mais capaz de lecionar. A culpa o esvaziara por dentro. Ele agia como um sonâmbulo. E morreu da única maneira que um sonâmbulo pode morrer: atropelado em um acidente estúpido, no qual o motorista não prestou socorro.

Delhi tem mais carros que Bombaim, Kolkata e Chennai somadas, o que significa que há mais chance de um acidente nas ruas de Delhi do que em qualquer outra cidade na Índia. Se um ônibus Blue Line não pegar você, uma BMW com certeza pegará. Meu pai foi morto por um caminhão em alta velocidade bem na frente do parque Deer, no sul da cidade, por volta da meia-noite, dia oito de junho de 2009. Ele tentava atravessar a rua quando um caminhão o derrubou e passou por cima. O que ele estava fazendo no parque, tão longe de casa, tão tarde da noite, não fomos capazes de descobrir até hoje. E nem o motorista assassino jamais foi pego.

Por acaso, Lauren saía de carro do Indian Institute of Technology quase na mesma hora, pois seu então namorado lecionava no Departamento de Engenharia Química. Ela viu Papa no chão da rua deitado sobre uma poça de sangue. Vários carros passavam pelo cruzamento cheio, mas nenhum parou para ajudar. Foi Lauren quem colocou nosso pai, sangrando profusamente, em seu Maruti 800 e o levou para a ala de emergência do hospital Moolchand. Aparentemente, Papa esteve consciente por um tempo, mas a única coisa que Lauren o ouviu balbuciando foi algo que soava como “*hiran*”, “cervo” em híndi. Talvez ele estivesse tentando esclarecer o que estava fazendo no parque Deer, pois “*deer*” é cervo em inglês. Ele ficou na UTI por três dias, mas não retomou a consciência. Em doze de junho, faleceu.

A morte de Alka tinha nos devastado psicologicamente; a morte de Papa nos devastou financeiramente também. Ele era o arrimo da família. Com sua morte, o encargo ficou para mim, a filha mais velha. Isso mudou completamente a trajetória de minha vida. Tive de largar os estudos e procurar um emprego.

Apesar de Papa desejar que eu me tornasse funcionária pública, meu sonho de infância sempre foi ser escritora. Por isso, candidatei-me ao posto de assistente editorial em uma importante editora. Para minha surpresa, consegui o emprego. O editor ficou mais impressionado com minha coleção de poesia amadora

do que com meu diploma de primeira da turma em literatura inglesa. Mas o pagamento oferecido eram meros nove mil, ainda menos do que um peão governamental ganha hoje em dia. Relutantemente, tive de colocar o holerite na frente da paixão.

Depois de uma série de empregos temporários, finalmente consegui algo mais permanente na Gulati & Sons. De aspirante à escritora virei vendedora. Foi penoso fazer a transição de Tennyson para televisões, de Fitzgerald para refrigerador. Mas o plano era usar esse emprego como quebra-galho até achar algo melhor, mais adequado aos meus gostos. Faz mais de um ano agora e ainda não achei algo melhor.

Lauren é a única pessoa com que posso discutir literatura e poesia. Pós-graduada em Vassar, ela tem sagacidade intelectual e paixão pelas artes. Sempre que a encontro para um café e trocamos ideias e recomendações de livros, a diferença de catorze anos entre nós simplesmente desaparece. Ela diz que, como Colombo com a América, ela veio para a Índia por engano.

— Para minha tese de Ph.D., tive a oportunidade de fazer um estudo de campo subvencionado — ela me contou. — Escolhi estudar em Nepal, mas o bilhete da passagem de avião era via Índia. Inicialmente, planejei ficar em trânsito por apenas dois dias. Estou aqui há quinze anos. E não acho que algum dia voltarei. Fiquei completamente apaixonada por este país incrível, que apenas adiciona, nunca subtrai.

A casa em que Lauren mora é tão interessante quanto ela. Localizada próximo a Qutub Minar, é uma *haveli* antiga, meio caindo aos pedaços, que foi residência do Nawab de algum principado. Embora o gesso esteja despencando, o mobiliário seja antiquado, manchado e arranhado, os carpetes tão puídos que é possível ver as tábuas do assoalho, o lugar tem personalidade. O magnífico candelabro de cristal e o teto elevado atestam seu passado esplendoroso. E Lauren decorou o jardim da entrada e cobriu o pátio pavimentado com buganvílias e jasmims para criar um ambiente receptivo e acolhedor. É um porto seguro para todos que entram o portão treliçado, especialmente os sem-teto e crianças abusadas, que são o foco principal do RMT Asha Foundation, a instituição de caridade de Lauren, fundada há oito anos com fundos provenientes do industrial bilionário Ram Mohammad Thomas, ele próprio um ex-menino de rua. Hoje em dia, a Foundation ajuda mais de mil crianças, providenciando abrigo, educação e um ambiente amoroso onde podem crescer com dignidade e orgulho. Acima de tudo, infundindo esperança — *asha*.

Apesar de ser a anfitriã de uma festa de Ano-Novo, Lauren está vestida do seu jeito prático de sempre. O cabelo loiro-escuro está preso severamente para trás. Ela veste um xale *phulkari* sobre o *kurti* branco e calça jeans, além do chinelo *kolhapuri*, sua marca registrada. Seus exuberantes olhos cor de avelã acendem-se ao me ver. Ela me cumprimenta nos degraus do pátio com um abraço acolhedor e um beijo em cada bochecha.

Dentro da espaçosa sala de visita, uma lareira crepita e há um barril de chope. Aproximadamente quarenta convidados, a maioria indianos, com algumas pitadas de estrangeiros. As mulheres usam grandes *bindis*; os homens, barbas desgrenhadas. Todos estão uniformizados em *kurtas* de algodão Fabindia, jeans lavado e bolsas de tecido atravessadas. Pertencem ao que se chama *jholawala* ou pessoal da ONG. São os defensores apaixonados em encontros sobre o ambiente, a presença vivaz em fóruns sobre desenvolvimento social, os audaciosos tagarelas em conferências da imprensa oficial e os protestadores carregando placas em cúpulas mundiais.

— Este é James Atlee — diz Lauren, apresentando-me ao alto inglês com cabelo loiro bagunçado e impressionantes olhos azuis.

Pelo modo como James desliza o braço com propriedade ao redor da cintura dela, concluo que ele é o atual namorado. Tenho inveja do modo como mulheres ocidentais encontram o amor com tanta facilidade. James é o terceiro namorado de Lauren em um ano e meio, prova de que também deixam de amar com igual facilidade.

— Então, você também está tentando salvar o mundo? — pergunto a ele.

— Isso é especialidade da Lauren. — Ele sorri. — Estou apenas tentando salvar umas empresas.

— Ou seja?

— Ou seja, sou consultor de marcas.

— Nunca conheci um consultor de marcas antes.

— Somos os caras que ajudam organizações a construir, administrar, mudar ou reavivar a imagem da marca. Em termos comuns: ajudamos a companhia a criar uma identidade única, às vezes até seu nome e logo.

Meneio a cabeça em concordância impressionada.

— E onde você trabalha? Londres?

— Antigamente, sim, mas agora vivo em Nova Delhi. Tenho um contrato de um ano com a Indus Mobile, ajudando a redesenhar a imagem corporativa deles. Estão cheios de grana e planejam uma expansão enorme.

— Oh, um amigo meu trabalha na Indus. Karan Kant. Você conhece?

— O que ele faz?

— É atendente do *call center*.

— Nesse caso, não o conheceria. Lido apenas com a alta administração. Com o sr. Swapan Karak, o dono, em particular.

Depois de bater papo com James, vou falar com outros convidados. Um homem barbudo e de óculos me aborda, abanando uma brochura da Asha Foundation na minha cara.

— Você também trabalha para Karen?

— Não. Ela é uma amiga.

— Então, conte-me: como ela é capaz de pagar por este lugar magnífico?

— Perdão?

— De acordo com esta brochura, ela é administradora da fundação. Mas a primeira regra para esse cargo é que ela não pode tirar benefícios do fundo. Sinto o fedor da corrupção vindo da Foundation.

E o hálito dele fede a uísque demais. Peço licença educadamente e saio de perto dele. Posso tolerar um bêbado, mas não um ingrato abusando da hospitalidade da casa.

Jogo conversa fora com um casal, mas estou apenas indo com a maré. Não tenho nada em comum com essas pessoas. E bater papo me entedia. Além disso, algo me deixa desconfortável. Eu sei que é o anel escondido em minha bolsa.

— Não me sinto bem — digo, me desculpando com Lauren. — Talvez eu deva ir para casa. Você pode

me chamar um táxi?

Ela é compreensiva, como sempre.

— Não aconselho pegar um táxi a esta hora da noite. Vou pedir para Shantanu levar você.

Shantanu é o devoto chofer de Lauren, que está com ela nos últimos oito anos. Ele é um homem nos quarenta, magricela, que me leva no velho Maruti 800 de Lauren, da safra de 1999. Ao passar pelo Hauz Khas, o céu de repente ilumina-se com fogos de artifício, significando que a meia-noite chegou.

— Feliz Ano-Novo, senhora! — exclama Shantanu, olhando pelo retrovisor.

— Para você também. Que todos os seus sonhos se realizem no novo ano.

— Não desperdice seus desejos em mim. Parei de sonhar sonhos.

— Por quê?

— Se mantiver um sonho por muito tempo, ele enferruja. E nada é mais perigoso que sonhos enferrujados. Eles envenenam o coração.

— Qual era seu sonho?

— Ter minha própria oficina. Mas nunca vai acontecer. Nunca vou ter dinheiro suficiente. A oficina está enferrujada. Como meu cérebro. — A voz dele para na garganta, engasgada pelo sumo amargo da decepção e da derrota.

Por um segundo, fico tentada a dar o anel de presente para Shantanu. Aqui e agora. Ele pode comprar dez oficinas com ele. Mas o alarme em minha mente diz “não! não! não!”, avisando-me que aquele anel não me pertence. E eu nunca aceitei o ditado “achado não é roubado”. Sou apenas a administradora temporária do anel. E a primeira regra para esse cargo é que não se pode tirar benefícios do fundo.

Sob a primeira luz dourada do novo ano, examino o anel outra vez. Como um feitiço definhado, não provoca nada em mim. Olho a fundo em suas facetas, mas continua sendo uma pedrinha brilhante. Fico tentada a mostrar o anel para Neha, que dorme em paz na cama, antes de jogar a ideia fora. É uma culpa secreta que não ousa dividir com ninguém, nem mesmo com Karan.

Vários planos impossíveis pipocam em meu cérebro. Posso jogar o anel no rio Yamuna, *à la* Titanic. Posso vendê-lo a um joalheiro suspeito e doar o lucro para a instituição de Lauren. Posso colocar escondido no bolso de Manda e enquadrá-lo por roubo. Tudo que sei é que não quero devolvê-lo a Priya Capoorr. A atriz perdeu o direito de tê-lo depois do modo como me tratou.

Rosie Mascarenhas liga para a loja quatro vezes ao longo do dia, inquirindo se localizamos o anel. Madan não consegue mais fingir:

— Não, senhora — ele informa —, não achamos e não acredito que iremos achar.

Na segunda, 3 de janeiro, faço algo audacioso. Uso o anel enquanto ando de metrô até o serviço. É um ato de rebeldia calculada. Giro meu punho, roo as unhas, balanço a mão, para que a multidão da hora do rush saiba que estou usando um enfeite de dois *crore*. Quero que percebam o tamanho e o brilho do diamante, ouvir seus *oohs* e *aahs*, mas não consigo reação alguma. Ninguém sequer presta atenção no diamante em meu dedo. É quando me toco: as pessoas não percebem que uso um diamante. Eles pensam

que é um anel barato de zircônia, o tipo que você compra no Janpath por poucas centenas de rúpias. Eles sabem que uma pessoa com um diamante real não anda de metrô. Um sorriso amargo surge em meus lábios diante da ironia de tudo. Mesmo se eu usar um diamante real vão achar que é falso. E mesmo se Priya Capoorr usar um diamante falso, vão achar que é real. Nunca enxergamos as coisas como elas realmente são. A beleza está nos olhos de quem vê, o valor está na mente de quem vê.

Rosie Mascarenhas liga outra vez nesse dia, mas bem desanimada. No meio da semana, ela desiste de vez. Para todos os efeitos, Priya está resignada com a perda do anel; é meu para sempre. Mas quanto mais o mantenho, mais me oprime. O diamante tornou-se uma criptonita minando minha força, me entristecendo. Sinto que chegou a hora de dizer adeus.

Dou um jeito de pegar o número de Rosie Mascarenhas da agenda de Madan e ligo para a RP em Bombaim.

— Acredito ter achado o anel.

— Não creio! — ela arqueja. — Vou voar para Delhi agora mesmo para pegá-lo.

— Você não. Entregarei apenas à sua chefe.

— Ora, isso não é...

— Ouça — interrompo-a —: ou Priya vem até minha casa amanhã, às sete da manhã, ou o anel vai parar dentro do Yamuna. A escolha é sua.

Quinze para as sete da manhã, 7 de janeiro, uma BMW preta para no portão da LIG Colony. Priya Capoorr chegou quinze minutos mais cedo. A maioria dos moradores ainda dorme, inclusive Neha. A atriz que entra em minha sala é bem diferente daquela que visitou a loja. Em vez da diva embonecada, vejo uma noiva angustiada, devastada pela perda. Veio sozinha, sem o maquiador, a cabeleireira e a RP. Está nervosa e agitada, roendo as unhas em expectativa, rolando o celular na mão ao se sentar no sofá. Parece que andou chorando: o rosto inchado, com manchas de lágrimas. O cabelo está uma bagunça. Parece óbvio que andou bebendo. Não é de estranhar que o porteiro nem a reconheceu.

— É verdade que você está com meu anel? — ela pergunta com a voz trêmula.

— Sim — respondo —, encontrei no mesmo dia em que visitou a loja, enfiado dentro do álbum que você autografou.

— Eu posso... posso vê-lo, por favor?

Exibo o anel e entrego para ela, que o examina, testa no dedo e assente, satisfeita.

— Sim, é meu anel. — Ela rapidamente o coloca no bolso e se levanta.

— Você não pode ficar mais um pouco?

— Não — ela responde, olhando em volta pela primeira vez.

Ao apreciar a pintura descascando e a decoração esmorecente, vejo o rosto dela vestir a mesma máscara de desprezo e repulsa que vi uma vez em um homem de negócios no metrô quando um bebê que arrotava vomitou sobre ele.

— Pelo menos para uma xícara de chá.

— Não tenho tempo. Vou pegar o primeiro voo de volta a Bombaim — ela diz e se dirige para a porta.

Em seguida, para e se vira: — Antes que eu vá, posso lhe perguntar algo?

— Claro.

— Por que você devolveu? É um anel muito caro. Você poderia ter ficado com ele, se quisesse.

— Eu não poderia. Não sou muito fã de diamantes.

— Então, por que levou tanto tempo para devolver? — ela questiona. — Você tem ideia de quanto me fez sofrer? — O tom agradecido sumiu. Ela retorna ao seu jeito malvado e mandão.

— O que fazer, senhora? — Suspirei. — Você sabe, em pessoas como nós, a luz demora uma semana para acender.

Uma semana depois, Acharya convida-me para ir a seu escritório outra vez. Para variar, ele é mais atencioso, marcando o encontro para uma e meia, de modo que posso ir durante o horário de almoço.

— Muito bem, Sapna! — ele exclama. — Fico feliz por ver que você passou no segundo teste. O teste da integridade.

— Integridade? Como?

— Por ter devolvido o anel a Priya Capoorr.

Minha cabeça gira. Não há como ele saber sobre a devolução do anel. Isso foi entre eu, a atriz e as paredes da sala de visita.

— Mas como você ficou sabendo sobre o anel?

— Tenho meus meios.

— Você anda me vigiando?

— Claro que não. Na verdade, é bem simples. Você sabe que o Grupo ABC também produz filmes. Priya Capoorr é a protagonista no último filme produzido por minha empresa. Ela mencionou a história do anel para o maquiador, que, por sua vez, contou ao diretor, que contou ao produtor, que me contou.

Não tenho como saber se ele diz a verdade ou se está apenas testando minha ingenuidade. De todo modo, decido agarrar-me aos fatos.

— Eu devia ter devolvido o anel logo no primeiro dia. Não foi bom guardá-lo por uma semana.

— Integridade é muito mais do que honestidade, Sapna. O verdadeiro teste de integridade é ser honesto quando ninguém mais está olhando. Você provou ter um sólido senso do certo e do errado. Lembre-se: um bom líder deve ter um caráter exemplar. Só assim ele ou ela pode inspirar confiança. Nada prejudica mais uma companhia do que a desonestidade de seus empregados. E se o CEO for velhaco, que os céus ajudem essa empresa.

Ele me chama ao seu lado.

— Venha cá. Olhe para a rua abaixo. O que você vê?

Fito as pessoas pela janela saliente. A rua Barakhamba está cheia.

— Vejo centenas de carros e pessoas.

— Sim. Daqui de cima, vemos suas cabeças, mas não vemos o que há dentro delas. — Ele suspira

como se tivesse acabado de passar por um suplício. — As pessoas tornaram-se adeptas a mascarar suas verdadeiras naturezas. Um charlatão experiente consegue facilmente passar pelo teste de integridade que realizamos em nossa triagem de trabalhadores, consegue até mesmo enganar o polígrafo.

— Então, como sabe que está contratando uma pessoa honesta?

— Esse é o maior desafio para um CEO. Não há software ou aparelho que seja capaz de revelar os verdadeiros sentimentos de uma pessoa com cem por cento de precisão. Sempre segui meus instintos, rodeando-me de pessoas que acredito serem confiáveis e leais. Mas, vez ou outra, falho.

— Como assim?

— Temos um espião no sistema. Alguém que anda vazando informações confidenciais para nossos concorrentes.

— Isso é terrível.

— Não se preocupe, uma hora acharemos o traidor. Não quero perder o sono por conta disso. Você precisa se preparar para o terceiro teste.

— Sobre o que será?

— Como eu vou saber? É a vida que dá as cartas, e você joga sua mão. Eu sou apenas o crupiê que anuncia o resultado. Adeus, por ora.

Mais tarde, seguro o braço de Karan e me inclino perto de sua orelha, cochichando de forma exageradamente conspiratória, como alguém prestes a contar um segredo importante:

— Há um traidor no Grupo ABC que vem passando informação confidencial para os rivais de Acharya.

— Arrá! — ele exclama. — A trama se adensa!

Estamos sentados em um dos bancos do jardim do lado do condomínio, envolvidos pelo frio da noite. Faz uma semana que não o via.

— Imagino por que ele contou uma coisa tão delicada.

— Vou contar o porquê. Porque tudo isso é um esquema para atrair você, fazer com que confie nele. Ele está jogando um jogo mental doentio e desleal com você.

— Eu sei disso também. Mas ele soou sincero, quase acreditei nele.

— Portanto, você tem de ficar ainda mais cautelosa. Acorde para as mentiras do inimigo, Sapna. Acorde antes que seja sugada pelo abismo.

— Estou acordada e alerta. Era você quem dormia quando Priya Capoorr visitou minha casa.

— O quê? Priya Capoorr esteve na LIG Colony?

— Sim, senhor. Pela primeira vez, fui capaz de colocar uma superestrela em seu devido lugar.

Narro o episódio com a atriz.

— Isso é incrível. Então, você realmente devolveu o diamante de dois *crore*, hein?

— Sim. Diamantes não são meu melhor amigo. Você é.

O terceiro teste:

Sonhos trancados

— Agora, repita depois de mim: C-O-L-D, *cold*, significa *thanda*, frio. T-A-L-L, *tall*, significa *lamba*, alto.

— C-O-L-D, *cold*, significa *thanda*. T-A-L-L, *tall*, significa *lamba* — os alunos repetem em coro antes de começarem a dar risadinhas.

É a aula de inglês de domingo sendo conduzida na sala de visita de nosso apartamento. Sentados em frente a mim estão Chunnu, Raju, Aarti e Suresh. Possuem idades entre dez e doze anos e moram na favela MCD Slum Colony. Chunnu é filho de Sohan Lal, jardineiro do Parque Japonês. O pai de Raju, Tilak Raj, é auxiliar de enfermagem no hospital público no Setor Dezesete. E Aarti e Suresh são filhos de Kalawati, uma mãe solteira que trabalha meio período como empregada em diversas casas na LIG Colony, mas não na nossa. Não podemos arcar com uma empregada com o salário que recebo.

Foi Kalawati que me aliciou para que eu me tornasse professora de inglês, seis meses antes.

— Aarti e Suresh frequentam a escola pública, mas lá eles ensinam tudo em híndi. A não ser que aprendam um pouco de inglês, como vão conseguir um emprego? — ela afligiu-se antes de apertar minhas mãos. — O futuro deles está em suas mãos, *didi*. Por favor, ajude-os.

Incapaz de resistir a seus apelos incessantes, concordei em dar aulas semanais de inglês a seus filhos. Logo, Raju e Chunnu juntaram-se a nós.

Eu gosto de ensinar a essas crianças. Eles podem não ter todas as oportunidades, mas têm ambição e motivação. Seus sonhos não foram corrompidos pelo destino e pela circunstância. Seus destinos não estão mais restritos pelo “pega pra capar” da casta e da classe. Há um lampejo em seus olhos e esperança em seus rostos, os quais vão levá-los a situações melhores na vida que a de seus pais.

Quando estou prestes a concluir a lição de hoje, meu celular toca. É Lauren.

— Sapna, querida, acabei de receber uma denúncia anônima sobre uma fábrica de cadeado ilegal funcionando na MCD Slum Colony, em Rohini. É perto de onde você mora?

— É. A comunidade fica quase no nosso quintal.

— Contaram que a fábrica emprega mais de vinte crianças em situações extremamente perigosas.

— Que horror!

— Não é? Ouça, quero que me faça um favor. Quero que faça umas perguntas discretas com o pessoal da MCD Colony para descobrir se a denúncia é genuína. Você pode fazer isso por mim? — Sua voz está desesperada, com um toque de súplica.

— Não se preocupe. Retorno hoje mesmo.

Guardo o telefone e me volto para as crianças:

— Há algum tipo de fábrica de cadeado na comunidade?

— Sim, *didi* — assente Suresh. — É do Anees Mirza.

— Quem é Anees Mirza?

— É um dom da máfia. A comunidade toda tem medo dele.

— Vocês podem me mostrar a fábrica?

Suresh começa a coçar a cabeça.

— Mamãe me deu ordens sérias de não chegar perto daquele lugar. Se ela me pegar...

— Eu levo você, *didi* — diz Chunnu. — É bem do lado de minha casa. Eles até me ofereceram um emprego, prometendo oitenta rúpias por dia, mas eu disse não. Prefiro ir para a escola.

— Muito bem, Chunnu.

Quando transmito a notícia para Lauren, ela fica imediatamente consternada.

— Precisamos resgatar essas crianças o quanto antes. Não posso esperar mais um minuto.

— Não devemos informar às autoridades?

— Apenas depois de ter checado o lugar eu mesma. Vou para Rohini agora. Você consegue arranjar um guia local?

— Ele está aqui comigo — digo.

Uma hora depois, Lauren e eu estamos seguindo Chunnu, que nos guia pelo labirinto de becos sujos da comunidade. É melhor do que outras favelas que já vi. Em vez de barracos temporários feitos de ferro ondulado, lona encerada, papelão e sacos de plástico, a maioria das casas é de tijolo e cimento, apesar de pequenas e lotadas. As ruas de fora são relativamente limpas, mas, conforme adentramos, o cheiro pútrido de refugo humano permeia todo o espaço. Notamos calhas cheias e lixo amontoado nas cestas. Uma nuvem de fumaça de querosene paira no ar, produzindo uma melancolia suja.

Chunnu nos leva passando por lanchonetes e vendedores de produtos básicos até chegarmos ao rio efluente que marca a fronteira norte da comunidade. As casas do outro lado do *nala* são maiores e melhores. Chunnu aponta para uma de dois andares pintada de amarelo-claro.

— A fábrica é ali. Mas não contem a ninguém que trouxe vocês aqui — ele diz e dispara para sua casa, um barraco de um só cômodo, na fronteira da favela.

Aproximo-me do edifício sem graça com passos hesitantes de uma desarmadora de bombas. Lauren, pelo contrário, está ávida para ir.

— O.k., este é o plano: estamos perdidas e procuramos informações sobre como chegar ao Delhi College of Engineering.

Ela bate na porta da frente e aguarda. Depois de uma espera desconfortável a porta de metal se abre e à nossa frente está um garotinho que parece ter dez anos, vestido em um colete sujo e shorts. Ele encara Lauren como se nunca tivesse visto uma mulher branca na vida.

— Olá, *munna*, posso falar com seu pai? — Lauren pergunta em híndi perfeito.

Por um momento, o menino permanece em silêncio chocado. Ele não esperava um estrangeiro, muito menos um falando em híndi.

— Anees Bhai saiu. Deve voltar em uma hora — ele responde.

— Então, vamos esperar por ele — diz Lauren e, sem aguardar a resposta, entra no prédio, me puxando.

Nunca vou me esquecer da visão que encontro. Há aproximadamente trinta crianças amontoadas em uma sala comprida, de teto baixo, sufocante. O chão é de cimento barato; as paredes estão imundas. Há apenas um par de lâmpadas fluorescentes fornecendo iluminação. Não há ventilação. Meus ouvidos são atacados por sons de metal sendo submetido a martelos e furadeiras barulhentas zunindo e bramindo ao fundo. Meus olhos começam a arder por conta da fumaça tóxica que rodopia no ar como cobras voadoras.

As crianças, todas entre as idades de oito e catorze, estão ocupadas em atividades diversas, variando entre o manejo de prensa manual até polimento, galvanização e pintura a jato. Nenhuma usa equipamento de segurança. Levantam os olhos brevemente quando Lauren e eu entramos, mas depois voltam ao que estavam fazendo. Não há adultos no local.

— É pior do que pensei — sussurra Lauren. — É uma fábrica operada inteiramente por trabalho infantil e escravo.

Ela pega o celular e começa a tirar fotos.

— Ei, o que está fazendo? — Um menino alto, que parece ser o líder, larga o jato de tinta e nos encara com beligerância.

— Relaxe — diz Lauren. — Não sou fiscal do trabalho.

— Nosso Chefe ordenou que não deixássemos ninguém tirar fotos.

— Isso não se aplica a nós.

— Quem são vocês? — ele questiona, observando-nos com suspeita.

— Somos importadores da América. E viemos conferir a qualidade dos cadeados antes de fecharmos a compra — Lauren diz sem hesitar, forçando-o a aceitar nossa presença cautelosamente.

— Qual é seu nome? — eu pergunto.

— Guddu — ele responde.

— Diga: até que horas vocês trabalham?

— Depende do Anees Bhai. Às vezes, até as oito da noite, outras, até dez.

— Faz quanto tempo que você trabalha aqui, Guddu?

— Cinco anos. Desde que Anees Bhai veio de Aligarh e abriu a fábrica. Virei expert em fazer cadeado e chave. Agora, consigo abrir qualquer cadeado em um minuto.

Observo os garotinhos manejando prensas manuais para cortar os diferentes componentes dos cadeados. Noto instantaneamente que muitas das crianças estão com os dedos enfaixados.

— Esses pobrezinhos perdem a ponta dos dedos por causa de acidentes provocados pela pura exaustão — explica Lauren, com olhos enevoados de lágrimas.

Fico ao lado de um menino trabalhando em uma máquina de polir cadeados. Ele está coberto por pó de esmeril, fazendo-o se assemelhar a um mineiro de carvão. Ao se curvar sobre a máquina rotativa, a quase vinte e cinco centímetros dos cilindros, vejo que ele inspira esse pó, o que provoca ataques periódicos de tosse. Mesmo eu tenho de tapar o nariz e a boca para evitar respirar aquela fina poeira de metal.

— Muitas dessas crianças vão desenvolver problemas respiratórios, como asma e tuberculose — Lauren aflige-se.

Outro garoto parece ter um tipo de erupção nas costas. Traço o dedo gentilmente pela pele dele e percebo que é uma treliça de vergões inflamados.

— O que foi isso? — pergunto.

Ele não responde, mas o menino ao lado dele fala em seu lugar:

— Radhua foi punido por Anees Bhai. O Chefe não gosta de meninos que cometem muitos erros, além disso, ele estava chegando atrasado ao trabalho.

Eu estremeço de repugnância.

— Esse homem é um monstro sádico — cochicho para Lauren. — Vamos embora antes que ele volte.

— O.k., acho que já vimos o suficiente — Lauren anuncia em voz alta, guardando o celular. — Vamos embora.

Alcançamos a porta quando Guddu grita:

— Esperem!

— Sim? — Lauren gira lentamente.

— Você nunca nos disse seu nome. Se o Chefe perguntar quem veio, o que devo dizer?

Lauren pensa por um instante.

— Diga que foi Ma Barker, de Nova York.

— Ma... o quê??

— Ela é Ma. — Lauren aponta para mim. — E eu sou Barker.

— Ma Barker não foi uma senhora do crime famosa? — pergunto a Lauren quando voltamos correndo para o meu apartamento. — Eu me lembro de alguma música do Boney M. sobre ela.

— A música era “Ma Baker” — explica Lauren. — Mas é a mesma mulher. Eles mudaram o nome porque “Baker” soava melhor. Mas o crime dela era muito inferior ao do que esse tal de Anees faz — ela continua, a voz banhada de raiva. — A gangue dela apenas roubava dinheiro. Esse homem rouba o futuro daquelas crianças.

— E qual é nosso próximo passo?

— Vou denunciar ao magistrado da subdivisão local. Ele é quem organizará o ataque-surpresa para resgatar aquelas crianças e fechar a fábrica. Vamos lá agora mesmo.

— Mas hoje é domingo. O gabinete dele estará fechado.

— Droga, esqueci completamente. Acho que vamos ter de fazer isso logo cedo.

Às nove da manhã, na segunda, estamos no gabinete do magistrado. É um típico escritório público com paredes caiadas decoradas com retratos de líderes nacionais, mobiliário utilitário e livros-caixa e arquivos empilhados por toda parte. Há uma multidão vagando ao redor do edifício, mas a atmosfera lá dentro é de pura letargia. A presença de Lauren, no entanto, evoca uma agitação interessada em um funcionário de meia-idade chamado Keemti Lal, um homem bochechudo com bigodinho *à la* Hitler e

costeletas grisalhas.

— Sim, senhora, como posso ajudar? Precisa registrar uma propriedade?

— Vim denunciar uma fábrica ilegal que emprega trabalho infantil. Quando o magistrado pode nos receber?

— Infelizmente, o magistrado Sahib não chega antes das dez e meia. Mas você pode discutir comigo.

Pela meia hora seguinte, explicamos pacientemente o que vimos dentro da fábrica, a natureza ilegal de sua operação e os perigos para a saúde das crianças e para o meio ambiente. Lauren até imprimiu as fotos tiradas com o celular. O funcionário nos faz registrar uma denúncia formal e assinar vários termos. Começo a me irritar com tanta burocracia. Fazer uma simples denúncia parece requerer mais papelada do que pegar empréstimo no banco.

— Isso é um assunto muito sério — ressaltava Lauren. — Espero que vocês atuem imediatamente para resgatar essas pobres crianças.

Keemti Lal assente solenemente.

— Absolutamente, senhora. Mas vamos ter de seguir o procedimento padrão para esses casos. Um aviso prévio será feito, seguido por uma investigação, que vai levar a um recurso... tudo isso vai levar muito tempo. No entanto, as coisas podem ser aceleradas se...

Ele deixa a frase no ar, mas pelo olhar expectante em sua cara de fuinha podemos deduzir sua intenção. Ele está pedindo suborno.

Fico perplexa.

— Que tipo de homem você é? Tentando enriquecer às custas de crianças inocentes? — repreendo o funcionário.

Lauren, contudo, apenas aperta os lábios e faz que sim com a cabeça. Com desapego filosófico, ela abre a carteira e conta cinco mil rúpias.

— Isto é o suficiente?

— Ah, senhora, assim você me deixa envergonhado — Keemti Lal diz, insinuante, ao aceitar o dinheiro e guardá-lo no bolso da camisa. — Fique tranquila que vou notificar o magistrado assim que ele chegar. Namastê.

Ele posta as mãos em sinal de prece. Já as minhas coçam para arrancar com um soco aquele sorrisinho daquela cara feia.

Ao sairmos do prédio, não sou capaz de evitar um comentário para Lauren:

— Não esperava que você fosse molhar a mão daquele porco com tanta facilidade.

— Para mim, o imperioso é salvar aquelas crianças. Se para isso necessito dar um pouco de dinheiro acelerador, não ligo.

— Parece que nos tornamos uma nação de subornadores e subornáveis. — Balanço a cabeça em desalento.

— Se faz você se sentir melhor, saiba que há suborno na América também.

— Sério?

— Sim. Porém, nós o transformamos em uma arte refinada. E chamamos de lobbying.

É 26 de janeiro, Dia da República na Índia. Para a nação, marca o aniversário da Constituição indiana. Para mim e minha família, marca o aniversário da morte de Alka.

Lá fora, canções patrióticas retumbam nos alto-falantes. Dentro do apartamento, o clima é sombrio e contemplativo. Hoje, somos refugiados emocionais, procurando esconderijo de nossa dor coletiva. Ma, mergulhada na religião, abriga-se no Bhagwad Gita, a escritura sagrada. Neha esconde-se atrás do tocador de MP3, orelhas plugadas em algum ritmo dançante. Eu tento me distrair lendo um livro, mas é impossível me concentrar. Portanto, sento-me à frente da TV, desenhando em um lenço de papel e assistindo à cobertura ao vivo do desfile do Dia da República. É uma manhã nublada e o céu está cinza, mesmo assim, milhares de espectadores enfrentam o frio para vibrar pelos contingentes em marcha, as colunas mecânicas de nossa força militar e a diversidade cultural. Há tanques e mísseis, entremeados pelas tradições sufistas de Bihar e danças festivas de Sikkim.

— Por que está perdendo tempo assistindo a essa música e dança? — uma voz me censura da porta. Viro e vejo Nirmala Ben entrando no apartamento.

Nirmala Ben vive no B-25, a três apartamentos do nosso, no mesmo andar. Ela é uma mulher magra e diminuta, com sessenta e pouquinhos anos, olhos rápidos e certos que percebem tudo ao seu redor em um único lance. O cabelo acinzentado está puxado com firmeza para trás em um pequeno coque. Como sempre, está vestida em um sári branco simples e sandálias sem adornos.

A história de vida de Nirmala Ben reflete nossas próprias dificuldades. Antes de se casar, ela era Nirmala Mukherjee, uma bengali de Kolkata apaixonada pela *Rabindra Sangeet*, as canções de Tagore. Quando fez vinte e quatro anos, apaixonou-se por um contador de Guzerate chamado Has Mukh Shah. Apesar da oposição de sua família, ela se casou com ele e se mudou para Surat. Eles tiveram apenas um filho, chamado Sumit. Infelizmente, o marido dela faleceu de um ataque cardíaco súbito em 1985. Depois disso, todas as suas esperanças focaram-se no filho. O coração dela se encheu de orgulho quando Sumit se alistou no Exército indiano e foi delegado para os Rifles Rajputana. Ele foi assentado em Assam e Delhi antes de ser enviado para Kashmir. Foi lá que foi martirizado em 13 de junho de 1999, lutando bravamente contra o inimigo nas ladeiras geladas do setor Drass durante a Guerra de Kargil.

Depois da morte de Sumit, Nirmala Ben mudou-se para Delhi. O apartamento dela é um santuário para o filho, cheio de retratos emoldurados do oficial elegante que recebeu, postumamente, o Maha Vir Chakra, o segundo maior prêmio nacional de honra ao mérito. Mas além de mementos do filho, você também encontra ali teares em miniatura e bustos de Mahatma Gandhi. Um armário de livros está repleto pelas Obras Completas de Gandhi, que chega a noventa volumes.

— Fiquei completamente devastada pela morte de Sumit — ela me contou certa vez. — Sofri por quase dois anos até descobrir Mohandas Karamchand Gandhi. Comecei a ler tudo que ele tinha escrito. Foi ele, nosso Bapu, que abriu meus olhos para o verdadeiro significado da verdade, da não violência e do sacrifício.

Desde então, Nirmala Ben tem devotado sua vida a Gandhi e ao desenvolvimento de seus princípios.

Da harmonia em comunidade até a proteção das vacas, ela está lá para emprestar sua voz e mãos assistentes para todas as campanhas públicas.

Veza por outra, os residentes da colônia recebem pequenos sermões sobre a luta contra a injustiça, amar os inimigos e sobrepujar o mal com o bem. Ela é contra a guerra, contra a globalização, mas principalmente contra a corrupção.

— Meu filho não foi morto pelas balas do inimigo — ela nunca se cansa de falar. — Ele foi morto pela corrupção. As armas que ele recebeu eram defeituosas, seu colete à prova de balas era inferior, e quando ele morreu, fizeram dinheiro até com seu caixão. É o que eu digo: a corrupção é o câncer que está devorando nosso país por dentro.

Ao longo do dia, ela mantém uma cacofonia de insultos, invectivas e admoestações direcionadas à classe política da Índia. Mas por trás desse exterior áspero, há um coração de ouro. *Ben* significa “irmã” em guzerate, e ela é de fato a irmã mais velha do condomínio: bondosa, altruísta e generosa até dizer chega. Perdemos as contas de quantas vezes fomos agraciados com os deliciosos *khandvi*, *dhokl* e *rasagullas* de sua cozinha.

Era destino que de todas as pessoas da colônia Nirmala Ben forjaria o laço mais próximo com Susheela Sinha, minha mãe. Ambas partilham da experiência traumática de perder marido e filho. O jeito obstinado e língua afiada da gandhista são o perfeito contraste para o comportamento suave e senso comum arraigado de Ma.

O resultado dessa amizade comovente é que Nirmala Ben meio que me adotou, sempre verificando se estou comendo saudavelmente, se não estou trabalhando demais ou se estou dormindo o suficiente.

Ela senta-se ao meu lado, tira os óculos redondos e começa a limpá-los com o *pallu* de seu sári.

— Também estava assistindo à TV em meu apartamento, mas ficou muito deprimente.

— Como você pode achar o desfile do Dia da República deprimente?

— Eu não estava assistindo ao desfile, mas, sim, às notícias. Eram só sobre corrupção: o golpe 2G na telefonia, o golpe da mineração em Karnataka, o golpe da terra em UP, o golpe do açúcar em Kerala. E se isso não fosse o suficiente, temos médicos em greve em Patna, assassinato de dez seguranças Naxals em Chhattisgarh, as cebolas chegando a cinquenta rúpias o quilo. O que está acontecendo em nosso país?

— Por isso parei de assistir às notícias — digo com leveza.

— Este é o verdadeiro problema em nosso país: jovens como você não querem se engajar com a nação. Arre, você tem de pegar o touro pelos chifres. Apenas assim será capaz de acabar com esses esquemas.

— O governo já não designou comitês para investigá-los?

— Humpf! — ela zomba. — Esta é a única coisa que o governo faz: designar comitês que apresentam relatórios cinco anos depois. Até lá, quinze outros golpes aparecem. Não precisamos de comitês, precisamos de coragem. A coragem expõe as pessoas reais por trás dos esquemas. A coragem desmascara Atlas.

Sei a que Nirmala Ben se refere. Os jornais esses dias estão cheios das histórias sobre a Atlas Investments, uma companhia de fachada que está por trás, supostamente, da maior parte dos golpes do

país. No entanto, ninguém parece saber a real identidade por trás da Atlas. E o governo alega que não há um modo fácil de descobrir.

— Enfim, não vamos estragar o clima falando desses esquemas — eu digo, para distraí-la.

— Pelo contrário, temos de continuar falando sobre eles. É assim que o público vai se educar sobre a luta contra a corrupção. Venho lendo sobre o assunto, anotando. Veja quanto eu já pesquisei sobre a Atlas.

Ela me mostra um caderno cujas páginas estão repletas de sua caligrafia densa. O próprio lápis está no fim, tantas vezes apontado que agora é apenas um toco de dois centímetros e meio. Mas Nirmala Ben é assim: recusa-se a desperdiçar ou jogar fora a menor das coisas. O apartamento dela é atulhado de todos os tipos de porcarias. Contudo, a maior parte não pertence a ela. Já achei colheres e garfos nossos em sua cozinha. Ela tem o estranho hábito de pegar coisinhas de casas e lojas as quais visita — um cortador de unha aqui, uma caneta ali. Até mesmo coisas que não usa, como uma bola de críquete ou um isqueiro. Na colônia, fofocamos discretamente sobre sua condição. Em jargão da psicologia, chama-se cleptomania — o impulso irresistível de roubar algo do qual não tem de fato necessidade, geralmente de pouco valor. Nirmala Ben é possivelmente a única gandhista cleptomaniaca do mundo.

Continuando o bate-papo, fica óbvio que o assunto da elusiva Atlas está na ponta de sua língua.

— Um dia, dizem que a Atlas fica na Suíça; no outro, dizem que é em Mônaco. No terceiro dia, parece que é nas Ilhas Maurício; e no quarto dia, Chipre. Arre, precisamos de um atlas para localizar a Atlas? — ela pergunta com ironia retórica.

— Mas o que nós, cidadãos comuns, podemos fazer?

— Precisamos começar a briga. A corrupção deve ser parada. Este país precisa de uma segunda revolução gandhista.

— E como começamos essa revolução?

— Não sei. Bapu vai me mostrar o caminho. Ele sempre mostra. — Ela olha para o relógio na parede e se levanta relutantemente. — Tenho de voltar. É hora da minha oração do meio-dia.

Apenas depois que ela sai eu percebo que minha esferográfica, com a qual eu desenhava antes, sumiu!

Às seis da tarde, a campainha toca e Neha me avisa que dois desconhecidos querem falar comigo.

Recebo-os na sala de visita. Ambos são trintões. Um é baixo, moreno e barbeado com um quepe de lã. Possui o jeito evasivo de um chantagista na frente de um prédio público. O outro é totalmente careca, mais alto e mais musculoso, com a disposição perigosa de um convicto experiente que acabou de sair da prisão Tihar.

— Você é Sapna Sinha? — o baixinho pergunta.

Concordo com a cabeça.

— Do que se trata?

— É sobre a queixa que você e sua amiga americana fizeram contra a Mirza Metal Works há dois dias.

— Vocês são os homens do Anees Mirza?

— Sim e não. Apenas queremos resolver a situação. — Ele inclina-se para a frente, adotando o tom conciliatório de um negociante de sequestro. — Senhora, viemos pedir para que retire a queixa.

— E permitir que aquelas pobres crianças continuem a sofrer?

— Quem disse que aquelas crianças estão sofrendo? Veja bem, elas não são escravas. Elas vêm voluntariamente. E pagamos bem.

— Mas empregar crianças menores de catorze anos é ilegal.

— Esqueça a lei, observe a realidade. Se aquelas crianças não trabalharem para nós, vão trabalhar em outro lugar. Se não fizerem cadeados, vão fazer tijolos ou carpetes ou pulseiras. Pior, vão roubar ou mendigar. Ao menos providenciamos uma subsistência honrosa.

— Não acho nada honroso fazer crianças trabalharem doze horas por dia em situação de risco. Em vez disso, elas deviam estar na escola.

— Elas não querem ir para a escola. Querem ganhar dinheiro para ajudar a família.

— É porque nunca tiveram a chance.

— E você vai dar a chance? Adotar todas?

— Minha amiga Lauren vai. Ela cuida de uma instituição de caridade chamada Asha Foundation.

— Vou dizer mais uma vez, com mãos postas, por favor, reconsidere sua decisão. Você escolheu mexer com a pessoa errada. Anees Bhai não é um homem insensato, mas ele pode ser bastante vingativo.

— Você está me ameaçando?

— Não, não. Não ameaçamos cidadãos honestos como você. Considere isso como uma dica de amigo. *Achha*, vamos embora.

O baixinho levanta-se, os lábios abertos em um sorriso cauteloso. O careca continua sentado, relutante.

— Vamos, Joginder, não podemos abusar da hospitalidade.

Joginder levanta seu peso do sofá. Fica de pé e flexiona o bíceps, como se estivesse em uma exibição de halterofilismo. Em seguida, alisa a careca com a mão e me olha com crueldade. Meus dedos se apertam em um punho enquanto observo a dupla sair. Juntos, formam um tipo perfeito de valentões determinados: um cara é o falador, o outro, o executor.

Sinto meu corpo inteiro tremer, se de raiva ou medo, não sei. Talvez uma combinação dos dois. Agora é difícil pensar com o gosto da bile na garganta.

Ma e Neha emergem de detrás da cortina de miçangas e me rodeiam. Parece que ficaram ouvindo furtivamente a conversa inteira. Mamãe já está histérica.

— *Beti*, vá agora mesmo retirar a queixa. Senão, outra calamidade vai ocorrer em nossa família — ela se inquieta com a premonição maternal.

— Por que você sempre tem de agir como a rainha Rani de Jhansi, *didi*? — pergunta Neha, a voz cheia de insinuação. — Você sabe que eu preciso ir até Mumbai participar do concurso. Nada é mais importante do que o futuro de nossa família. Mesmo assim, você fica se intrometendo na vida dos outros.

— Como você pode ser tão egoísta, Neha? — eu solto os cachorros. — Você não se importa com aquelas trinta crianças trabalhando como escravos?

— Não, não me importo — ela insiste. — Isso é trabalho para a polícia, não para garotas respeitáveis

como nós.

— Neha tem total razão, *beti* — Ma se intromete. — Faça tudo que for necessário, mas não quero mais esses *goondas* entrando em nossa casa outra vez.

— É inútil conversar com vocês duas. — Jogo as mãos para o alto e saio de casa.

Houve um tempo em que eu era vítima de bullying de um grupo da minha classe no St. Theresa. Elas autodenominavam-se Spice Girls, embora seus nomes fossem Amrita, Brinda e Chavi, e a única música que eram capazes de fazer era a da crueldade e do abuso. Eram minhas inimigas, minhas opressoras. Eram maiores de tamanho, mas menores de intelecto. Importunaram-me durante toda a quinta série e o primeiro semestre da sexta. Meu único crime era invariavelmente ser a primeira da classe e ser independente, o que não era o caso das outras meninas, que tinham suas panelinhas e turminhas. Atormentavam e importunavam-me incessantemente, nos corredores, no parquinho, nos intervalos. Ser ridicularizada tornou-se parte de meu cotidiano, fazendo com que me sentisse tão pequena quanto era humanamente possível. Meus livros eram roubados; meus cadernos, vandalizados. Cadeiras eram retiradas de baixo de mim quando estava prestes a sentar e portas eram batidas na minha cara. Certa vez, prenderam-me no banheiro; em outra ocasião, quase puseram fogo em meu cabelo.

Eu me odiava pela situação, o que provocou em mim a mentalidade de vítima. Comecei a flertar com a ideia de autoflagelação, planejando suicídio quase todo fim de semana, fantasiando sobre minha morte. Até que, certo dia, decidi acabar com aquilo. Tomei uma decisão: eu me mataria, mas antes mataria minhas três atormentadoras.

Naquele dia, levei para a escola uma faca de cozinha na bolsa. Durante o intervalo, fui até uma sala de aula vazia, no terceiro andar, onde as Spice Girls com certeza armariam uma emboscada. Como previsto, elas seguiram-me até a sala e começaram a me chamar por nomes feios. Ouvi o esporro em silêncio por um minuto. Em seguida, tirei a faca do bolso da saia.

— Já chega, vagabundas — rosnei, mostrando os dentes, rolando os olhos e fazendo uma voz rouca e inumana como a de Linda Blair no *Exorcista*. — Mais uma palavra e vou cortar a língua de vocês.

Então, como uma pantera saltando sobre a presa, peguei Amrita, a líder da gangue, pela garganta, meus dedos afundando com força em sua laringe, quase a estrangulando. As outras duas meninas prenderam a respiração, conforme eu, devagar e deliberadamente, comecei a cortar uma mecha do cabelo dela, com a faca em minha mão livre, tomada por uma força atávica enterrada bem fundo dentro de mim. Nenhuma delas fez um barulhinho sequer. O único som que ouvia era o da adrenalina bombeando em minhas veias, o sangue cantando em meus músculos, soando como o estimulante zumbido da batalha. Era tão revigorante quanto assustador. Nesse instante, o sinal tocou, anunciando o fim do intervalo. Foi como se o feitiço tivesse sido quebrado. As três meninas gritaram em uníssono e saíram correndo da classe, como se esta estivesse pegando fogo, deixando-me com o chumaço de cabelo em uma mão e a faca na outra. Sabia que iriam diretamente contar para a Irmã Agnes. Esperei pela tirânica diretora chegar marchando a qualquer minuto, para avisar que eu seria expulsa da escola. Eu daria um sorriso zombeteiro e enfiaria a faca em meu abdome, estilo haraquiri, um violento suicídio na tranquila Nainital.

Esperei por um longo tempo, mas ninguém veio, nem a diretora, nem professor algum. Lentamente,

guardei a faca no bolso da saia e voltei para a sala, onde a aula de história começaria em breve. As Spice Girls encolheram-se nos seus assentos assim que entrei na sala, fingindo olhar em outra direção. Elas nunca me denunciaram. Apelidaram-me de “Psicótica”, mas nunca mais me importunaram.

O encontro com os capangas de Anees Mirza trouxe de volta essa lembrança perdida, provocando as mesmas emoções. Ainda estou arfando com fúria quando trombo com Karan no térreo.

— Vi dois tipos bem desagradáveis perguntando onde era seu apartamento — ele conta. — Está tudo bem?

— Não — eu respondo e conto sobre a fábrica ilegal.

— Como eles ousam ameaçar você?! Como ousam? — Karan surta, a face contorcida pela raiva. — Se colocarem os pés aqui dentro novamente, você me conta. Vou dar um jeito nesses filhos da mãe.

— Não estou muito preocupada comigo. Mas e se eles começarem a ameaçar a Neha?

— Olhe, vou arranjar um botão do pânico para você amanhã.

— O que é isso?

— É um aparelhinho eletrônico que, quando pressionado, emite um sinal inaudível para alertar outra pessoa de uma situação emergencial. No seu caso, o sinal vai vir para mim, e eu vou aparecer para salvar você, como o Super-Homem.

Quanto mais o ouço, mais agradeço a Durga Ma por ter me dado um vizinho tão bom. Não há nada mais reconfortante que um amigo que simplesmente se recusa a se abalar, com quem sempre podemos contar, que sempre está lá quando você precisa dele.

— Você se alimenta de alguma coisa que dá coragem? — eu tiro sarro.

— Claro. — Ele sorri. — O truque é consumir bastante coragem líquida.

— E que bebida é essa?

— É apenas outro nome para álcool!

Uma semana se passa sem outras visitas do esquadrão dos capangas. Gradualmente, o incidente começa a desaparecer de minha mente, levando junto consigo minhas noites inquietas. De qualquer modo, com o botão do pânico de Karan dentro da bolsa, sinto-me muito mais segura.

Quinta-feira, 3 de fevereiro. Dia de inventário e, como sempre, ele se estende bem além da hora de fechamento. Saio da loja apenas às dez e quinze. Assim que desembarco na estação de metrô de Rithala, um jovem mascate vem atrás de mim.

— Tenho justamente o que você precisa — ele diz, exibindo uma faca de cozinha com cabo de madeira cujo logo é da empresa KK Thermoware.

Dou uma boa olhada no jovem. Vestido em calças rasgadas e imundas e suéter esfarrapado muitos números maior, ele não parece ter mais de dez anos. Sua aparência doentia e anêmica é a de alguém acometido pela febre. Além disso, seu nariz está escorrendo, o qual limpa a todo instante na manga. Mas isso não o impede de começar a cantar uma cantiga em híndi louvando as virtudes da faca:

*Corta, trincha, fatia e pica,
A lâmina de aço inoxidável é bem rica.
Para um homem que deseja agradar à noivinha
Não há nada melhor do que esta faquinha!*

— Olhe, você não parece muito bem — eu digo. — Por que você não vai pra casa?

— Não posso ir pra casa antes de vender todas as facas. Só sobrou uma. Compre. Apenas cem rúpias.

— Eu não preciso de uma faca, tenho o suficiente em casa — eu digo, indo da direção da Rammurti

Passi Marg.

Ele continua a me perturbar:

— O.k., pra você, eu abaixo o preço. Apenas cinquenta rúpias.

— Não.

— Que tal vinte?

— Não quero.

— O.k., último preço: dez rúpias.

— Eu já disse que não quero uma faca.

— *Didi*, eu não como desde a hora do almoço. Eu vendo por cinco rúpias. Não vai achar preço melhor em toda a Delhi. Por favor, compre.

O rosto suplicante é impossível de resistir. Pego a faca dele e ofereço uma nota de dez rúpias.

— Fique com o troco. E agora, vai descansar.

Ele quase arranca a nota de minha mão e sai em disparada na escuridão.

Guardo a faca na bolsa e acelero o passo ao me aproximar do parque Swarn Jayanti, mais conhecido como Parque Japonês, um imenso pulmão verde de jardins aparados, lagos navegáveis, fontes flutuantes e trilhas para jogging. Apesar de ser um paraíso para entusiastas do fitness e famílias durante o dia, é bem perigoso à noite. Ano passado, uma mulher foi assassinada perto do portão 1 e um criminoso famoso levou um tiro lá dentro em um confronto com a polícia no começo do ano.

Acabo de passar pelo portão 2 quando três rapazes pulam do muro do parque. Com as camisas semiabertas e cabelo comprido, eles parecem aqueles jovens desempregados e bagunceiros que podem ser encontrados em todo o país, vagabundeando em lojas de *chai*, mexendo com as meninas, assobiando estridentemente nas fileiras da frente nas salas de cinema. Em Nainital, tínhamos um nome para eles: *chavanni chhap*, não valem nem um tostão furado. Mas o mal que são capazes de causar em pessoas ou propriedades é bem mais alto. O que me deixa ainda mais apreensiva é que estou em um trecho mal iluminado e deserto. Não há outros pedestres à vista. Minha mão imediatamente mergulha dentro da bolsa em um reflexo condicionado, e meus dedos envolvem o botão do pânico. Tenho quase certeza de que Karan está fora de alcance, mas aperto mesmo assim.

Minha apreensão é justificada quando os três começam a seguir meus passos. Aumento a velocidade e eles fazem o mesmo. Em poucos passos largos, eles me alcançam, flanqueando-me por todos os lados.

— Pra que tanta pressa, *jaaneman*? Olha pra gente — o valentão logo atrás de mim diz, dando um

tapinha em meu ombro.

Ele parece ser o líder da gangue, com olhos afiados e malignos, um bigode fino e ralo.

Respondo tirando o spray de pimenta e me virando.

— Você pode dar mais um passo e eu deixo você cego — eu sibilo com o spray posicionado na altura dos olhos dele.

O valentão assustado recua um passo, mas seu parceiro imediatamente ataca com um movimento rápido como um raio. Sinto um golpe em meu antebraço, e a lata escorrega de minhas mãos como um sabonete molhado.

— Rá! — o rufião líder brada uma risada. — Se está carregando outras armas, queremos ver. Vai, dê-me sua bolsa.

As expressões lupinas em suas faces me contam que querem mais que minha bolsa. É a primeira vez em minha vida que me sinto fisicamente, mortalmente ameaçada. Minha respiração fica rápida. Um nó gelado de medo se enrola na boca de meu estômago, me deixando nauseada. É quando me lembro da faca.

A bolsa em minha mão esquerda já está aberta. Vejo a faca, sua lâmina de aço brilhando sob a fraca luz amarela do poste. Rapidamente, retiro-a com a mão direita ao mesmo tempo que largo a bolsa na calçada.

— Para trás — eu berro, rodando em um círculo, rasgando o ar com minha faca. — Eu talho o filho da mãe que se aproximar.

Preocupantemente, os brutamontes não mostram sinais de intimidação. Dão alguns passos para trás, mas continuam a me observar com desprezo divertido.

— Eu disse para me deixarem em paz ou vou picar vocês — ameaço outra vez, segurando o cabo da faca com mais força.

— Você acha que nos assusta com sua faquinha? — o líder me provoca. — Então, veja isto. — Ele tira do bolso de trás da calça uma arma prateada e mira meu rosto.

— Solte a faca — o vilão à minha direita rosna.

Há algo muito desanimador em ser ameaçada com uma arma carregada. Obedeço. A faca bate no chão com o som tilintante de moedas balançando no bolso. O rapaz à minha direita pega a faca cautelosamente pela ponta, como um investigador forense manuseando a arma do homicídio em uma cena de crime.

— É bem afiada — ele comenta antes de colocá-la dentro de minha bolsa.

— Vamos para dentro do parque, baby. — O líder sorri.

Recuso a me mexer. Eu sei que assim que eu colocar os pés no parque escuro, algo muito ruim vai acontecer comigo.

Aperto os olhos diante dos rostos de meus atormentadores, tentando ver seus traços, cicatrizes, tatuagens, qualquer característica identificadora que eu possa dar à polícia quando perguntarem, antes de me ocorrer que eu posso nunca nem chegar a falar com a polícia. Eles vão me matar depois de me estuprar. A percepção do fato cai sobre mim, sou tomada por uma tristeza quase insuportável. O que vai acontecer a Neha e Ma quando eu me for? Como vão se virar sozinhas?

O bandido aproxima-se e enfia a arma na minha cara, imprimindo um *bindi* em minha testa.

— Você não ouviu o que eu falei? É surda?

— Por favor, por favor me deixem ir embora. — Faço um som parecido com um soluço; meu coração está quase parando.

— Como posso deixar você ir? Você é tão linda — ele diz, o tom duro diminuindo. Ele olha para os dois cúmplices. — O que me dizem? Hora de aproveitar.

Todos riem. É a soberba que me deixa mais nauseada, que me enche de ódio puro, não diluído. Um policial me estapeou, outro enfiou minha cabeça dentro de um vaso sanitário, e agora três bandidos estão planejando me estuprar coletivamente. O que eu sou? Um animal para ser chutado? Um brinquedinho para ser abusado? Só porque sou mulher? Algo dentro de mim estoura, como um elástico de borracha que foi esticado demais. Não ligo se vou levar um tiro ou ser picada em pedaços, mas não vou cair sem lutar. Pulsando com a mesma raiva primal de quando fui confrontada pelas Spice Girls, solto a perna direita e chuto o líder o mais forte que consigo na virilha. Ele cai no chão como uma árvore machadada, dobrando-se de dor. A memória daquela tarde na sala de aula vazia invade meu cérebro e eu começo a despejar golpes nos outro dois, socando, chutando, arranhando, unhando. Chamas queimam dentro de mim, consumindo-me. Odeio esses malditos, os odeio mais que tudo no mundo. O calor sobe às minhas bochechas; meu coração bate como um tambor. Fico cega de raiva. Tudo em mim quer estrangular, arrancar, apenas matar, matar, matar...

Meu contra-ataque inesperado funciona por um tempo, mas o poder dos números está contra mim. Antes que eu possa conectar um golpe de nocaute, o líder já está de volta à ação. Pelo canto dos olhos, vejo-o levantando a cabeça. Ele ergue a arma e dá uma coronhada em mim. A dor dilacera meu estômago e eu cambaleio e caio. Outro valentão me chuta nas costas.

Dentro de minutos, arrastaram-me para os arbustos do Parque Japonês. Segurando-me contra o chão, o líder tira um canivete de metal brilhante de suas calças velhas. Ele abre e revela uma lâmina fina e mal-encarada de vinte e cinco centímetros.

— Se quer assustar alguém, não use uma faca de cozinha. Use uma faca *chaku* Rampuri, como a minha.

Ele sorri com malícia e desliza a faca pelo meu corpo; por fim, ela para em meu pescoço. O hálito fétido dele esquentava minha pele.

Luto contra meu captor, tentando me libertar, mas ele coloca um dedo contra meus lábios.

— Fique quieta. — A voz dele desliza e penetra meu ouvido. — Ou vou ter de matar você.

Sem emoção em seus olhos mortos, ele raspa minha bochecha com a ponta da faca, a lâmina de metal penetrando a carne. Um empurrãozinho, e ela me rasga, desfigurando-me para sempre. Sinto meu corpo inteiro esquentar, como se eu estivesse pegando fogo. Queima minha corrente sanguínea, fazendo com que eu trema em antecipação pela morte. Quero apenas que termine e rezo para Deus para que eu morra rapidamente, de preferência com o revólver. Uma única bala em meu cérebro. Não quero que ele me corte pedaço por pedaço, que corte, corte e corte com a faca até eu me tornar uma massa trêmula de sangue e ossos, um amontoado patético de músculos espasmódicos e membros contraindo. Não acho que serei capaz de suportar tanta dor.

— Largue a moça! — De repente, uma voz soa na escuridão.

É um barítono retumbante que ressoa como um trovão pelo parque. Os malfeitores olham em volta e depois uns aos outros, completamente desconcertados. O líder remove a faca e fica de quatro como um cachorro, tentando sacar o intruso.

— É a polícia — a voz troveja outra vez, lembrando os avisos em alto-falante que a polícia dá em batidas.

Imediatamente, meus captores fogem. Eles correm em disparada como galinhas sem cabeça para dentro do parque, desaparecendo na escuridão.

Sem demora, a figura emerge da escuridão. Eu espero por um policial, mas é Karan. Nunca me senti tão aliviada na vida quanto naquele momento.

Ele corre até mim e me ajuda a ficar de pé. Agarro-o com força, meu corpo ainda tremendo de medo. Ele sussurra meu nome e eu sussurro de volta. Abraço-o mais perto, sentindo seu calor, meus seios grudando ao seu peito. Enlaçados nessa posição, sinto uma estranha nova flor brotando em meu coração, que me enche de um fluido sensual. Quase involuntariamente, começo a beijá-lo. Começo pelo queixo, depois subo para a bochecha e, enfim, os lábios. Estou desesperada, e grata, e confusa, apenas vagamente consciente do que estou fazendo, no entanto, avidamente preencho o vazio de minha vida com seu cheiro, seu sabor, seu sopro de vida.

Karan paralisa. Noto um recuo quase imperceptível. Meu coração fica gelado. Ele gentilmente se desprende de mim e coloca uma lanterna de bolso na minha cara, verificando se não há machucados.

— Precisa ir ao médico? — ele pergunta, a preocupação prática recuperando a sanidade da situação.

— Não... não — respondo, minha respiração ainda entrecortada. — Estou bem. Apenas veja se acha minha bolsa por aí.

Ele vasculha as proximidades apenas para confirmar meu temor: os bandidos levaram minha Nine West.

— Havia muito dinheiro nela?

— Não. A coisa mais cara era meu celular.

— Não se preocupe. Vou arrumar um novinho em folha da Indus pra você.

— Como você me achou?

— Foi o sinal do botão de pânico. Você não estava em casa, então eu imaginei que devia estar voltando do trabalho. Corri o mais rápido que pude até a estação. Mas aí ouvi vozes perto do parque e decidi investigar.

— Você chegou bem a tempo. O que poderia ter acontecido se...

— Nem pense mais nisso. Vamos direto para a delegacia. Aqueles filhos da mãe têm de ser presos.

— Não. — Nego com a cabeça veementemente. — Não tenho forças para encarar um interrogatório. E eu sei que a polícia nunca vai achar esses bandidos. Me leva pra casa, o.k.?

— Se é o que você quer. — Ele dá de ombros.

— Me faça outro favor — eu digo —: não mencione uma palavra sobre isso a Ma e a Neha.

— Eles devem ser homens do Anees Mirza — Lauren diz quando eu lhe conto sobre o incidente, no dia seguinte.

— Mas não temos provas.

— É coincidência demais. Eu acho horrível como Mirza está solto por aí até hoje.

— Algum progresso em nossa queixa?

— Nada — ela responde. — Acho que o Keemti Lal nos deu a volta. Ele não fez nada para investigar aquela fábrica. Aquelas pobres crianças ainda estão sofrendo. Tentei falar com o magistrado diversas vezes, mas só me enrolam. Tentei ir à polícia, mas eles me mandaram falar com o magistrado. Não sei o que fazer. — Há um profundo desânimo em sua voz.

— Eu sei o que fazer. Vamos novamente ao gabinete do magistrado. Uma última vez.

Na manhã seguinte, acompanho Lauren até o gabinete do magistrado no caminho para o showroom. O lugar está extremamente cheio e nos avisam que o magistrado não poderá nos receber.

— Sahib está muito ocupado. Hoje, é impossível — informa o peão do gabinete.

Estou igualmente inflexível:

— Diga ao seu patrão que não vamos sair até que ele nos receba. Mesmo se precisarmos acampar por uma semana aqui.

A bravata funciona. Uma hora depois, somos convocadas à presença do magistrado. Ele parece um homem vago, impressão reforçada por sua face insossa e quase inexpressiva, além do peculiar hábito de deixar as frases penduradas no ar, como se quisesse que seu interlocutor as terminasse por ele.

— Sim, a reclamação de vocês... — ele começa antes de cair no silêncio.

— Bem, você checkou a fábrica? — questiona Lauren. — Eu até forneci prova documental.

— Essas coisas levam muito tempo, muito tempo. Não é possível...

— Quanto tempo iremos esperar?

— É um processo, você tem de entender. Não podemos simplesmente...

— Mas aquelas crianças estão sofrendo todos os dias.

— Elas não estão sofrendo. Estão ganhando seu pão. Como você. Como eu. Nós devemos impedi-las de...?

— Emprego de crianças em indústrias perigosas é proibido, não é?

— O que é perigoso? O ar que respiramos nesta cidade também é perigoso. Isso significa que...?

— Então, devemos deixar aquelas crianças à mercê de Anees Mirza?

— Anees Mirza não é um homem mau per se. Ele é.

É como fazer um monólogo com uma parede de tijolo. Lauren está fumegando ao sairmos do escritório do burocrata.

— Fiz as contas. Keemti Lal pegou um suborno pequeno de mim. Esse homem pegou um muito maior de Anees Mirza.

É difícil não concordar com ela. O fedor da corrupção paira sobre o lugar como uma mortalha. Há

cartas sendo dadas em todas as mesas. Vejo Keemti Lal sentado em sua mesa de canto, atento a uma conversa com um senhor mais velho, sem dúvida extraindo outro suborno. Evito contato visual com ele a todo custo. E assim meu olhar cai sobre um pôster preso no quadro de avisos do lado de fora do gabinete. É sobre o Decreto de Direito à Informação.

— Ei — eu cutuco Lauren —, ali está uma opção. Vamos usar o DDI.

— Como isso vai ajudar?

— Sob o decreto, uma autoridade pública precisa prover informações sobre qualquer caso dentro de trinta dias ou menos — eu leio no pôster. — Então, vamos fazer um pedido DDI para o magistrado, perguntando o que aconteceu com nossa denúncia. Pelo menos, vai fazer uma pressão.

Lauren está cética.

— Duvido que o magistrado vai ser posto em ação por um pedido num papel.

— Bom, não custa tentar. E custa apenas vinte e cinco rúpias.

Pego um formulário DDI do balcão e o preencho, perguntando sobre o status de nossa queixa e adicionando, para garantir, como Anees Mirza tentou me intimidar mandando dois capangas. Depois, despeço-me de Lauren e pego o metrô para Connaught Place.

Hoje é o último dia de Neelam na loja. Ela vai casar semana que vem. E imediatamente depois, parte para a Suécia. Ela parece mais animada com sua primeira viagem para o exterior do que com o casamento.

— E você, Sapna? — ela pergunta. — Quando planeja se casar?

— Você sabe o que dizem sobre casamento: acontece quando tem de acontecer.

— Mas você já achou o Príncipe Encantado?

Não respondo, mas a pergunta traz à tona lembranças da noite em que beijei Karan. O gosto dele ainda permanece em meus lábios, seu cheiro ainda paira no ar à minha volta. Mas há uma distância esquisita entre nós dois agora, como se eu tivesse cruzado uma fronteira invisível, um *lakshman rekha*. Estou magoada, quase traída, pelo desinteresse dele aquela noite. Fiquei confusa e perplexa. Ele não gosta mais de mim? Ele tem uma namorada secreta? Ou ele é apenas muito tímido? Ou eu estou apenas julgando precoce e injustamente uma pessoa que provavelmente estava tão acabrunhada pela situação quanto eu? Há tantas questões queimando dentro de mim. Mas eu não ousa perguntar, pois temo a resposta. Tudo que sei é que não quero perder Karan. Preciso de tempo para pensar e entender tudo isso, descobrir seus verdadeiros sentimentos a meu respeito, sentimentos que ele mantém escondidos bem dentro de si, trancados em uma caixa-preta.

Acharei o segredo para a caixa. E até lá, trancarei meus sonhos dentro de meu coração, onde ninguém pode roubá-los.

Duas semanas depois, o Cricket World Cup começa e tudo o mais fica em segundo plano. Como o resto

do país, eu também sou levada pelo rebuliço da vitória da seleção indiana contra a de Bangladesh no jogo de abertura.

E outra semana se vai. A essa altura, quase esqueci o pedido DDI quando, do nada, recebo uma ligação na loja. É o magistrado em pessoa.

— Senhora, eu queria apenas lhe informar que... — ele começa e para abruptamente.

— Que o quê?

— Hoje, fizemos uma batida na fábrica de cadeados ilegal e...

— E o quê?

— E a fechamos. Resgatamos trinta e cinco crianças. Todas vão receber...

— Receber o quê, pelo amor de Deus?

— Reabilitação educacional no valor de vinte mil rúpias cada, providenciadas pelo Decreto do Trabalho Infantil. Há algo mais...?

— Não — eu digo e desligo, incapaz de acreditar nas notícias. Parece bom demais para ser verdade.

Mas os jornais noturnos trazem a história do fechamento da Mirza Metal Works. Há até fotos de Mirza sendo levado pela polícia como um criminoso qualquer, o rosto velado por um lenço.

Lauren está extasiada.

— Viva o DDI! — ela exclama. — Sempre me disseram que informação é poder. Agora eu sei. Hoje, vamos começar a moldar o futuro de cada uma daquelas trinta e cinco crianças.

— Isso — eu concordo. — Hoje, vamos destrancar os sonhos delas.

— Por que você não avisou que seu número de celular mudou? — Acharya começa a reclamar assim que entro em seu escritório.

É 3 de março, uma quinta-feira, e eu fui convocada, como sempre, com pouco mais de uma hora de antecedência.

— Meu antigo Nokia foi roubado — explico. — Tenho um Indus Mobile agora.

— É o mesmo que o meu. Pelo menos, minhas ligações vão sair de graça. Dê seu número novo para Rana. É importante que você esteja acessível o tempo todo.

Uma onda de irritação passa por mim. Estou prestes a dizer que ele não é meu dono quando ele sorri.

— Enfim, liguei para parabenizar, pois você passou no terceiro teste.

— E o que exatamente foi esse teste?

— O teste da coragem. O modo como você defendeu aquelas crianças, como enfrentou a ameaça de Aneez Mirza, o chefe da máfia, recusando a recuar até que a fábrica ilegal fosse fechada, pode apenas ser descrito como corajoso.

Fico de pé.

— Chega. Não vou participar de mais nenhum de seus testes.

Ele me olha com firmeza.

— Por quê? Qual o problema?

— Você negou que está me vigiando. Mas não tem como você saber sobre meu confronto com Anees Mirza. Eu nem contei para ninguém da loja.

— Mas você entrou com um pedido DDI e eu descobri por aqui — ele diz, segurando uma revista.

Pego-a de suas mãos. É a edição de fevereiro da *RTI News*, publicada por uma publicação da ONG Resurgent India. Na página trinta e dois, há um artigo expondo como minha oportuna intervenção com o DDI ajudou a salvar trinta e cinco crianças de condições precárias de trabalho. É irritante como o industrial dá um jeito de ficar sabendo de todo detalhezinho a meu respeito.

— Definir um plano de ação e segui-lo até o fim requer que um líder demonstre bastante coragem — continua Acharya. — Não estou me referindo à coragem física que um soldado precisa para o combate, mas a coragem moral para sempre fazer a coisa certa, não importando as consequências. Lembre-se: coragem não é ausência de medo, é habilidade de agir *a despeito* do medo e da oposição soterradora.

— Ainda não entendo como coragem é aplicada em uma corporação.

— É simples. — Acharya sorri. — O medo mais comum de um CEO é o do fracasso. Um bom líder aprendeu a derrotar o medo. Ele ou ela aceita riscos calculados com ousadia, sabendo que o maior medo não é tomar a decisão errada, mas não agir. Esse é o medo do arrependimento, o medo de não ter tentado.

Faço que sim com a cabeça. Lembro-me da frase de Kierkegaard que li certa vez: “Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente. Não ousar é perder-se”.

— Nunca devemos permitir que o medo nos limite. Enfrentar um desafio com coragem é o verdadeiro teste da liderança. Esta sem coragem é como um carro de corrida sem acelerador. Pode tentar, mas nunca vai cruzar a linha de chegada. — A voz dele fica mais baixa, um toque de amargura toma forma. — Claro, às vezes, até o melhor carro de corrida pode fracassar por conta de um sabotador.

Penso sobre essa alusão mordaz.

— Isso me fez lembrar: alguma novidade sobre o espião?

— Não — ele suspira. — Mas semana passada perdemos outra proposta para o Grupo Premier, de fornecimento de tecnologia para o RG nacional.

— Portanto, o espião é alguém obviamente fornecendo informação ao Grupo Premier.

— Correto. Meu irmão Ajay Krishna Acharya sempre agiu dessa maneira. Subterfúgio, duplicidade e enganação são naturais para ele.

— Espero que encontre o traidor, quem quer que seja — comisero-me.

— Eu vou — ele diz sombriamente.

Olho para o meu relógio. São quase duas.

— Tenho de ir. — Levanto-me da cadeira. — E devo avisar que não estarei por aí pelo resto do mês.

Ele levanta os olhos.

— Você vai para onde?

— Para Mumbai. Minha irmã Neha foi selecionada para a audição final de *Popstar N^o 1*, e eu vou acompanhá-la. Já tirei licença pelos próximos quinze dias.

— Nesse caso, boa sorte para sua irmã. E para você também.

— Por que para mim?

— Quem sabe? Pode haver outro teste te esperando.

— Você considerou uma possibilidade? — pergunta Karan quando narro o último encontro com Acharya.

— Qual?

— Que aqueles caras que atacaram você no parque podem não ter sido enviados pelo Mirza.

— Quem os mandou, então?

— Meu palpite é que foram contratados por Acharya. Apenas para ele lhe dar o certificado da coragem.

A sugestão é tão horrível que fico em um silêncio perplexo.

— Por que você não abandona essa bobagem, para de se encontrar com aquele filho da mãe doentio?

Com um levantar determinado do queixo, pego a mão dele.

— Combinado. Se foi trabalho de Acharya, eu nunca mais lido com ele. Nunca mais.

O quarto teste:

A cegueira da fama

Subitamente, uma calmaria no ar. O céu enrubesce com os matizes nacarados do dia moribundo enquanto a bola vermelha que é o sol começa a vagorosamente afundar no oceano, delineando os barcos dos pescadores subindo e descendo na água dourada. À longa distância, as muralhas dos arranha-céus e condomínios altos permanecem em relevo claro. O incessante clamor do mundo está aquietado, sem um único ralo bafejar de vento. São apenas as suaves ondas batendo em meus pés, a areia entre meus dedos, o agudo grito das gaivotas circulando acima e o pungente amargor do sal em minhas narinas.

Para alguém como eu, que nunca molhou os pés no oceano antes, é uma sensação revigorante de pura transcendência. As montanhas de Nainital evocavam uma experiência espiritual em mim, um senso de resistência e de eternidade. O oceano espumante em Mumbai transmite um sentimento de liberdade irrestrita, bem como a própria cidade. Delhi parece um bastião do conservadorismo se comparada à relaxada promiscuidade de Mumbai. Namorados se agarram desavergonhadamente atrás de mim na praia Chowpatty, sem perceber os curiosos rindo dissimuladamente. Meninas na moda não têm receio de mostrar o decote e o umbigo para o mundo. E mesmo os pedintes que assediam os turistas no Gateway of India não têm a mínima vergonha de exibir seus passos de dança em público.

Neha e eu chegamos há menos de vinte e quatro horas e já estamos enfeitiçados por Mumbai. As pessoas dizem que o negócio de Mumbai é o dinheiro, e o de Delhi, o poder, mas isso não é totalmente verdade. O negócio de Mumbai é, basicamente, a oportunidade. É uma cidade intrépida com grandes sonhos e ambição crua, que não esconde os sentimentos. É também uma cidade da hipérbole, onde tudo é maior, mais alto, mais rápido. Para os que moram aqui, Mumbai é seu próprio país. Mas para o resto da Índia, trata-se de uma sirena, cantando uma canção irresistivelmente sedutora de glamour, glória e ouro.

Neha está completamente seduzida pela cidade. Ela sente o cheiro de seu destino no ar úmido de Mumbai. Ela nasceu para dominar esta cidade. Sua passagem para o sucesso é *Popstar N^o 1*, o concurso de talentos musicais que nos trouxe até aqui.

Chegamos à estação VT ontem à noite vindas de trem de Delhi e fomos levadas para Colaba, no extremo sul da cidade. Foi ali que tivemos o primeiro choque. A acomodação providenciada pelos organizadores é uma escola primária caindo aos pedaços. As salas de aula foram transformadas em dormitórios e fomos colocadas em uma com outros sete concorrentes de outra cidade e seus acompanhantes. Neha ficou horrorizada com a ideia de dividir o quarto com um punhado de estranhos e ter de usar banheiros coletivos. Ela provavelmente estava esperando ser hospedada no Taj.

Hoje foi um dia livre, para o turismo. E vimos tudo, desde os Jardins Suspensos até o Marine Drive e o Haji Ali. Passamos pelas favelas de Dharavi e os arranha-céus de Nariman Point. Viajamos feito sardinha em trens locais onde a pressão de corpos suados por todos os lados foi quase demais. Espiamos

os *chawls* — os cortiços onde os inquilinos oferecem acomodação básica e barata — cheios de homens de colete debruçados sobre as varandas, observando a vida na rua abaixo. Comemos *vada pav* em Prabhadevi e *bhel puri* em Juhu. E agora estamos em Chowpatty, a última parada antes de voltarmos para Colaba.

O próprio tamanho de Mumbai é de tirar o fôlego. É uma cidade extrema, onde ricos e pobres, o profano e o santo, esbarram-se todos os dias, à procura do mesmo sonho elusivo de vencer na vida.

Agora os habitantes da cidade receberam mais quarenta novos concorrentes, os participantes de *Popstar N^o 1*, todos entre as idade de dezesseis e vinte e dois, atraídos pela promessa de sucesso do dia para a noite e fama instantânea.

À noite, sou apresentada aos sete em nosso dormitório.

Gaurav Karmahe é de Jharkhand, um estado famoso por conta de MS Dhoni, capitão de um time de críquete. Estudante do terceiro ano de engenharia mecânica na IIT-Kharagpur, ele afirma que cantar está no seu sangue.

— Espere só para ouvir. Vai achar que Mohammad Rafi reencarnou em mim — ele afirma.

Anita Patel é uma estudante de economia doméstica que usa óculos e veio de Bhavnagar, em Guzerate. Seu porta-voz é o pai, um homem de negócios astuto com uma mente calculista e uma tendência a exageros.

— Quando Anita ganhar o concurso, ela vai receber um contrato de gravação e quarenta *lakhs* em dinheiro. Eu decidi investir os quarenta *lakhs* em um fundo de renda fixa. Ao final de vinte anos, vamos receber no mínimo dois *crores* além do seguro de vida. Não é um mau investimento, hein?

Javed Ansari, o filho de dezesseis anos de um puxador de riquixá de Lucknow, exsuda charme juvenil e uma confiança atrevida.

— Canto desde os cinco anos. É meu destino que me trouxe a Mumbai. Não ligo de ganhar ou não, mas não volto a Lucknow depois disso. Está é a cidade onde tenho de deixar minha marca. E minha marca deixarei. Nada pode me deter.

Koyal Yadav, de dezoito anos, é outra criança prodígio dos lagos de Bihar.

— Ela começou a cantar quando tinha apenas dois anos. Por isso lhe demos o nome de *koyal*, cuco — conta sua mãe com orgulho. — O pai dela é um famoso harmonista que trabalha em uma trupe musical *bhojpuri*. O *kismet*, o destino, de minha filha é muito forte. Sinto algo grande esperando por ela.

Jasbeer Deol é o único sikh na competição. É um adolescente robusto cujo pai dirige um próspero negócio em Ludhiana fabricando cobertores de lã.

— Por que você quis se tornar cantor? — pergunto. — Você não teria se dado bem no negócio da família?

— Não quero dinheiro — ele responde com honestidade. — Quero reconhecimento.

— E por quê?

— Veja, meu pai trabalhou como um escravo pelos últimos trinta anos para ganhar sua fortuna. Mas a

foto dele nunca apareceu no jornal. Eu canto por apenas três minutos para ganhar uma audição regional e no dia seguinte minha foto está espalhada pelos jornais locais. O que isso demonstra? Que é melhor ser famoso do que rico.

De acordo com a lista do dormitório que nos foi dada, há outra garota, de dezenove anos, chamada Mercy, sem sobrenome. Encontro-a escondida atrás da cortina; crucifixo prateado pendurado no pescoço. Vestida em um sári de algodão barato, ela parece frágil, com cabelo crespo, dente torto e rosto desfigurado pelo vitiligo. As manchas brancas dão à sua pele uma palidez nada saudável, como se fossem feitas de cera lentamente derretendo.

— De onde você é? — pergunto suavemente.

— Goa — ela responde, encarando fixamente os pés enfiados em chinelos de borracha velhos.

— Quem veio com você? Seu pai?

— Eu não tenho ninguém — ela diz e se encolhe, como se tentasse ficar ainda menor do que já é.

Antes que eu possa inquirir ainda mais, sou distraída por Nisar Mali, um belo rapaz de dezessete anos que veio lá de Pahalgam, Caxemira.

— *Didida*, você pode me emprestar vinte rúpias?

— Por quê? — Levanto as sobrancelhas. — Você não tem dinheiro?

— Não. — Ele chacoalha a cabeça. — Saí de casa três dias atrás com apenas cem rúpias no bolso. Agora não tenho nem uma moeda *paise* de vinte e cinco. Não se preocupe, devolvo assim que ganhar o concurso.

Relutantemente, despeço-me de uma nota de vinte.

— Por que você quis participar do concurso?

— Apenas uma coisa: o desejo pela fama — ele diz com honestidade lamuriosa. — Eu não quero viver a vida no anonimato, *didida*. Prefiro morrer amanhã na fama do que viver cem anos na obscuridade.

Ouvir as convicções dolorosas desses competidores, o jeito que se gabam sem ironia, me deixa pensativa. O que faz as pessoas ficarem tão desesperadas pela fama? Por que esse perpétuo laborar pelo reconhecimento, essa obsessão em ser notado, em se destacar na multidão? Eu acho que é um tipo de doença, um vírus no sangue, circulado pela televisão. E a infecção se espalhou por toda parte, da Caxemira a Kanyakumari. A fama não é mais encarada como um subproduto do talento, mas um fim por si só. Todos querem se tornar celebridades instantâneas. E aparecer na TV é o meio mais rápido de alcançar isso. Por essa razão, há competidores dispostos a fazer de tudo para aparecer em um reality show. Comem baratas, maltratam os pais, fazem sexo, casam, anunciam o divórcio e até dão à luz para as câmeras. Qualquer coisa que pode ser feita na vida real é agora empacotada como reality show. E a embalagem está cada vez maior. Agora temos um show sobre regressão a vidas passadas, como se esta vida não fosse mais suficientemente excitante.

Acho reality shows tão morbidamente fascinantes quanto observar acidentes de carro — você quer desviar os olhos, mas não consegue evitar se deixar levar pelo que está acontecendo.

Neha não está pensando as mesmas coisas. Está ocupada analisando os rivais.

— Se o resto for igual a esses idiotas — ela observa ao redor desdenhosamente —, vou ganhar de

mãos atadas.

Admiro sua autoconfiança de aço. Mas também temo como ela vai lidar com o fracasso. Como outros concursos de TV, o vencedor de *Popstar N^o 1* vai ser decidido pelo voto da audiência. E, como nossos políticos aprenderam ao longo do tempo, não há nada mais volúvel do que um eleitor.

O show começa para valer no dia seguinte. Somos todos levados para o Mehboob Studio, em Bandra, onde os quarenta competidores são formalmente apresentados uns aos outros.

O set é retrô chic, feito para simular um nightclub classudo, do tipo que costumava ser bem comum em filmes em híndi na década de 1970. Pintado em uma paleta escura de marrom-avermelhado, malva-escuro e azul, possui um palco rotatório negro, entalhado e circular, cujo modelo é um disco dos tempos do 78 RPM. A atmosfera noir é ressaltada pela iluminação dramática com vermelhos e roxos nebulosos que banham o palco de modo quimérico. Há mais de duzentas pessoas na plateia, consistindo de membros do público em geral e amigos e familiares dos competidores.

O produtor/diretor é um *hipster* alto e desengonçado que parece um músico de reggae com sua barbicha e *dreads*. Um cristão sírio de Kerala, chamado Matthew George. Vestindo jeans rasgado e tênis, ele explica as regras básicas aos competidores como se fosse um técnico preparando um novo time.

— A primeira coisa que vocês precisam saber sobre *Popstar N^o 1* é que não é um show de talentos musicais. É um show de entretenimento, uma mistura de *Bigg Boss* e *Indian Idol*. Então, não quero apenas suas canções, também quero sua vida, com todos os seus rolos, tristezas, incertezas, toda a sua beleza e feiura. Quero suas lágrimas, seus medos. Quero as briguinhas, os escândalos, os bate-bocas amorosos. Quero seus segredos obscuros, quero sua roupa suja. Quero tudo que você possui dentro de você, saia gritando, anunciando para o mundo por que você, e apenas você, merece se tornar o *Popstar N^o 1* e como nada vai impedir você de conseguir. Lembre-se: o mundo apenas idolatra o número um. Não há lugar para os segundos lugares. A história é dura com os derrotados. Portanto, levantem-se, lutem e reivindicuem sua coroa.

Ele pausa e olha ao redor para os competidores amontoados no backstage, alguns nervosamente roendo as unhas ou batendo os pés.

— Entenderam?

Não sei quanto aos outros, mas Neha com certeza entendeu.

— É isso, é isso, *didi*. — Ela agarra minha mão. — Sinto nas minhas entranhas que vou ser a número um.

— E os outros trinta e nove também — suspiro.

Pouco depois, os jurados marcham adentro. Eles são os quatro “Gurus Musicais”. O grandalhão Bashir Ahmad é o diretor musical de Bollywood *du jour*, criando a música para muitos filmes hit como o duo Bashir-Omar. Ele também possui um lamentável tino para autopromoção. Rohit Kalra é um letrista famoso e cantor gazel que tentou atuar e não teve sucesso. Embora agora esteja confortavelmente na meia-idade, ainda possui um charme mancebo, enfatizado por sua longa cabeleira fashion. Uditá Sapru

providencia o glamour para o grupo. Cantora atraente com voz sedutora que foi descoberta há três anos em uma competição de talento chamada *Song of Life*. E, por fim, Vinayak Raoji Wagh, usando sua marca registrada: os óculos escuros. Já beirando os sessenta anos, Raoji é uma peça-chave em shows de talentos musicais. Encarado como uma lenda viva, ele é o único músico, compositor e cantor cego de Bollywood. Sua face marcada pela varíola é o vestígio da doença na infância, mas a chamativa cicatriz abaixo do olho esquerdo é legado do bizarro incidente que lhe tirou a visão. Uma fã maluca atacou-o com uma faca em um concerto há seis anos, quase arrancando os olhos dele. Depois, ela cometeu suicídio enfiando a mesma faca em seu próprio pescoço. Raoji perdeu a visão, mas não o espírito. Ele continuou a criar trilha sonoras para filmes e está listado no Guinness Book como o compositor cego mais prolífico.

Assim que os gurus tomaram seus lugares no pódio dos jurados, Matthew George explica o formato da competição.

— Os quarenta candidatos vão ser divididos em quatro times de dez, cada um orientado por um dos gurus musicais. Nas próximas duas semanas, vamos ter rodadas de eliminação direta para selecionar os vinte melhores. E aí virão as rodadas por votação transmitida ao vivo, permitindo ao público escolher, até o fim do ano, quem será coroado como o popstar número um.

Ele estala os dedos e as luzes diminuem. Um único spot de luz fica aceso no palco. Ao mesmo tempo, a orquestra começa a música de abertura do show.

— Agora, quero que cada um venha aqui e cante uma música de sua escolha, com base na qual os jurados vão determinar os quatro times.

Era por isso que eu esperava, uma chance de ver se esses cabeças de vento pomposos têm algum talento que seja. Por isso, acomodo-me junto com o resto da plateia enquanto um a um os competidores tomam o palco em ordem predeterminada.

Há algo de transformador em estar no palco diante de uma plateia. Fico maravilhada pela curiosa alquimia que transforma esses zés-ninguém de cidades *mofussil* empoeiradas em vocalistas embonecados em um piscar de olhos. No momento em que ficam sob o holofote e seguram o microfone nas mãos, a linguagem corporal se transforma. Não são mais engenheiros e fazendeiros, estudantes e vendedoras; eles suplantam sua normalidade para se tornar artistas performáticos no palco, as câmeras de TV dotando-os de um halo de estrelato instantâneo.

Nas três horas que se seguem, ouço trinta e sete deles soltarem a voz em tudo quanto é tipo de canção, acompanhados de uma orquestra completa. Minhas impressões estão divididas. Alguns obviamente são cantores treinados que sabem segurar a nota. Outros não possuem talento algum. Cantam tão monotonamente que chego a pensar que eles podem ter pago para estar ali.

E chega a vez de Neha. Ela canta a música-tema de *City of Dust*. Os jurados — Raoji em particular — acenam a cabeça em concordância, impressionados tanto pela proeza vocal dela quanto por sua presença de palco. Ela é, sem dúvida, a melhor até agora, uma combinação rara de boa voz, rosto bonito e presença régia.

Neha é seguida por Javed. O filho do puxador de riquixá surpreende a todos com uma performance refinada. Ele escolhe um hino popular de *Love in Bangkok* e quase imediatamente faz a plateia gritar em

aprovação e os jurados baterem os pés em sincronia com a cadência de sua voz forte de barítono.

Neha fica inquieta ao compreender que há um competidor com a “estrela” superior à dela.

A plateia ainda está entoando “Javed! Javed” quando, sobressaindo ao estrépito surge um fiapo delicado de uma melodia sobrenatural. É a última competidora, a órfã Mercy. Embora seu corpo seja frágil e magro, o som que emerge de seus lábios é semelhante a uma torrente de água escorrendo pelas areias ressecadas do deserto. A voz dela é como uma prece, tocando os recônditos mais profundos de minha alma, transportando-me para um lugar celestial de completa calma e felicidade. O ambiente fica em silêncio. É o silêncio absorto de uma multidão que se deparou com algo maior, uma experiência especial, quase mágica.

Vejo que os gurus estão hipnotizados pelo timbre único daquela voz, mas George está balançando a cabeça em negação lenta. Mercy não tem chance alguma de ser coroada como a popstar número um. Ela pode ter a voz de uma deusa, mas tem a personalidade de uma planta.

Após ouvir todos os cantores, os jurados reúnem-se. Os competidores estão em suspense, como colegas inquietos esperando o resultado dos exames. Todos, ao que parece, querem estar no time de Bashir Ahmad ou de Raoji. Eles são os diretores musicais que podem dar a um novo cantor a tão necessária chance em filmes.

Quando os resultados são finalmente declarados, há tristeza em alguns cantos e júbilo em outros. Javed foi escolhido por Bashir Ahmad para ser parte de seu time. Mercy vai para Udit, Nisar Malik, o da Caxemira, para Rohit Kalra. E minha irmã vai ficar sob as asas do cego Raoji.

Neha está extasiada.

— Não acredito que vou aprender com um músico do calibre de Raoji.

No dia seguinte, o veterano diretor musical convida os dez membros de seu time para seu bangalô palacial de três andares em Juhu, onde possui um estúdio de gravação particular. Um solteirão convicto, Raoji mora sozinho com um velho criado que, por sua vez, parece quase cego. O estúdio de gravação é ultramoderno, com mesas de sintetizadores. Logo, um ensaio improvisado se inicia. Alguém começa a tocar um harmônio, outro pega um violão. Começo a me sentir como uma groupie em uma festa no backstage conforme as ragas preenchem o ar.

Raoji pacientemente ouve a todos e seleciona Neha para um elogio especial.

— Sinto a presença da deusa Saraswati em sua voz. Você irá muito longe, minha menina.

Neha ajoelha-se e toca os pés dele.

— Quero ser sua discípula e absorver todo o conhecimento que você possui, Guruji.

— E assim será. Mas não esqueça meu *guru-dakshina* — ele fala e ri, referindo-se à tradição de reembolsar o professor após o término dos estudos.

Sei que cegos possuem um sexto sentido, mas pelo jeito que Raoji fala, meneando a cabeça e olhando diretamente para Neha, por um instante sinto como se ele pudesse de fato enxergá-la.

À noite, Mercy vem falar comigo na hora do jantar.

— Diga à sua irmã para tomar cuidado com Raoji — ela diz cripticamente.

— Você sabe de algo que eu não sei? — eu pressiono.

Ela morde o lábio e não responde.

Depois de formados os times, as eliminações começam no mesmo formato desgastado e previsível que já vi em incontáveis competições tipo reality. Em cada sessão, quatro cantores são escolhidos, um de cada time. Pedem para que apresentem uma canção escolhida pelo guru. E então os outros jurados criticam a performance, e o mais fraco é eliminado. É o equivalente à morte súbita; não há repescagem.

Pankaj Rane, um representante de vendas de medicamentos de Nagpur com pouco talento e ainda menos personalidade é o primeiro a ser mandado embora. Ele chora, começa a soluçar incontrolavelmente. As câmeras aproximam-se de sua face manchada de lágrimas. Vejo Matthew George sorrindo. É exatamente isso o que ele quer.

Fico triste por esses jovens competidores e sua ambição cega. O show vai acolher apenas um vencedor. O resto será mastigado e cuspidado, deixando para trás os restos usados de esperanças vandalizadas e sonhos quebrados. Esses aspirantes que vieram com estrelas nos olhos se encontrarão subitamente na calçada, esquecidos e sozinhos.

George tem razão. Não é um show de talentos. É um reality de competição ordinário.

Dois dias depois, Raoji envia seu carro para buscar Neha para um ensaio. Decido ir junto. Chegamos à residência dele e descobrimos que somos as duas; ele não chamou mais ninguém dos últimos sete membros do time.

— Por que esse favor para Neha? — questiono educadamente assim que nos acomodamos no estúdio de gravação.

— Sua irmã vai deslizar pelas eliminatórias — ele responde. — Agora, preciso começar a prepará-la para a segunda fase, quando o país inteiro vai votar. Se Neha escolher as canções certas, tem todas as chances de se tornar a próxima popstar número um.

É exatamente o que Neha quer ouvir.

— Que canções você recomenda, Guruji? — Ela bate os cílios para o músico cego, soando como uma ávida ginásial desesperada por aprovação.

— Vamos começar com o clássico “Kuhu kuhu bole koyaliya”; o cuco faz cu cu.

Lembro que é uma canção realmente obscura de um filme de Swarna Sundari de 1958. Para minha surpresa, Neha sabe qual é. Ela começa a cantar com sua garra de sempre, mas a voz dela falha ao tentar alcançar as notas mais altas.

Raoji bate o punho contra a palma e grita:

— Não! Não! Não!

Neha para no meio.

— O que foi, Guruji?

— Essa canção não é pra você — ele afirma. — É uma das canções mais difíceis de dominar porque

seus quatro versos são baseados em quatro ragas diferentes. Apenas um vocalista extremamente versátil consegue negociar as transições entre as ragas sem provocar uma quebra ou desanimar. Você não está nesse estágio ainda. Mas, com treino constante, estará.

Após administrar a reprimenda, ele suaviza:

— O.k., vamos tentar um número mais leve. Que tal a canção de Uditá Sapru, “It’s raining”?

Neha ilumina-se.

— É uma das minhas músicas preferidas — ela diz.

Dessa vez, ela domina desde o começo, cantando ao longo das batidas animadas e cativantes, a voz indo sem esforço para cima e para baixo nas escalas.

Raoji bate palmas quando ela termina.

— Uau! Foi perfeito! Agora venha ao meu lado. Deixe-me vê-la.

Neha se move, hesitante.

— Mas... você não pode ver, senhor.

— Um homem cego não vê com os olhos, mas com as mãos — ele diz e começa a gentilmente traçar as pontas dos dedos sobre a face de Neha, como se memorizando cada reentrância e curva.

Um frêmito de desconforto dispara em minha barriga conforme a palma dele continua a vagar, descendo pelo pescoço, descendo mais e mais até quase chegar ao começo do seio dela.

O fôlego de Neha está preso na garganta; o corpo congelado no lugar. Ela vê que estou prestes a intervir e levanta a mão alarmada para mim. Preciso segurar o braço da cadeira e apertar os lábios para me impedir de quebrar aquele terrível silêncio. Um instante depois, Raoji retira a mão.

— Agora, eu a vi — ele declara. — É tão linda quanto a sua voz.

Neha pisca para mim, os cantos da boca virados em um riso predatório.

Mais tarde, ao sermos levadas de volta a Colaba pelo motorista de Raoji, Neha começa a gargalhar histérica e incontrolavelmente.

— Quão patético foi aquilo?

— Não é motivo de riso — digo firmemente. — Ele estava tentando apalpar você.

— Tá tudo bem, *didi*. — Neha dispersa meu medo com um movimento de mão altaneiro. — Não vamos transformar a situação em um teste do sofá. O pobre homem cego queria apenas um pouco de contato humano. Tenho pena dele. Imagine ter de passar pela vida na escuridão completa, sem cor, sem forma, sem esperança. — Ela se arrepia, como se o próprio pensamento lhe provocasse náusea. — Prefiro morrer do que viver tal vida.

— Algo em Raoji me incomoda — insisto. — De agora em diante, não deve permitir que ele se aproxime.

— Pelo contrário, devo ficar próxima dele — Neha afirma. — Não é sempre que se pode ajudar um homem cego. E a bênção dele definitivamente não vai prejudicar minha perspectiva de ganhar a competição.

Só me resta balançar a cabeça frente à sua indiferença calculista, sabendo que agora tenho uma tarefa duplamente difícil em minhas mãos. Não tenho apenas de salvar Neha de Raoji, mas tenho de salvar

minha irmã de si mesma.

O resto da semana passa em um turbilhão de ensaios, performances, trocas de roupas e ensaios fotográficos. Aqueles que são eliminados fingem sorrir entre as lágrimas. Os sobreviventes agradecem a boa sorte e trocam palavras de encorajamento.

Eu não tenho muito o que fazer; apenas torço por Neha. Com todo o tempo livre em minhas mãos, meus pensamentos invariavelmente viajam até Karan. Conversamos pelo telefone quase todos os dias.

— Quando você vai voltar? — ele pergunta. — Estou sofrendo de uma deficiência aguda de vitamina S.

Sempre que ouço sua voz grave e suave, meus batimentos cardíacos aceleram. Memórias daquela noite em que o beijei correm até mim. A única poesia que escrevo esses dias vem dos momentos de emoção indescritíveis, quando minha caneta começa a sangrar a agonia insuportável da separação e a dor crua do desejo. É uma reação a todas as canções piegas de amor que venho ouvindo os competidores cantar? Ou estou realmente me apaixonando? Karan é engraçado. Ele é esperto. É lindo. O homem perfeito para mim. Mas quanto mais me aproximo, mais sinto que ele está escondendo algo de mim. E minha mente traidora começa a cochichar dúvidas venenosas, criando uma sensação de baixo-astral dentro de mim. Eu sou boa o suficiente para ele? Só porque passamos horas conversando não quer dizer que ele me ama. Se ele amasse, não teria correspondido ao beijo?

Para me distrair desses pensamentos perturbadores, começo a passar meu tempo com Mercy. De todos os competidores, ela é a que mais me intriga. Sua voz de soprano arrebatadora e a de contralto adocicada estão gravadas a ferro e fogo em meus ouvidos. Mas além de sua voz, são seus olhos que conversam comigo. Eles sempre parecem estar prestes a chorar, como se houvesse uma fonte perpétua de tristeza em seu coração.

Ela é uma solitária, sempre tentando evitar companhia. Sempre que a vejo sentada sozinha, lembro-me de um cachorro açoitado escondido em um canto.

— Por que você decidiu vir para esse show? — pergunto-lhe certa noite. — Para se tornar uma popstar número um é necessário mais do que voz.

Embora ela seja boa em esconder seus verdadeiros sentimentos, dou um jeito de atravessar suas defesas dessa vez.

— Vim para ver Raoji — ela dispara.

Sou pega de surpresa.

— Veio ver Raoji? Que tipo de motivo bizarro é esse?

Pouco a pouco, a história vai surgindo. E eu fico sabendo a terrível verdade sobre Raoji.

A irmã mais velha de Mercy, Gracie Fernandez, era uma cantora aspirante que veio para Mumbai oito anos antes, oriunda de Goa. Raoji tornou-se seu mentor e começou a ensiná-la. Logo, ele a forçou a ter relações sexuais. Mas quando Gracie ficou grávida, Raoji tornou-se uma pessoa completamente diferente. Ele a chamava de puta, recusou a se casar com ela. Gracie implorou para que reconsiderasse,

mas ele ignorou as súplicas. A irmã de Mercy cometeu o erro fatal de ameaçar falar com a imprensa. Raoji enfureceu-se. Espancou-a com o cinto, dizendo que iria matá-la. Gracie abortou e teve de ficar no hospital por seis semanas. Quando saiu, estava consumida pela vingança. Foi ela quem atacou Raoji com a faca durante o concerto seis anos atrás.

— Minha irmã não estava louca — conclui Mercy, lágrimas brotando no canto dos olhos. — Esse homem a deixou sem opção. O mundo pensa que Gracie cometeu suicídio, mas, na verdade, foi assassinato. Raoji a forçou a tirar a própria vida.

— Por que esses fatos não vieram à tona?

— Porque minha irmã é uma ninguém de Goa, e Raoji tem dinheiro e poder. Ele subornou a polícia, acobertou tudo.

— Então, você veio matar Raoji, se vingar?

— Não. — Ela treme, segurando o crucifixo. — Com Jesus por testemunha, sou incapaz de matar uma mosca. Justiça e vingança são coisas de Deus.

— Então, qual é o plano?

— Não tem plano. Quando ouvi dizer que Raoji seria o jurado, decidi entrar no show. Eu simplesmente queria ver o homem que destruiu a vida de minha irmã. Ela era minha guru, ela me ensinou a cantar. O sonho dela era me ver em um concurso de talento. Não estou aqui para vingá-la; vim honrá-la.

— E o Raoji?

— Um dia, ele será julgado na corte de Cristo.

Ouvindo essa fábula trágica, não posso deixar de admirar o autocontrole de Mercy. Se eu estivesse no lugar dela, não acho que teria sido capaz de olhar o rosto de Raoji sem lhe cuspir na cara. E nem teria tido a paciência para esperar o julgamento divino.

A história de Gracie não apenas me comove, mas também reforça minha crescente suspeita sobre o diretor musical.

— De agora em diante, não quero mais que se encontre com Raoji em qualquer circunstância — instruo Neha. — Um sádico é sempre um sádico, é o que penso.

— Isso é ridículo — Neha se enfurece. — Ele é meu guru, pelo amor de Deus. E ele me chamou hoje à noite para um ensaio final.

— Diga que não vai.

— E perder o título de popstar número um? Não fale bobagens, *didi*. Além disso, o que um homem cego pode fazer? Eu com certeza cumprirei o compromisso.

— Se você precisa mesmo, eu insisto em ir junto.

Raoji recebe-nos no terraço de sua casa. É uma noite fresca e com brisa. Uma lua cheia brilha no céu limpo, iluminando a enorme mansão.

Vestido em um *kurta* de seda, o diretor musical é encantador como sempre, mas não consigo deixar de olhá-lo agora com um arrepio de desprezo pelo que fez à irmã de Mercy.

Neha está linda em um conjunto *salvar* de crepe rosa que comprou ontem no Crawford Market. Só o *dupatta* de chiffon me custou oitocentas rúpias.

O criado de Raoji entra com uma bandeja trazendo bebidas. Eu pedi suco de laranja, Neha pediu uma Coca Diet. O veneno preferido de Raoji, fico sabendo, é uísque Talisker puro malte.

— Esta noite, vou dar à Neha minha maior lição — ele diz com certo mistério, enchendo o copo com o líquido dourado-escuro. — Estamos quase no fim do primeiro estágio. Amanhã é a rodada de eliminação final. Depois dela, Neha, você será implacável. Saúde!

Ele levanta o copo em um brinde e vira a bebida em dois goles.

Neha envolve-se em uma discussão com Raoji sobre técnica de canto. Eu caminho até a beira do terraço e pouso os cotovelos sobre a balaustrada de pedra ornamentada, olho para a vasta conurbação espalhando-se além do ondular de veludo do oceano. O horizonte de Mumbai é espetacular à noite. Luzes piscantes e brilhantes cobrem a cidade, fulgurando com a luminescência de uma miragem. Placas de néon ardem delicadamente sobre os altos edifícios à beira-mar. Os mercados estão vivos com o som do comércio. Carros ainda correm ruas abaixo. Esta é verdadeiramente uma cidade que nunca dorme.

O ar está banhado por uma fragrância inebriante do jasmim em um vaso. Mistura-se ao odor úmido e salgado do oceano, entontecendo-me. Tomo outro gole do suco. O gosto é meio estranho. De repente, minha cabeça começa a doer, meus joelhos ficam fracos. Sinto como se fosse vomitar e corro para o banheiro do outro lado do terraço.

Tropeço até a pia. Olho-me no espelho. Meus olhos parecem estranhamente pesados. Ondas de sono invadem minha mente, uma atrás da outra. Sinto-me letárgica e nauseada. Para jogar água no rosto, faço um esforço sobrenatural. Tento piscar até que o mundo à minha frente entre novamente em foco, mas minha cabeça se recusa a clarear. Encosto-me à parede e tento entender o que está acontecendo comigo.

Raoji deve ter ordenado seu criado a drogar minha bebida. Vejo o diretor musical pela janela, acariciando as costas de Neha. Em minha visão distorcida, ele duplica, triplica, e continua a se multiplicar até que minha mente fique repleta pela alucinação de um Raoji de dez cabeças, rindo maleficamente como o demônio Ravan.

— Vamos para o estúdio. — Ouço, um eco distante. — Você me guia?

Através de pupilas embaçadas, vejo Neha pegar o braço de Raoji e o levar na direção da escada. “Não!”, quero gritar, assolada pela terrível presciência do perigo iminente, mas descubro que estou incapaz de me mover ou falar. É como se eu estivesse hipnotizada, em transe. Meu cérebro não parece mais estar conectado ao corpo.

Luto contra a paralisia crescente e cambaleio para fora do banheiro. Raoji e Neha não estão mais lá, deixaram para trás apenas uma cumbuca de castanha-de-caju.

Meu coração desfalece e meu corpo está tão mole que mal consigo levantar a cabeça. Sei que estou prestes a desmoronar como um bêbado sem jeito. É quando meus olhos recaem sobre a garrafa semivazia de uísque Talisker reluzindo sobre a mesa. Pego-a. É como se pesasse uma tonelada. Reunindo todas as

minhas reservas de energia, levanto-a sobre minha cabeça e depois a deixo cair sobre o chão de concreto, quebrada em pedaços. O cheiro pungente de uísque preenche o ar. Fico apenas com o gargalo da garrafa na mão, com dentes pontudos e afiados onde ela se quebrou. Ainda oscilando de tontura, respiro fundo e enfio a ponta quebrada em minha coxa esquerda como uma adaga. Ela atravessa o tecido fino do *salvar* e perfura a pele. Salvas de dor abrasadora invadem minha perna e irradiam pelo corpo, limpando a névoa de meu cérebro em um instante, acordando todos os meus sentidos.

Ignorando a dor excruciante na coxa, manco escada abaixo, atravesso a sala de estar e invado o estúdio de gravação. Encontro Neha e Raoji enroscados no sofá. O músico travou os braços ao redor da cintura dela, prendendo os braços dela ao lado. Ele está tentando beijá-la enquanto minha irmã luta desesperadamente para se livrar do abraço ardente.

— Raoji! — eu grito e arranco Neha de suas mãos.

Ele a solta, respirando pesadamente, como um homem prestes a ter um ataque cardíaco. Cuspe escorre de sua boca e as veias de sua face estão inchadas.

— Vá, Neha! — ele grita. — Eu estava apenas tentando ajudar você. Mas você não vale um minuto de minha atenção.

Estou pegando fogo, queimando de indignação. Eu empurro Neha para o lado e o chuto com a perna direita. No instante seguinte, a face dele se contorce em dor chocada quando meu salto atinge seu plexo solar.

— Biscate! — ele solta um rosnado estrangulado, abraçando a própria barriga.

Minha fúria não cessa.

— Você não merece viver, seu porco!

Dou um soco, mas com reflexos incrivelmente rápidos ele pega minha mão antes que o acerte. Ele me gira, enfiando minha cara contra a parede e girando meu braço até quase quebrá-lo. Contorço-me em agonia.

— Posso esmagar você como uma mosca — ele sibila em meu ouvido.

Depois, igualmente abrupto, ele me liberta.

— Chega de ensaios! — ele diz, nos dispensando. — Saiam da minha casa, as duas.

Neha está traumatizada pelo incidente. Quase consigo apalpar a vergonha, o horror e o nojo arrasando-a como uma tempestade no deserto quando ela senta no táxi que nos leva até Cobala.

— Ele... ele tentou me to... tocar — ela diz, gaguejando. — Você tinha razão sobre ele, *didi*. — Ela enterra o rosto em meu colo, dissolvendo-se em lágrimas.

— Não se preocupe, tudo vai ficar bem — eu digo para acalmá-la, alisando seu cabelo.

A mão dela acidentalmente roça minha coxa e ela descobre o pedaço úmido e grudento no *salvar*. O sangue ainda escorre pela ferida.

— Oh, meu Deus, você está sangrando, *didi* — ela grita.

A dor latejante, que a adrenalina em meu sistema tinha arrefecido, volta com tudo. Sinto fisgadas,

como uma queimadura de ácido.

Sem um momento de hesitação, Neha rasga o *dupatta* novo em folha e improvisa um torniquete, com o qual envolve a ferida, estancando o fluxo de sangue.

Sentadas no banco de trás do táxi, redescobrimos uma a outra. Talvez pela primeira vez na vida, vejo Neha sob uma nova luz, realmente me conectando com ela. Sinto o pulsar de um coração mais intenso e acolhedor que ela manteve escondido sob o verniz narcisista do egoísmo e da superficialidade.

— Sempre achei que você amasse Alka mais do que a mim — diz Neha, a voz comovida pela dor e amargura confinadas que acumulou ao longo dos anos. — Mas não mais.

A noite está se tornando um momento de surpresas, confissões e revelações.

— Sempre achei que você faria tudo pela fama — respondo com igual honestidade. — Mas não mais.

Abraçamos uma a outra, como duas sobreviventes de uma enchente flutuando sobre o mesmo tronco de árvore.

A vida não nos dá a opção de escolher as ligações de sangue, mas sempre nos dá a oportunidade de consertá-las.

*

Neha continua grudada em mim até chegarmos à segurança do dormitório. A testa dela está pegando fogo. Mercy me ajuda a colocá-la na cama. Quando me viro para sair, Neha segura meu braço.

— Aonde você vai, *didi*?

— Para a delegacia de polícia, abrir um boletim de ocorrência contra Raoji. Ele tentou me drogar e molestar você.

— Não, *didi*. — Neha pula da cama e me impede de sair. — Eu não permitirei.

— Mas por quê?

— Vai acabar com minhas chances de ganhar.

— Você enlouqueceu? Ainda está pensando na competição depois do que ele fez com você?

— Olhe, eu vou pedir a George que me mude de time depois dessa rodada. Não vou ter mais nada a ver com o porco do Raoji. Mas não quero perder essa chance. Estou quase lá. Assim que eu chegar aos últimos vinte, nem mesmo Raoji será capaz de me parar. Não tire de mim minha única esperança, meu único sonho, *didi*. — Ela começa a soluçar outra vez.

Eu cedo.

— Tudo bem. Não vou denunciar Raoji se é o que você quer.

Mercy, que ficou ouvindo a conversa, está mais preocupada com a ferida em minha perna.

— Você precisar ir ao médico, *didi*. Se não tratar logo, pode infeccionar.

Ela me acompanha a um posto de saúde próximo, onde a enfermeira limpa a ferida e a desinfeta. Nosso caminho passa por um mercado de rua movimentado. Na volta, cruzamos com um policial com o uniforme da polícia de Maharashtra. Ele está ocupado negociando com um vendedor de brinquedo, sua motocicleta Rajdoot ronronando como um gato selvagem ao lado da calçada.

Mercy tenta me empurrar gentilmente na direção do policial.

— Ainda podemos ir até a polícia.

— Não posso. Eu prometi a Neha.

Ela agarra meu braço.

— Não devemos permitir que Raoji se safa outra vez, *didi*.

Os olhos dela queimam com fogo escuro, como uma lava negra de um vulcão que entrou em erupção dentro dela.

Fito Mercy e depois a vendinha de brinquedo, e uma ideia cruza minha mente.

— Tenho um plano — sussurro para ela.

— Conte-me — ela sussurra de volta.

*

Há uma corrente elétrica no ar. É a rodada final das eliminatórias. Hoje, os últimos dois cantores vão embora, deixando apenas vinte concorrentes que brigarão pela cobiçada coroa em transmissão ao vivo.

Espero com o resto da audiência; a tensão atinge o pico.

Um a um, os jurados anunciam o nome dos competidores de hoje. É como um jogo de xadrez: o truque é antecipar a jogada do oponente. Os jurados tentam proteger suas peças, colocar seus melhores cantores contra os oponentes mais fracos e dar um xeque-mate nos outros times.

— Eu nomeio Javed — declara Bashir Ahmad.

Uma onda de excitação atravessa a audiência. Javed Ansari obviamente é o preferido até agora. A jogada de Bashir é um gambito da Rainha.

— Eu seleciono Sujata Meena — diz Udita Sapru.

Sujata é uma cantora natural com a voz rouquenha. Ela é o equivalente ao cavalo, o curinga no deque, capaz de provocar um estrago.

— Meu guerreiro é Nisar Malik — diz Rohit Kalra.

O menino da Caxemira não é o melhor vocalista do time. É um peão que pode ser sacrificado.

— E eu coloco Neha em campo — anuncia Raoji.

Um suspiro escapa dos lábios de todos. Um enfrentamento entre Javed e Neha não faz sentido nesse estágio preliminar. É como colocar duas Rainhas uma contra a outra no gambito inicial.

Os quatro competidores alinham-se no palco e a rodada eliminatória começa.

Bashir Ahmad escolhe uma poderosa canção de amor para Javed, e seu protegido a apresenta impecavelmente, impressionando a todos com seu alcance, intensidade e expressão crua do poder de sua voz.

O forte de Sujata Meena são as canções folclóricas. E seu guru lhe permite que utilize sua força. Ela solta a voz em uma balada do Rajastão que deixa a plateia hipnotizada. Sua voz corajosa, livre e persuasiva é um contraponto perfeitamente calculado do estilo vocal de Neha.

A interpretação de Nisar Malik de uma trágica canção de Kishore Kumar é surpreendentemente

impressionante, encharcada da melancolia do coração partido e da decepção.

E então é a vez de Neha. Todos olham para Raoji, expectantes. Neha espera no palco com um sorriso angelical, mas eu sei que ela deve estar com frio na barriga. A única coisa que interessa a ela é vencer a competição. E este é o momento do vai ou racha.

Raoji limpa a garganta.

— Neha é nossa melhor cantora, por isso, vou lhe dar uma canção que demonstre seu poder vocal. — Sua face está sem expressão sob os óculos escuros quando ele anuncia: — *Beti*, quero que cante “Kuhu kuhu bole koyaliya”.

Fico chocada. A careta tensa que distorce a boca de Neha me mostra que ela não esperava por essa. Obviamente, Raoji montou uma armadilha. Infelizmente, minha irmã não pode evitá-la. Ela tenta bravamente, mas o suplício de ontem a deixou sem forças. As notas soam um pouco cansadas e comprimidas. Mais uma vez, o registro alto no *antara* mais difícil da canção acaba com a voz dela, que perde a intensidade.

O resultado é uma conclusão anunciada. De acordo com a opinião dos jurados, e também a da plateia, Neha é a mais fraca do lote. Ela é eliminada.

Um silêncio solene domina a plateia quando ela percebe humildemente que um de seus favoritos do começo foi derrotado. Neha está com expressão de pedra, aceitando o veredicto com resignação estoica.

A rodada final começa quase imediatamente, uma que coloca Mercy contra outros três muito inferiores.

Udita Sapru pede que Mercy cante “Aye Mere Watan Ke Logon”, Oh! O povo de meu país, uma canção patriótica de Lata Mangeshkar, reverenciada como um derradeiro tributo para os soldados indianos mortos em batalha em 1962, na guerra contra a China. Hoje, Mercy supera a si mesma. Ela atravessa suas profundezas congeladas e canta com ousadia, talento e sem moderação. A canção adquire asas, como se liberada de seu confinamento terreno. Sua voz cadente eleva-se em direção aos céus, arrebatando a orquestra, os jurados, a plateia, tudo em seu caminho. Imbuído com a esplêndida agonia da perda, o canto fúnebre torna-se quase uma catarse, uma elegia à sua falecida irmã. Fico arrepiada ao ouvir as notas atingirem uma perfeição pura, sem equivalente na história da competição.

Assim que a canção termina, ela recolhe-se à sua casca, vermelha como um corredor exausto. Os jurados cochicham entre si, fazendo contato visual envergonhado com o produtor. Eles obviamente estão bolando estratégias para justificar a eliminação dela.

Bashir Ahmad toma um gole de água do copo à sua frente antes de anunciar o veredicto:

— Foi uma... ahn... boa performance. Você é talentosa, sem dúvida. Mas não achamos que esteja pronta para o próximo nível. Há uma crueza em sua voz que precisa ser refinada.

Rohit Kalra encontra defeito em sua inexpressividade e sua falta de jeito.

— Cantar não é apenas acertar as notas — ele conta. — É também como se transmite sua mensagem para o público.

Raoji descobre um lapso imaginário na concentração durante a penúltima *stanza*.

— Essa única mácula estragou a performance inteira para mim. Mas eu digo o seguinte: você precisa de um pouco mais de *riyaaz*, um pouco mais de prática, aí, ninguém será capaz de segurar você.

— Obrigada, senhor — Mercy chia. — Eu preciso de sua bênção.

— E eu a entregarei pessoalmente — diz Raoji.

Ele deixa o pódio dos jurados e arrasta os pés até o palco, descobrindo o caminho com a bengala. Matthew George o guia pelos degraus. Mercy permanece de cabeça baixa quando Raoji se aproxima. Quando ele está a dez passos de distância, ela fica de pé com um grito mudo; uma faca aparece como mágica em sua mão direita. Sob o holofote vermelho contrastante, a lâmina serrilhada parece estar ensopada de sangue.

Um arfar chocado soa na plateia e reverbera por todo o hall.

Quando Mercy arqueia a faca em direção ao peito de Raoji, o diretor musical instintivamente levanta as mãos para se proteger. Largando a bengala, ele pula do palco com um grito reprimido, a face um pastiche de cera em pânico.

Um arfar ainda maior de surpresa emana da plateia.

— Você... você *enxerga*? — observa Bashir Ahmad com o queixo caído.

— Isso é verdade — eu digo, subindo ao palco e pegando o microfone. — Mercy não estava tentando matar Raoji, apenas expô-lo.

Mercy joga a faca de plástico que comprei na noite anterior no mercado de rua, seu peito arquejando de emoção. Ela fica de joelho, faz o sinal da cruz e beija o crucifixo. Com lágrimas escorrendo, ela levanta a cabeça em oração:

— Senhor, tenha piedade da alma de minha irmã.

— Raoji não é cego, ao menos não dos dois olhos — eu continuo. — Ele manteve o fingimento para apalpar jovens garotas, atrair sua simpatia e, por fim, abusar delas, como abusou da irmã de Mercy, Gracie, forçando-a a se matar. Ontem à noite, ele tentou o mesmo truque sujo com Neha. Este homem maligno merece ser açoitado em público.

A plateia ruge em aprovação.

De repente, Uditá Sapru levanta-se.

— Não aguento ficar no mesmo ambiente que este monstro — ela declara com a voz trêmula e demora a continuar: — Ele... ele... fez isso comigo, também, quando eu competia no *Song of Life*.

A revelação choca, surpreende e, por fim, revolta o público. Dois homens avançam ameaçadoramente na direção de Raoji, que se encolhe de medo.

— Corta! — Matthew George pula de sua cadeira de diretor. — O que é que está acontecendo? — ele pergunta a ninguém em particular, lutando para manter o ar de calma profissional.

— Eu nunca devia ter concordado em ser jurada neste programa de quinta categoria. — Uditá olha com desdenho para ele. — Eu me demito.

— Eu também — diz Bashir Ahmad.

— Idem — diz Rohit Kalra.

Eles saem do estúdio bufando, deixando Raoji à mercê da horda que o ataca por todos os lados.

Meia hora depois, encontro Matthew George sentado desamparadamente em um banco, verificando as ruínas do set vandalizado pela turba descontrolada.

— O que você fez? — o produtor/diretor grita comigo. — Raoji está no hospital com cinquenta ossos quebrados. E minha competição terminou antes de ter começado.

— Não me culpe — respondo calmamente. — Apenas dei o que você queria.

— Por que eu iria querer acabar com meu próprio show? — ele berra, arrancando os *dreads* como um doido varrido.

— Você queria nossa roupa suja, nossos segredos e confissões. Bem, eu lhe dei um escândalo de primeira. Aproveite.

Neha e eu pegamos o trem de volta a Delhi na mesma tarde. Passamos as dezoito horas de viagem quase que em completo silêncio, absortas em nossos próprios pensamentos. O rosto de Karan assoma em minha mente como um delírio de febre persistente. Neha está estranhamente muda, com um olhar distante.

— Chega de concursos de música para mim — ela desabafa.

Minha irmã viu a face real do mundo, enfim, e isso quebrou suas ilusões, extinguiu suas ambições ardentes de estrelato instantâneo.

Há uma surpresa agradável esperando por nós assim que o trem para na estação Paharganj às sete horas da manhã do dia seguinte. Karan Kant está na plataforma, segurando um enorme buquê de cravos amarelos. Tinha lhe contado sobre nossa chegada, resumido o fiasco do *Popstar N^o 1*, mas nunca esperei encontrá-lo na estação, ainda mais com um presente de boas-vindas. Isso espanta o fracasso e frustrações de Mumbai em um segundo, fazendo com que me sinta realmente especial.

Ele está lindo em uma camisa polo listrada e calças cáqui. Meu rosto fica vermelho e meu coração quase sai pela garganta ao dar um passo para receber as flores.

Para meu completo assombro, ele passa reto e coloca o buquê no colo de Neha.

— Bem-vinda de volta, Rainha Cantante. — Ele dá um sorriso radiante.

É um gesto gentil para animá-la, mas eu não consigo evitar me sentir um tanto traída. Ao observar Neha ficando vermelha, um surto doentio de ciúme amarga minhas vísceras.

Talvez Karan tenha antecipado minha reação, pois vira um segundo depois para mim:

— E não pense que me esqueci de você, madame.

Ele sorri como um mágico ao fim do truque e mostra uma única rosa embrulhada em celofane. Ele a oferece com uma pequena e séria mesura. Vendo que ainda estou envolta em confusão, ele coça a cabeça e revira os olhos.

— Você não gosta de rosas? Teria preferido uma xícara de chá quentinho? — Fazendo uma careta, ele entoa roucamente: — *Chai! Chai garam* — imitando o cantarolar dos vendedores ambulantes de *chai wallahs* que invadiram nosso vagão em todas as paradas.

E percebo que é o bom e velho Karan de sempre. O Karan que esconde seus verdadeiros sentimentos por trás de banalidades triviais. Ele continua frustrantemente impenetrável como sempre. E agora me

deixou com outra charada para resolver: uma única rosa vermelha vale mais do que doze cravos amarelos?

Sou convocada por Vinay Mohan Acharya na mesma noite.

Quando chego ao escritório no décimo quinto andar, encontro uma indiana comum, que parece do sul, sentada à mesa da secretária.

— Olá, senhorita Sapna. Sou Revathi Balasubramaniam — ela me cumprimenta.

Surgem covinhas em suas bochechas quando ela dá um sorriso tímido. Antes que eu consiga cumprimentar de volta, o interfone sobre a mesa toca e eu sou levada até a presença do industrial.

— O que aconteceu com a Jennifer? — pergunto a Acharya.

— Eu a demiti. — Ele contorce o rosto.

— Por quê?

— Ela era a cobra entre nós, passando informações importantes da companhia para o Grupo Premier.

— Meu Deus!

— Foi Rana quem descobriu. Ele conseguiu romper o sigilo telefônico do celular pessoal dela. Encontramos diversas ligações para o número pessoal de Ajay Krishna Acharya, o diretor do Grupo Premier. Foi especialmente intrigante ver as ligações que ela fez ao meu irmão na mesma noite em que finalizamos nossa proposta de oferta ao programa do RG nacional.

— E você a confrontou?

— Ela negou, é claro. Disse que alguém deve ter adulterado o registro das ligações para incriminá-la. Mas todo ladrão nega ser ladrão. — Ele olha pensativamente pela janela saliente, para o céu rosa desbotado. — Eu sou capaz de perdoar um inimigo, mas não um traidor — ele volta a falar com uma voz oca, como se tivesse sido apoderado por uma forte emoção. — Um erro pode ser corrigido, mas, quando a confiança é traída, vai embora para sempre.

Meneio a cabeça em silêncio.

— Enfim, eu não chamei você aqui para reclamar sobre a Jennifer, mas para cumprimentá-la. Você passou no quarto teste com notas azuis.

— E que teste foi esse?

— O teste da previsão.

— Não entendo. O que eu fiz que demonstrou previsão?

Ele dá um tapinha na pilha de jornais sobre a mesa. Quase todos traziam a denúncia sobre Raoji na capa.

— Foi preciso um homem cego para revelar sua antecipação estratégica. Você teve um pressentimento que havia algo de errado com Raoji e desenvolveu um plano engenhoso para desmascarar o charlatão. Bravo.

— Mas como você ficou sabendo de meu papel na questão? Nenhum dos jornais que li menciona meu nome.

— Mas eles mencionam uma certa Mercy Fernandez. Ela me contou tudo. Ela contou sobre como você suspeitou de Raoji desde o princípio. E o que você fez para salvar sua irmã das garras dele.

— Como você conhece a Mercy?

— Acabamos de contratá-la como dubladora na nossa divisão de filmes.

— Ela vai se sair muito bem. Ela tem a voz de um anjo.

— Mas tem a visão de um oráculo? Acredito que o único modo de se preparar para o futuro é planejá-lo. Aqueles que não se planejam, planejam o fracasso. Previsão é a arte de ler a situação astutamente e antever os acontecimentos. É essencial para o sucesso de uma organização. Trinta e cinco anos atrás, eu vi meu primeiro computador, um Commodore PET, e eu soube instintivamente que aquela máquina mudaria o modo como fazemos as coisas no nosso dia a dia. Foi quando fiz minha primeira incursão no mundo da computação. Hoje, a ABC Computers controla trinta e dois por cento do mercado de hardware para PC da Índia.

Ele fica falando por mais quinze minutos sobre seu assunto favorito: ele mesmo. Mas eu já me desliguei. Sua vaidade infantil não me retrai tanto quanto sua crença errônea em minhas habilidades. Como eu gostaria de poder prever as coisas. Assim, eu nunca teria deixado Alka tirar a própria vida.

O mundo está cheio de místicos e astrólogos que afirmam conhecer o futuro. Mas nenhum o conhece de fato. O futuro é um mistério nunca revelado completamente; pode apenas ser vagamente vislumbrado em nossos sonhos e imaginação. Previsão é um nome chique para o processo de aprender com os fracassos e sucessos do passado para planejar um amanhã melhor. É um processo que os humanos almejam desde o início dos tempos. E chama-se sobrevivência.

O quinto teste:

O Atlas da Revolução

É uma mistura de Diwali, o festival das luzes, com Dia da Independência. Há fogos de artifício explodindo por toda a cidade e as ruas estão cheias de carros seguindo devagar e buzinando, caminhões repletos de barulhentos fãs tricolores acenando e multidões de pedestres dançando e gritando: “Vida longa à Índia” e “*Jai Ho!*”.

Embora seja quase meia-noite, ninguém no condomínio quer dormir. Neha e eu também fomos contagiadas pela excitação da vitória da Índia sobre o Paquistão na semifinal da Copa do Mundo de Críquete, nomeada como “o maior jogo de todos os tempos” pela mídia hiperbólica. Ficamos grudadas à TV a noite toda, aflitas até o último *over* e, então, quando o último aro paquistanês caiu, a colônia toda erupcionou em uma celebração trovejante de assobios agudos, berros ensurdecedores e aplausos selvagens. O sr. J. P. Aggarwal, um negociante de hardware doido por críquete, do apartamento B-27, imediatamente marchou até o mercado e voltou com uma baciada de *rasagullas* para distribuir entre os vizinhos do segundo andar. Até Ma, que considera críquete tão divertido quanto depilar as pernas com cera, juntou-se à farra, discretamente colocando uma succulenta *rasagulla* na boca, ignorando sua diabetes crônica e a dura ordem do médico, dr. Mittal, para que evitasse todos os doces.

Há um vizinho, porém, que permanece totalmente distante da bagunça. É Nirmala Ben, do B-25, a moradora gandhista. Encontro-a sentada sozinha em sua sala, com um livro de citações de Bapu no colo, fitando a parede como um profeta à espera de uma revelação.

— Nirmala Ben, o que está fazendo aqui quando o condomínio inteiro celebra a vitória da Índia?

— Me poupe dessa loucura — ela responde curta e grossa.

— Ora, qual é, não seja uma desmancha-prazeres. Todos vamos ao telhado observar os fogos.

Ela reage como se eu tivesse tocado na ferida:

— Você tem ideia de quantos *crores* são desperdiçados nesses fogos? Enquanto milhões vão dormir de barriga vazia, milhares de crianças morrem por falta de remédio, famílias inteiras moram nas ruas porque não conseguem bancar uma casa. É a maior das loucuras queimar tanto dinheiro. E essa Copa do Mundo, aonde vai nos levar? Vai acabar com a miséria e o analfabetismo de nosso país? Vai impedir agricultores de cometer suicídio? Outro dia, o filho de Kalawati, o Suresh, me contou como ele reza toda as noites para que a Índia ganhe o campeonato. Eu rezo para que o bom senso prevaleça entre meus compatriotas: *Sabko Sanmati De Bhagwan*.

Surpresa pelo desabafo, eu luto para encontrar uma resposta.

— O que está acontecendo em nosso país atualmente é verdadeiramente assustador — ela continua. — Esquema atrás de esquema, todos encabeçados pela Atlas, e ninguém parecer ter pista alguma sobre a identidade do homem por trás dessa companhia. Arre, essa Atlas caiu da Lua ou de outro mundo? É

invisível como Deus?

— Dizem que a Atlas está por trás dos empréstimos falsos para moradia que a Polícia Federal descobriu semana passada — acrescento, lembrando-me da notícia principal nos jornais de hoje.

— *Bahut thaigyoo*. Agora chega — ela declara. — Não posso ficar parada e assistir a essa pilhagem e saque da riqueza nacional. Não foi por isso que Bapu lutou e morreu.

— E o que você se propõe a fazer?

— Estava procurando o caminho, até que um vidente de Rishikesh veio me ver e iluminou meu caminho.

— E o que ele disse?

— “Sacuda o mundo com delicadeza”, ele me falou.

— E como você pretende fazer isso?

— Vou iniciar uma revolução do povo. É o único jeito de eliminar o câncer da corrupção e expor as forças por trás da Atlas.

— E você vai fazer uma marcha ou algo assim?

— Não, vou jejuar até a morte, até que o governo obedeça minha exigência: investigar a Atlas Investments.

O alarme dispara em minha cabeça instantaneamente. Tento dissuadi-la:

— Não faça isso, Nirmala Ben. Jejuar até a morte não é um símbolo de revolução que dura um dia.

— Quem disse que é? — ela retruca, surpresa por meu comentário. — Há apenas dois resultados possíveis quando um ghandista *satyagrahi* recorre ao jejum até a morte. Ou o governo cede ou terá de recolher meu cadáver. Afinal, uma revolução necessita de um mártir.

— Uma revolução também precisa de seguidores e de organização. Você não tem nada.

— Eu tenho a mim mesma. — Ela sorri para enfatizar a natureza evidente de sua afirmação. — E se você tem a si mesmo, não precisa de mais ninguém. É necessário apenas uma pessoa para fazer a diferença. — Em uma voz melodiosa e suave, ela começa a cantar: — *Jodi tor dak shune keu na ashe tobe ekla cholo re*.

“Se não responderem ao seu chamado, ande só”, de uma canção bengalesa de Rabindranath Tagore, uma das favoritas de Gandhi.

Conforme sua voz cheia de alma preenche a sala, torço para que ela não conduza o voto de andar só. Pois, por melhor cantora que a sra. Nirmala Mukherjee Shah possa ser, sua voz apenas não será o suficiente para sacudir o mundo delicadamente.

Sexta-feira, 1º de abril, começa com um dia normal de trabalho. O primeiro cliente da manhã é um homem de negócios sikh extremamente educado, com uma barba bem aparada e bigode. Ele está quase decidido a comprar uma TV de plasma Panasonic Viera de cinquenta polegadas.

— É para o meu filho, Randeep — ele conta. — O menino insiste que só vai assistir à final de amanhã se for em uma TV de tela grande.

Meneio a cabeça em simpatia e começo a explicar os méritos da garantia expandida para ele quando meu celular Indus toca.

Pego o aparelho do bolso da saia e fecho o cenho diante da tela. Hoje em dia, setenta por cento das ligações em meu celular são de telemarketing não autorizado. Quando vejo um número que não conheço, geralmente nem me dou ao trabalho de atender. O identificador de chamadas mostra uma linha fixa que começa com +22, o código de área para Mumbai. Intrigada, pressiono o botão de atender.

— Alô.

— Alô, posso falar com a srta. Sapna Sinha? — pergunta uma voz familiar do outro lado da linha.

— É ela.

— Sapna-*ji*, é Salim Ilyasi, ligando de Mumbai.

Claro! Como poderia não reconhecer a voz profunda e masculina que seduziu milhões de cinéfilos? Salim Ilyasi é o Rei de Bollywood e o queridinho de praticamente todas as meninas na Índia. Que o superastro se dignaria a falar comigo do nada é estranho, mas tantas coisas estranhas têm acontecido comigo ultimamente que nada mais realmente me surpreende.

— Parabéns! Você foi selecionada como a sortuda cliente do mês da Indus Mobile. O que significa que vai ter um jantar exclusivo comigo no domingo, 10 de abril, no Maurya Sheraton, em Delhi. Encontro marcado?

Salim Ilyasi quer jantar comigo. Comigo? Um tsunami de euforia me atinge, carregando consigo qualquer pensamento racional. Sempre me vi como uma realista casca-grossa, imune ao culto das celebridades. Mas nesse momento extravagante, meu cérebro se transforma em geleia. Que concurso da Indus? Como eu ganhei? Todas as considerações mundanas saem voando pela janela e eu regresso aos tempos de fantasia adolescente, de adoração ao herói.

— Si-sim — eu balbucio, sentindo o calor se espalhar meu corpo. — Eu... eu adoraria.

— Isso é faaaaantástico — ele exulta, repetindo a expressão que o fez famoso em *Love in Bangkok*. — Mas há um problema: como vou reconhecê-la?

— Eu... eu vou usar algo chamativo.

— Sim. Faça isso. Minha cor favorita é amarelo. Você tem algo em amarelo?

Penso rapidamente, rotacionando minha parca coleção de *salvar* em minha cabeça.

— Ahn... Acho que não, mas posso comprar.

— Não precisa. Quer saber, use o que bem entender. Apenas coloque um post-it amarelo em cima.

— Post-it?

— Sim, com as letras: P...R...I...M...E...I...R...O...D...E...A...B...R...I...L. Entendeu?

Só então percebo.

— Karan Kant, é você, não é?

Uma gargalhada emana do outro lado da linha.

— Enganei você, hein?

Consigo imaginá-lo rolando no chão, segurando a barriga de tanto rir. Minha ingenuidade, minha inocência me fazem me contrair.

— Eu vou matar você! — berro.

— Isso não vai ser tão faaaaaantástico — ele diz como adeus, espirituosamente, antes de desligar o telefone.

Eu guardo o celular e vejo o cliente correndo em direção à saída.

— Ei, sr. Singh! Aonde você vai? — eu o chamo.

Ele para por um momento e olha-me com aquele jeito piedoso e derrisório que uma pessoa sã oferece a um lunático. Em seguida, sai em disparada pela porta.

Os olhos de Karan cintilam quando o encontro no pátio da colônia mais tarde.

— Seu sacana! — Dou-lhe um soco amistoso nas costelas. — Sua imitação de Salim Ilyasi foi perfeita, não duvidei por um segundo.

— Bem, se consola você, fiz a mesma pegadinha com mais dez clientes da Indus. Ninguém percebeu. Demos boas risadas no call center com minha piada de 1º de abril.

— Mas como você consegue falsificar um número de Mumbai? Isso me levou a acreditar que era uma ligação real.

— Chama-se *spoofing*. Como controlamos a rede, conseguimos fazer qualquer número aparecer nos identificadores de chamada.

Neste instante, Neha aparece.

— O que você está fazendo aqui? — ela fala com Karan. — Eles estão procurando você por toda parte.

— Quem? — pergunta Karan.

— A polícia. Tem um investigador e dois policiais.

— O quê? — a voz dele falha; a face fica tensa de ansiedade.

— Por que a polícia estaria procurando por você? — penso em voz alta, a voz embebida de preocupação.

— Não tenho ideia. Deve... deve haver algum erro.

— Enfim, é melhor você ir resolver isso — diz Neha. — Eles estão esmurrando sua porta, prestes a quebrá-la.

— Não! — Karan solta um grito angustiado. — Não permita que eles entrem no meu quarto.

Ele corre pela escadas, pulando dois degraus por vez, trotando como um atleta. Neha e eu vamos atrás em uma perseguição.

Estou completamente exausta ao chegarmos no pequeno patamar do terceiro andar. Karan vira o corredor, onde fica o apartamento B-35, e congela. Não há ninguém no corredor.

— Parece que a polícia já entrou — diz Neha.

— Ai, não — murmura Karan, recuando para as sombras e pressionando as costas contra a parede.

— Você não quer checar? — eu pergunto, cutucando-o.

Com passos incertos, ele aproxima-se da porta. Só então ele vê o pôster colado logo abaixo do olho

mágico. Nele, um coringa segura uma placa que diz: “Feliz Primeiro de Abril!”.

— Peguei você! — Neha solta um brado triunfante enquanto Karan coça a cabeça em humilhação envergonhada. — Também sei brincar. — Ela lhe dá um olhar expressivo antes de descer as escadas correndo.

— Neha Sinha, você vai pagar por isso — Karan ruge na voz de Prakash Puri, o famoso vilão, e corre atrás dela.

Olho a cena em silêncio divertido e tolerante. Karan deve ter ligado para Neha também, fingindo-se de Salim Ilyasi. Agora ela se vingou. Então, por que sinto como se a piada fosse comigo?

O sol que nasce em 2 de abril é especial, pois traz com ele as esperanças de bilhões de indianos. A Índia vai jogar com o Sri Lanka hoje à noite, na final da Copa. E o país inteiro está rezando pela vitória da seleção.

Críquete é o único assunto das conversas no showroom. Há uma crescente excitação e expectativa no ar. A mania pelo time é tanta que metade da equipe tirou folga.

Logo depois do almoço, Madan convoca-me ao seu cubículo.

— Preciso de um favor — ele diz com um sorriso.

— O que é agora? — pergunto. — Precisa me enviar a outro vilarejo?

— Não, não, nada do tipo. Alguém acabou de encomendar uma Sony KDL-65. Preciso que faça uma EAV urgente.

EAV é o código na loja para entrega de alto valor. É a política da Gulati & Sons que em entregas de mais de duzentos mil rúpias, um vendedor precisa acompanhar o item pessoalmente para garantir que seja entregue seguramente e obter a assinatura do comprador no checklist de pré-instalação.

— Você sabe que eu não faço entregas — resmungo. — Por que não manda um dos meninos?

— Dois estão fora e o resto está de folga. Por favor, vai levar apenas trinta minutos, e eu posso dar um bônus.

— Que bônus?

— Depois da entrega, você pode ir para casa e assistir à final.

A oferta é tentadora.

— Qual é o endereço da entrega?

Ele consulta a planilha de pedidos.

— Diz Lote 133-C, Poorvi Marg, Vasant Vihar.

— Qual é o nome do comprador?

— Não falaram. Parece que é presente de aniversário para alguém e estão mantendo segredo.

— Tudo bem, eu vou.

Dez minutos depois, estou sentada no banco da frente do veículo de entregas, um velho Bajaj Tempo,

dirigido por Sharad, um de nossos mais antigos motoristas. A viagem de quarenta minutos até o endereço de entrega é turbulenta, barulhenta e quente, pois o ar-condicionado do carro há muito enguiçou.

Visant Vihar, no sudoeste de Delhi, é conhecida por ser uma das áreas residenciais mais caras do mundo, onde apenas milionários podem morar. Mas quando chegamos ao endereço de entrega, percebemos que chegamos à residência de um bilionário.

Uma equipe de seguranças em blazers e óculos escuros, equipados com walkie-talkies e microfones auriculares, nos interdita nos altos portões automatizados cheios de câmeras de segurança. Nosso formulário de pedido é cuidadosamente examinado antes que tenhamos permissão de seguir até a guarita, onde há mais checagens. O Tempo é escaneado à procura de bombas escondidas, e Sharad tem de tirar o quepe e a bota para inspeção. Por fim, os portões se abrem e adentramos o território.

À distância, vejo uma mansão espalhada por acres de terreno, do tipo mostrado em filmes de Bollywood. Para alcançá-la, temos de passar por uma longa e curvilínea rota de entrada com sebes aparadas. Ao longo do caminho, noto vários dobermanns mal-encarados acorrentados a um tronco de árvore. Eles começam a puxar a coleira assim que avistam o Tempo. Toda essa segurança me deixa desconfortável. Também me deixa curiosa para saber a identidade do dono. O nome na placa de mármore do lado de fora do muro mencionava apenas o nome da casa: Prarthana— oração em híndi.

A residência principal é uma estrutura suntuosa e cafona, com colunas coríntias, janelas palladianas e cascatas de buganvílias floridas caindo dos balcões franceses. Um criado uniformizado abre a porta de bronze entalhado e eu entro em uma sala de estar opulenta com mobiliário dourado, tapetes persas requintados e até um piano de cauda.

— Você chegou — Um homem levanta do sofá. — Bem-vinda à Prarthana.

É Vinay Mohan Acharya.

— O que *you* está fazendo aqui? — pergunto, assombrada.

— Estou recebendo a entrega da TV que encomendei — ele afirma.

Só então percebo que estou na residência do industrial.

— É o seu aniversário?

— Não. A TV foi apenas uma desculpa para trazê-la até aqui.

— O que é agora? Em qual novo teste eu passei, ou reprovei? — pergunto, irritada.

— Dessa vez, não há testes — ele responde. — Chamei você aqui por que quero sua presença em uma importante reunião de negócios da qual vou participar.

— Com quem?

— Você vai saber em breve — ele diz e dispensa Sharad: — Você pode ir. Eu levarei a srta. Sinha de volta.

Pelos quinze minutos seguintes, ele me conduz em uma visita guiada pela propriedade. Vejo a piscina coberta, o ginásio de esportes completo e o templo com estátuas de divindades em ouro e marfim. Há salas e salas repletas das mais incríveis antiguidades de todo o mundo e uma coleção de arte magnífica, incluindo um mural na sala de jantar feito por Tyeb Mehta. Criados uniformizados ficam por perto, prontos a servir qualquer desejo e necessidade que um convidado possa ter.

— Quantos cômodos há nesse lugar? — Fico curiosa ao entrar no escritório.

— Nunca contei, mas, se adicionar os quartos dos empregados na periferia do terreno, deve chegar a cinquenta.

O escritório é igualmente opulento: um cômodo com pé-direito alto e painéis de madeira de carvalho, chão de madeira de lei e uma minibiblioteca repleta de livros antigos encadernados em couro. A porta francesa de vidro mostra um jardim exuberante com fontes de mármore e estátuas de travertino.

Acabo de desabar em uma poltrona de costas altas, luxuosa, quando o interfone toca. É o segurança no portão, informando que a visita chegou.

— Mande-o entrar — diz Acharya.

— Nunca vi tanta segurança em uma residência particular — comento ironicamente.

— Delhi não é segura. Precisamos impedir estranhos de entrar na propriedade.

— Ninguém toma tantas precauções apenas para impedir estranhos.

— Não é de conhecimento público, mas já ocorreram dois atentados contra minha vida. E eu tenho grande suspeita de que ambos foram planejados pela pessoa que está prestes a conhecer. Ele é mais perigoso do que uma cobra venenosa.

— E por que vamos encontrá-lo, então?

— Ele requisitou essa reunião.

— Ao menos me conte quem é essa pessoa misteriosa.

— É meu irmão gêmeo, Ajay Krishna Acharya, ou AK, como ele gosta de se intitular. O dono do Grupo Premier.

Uma corrente elétrica atravessa meu corpo, fazendo-me pular da cadeira.

— Nesse caso, não vou participar da reunião — anuncio.

— Por quê?

— Não acho uma boa ideia me envolver em sua rivalidade corporativa — respondo e ouço as palavras de Karan em minha mente: “E se Acharya quer fazer de você um fantoche para atingir o seu irmão gêmeo?”.

Acharya pressiona as pontas dos dedos nas têmporas, a face subitamente desanimada. Obviamente, ele não esperava essa reação.

— “Conheça seu inimigo” é a primeira regra de estratégia e de negócios — ele diz. — Eu gostaria que você se familiarizasse com o maior inimigo do Grupo ABC. Esse homem tentou se infiltrar em minha organização. O homem que vem desesperadamente tentando me destruir pelos últimos trinta anos.

Em seguida, a campainha toca. Ouço o som da porta da frente sendo aberta.

— Rápido! — Ele me arrebanha na direção da porta conjugada. — Se não quiser participar da reunião, ao menos observe-a.

Antes que eu me dê conta, sou enxotada para o cômodo adjacente, que percebo se tratar da suíte principal. É dominado pela majestosa cama de mogno com cabeceira entalhada combinando e roupas de cama roxo-escuras. A parede da esquerda porta um enorme espelho oval feito de pedra ônix negra. A da direita possui um retrato de um homem velho e sério com um bigode de morsa, vestido ao estilo da

década de 1940. Provavelmente, é o pai de Acharya. Sobre a mesinha de canto, logo abaixo do quadro, uma coleção de fotos de família.

Estou duplamente apreensiva e desconfortável ao arrastar uma poltrona estofada do pé da cama até ficar de frente à porta conjugada, a qual Acharya deixou uma fresta aberta para que eu pudesse ver o que está acontecendo.

O homem que entra no escritório é uma cópia de Acharya: mesma altura, mesmo porte e traços. É impressionante ver dois homens em uma sala que parecem o reflexo um do outro, com os mesmos olhos castanhos penetrantes, nariz aquilino e boca firme. A única diferença entre os dois é o cabelo. AK mantém uma barba aparada à moda francesa e o cabelo negro, penteado para trás, é obviamente pintado. Em contraste com Acharya, ele parece meio dândi, todo vestido de preto: uma camisa de seda, calças justas e sapatos de bico fino. O rosto bronzeado parece que acabou de passar por uma sessão de botox, ou de embalsamamento, dependendo do gosto do observador. O efeito gerado é a aparência de um playboy decadente e envelhecido; um velho exageradamente tentando parecer mais jovem.

Ele se senta na cadeira oposta à de Acharya, que convoca o criado.

— O que vai tomar, AK?

— Martíni com gelo — responde o gêmeo. Até a voz é bizarramente similar à de Acharya.

— Desculpe, não sirvo álcool nesta casa.

— Ainda o mesmo velho puritano de sempre, não é? Bem, então quero um *nimbu paani*.

Enquanto Acharya está ocupado instruindo o empregado, AK tira um charuto do bolso da camisa e o acende. Esticando as pernas, ele sopra a fumaça na direção do teto.

Acharya franze o cenho.

— Sinto informar que não pode fumar aqui. Prarthana é um local onde é proibido fumar.

— E por que você tem isso? — AK aponta zombeteiramente para o cinzeiro de mármore sobre a mesa de centro. Ele apaga o charuto com um movimento rápido e brutal e exala fumaça uma última vez.

— Sobre o que você quer conversar comigo? — pergunta Acharya.

— Sobre o Grupo ABC. Quão mal ele anda.

— Estamos indo muito bem, obrigado.

— É mesmo? Fiquei sabendo que seu primeiro trimestre será bem decepcionante: receita caindo 8,52 por cento em janeiro e 4,7 por cento em fevereiro.

— Os resultados do primeiro trimestre ainda não foram anunciados. Onde você arranjou esses dados?

— Tenho minhas fontes.

— É o mesmo espião que vem fornecendo informações secretas, permitindo que você faça uma contraproposta de uma rúpia a menos na licitação para o software do RG nacional?

AK ignora o comentário.

— A má notícia não acaba aqui. Você não tem, virtualmente, receita alguma, sem dinheiro para financiar atividades e seus funcionários superiores continuam a ganhar cada vez mais, por conta de sua recusa obstinada em despedir.

— Você veio aqui me ensinar como dirigir meu negócio?

— Não. Vim aqui enfiar um pouco de senso em você. A mensagem está na cara, quer você leia ou não. Encare os fatos: você perdeu a mão, Vinay Mohan. O Grupo ABC foi derrotado pelo Grupo Premier em sete licitações consecutivas. Seu acordo com a Nippon Steel está em risco. Sua proposta de aquisição da Clemantis Windpower muito provavelmente será rejeitada pelos acionistas.

— Você tem lido muita fofoca de negócios. Vá logo ao ponto, AK — diz Acharya sem paciência.

— Bem, este é o ponto. Eu sei que o Grupo ABC está enfrentando um aperto financeiro e está negociando a renovação de sua linha de crédito com os banqueiros. Eu posso providenciar esse dinheiro.

— Desculpe, não estamos lançando novas ações.

— Não quero comprar suas ações: quero comprar sua companhia, de cabo a rabo. Venda para mim. Estou pronto para fazer uma proposta razoável ao Grupo ABC, na faixa de cinco bilhões de dólares.

— Nunca! — Acharya quase pula da cadeira. — Eu sei como você faz negócios, AK. É um bandido ateu que compra companhias apenas para sugá-las. Nunca vou permitir que o Grupo ABC seja dirigido por um canalha como você.

— Acalme-se, Vinay. São apenas negócios, nada pessoal.

A atmosfera fica tensa, quase sinto a eletricidade faiscar entre os dois. Pela primeira vez na vida, testemunho o “pega pra capar” do mundo dos negócios. Como as ofertas são feitas e rejeitadas. Acharya e o gêmeo são cópias genéticas idênticas um do outro, contudo, imensamente diferentes. Um é um tirano sem amarras que age por instinto e convicção, o outro, um oportunista sagaz que lucra através da enganação e da trapaça. É como observar dois touros batendo os chifres, as personalidades contrastantes colidindo como nuvens de tempestade, o cômodo reverberando com o trovão da animosidade mútua.

AK ainda não desistiu.

— Ouça-me, irmão — ele diz, inclinando-se para a frente e falando na voz mais suave possível: — Somos unidos por laços de sangue. Ambos enfrentamos tragédias pessoais. Você perdeu a mulher e a filha. Meu único filho cometeu suicídio. Por que não fazemos as pazes? Unidos permaneceremos; separados cairemos.

— Lembro que muitos anos atrás você fez um pedido parecido à nossa mãe. A pobre *amma* vendeu sua parte, apenas para que você desperdiçasse tudo em mulheres rápidas e cavalos lentos.

— Isso é passado. É melhor você não trazer a mãe para a conversa.

— Então, é melhor você não trazer o Grupo ABC.

— Se eu não o fizer, alguém o fará. Ouvi dizer que sua saúde não anda boa.

— Mentira. Pura mentira!

— De todo modo, você já pensou sobre o que acontecerá ao Grupo ABC depois que você se for?

— Já tenho um plano de sucessão pronto.

— E quem é esse sucessor, que mal lhe pergunte?

— Alguém que acredita nos mesmos valores que eu. Alguém que vai manter o Grupo ABC longe de predadores como você.

— Você não precisa de um plano de sucessão: precisa de um plano de *salvação*. Ainda me importo com nossos laços de sangue e minha oferta de compra vai continuar de pé. Você pode concretizá-la, ou,

ao menos, *deixar* acontecer. De outro modo, eu lhe prometo, Vinay, você vai ter uma surpresa.

— Basta. — Acharya levanta a voz. — Sugiro que saia agora.

— Tudo bem. — AK levanta-se e alisa a camisa. — A próxima vez que verei você será em seu funeral.

Assim que AK sai, Acharya entra no quarto, as narinas abrindo e fechando, a mandíbula tensa de raiva.

— Quem esse verme bárbaro pensa que é? O rei da Inglaterra?

Assumo o papel neutro de um juiz em um processo de divórcio especialmente dissaboroso.

— AK pode ser um babaca irritante, mas os fatos e dados que ele apresentou são reais? O Grupo ABC vai mal?

— De jeito nenhum — Acharya diz veementemente. — Fomos impactados pelo desaceleramento global, mas todo mundo o foi. Mas a situação não é tão ruim como AK colocou. Nosso balanço está bem saudável e nossa relação dívida-capital está menor que um. Por isso ele quer nos comprar.

— Mas você rejeitou a oferta dele na lata. Foi baixa demais?

— Vou lhe fazer uma pergunta: você concordaria em casar-se com um mulherego, bêbado e ladrão por dinheiro?

— Certamente não.

— Exato. Por isso nunca vou vender ao Grupo Premier, mesmo se me oferecerem vinte bilhões. Pois é gerenciado por uma sociedade secreta de traidores, controlada pelo maior vilão de todos: AK.

— Ele também mencionou algo sobre você recusar-se a dispensar empregados.

— Eu demito funcionários por traição e deslealdade, mas não por conta de uma crise econômica pela qual eles não são responsáveis. Antes de demitir um empregado, é preciso pensar nos custos sociais, não apenas nos benefícios econômicos. Veja, por exemplo, nossa fábrica de cimento em Laos. Está dando prejuízo, mas não tanto que tenhamos de fechá-la. As pessoas são pobres lá. Se dispensarmos os trabalhadores, famílias morrerão de fome. Não posso permitir isso.

— E eu pensava que corporações fossem insensíveis e inescrupulosas, ambicionando apenas o lucro.

— Corporações tradicionais são. Por sua própria natureza, o negócio deve ser direcionado pelas decisões econômicas, sem espaço para emoções. Está programada para pensar apenas nas decisões que vão trazer a maior quantidade de dinheiro possível, sem consideração pelo bem público. Eu comecei negociando assim, antes de perceber que era a maneira errada. Agora, valor vem primeiro, lucro, em segundo. — Ele pausa e me olha. — Você sabe quem me ensinou essa verdade?

— Seu pai?

— Não. Foi Maya, minha filha. Ela era muito sábia para sua idade. Por isso Deus a levou com apenas vinte e cinco anos.

Vou até a mesinha e pego uma foto de uma adolescente sentada em uma poltrona, seus olhos negros e oblíquos enrugados pelo sorriso.

— É ela?

— Sim. Sinto saudade todos os dias.

Analiso o rosto da menina para procurar traços semelhantes aos meus, mas não há nada minimamente parecido. Acharya definitivamente não me escolheu por me assemelhar à sua filha.

— Os traços delas não são tipicamente indianos — comento.

— É porque a mãe dela, minha esposa, era japonesa.

— Onde a conheceu?

— Em Nagasaki. Eu fui ao Japão para estudar e morei lá por dez anos. Apaixonei-me pela cultura local e por uma garota chamada Kyoko.

Pego outra fotografia, de uma mulher magra, com semblante gentil, de quimono.

— Esta é a Kyoko?

Ele assente.

— Ela também faleceu naquele acidente de avião com Maya.

Ele pega o porta-retratos de minhas mãos e fita a imagem com ardor.

— As mulheres japonesas são muito parecidas com as indianas. São gentis, sinceras, boas e devotadas à família. Como as esposas indianas, elas compreendem hierarquia.

Interpreto como uma insinuação sutil para mim: tenho de entender e obedecer à hierarquia.

Quando ele recoloca a foto sobre a mesa, vejo uma lágrima escapar do canto de um de seus olhos. É a primeira vez que ele baixa o exterior taciturno para revelar um lado mais sensível. Apesar de minhas reservas a respeito do projeto, não deixo de sentir uma pontada de empatia por ele. Vejo o estrago da solidão em seus olhos cansados, imbuindo sua face de certa tristeza nobre. Seu monumental egoísmo, percebo, é, na verdade, um mecanismo de defesa para esconder sua vulnerabilidade. Ele ainda é um marido e pai de luto. Teve sucesso como homem de negócios, construindo firmas e fábricas, mas toda a sua fortuna não é capaz de preencher o buraco em seu coração.

Ele nota que eu reparo nele e olha para o lado, levemente enrubescido, como se envergonhado de seu próprio sentimentalismo.

— Agora que conheceu AK, é capaz de entender por que eu o mantenho à distância? — ele pergunta, mudando de assunto.

— Eu devo dizer que o achei incrivelmente agressivo e rude.

— O problema real não é sua rudeza: é sua volatilidade. Já imaginou por que o logo do Grupo Premier é um touro atacando? Porque AK é exatamente isto: um touro violento. Nada o impede de conseguir o que quer.

— Ele é realmente tão poderoso?

— É o poder proveniente da colusão e da corrupção. Deixe-me dividir algo com você em extrema confidencialidade. Você já ouviu falar da Atlas Investments?

— Sim, claro. A companhia de fachada por trás de virtualmente todas as fraudes.

— Bem, tenho o forte palpite de que AK é o cabeça da Atlas.

— O quê? — Minha cabeça levanta-se com tudo. — Essa é uma acusação bem grave.

— Obviamente, não tenho provas concretas, mas analisei cuidadosamente os padrões de investimento do Grupo Premier recentemente e eles parecem coincidir com a cronologia das fraudes. E mais: como você viu, ele parece ter muito dinheiro. Não tenho dúvida de onde veio todo esse dinheiro.

— E por que não fazem nada contra ele?

— Porque todo mundo está nisso junto. Para pegá-lo, precisamos de evidência dos lucros caindo em suas contas secretas.

— Há uma senhora mais velha no condomínio, uma gandhista chamada Nirmala Ben, que está ameaçando começar uma revolução popular para forçar o governo a revelar a verdadeira identidade do fraudador por trás da Atlas.

Acharya balança a mão, desdenhoso.

— Diga a ela que não desperdice esforços com a Atlas. A rede de subornos é tão vasta que vai necessitar de mais do que uma varredura da organização para encontrar o verdadeiro culpado. E isso não vai acontecer do dia pra noite.

Neste instante, Rana entra na sala carregando uma pasta grossa. Ele se surpreende ao me ver com Acharya.

— Trouxe o contrato Avantha para o senhor assinar — ele diz ao industrial.

— Sim, claro — diz Acharya, como se lembrasse de algo importante.

De repente, sinto-me incomodada em ficar ali de pé no meio do quarto de Acharya.

— Posso ir agora? Queria assistir a um pouco do críquete hoje.

Acharya gesticula para Rana.

— Você a leva para casa?

Com uma carranca descontente, Rana conduz-me até a garagem subterrânea com seis vagas. Há uma BMW, uma Mercedes, um Jaguar, um Porsche e, estranhamente, um Tata Indica.

— O que um Indica está fazendo nesta fileira de carros de luxo importados? — pergunto.

A carranca fica ainda mais feia.

— É o meu carro. Não gosto de pegar carona no carro dos outros — ele responde friamente e chama o motorista.

Dois minutos depois, deixo a mansão em uma Mercedes-Benz, meu primeiro passeio em carro de luxo. Esticando as pernas e observando a cidade passar pelas janelas escuras do sedã, sinto-me instantaneamente energizada e revigorada. O macio banco de couro, o ambiente com temperatura controlada e a voz suave de Jagjit Singh soando pelo estéreo são, em parte, os culpados. Mas, acima de tudo, é o pensamento de que um dia este carro pode ser meu.

Quando chego em Rohini, são cinco horas da tarde. Coincidentemente, Karan passa pelo portão ao mesmo tempo que eu. Ele me vê descer da Mercedes e precisa olhar duas vezes para acreditar. Depois, assume a postura rígida de um soldado.

— *Ba-adab, ba-mulahiza hoshiyar, Mallika-e-Hindustan aa rahi hain.* Com respeito, atenção, fiquem alerta, a imperatriz da Índia está chegando — ele entoa, fingindo ser um sentinela medieval que anuncia a chegada da rainha do Império Mughal.

— *Takhliya*, dispensado — respondo com a arrogância adequada antes de começar a rir.

— Então, esse aí é seu novo jeito de voltar pra casa a partir de agora? — Ele aponta com o dedão

para a Mercedes indo embora.

— Quem dera. Acharya me deu uma carona desde sua residência em Vasant Vihar.

Ele revira os olhos.

— O que você estava fazendo na casa dele?

— Participando de uma reunião bizarra — eu respondo e conto sobre a cena tempestuosa entre Acharya e AK.

— E finalmente o AK aparece. — Karan suspira. — O que você achou dele?

— Com certeza aconteceu alguma coisa entre os dois. “São apenas negócios, nada pessoal”, foi o que o AK disse, mas parece ser exatamente o contrário. O que vi não foi negócio: foi estritamente pessoal.

— Por mim, os dois podem apodrecer no inferno — diz Karan. — Eu vou assistir ao jogo. Até mais.

O pátio, que geralmente está cheio de moradores, fica completamente vazio. A Índia vai rebater e o condomínio inteiro está grudado na TV. Ao passar pelo apartamento de Nirmala Ben, vejo um cadeado pendurado na porta, definitivamente um mau sinal.

— Você viu Nirmala Ben? — pergunto para Ma, que fica feliz por me ver mais cedo.

— Ela veio devolver a tesoura que pegou emprestado, dizendo que ficaria fora por um tempo.

— Ela disse para onde ia?

— Não, mas estava meio estranha, me abraçando como se não fosse mais voltar.

Dhiman Singh, o guarda da colônia, confirma meus temores. Nirmala Ben foi vista indo embora às duas da tarde com uma pequena mala e vários cartazes. Ele não tem ideia de para onde ela foi, mas eu tenho. Imediatamente, chamo um autorriquixá e peço ao motorista que me leve para Jantar Mantar.

Situado na rua Parliament, Jantar Mantar é um observatório astronômico com instrumentos da maçonaria construídos por Raja Jai Singh II de Jaipur, há quase trezentos anos. Hoje em dia é conhecido como o Hyde Park da Índia, o único lugar onde partidos políticos, cidadão comuns e grupos ativistas têm permissão de se manifestar pacificamente quando o Parlamento está em sessão.

Os protestos de fato acontecem na rua Jantar Mantar, uma via arborizada perto de Connaught Place, onde pessoas com reclamações convergem de todo o país, na esperança de serem ouvidas, ou, pelo menos, receberem cobertura midiática. Eu geralmente evito esse showroom da democracia caótico e barulhento, constantemente fervendo com gritos de lemas e balançar de cartazes. Há alguns grupos que acampam na calçada por semanas, literalmente transformando o lugar em sua segunda casa.

Hoje, os manifestantes são esparsos. Há um casal de meia-idade, de Madhya Pradesh, aconchegados em uma tenda improvisada. Um cartaz feito à mão explica que eles estão protestando contra a inação da polícia no caso de desaparecimento de sua filha adolescente Parvati desde 6 de janeiro. Ao lado deles, uma associação de comércio exige que o governo imponha um banimento total na entrada de companhias multinacionais e grandes corporações no varejo. Um terceiro grupo consiste de um punhado de estudantes da Delhi University com máscaras de gás, manifestando-se para salvar o rio Yamuna da poluição. E, por fim, uma mulher só, de sári branco, sentada na calçada empoeirada contra um lençol desbotado como

cenário, o qual transformou em banner. GREVE DE FOME CONTRA A CORRUPÇÃO, declara em tinta vermelha. Em cada uma de suas mãos, ela segura um cartaz retangular com cabo de madeira. Um diz: DESMASCARE ATLAS, e o outro: SALVE A ÍNDIA.

Os olhos delas se acendem quando me vê.

— Sapna, *beti*, você veio se juntar a mim no protesto?

— Não, Nirmala Ben — respondo. — Vim levá-la para casa.

— Isso eu não vou fazer — ela declara com firme negar de cabeça. — Eu disse que só vou sair deste lugar quando o governo assegurar que vai expor as pessoas por trás da Atlas. De outro modo, vou jejuar até a morte.

— Você vê uma única pessoa apoiando seu jejum? — pergunto, exasperada. — Você escolheu o pior dia para protestar. Todo mundo está ocupado assistindo ao críquete.

— Alguns amigos da Durga Pooja Association e o Gujarati Samaj prometeram vir.

— E por que eles não estão aqui? Por que você não aceita o fato de que eles não se importam com sua causa?

— Não importa. Quando uma *satyagrahi* começa um jejum por convicção, ela deve permanecer na decisão quer tenha chance de sua ação render frutos quer não. *Barobar chhe ne?*

Nenhum tipo de argumento é capaz de persuadir Nirmala Ben de abandonar sua greve de fome. Ela é tão teimosa quanto uma adolescente, faz-me recordar Alka. Igualmente frustrada e preocupada, sento-me ao lado dela, torcendo para que o bom senso passe a prevalecer nas próximas horas.

Às nove da noite, começo a sentir fome. Viro-me para Nirmala Ben:

— Você não quer comer alguma coisa? — pergunto.

— Como posso comer durante uma greve de fome? Você pode comer. Eu me viro com isso. — Ela pega uma garrafa de água mineral de sua mala e dá um gole grande.

Uma hora depois, um policial caminha pela área. Com cara de rato e corpulento, ele olha com suspeita para nós.

— O que é tudo isto? — Ele toca a placa na mão de Nirmala com o cassetete.

— Chama-se protesto — respondo, as palavras saem com mais sarcasmo do que eu pretendia.

— Você pediu permissão? Cadê sua permissão?

— Não sabia que precisávamos de permissão para protestar. Afinal, vivemos em uma democracia.

— Venham comigo à delegacia — ele nos olha com malícia —, e vou lhes mostrar o funcionamento da democracia.

— Ora, filho, não queremos causar problema — intervém a gandhista. — Este é um protesto pacífico para melhorar nosso país.

— Escute, *budhiya* — ele rosna. — Aqui não é sua propriedade privada para você pendurar um banner onde bem entender. Agora, mostre sua permissão ou vou ter de tirar você daqui à força.

— Eu não vou pedir permissão — diz Nirmala Ben — e não vou sair daqui.

— Mulher idiota, tentando discutir comigo?

Ele mostra os dentes e levanta o cassetete para atingi-la; eu corro para me interpor entre os dois.

— Vamos resolver isso de maneira civilizada. Eu pego a permissão amanhã. Apenas nos deixe ficar aqui hoje à noite. E, por favor, aceite esse pequeno símbolo de nossa gratidão.

Abro a bolsa e retiro de lá uma nota de cinquenta rúpias. Ele agarra a nota de minhas mãos e guarda no bolso.

— Bem, está certo, vou poupar vocês esta noite porque a cidade toda está distraída com a Copa do Mundo. Mas façam as malas e vão embora amanhã — ele diz com seriedade, indo embora garbosamente.

— Por que você subornou aquele policial? — Nirmala Ben repreende. — É exatamente contra isso que estou lutando.

— Se eu não tivesse subornado aquele policial valentão, ele teria batido em você.

— Então, devia tê-lo deixado bater. — Ela sorri. — A essência do *satyagraha* é a força da alma contra a força bruta. É o único jeito de desviar tais pessoas de seu caminho de ódio e violência.

Não posso evitar ser atraída por seu sorriso amável, banhado de bondade e coragem. E percebo bem dentro de mim que estamos nessa juntas. Eu posso não acreditar em seu método, mas eu acredito em sua causa. E vou caminhar com ela, mesmo se não houver mais ninguém disposto a segui-la.

Agora a noite está de um negror sinistro, e eu sei que preciso ir para casa. Não quero deixar Nirmala Ben só, mas dormir na calçada está além do meu limite. Relutantemente, digo adeus e pego o último metrô para Rohini.

Ainda estou no trem quando recebo uma ligação no celular. É Neha gritando de alegria.

— *Didi*, cadê você?

— Por quê? O que aconteceu?

— A Índia acabou de ganhar a Copa do Mundo depois de vinte e oito anos!

Uma banda de sopro completa me recebe quando desço em Rohini. Há trompas e trompetes retumbando, e um menino com o rosto pintado com as três cores faz estrelas. As ruas estão cheias de carros e gente, e o céu explode com fogos de artifício. É tudo um borrão para mim. As celebrações parecem ocas, pois um morador da colônia não está presente. A nação inteira torceu pela seleção indiana de críquete enquanto ela guerreava contra o Sri Lanka, mas não há ninguém apoiando uma mulher heroica, que luta uma batalha muito mais importante.

Ma é a única preocupada com Nirmala Ben.

— Leve-me até ela, *beti*. Vou persuadi-la a voltar.

— Ela não quer ouvir ninguém.

— Então, vou jejuar com ela.

— Não fale bobagem.

— Nunca contei isso a ninguém, mas devo minha vida à Nirmala Ben.

Encaro-a com surpresa.

— Como assim?

— É verdade. Seis semanas atrás, fiquei hipoglicêmica e desmaiei na cozinha. Se não fosse por Nirmala Ben, que me levou ao hospital, eu teria morrido àquela tarde.

— E você só está me contando isso agora?

— Não queria que você e Neha se preocupassem sem necessidade.

— Por que você sempre tem de carregar o peso do mundo em suas costas? — Mascaro minha preocupação com irritação de mentirinha. — Às vezes, acho que você e Nirmala Ben são gêmeas idênticas, farinha do mesmo saco.

Ma esfrega as mãos.

— Não conseguirei dormir sabendo que deveria estar com Nirmala.

Nem eu. Pensar em Nirmala Ben sentada completamente sozinha na calçada me deixa acordada a noite toda. Eu lhe devo ainda mais do que imaginava.

Ma e eu acordamos antes do amanhecer para pegar o primeiro metrô da manhã e ir até a rua Jantar Mantar.

Os manifestantes do dia anterior ainda dormem, embrulhados em cobertores dentro de suas barracas provisórias. O grupo heterogêneo de estudantes, comerciantes e donas de casa não inspira muita confiança. Na verdade, esse trecho da rua parece mais um museu dos impotentes do que o showroom da democracia.

Nirmala Ben é a única acordada. Ela já terminou suas abluções diárias no banheiro público e está cantando “Raghupati Raghav Raja Ram” quando chegamos.

— Ben, chega de teimosia, volte para casa conosco — implora Ma, mas Ben simplesmente sorri.

— Quanto tempo você vai aguentar sem comer? — Ma tenta outra vez.

— Enquanto eu tiver força interna. E enquanto o governo não responder à minha exigência.

— Mas o governo nem *sabe* sobre sua exigência — eu levanto a voz. — E o que falar do governo? Nem o homem das ruas sabe a respeito. Um leiteiro acabou de passar em sua bicicleta. Eu perguntei se ele apoiava sua causa. Ele respondeu que nunca ouviu falar da Atlas Investments.

— Se você tivesse perguntado sobre corrupção, ele teria lhe dado outra resposta. Bapu disse que a verdade é, por natureza, autoevidente. Assim que as teias de aranha da ignorância são removidas, ela brilha com nitidez. Minha *satyagraha* é para acordar os impotentes e envergonhar os poderosos. Você vai ver como meu protesto vai se transformar em um movimento que irá mudar o curso de nossa história.

Entendo então que Nirmala Ben não voltará conosco. Animada por uma grande queixa e seduzida por uma grandiosa visão de revolução, ela vai jejuar até a morte, literalmente. Mas sua morte será em vão. Os desprovidos de poder do mundo não podem mudar nem criar história. Somos condenados a simplesmente estudá-la.

— A pressão sanguínea e os batimentos cardíacos dela estão aumentando. Ainda não ameaçam a sua vida, mas não acho que ela será capaz de se manter sem comida por muito mais tempo. Ela devia interromper o jejum — diz o médico ao guardar o estetoscópio e apresentar o boleto de cobrança. Eu lhe entrego cem rúpias e rapidamente ele desaparece em sua clínica precária.

É quarta-feira, 6 de abril, e Nirmala Ben não se alimenta de nem um bocadinho de comida há quatro dias. Ainda mais preocupante: seu protesto não tem força alguma. Ela atraiu alguns curiosos, mas, além disso, daria no mesmo ela ter jejuado na Lua. Até a polícia parou de perturbá-la, tachando-a de excêntrica. O fato é: sem uma brigada de apoiadores gritalhões e seguidores empunhando cartazes, o protesto dela não parece nem um pouco com um protesto, ela é como uma sem-teto jogada numa esquina.

— Faça algo, *beti*, ou logo pode ser tarde demais. — Ma está histérica.

Fizemos um arranjo entre nós duas: Ma fica com Nirmala Ben o dia inteiro, lhe fazendo companhia. Eu visito sempre que arrumo um tempo livre na loja, que fica a poucos minutos dali.

Nirmala Ben perdeu peso, mas seu fervor guerreiro e sua fé na natureza humana estão intactos.

— O povo virá — ela diz, ainda esperançosa.

Ninguém vem, é claro, mas durante a hora do almoço eu encontro, por acaso, com Shalini Grover, minha amiga do Sunlight TV. Um dos estudantes com máscaras de gás protestando contra a poluição do rio Yamuna é sobrinho dela.

Peço seu conselho.

— Como podemos espalhar a história de Nirmala Ben com rapidez?

— Precisamos trazer as câmeras de TV. É a única maneira de começar uma reação em cadeia.

— Você pode vir com uma equipe de cinegrafistas?

— Somos um canal de investigação, não um canal de notícias. E mesmo esses caras não cobrem protestos insignificantes.

— Bem, o que torna um protesto significativo?

— O assunto tem de ser cativante ou os números têm de ser enormes. Você já parou para pensar por que milhares de jornalistas cobrem modelos glamourosas desfilando nas passarelas durante o India Fashion Week, mas eu estava completamente sozinha no caso dos fazendeiros suicidas do caso em Vidarbha? Notícia ruim não vende. O jejum de Nirmala Ben contra uma companhia de fachada nebulosa não é sexy o suficiente. Mas se ela conseguisse organizar as mulheres de Delhi para um protesto tipo SlutWalk, igual aquele que rolou em Toronto há dois dias, ela ia atrair os olhos da mídia na hora.

— A Atlas Investments é apenas um símbolo. O alvo real dela é a corrupção de alto escalão.

— Já estou bocejando. Ninguém liga para a corrupção neste país. Metade da classe média pratica o suborno e a outra metade não se dá ao trabalho de sair às ruas e fazer alguma coisa a respeito.

— Você não acha que está sendo um pouco injusta com a classe média? — eu protesto.

— Estou apenas expressando a dura verdade. A classe média não se importa com nada. Não votamos nem nos candidatamos. Por isso, ninguém se importa com a classe média.

O dia seguinte também não traz novos apoiadores. A única mudança na situação é que a saúde de Nirmala Ben piora ainda mais.

— A pulsação dela está oitenta e oito e a pressão está quinze por nove. Ela precisa de cuidados médicos urgentemente nas próximas vinte e quatro horas, no máximo em dois dias. Por favor, mantenha uma ambulância a postos — disse o doutor após terminar os exames.

Nirmala Ben perdeu mais de três quilos nos últimos seis dias. A pele ficou mais escura por conta da

desidratação, e seu rosto está perigosamente macilento e com olheiras. Ela não tem mais forças para ficar sentada o dia todo. A maior parte do tempo fica enrolada no lençol. Mas sua mente ainda está lúcida e afiada.

— Nirmala Ben, por favor, chega dessa loucura — eu imploro. — Vamos aceitar o fato de que fracassamos desta vez. Você tem de viver para lutar mais um dia.

— Não — ela afirma. — Apenas meu cadáver vai deixar o posto.

Sua assustadora fixação me dá um calafrio.

Ao meio-dia, Vinay Mohan Acharya vem visitá-la. Ele afirma ter ouvido uma rápida menção a Nirmala Ben na Sunlight TV.

— Esta é a revolução popular que me prometeu? — Ele fita a gandhista deitada sozinha. — Mas onde estão as pessoas?

— Nirmala Ben está morrendo. — Eu esfrego as mãos. — E ninguém parece se importar.

— Eu disse que ela estaria perdendo tempo com a Atlas. — Ele funga desdenhosamente. — Eu também tentei ser o agente da mudança certa vez, mas ser o condutor da revolução neste país é impossível. A história nos ensina que para uma revolução ter sucesso é necessário no mínimo uma destas coisas: ou uma figura ditatorial que é universalmente odiada ou uma figura de oposição universalmente amada. Na Índia, não temos nenhum dos dois. Nós, indianos, não odiamos nem amamos ninguém.

— Não há nada que possamos fazer para incentivar as pessoas a apoiar a causa dela?

— Esqueça. As pessoas só podem ser incentivadas a agir em situações que lhe tocam o coração. E acabar com a corrupção, sinto dizer, ainda não é um assunto emocional para o povo. Eles acreditam que ela está muito difundida para ser eliminada.

O industrial vai embora depois de sua homilia, mas eu não estou pronta para aceitar a derrota. De volta à loja, cavouco meu cérebro em busca de uma solução. Sei que é hora de uma nova abordagem. As pessoas não virão apoiar uma mulher desconhecida sem amparo organizacional. É uma regra-chave do marketing: é preciso se instalar na mente dos consumidores antes de levá-los a comprar seu produto. É isso o que a publicidade faz. Como se propagandeia um protesto?

É quando meus olhos caem sobre um outdoor gigante no Jantar Mantar. Mostra Priya Capoorr, o rosto reluzente, segurando um pote do creme herbal para a pele Amla. A resposta vem em um flash: Nirmala Ben precisa do apoio de uma celebridade.

Eu ainda possuo o telefone de Rosie Mascarenhas, a RP da atriz. Ligo e exponho a proposta:

— Você acha que Priya concordaria em dizer alguns palavras de apoio ao jejum de Nirmala Ben? É por uma causa nobre.

A mulher não fica feliz.

— Você tem a cara de pau de me ligar depois do jeito que tratou Priya — ela admoesta antes de adicionar: — Quem já ouviu falar dessa Nirmala Ben? Nunca nos associamos com marcas desconhecidas.

Resoluta, mudo para o plano B e vou atrás de Karan:

— Se Priya Capoorr não vai apoiar o jejum de Nirmala Ben, Salim Ilyasi apoiará.

— Mas como poderemos entrar em contato com ele? Não tenho o número da secretária dele.

— Você é Salim Ilyasi. Não se lembra da pegadinha do Dia da Mentira? Quero que faça o mesmo por Nirmala Ben.

— Não entendo.

— Quero que grave uma mensagem na voz de Salim Ilyasi, pedindo às pessoas que venham até o jejum de Nirmala Ben e mande para os clientes da Indus por mensagem.

— Espere um pouco! Você quer que eu vá para a cadeia? E se o Salim me processar?

— Não vamos usar o nome de Salim Ilyasi. Se a voz de alguém soa exatamente como a dele, a culpa não é nossa.

— E a empresa? Se meu chefe descobrir que mandei esse spam de graça, vou ser demitido.

— Sei que há um risco, mas é nossa única chance. De outro modo, Nirmala Ben morre.

Karan demora um pouco para ser convencido, mas, assim que topa, ele dá seu máximo. Já tinha um texto preparado, e Karan o grava com perfeição, sua voz um clone exato da de Salim Ilyasi. Ele mesmo se impressiona com a imitação.

— Os cem milhões de assinantes da Indus vão ter uma surpresa. — Ele sorri.

Três horas depois, meu celular apita com uma mensagem de Mumbai. Clico para abrir e imediatamente sou cativada pela voz profunda de barítono de Salim Ilyasi:

— Amigos, nosso país passa por momentos difíceis — diz a superestrela. — Fraude atrás de fraude abalam a confiança do povo. Não podemos mais permanecer apenas espectadores. Por isso, decidi me juntar à corajosa luta de Nirmala Ben contra a corrupção. Estarei lá para apoiá-la em Jantar Mantar no sábado, 9 de abril. Faça isso você também. Venha. Vai ser faaaaaaaaantástico.

Ligo para Karan.

— Ficou ótimo! Mas estou um pouco preocupada com o número de Mumbai que você usou. É o número de verdade dele?

— Ficou maluca? Eu seria preso por isso.

— De quem é esse número então?

— É um número que não existe, mas, se mudar o último dígito de zero para um, vai conectar.

— Com quem?

— Com o hospício Andheri!

O plano funciona melhor do que eu podia imaginar. A mensagem falsa de Salim Ilyasi viraliza. Detalhes da greve de fome de Nirmala Ben logo se espalham em blogs, Twitter, Facebook, MySpace e YouTube, até que uma massa crítica é atingida. As pessoas começam a se dirigir ao local do jejum logo cedo na manhã do sábado. Vêm procurando por Salim Ilyasi, e aí algo curioso acontece: veem Nirmala Ben, uma velhinha frágil, aguentando sem comida há uma semana, e permanecem, atraídos tanto por sua persistência obstinada quanto pela possibilidade de encontrar uma superestrela de Bollywood.

À tarde, a multidão conta com oito mil pessoas, talvez mais. É quando algo interessante acontece:

quase que sozinha, uma força de voluntários ativos se forma. Eles começam a construir um palco adequado. Alguém aparece com um balde de coleta e doações começam a jorrar espontaneamente. O dono de uma loja de tendas doa uma enorme *shamiana*, providenciando a necessária proteção contra o sol forte. Alguém traz um gerador portátil; outro, um sistema de som. Um grupo de cantores e músicos local junta-se a Nirmala Ben no palco e o ambiente começa a ressoar com *bhajans* e canções patrióticas.

Nada revive mais um manifestante do que a visão da massa apoiadora. Nirmala Ben enche-se de energia e fervor renovados. Ela até consegue ficar de pé e proclamar um discurso apaixonado, convocando a multidão a começar uma nova revolução para purificar o país da corrupção.

— Se vocês desmascararem a Atlas, vão golpear a colusão corporativa — ela declara sob aplausos incessantes, a voz pulsando com fervor moral e autoridade materna.

Depois disso, não demora muito para que a mídia apareça. Repórteres e fotógrafos e equipes de TV convergem para Jantar Mantar como tubarões atraídos por sangue fresco no mar.

Assim que as notícias do jejum chegam ao horário nobre da televisão, a azáfama vira um tsunami. Dentro de horas, Nirmala Ben começa a dominar as ondas do rádio e da TV, até ultrapassando o carnaval do Indian Premier League, que começou um dia antes. Painéis de discussão sobre o assunto são rapidamente formados e todas as figuras importantes divulgam sua opinião sobre o jejum e vituperam a corrupção em geral e na Atlas em particular.

Chega o domingo, e a bola de neve do protesto transforma-se em uma avalanche. A rua Jantar Mantar está completamente emperrada por manifestantes sacudindo a bandeira tricolor e cantando e dançando ao ritmo de tambores, criando uma atmosfera carnavalesca. Mais de cem pessoas decidem imitar a greve de fome de Nirmala Ben, incluindo um veterano lutador pela liberdade, de noventa e dois anos, decidido a dar a vida se o governo não ceder. Estranhos abraçam-se e gritam motes enaltecendo Nirmala Ben como o novo Gandhi.

O advento de pessoas permanece inalterado no dia seguinte. Chegam de trens e ônibus, de bicicletas e a pé. Vêm de vilarejos distantes e municípios empoeirados, de shoppings requintados e escritórios com ar-condicionado. Há fazendeiros *gujjar* de Haryana, jovens desempregados de Noida, estudantes da escola RK Puram, donas de casa de Chittaranjan Park, leiteiros de Jindi, clérigos de uma madraça em Nangloi, alfaiates de Ghaziabad, eunucos de Yusuf Sarai e executivos de call center de Gurgaon. É difícil de imaginar um grupo mais disparate e amorfo, unidos unicamente pelo ultraje com a cultura de suborno e clientelismo. Todos já enfrentaram corrupção em sua vida cotidiana: do pai forçado a fazer uma “doação” para a escola particular em troca da admissão do filho, ao pedreiro que tem de subornar o funcionário público para conseguir o vale-alimentação. É uma aliança espontânea dos pobres e dos descontentes. Nirmala Ben tornou-se o ponto de encontro para a reunião de frustrações diárias e aspirações irrealizadas. E “Desmascare Atlas” tornou-se o grito desse encontro de uma nação raivosa enfim se expressando.

Enquanto observo o mar de punhos socando o ar em harmonia e escuto os gritos de “*Nirmala Ben zindabad!*”, “Vida longa a Nirmala Ben!” vindos do palco, viro para Karan, parado ao meu lado, em um canto menos populoso:

— Você imaginou este espetáculo quando enviou a mensagem?

— Você está dizendo que eu causei esse alvoroço? — Karan olha, perplexo, para o empurra-empurra da multidão amontoando-se para ver Nirmala Ben.

Do palco, vem o som de tambores acompanhados por gritos agudos.

— Oh, meu Deus! — exclama Karan. — O Desi Nirvana está aqui.

— Sim. Eles estão apoiando Nirmala Ben com um concerto de graça.

— Passar o domingo com o povão indiano dançando ao som de uma banda de rock não é minha ideia de diversão. Mas, enfim, eu posso nunca mais ter essa chance — ele diz ao se infiltrar na plateia lotada.

— Venha comigo.

— Vai você. Hard rock não é a minha. Além disso, estou esperando pelo dr. Motwani do hospital Apollo. Ele é o cardiologista mais caro da Índia. E ele se ofereceu para monitorar a saúde de Nirmala Ben de graça.

Notícias do crescente apoio ao jejum atraem a atenção até de James Atlee, o namorado de Lauren especialista em marcas, para Jantar Mantar.

— Preciso de dicas — diz o inglês em assombro contido. — Você conseguiu algo que eu não seria capaz. Você transformou uma completa desconhecida em ícone internacional.

— Com uma ajudinha de Salim Ilyasi. — Eu pisco.

— Metade de meu escritório veio aqui apoiar o protesto. Vi até o filho de meu chefe no meio da multidão agora há pouco.

— O filho de seu chefe? Quer dizer, do dono da Indus Mobile?

— É. Karak Junior. Ele tem só dezenove ou vinte anos, mas é um destrambelhado total. Ele é completamente esquisito, deve usar drogas.

— O que ele está fazendo aqui?

— Esta é fácil: todo mundo está tentando descobrir como a mensagem de Salim Ilyasi foi divulgada na rede.

O alarme soa em minha mente no mesmo segundo. Começo a procurar freneticamente por Karan. Demoro vinte minutos para encontrá-lo, saboreando um picolé da barraquinha de sorvete.

— Quer um? — Ele sorri.

— Acabei de encontrar o James, namorado da Lauren — informo. — Ele disse que viu o filho do dono da Indus, Karak Junior, no meio do povo.

— O quê? — A face dele fica pálida e o sorriso evapora. Ele joga o picolé na lixeira e esfrega as mãos em um tique nervoso. — Estou ferrado — ele balbucia. — Isso significa que Salim Ilyasi reclamou e a empresa começou uma investigação. Merda!

— Talvez ele só tenha vindo ver o protesto.

— Você não o conhece — diz Karan. — Ele é um filho da puta maluco. Quando ele vai atrás de alguém, não larga o osso.

— Você acha que pode perder o emprego?

— Eu apaguei meus rastros muito bem. Só espero que os amigos no call center que conhecem minha

imitação não deem com a língua nos dentes. Preciso vazar.

Retorno ao estrado onde Ma está cuidando de Nirmala Ben, que está deitada de costas. Ela está mais fraca e penosamente magra. Dr. Motwani, depois de examiná-la, proibiu-a de falar e se esforçar. Ele diz que ela não conseguirá passar mais dois dias sem comida.

— Toda a adulação das massas do mundo não substitui a nutrição — ele comenta.

Tarde da noite, o governo finalmente envia um emissário para se encontrar com Nirmala Ben. Ele é um humilde secretário interino do Ministério dos Negócios Empresariais.

— Estamos fazendo todos os esforços possíveis para rastrear as pessoas por trás da Atlas — ele diz.

— O processo é complicado. Precisamos de tempo.

Nirmala Ben ouve-o e depois levanta dois dedos.

— O que isso significa? — pergunta o burocrata, virando-se para Ma que, sem querer, transformou-se em porta-voz não oficial de Nirmala Ben.

— Significa que ela lhe dá dois meses, ou seja, sessenta dias — diz mamãe.

— Isso não será o suficiente. — O oficial nega com a cabeça. — Precisamos de no mínimo oito meses a um ano.

Nirmala Ben acena, dispensando-o.

— Então, pode ir — traduz Ma. — Não temos um acordo.

Chega a segunda-feira, e a multidão se recusa a deixar Jantar Mantar, gerando o caos no trânsito de Connaught Place.

Para além das implicações políticas, o jejum transformou-se em fenômeno cultural também. Bonés de Gandhi aparecem nos outlets de Khadi Bhandar. O sári branco de Nirmala Ben adquire o status de declaração da moda, aparecendo em passarelas glamourosas. Rohit Kalra, o letrista de Bollywood, lança um remix sensual do bordão “Minha esposa não comparece enquanto a Atlas não aparece”, que logo vira mania no YouTube. Grupos de cidadãos por toda a Índia começam a organizar piras em que queimam exemplares de atlas escolares como símbolo.

No fim da terça-feira, só há um show no país: o show de Nirmala Ben. A face da gandhista está por toda parte: jornais, TV, outdoors, camisetas, bonés e nas unhas das mulheres. Do mesmo modo que Amitabh Bachchan é carinhosamente apelidado “Big B”, Nirmala Ben é logo alcunhada de “Big Ben”. Até Priya Capoorr entra na onda. Obtenho certa satisfação maliciosa ao vê-la no Star News expressando platitudes sobre como sempre admirou Nirmala Ben e quer se juntar à greve, o que a impede é o fato de estar nesse momento em Istambul filmando o próximo filme.

Levada pela união inebriante da revolução popular, o último boletim médico do dr. Motwani cai como uma bomba sobre mim. Por volta da meia-noite, o cardiologista anuncia pesarosamente que a saúde de Nirmala Ben deteriorou consideravelmente e ela pode até morrer se não receber soro imediatamente.

Como era de se prever, Nirmala Ben recusa-se a quebrar o jejum ou a aceitar o soro.

— Se meu filho pode dar a vida pelo país, eu também posso — ela declara arquejando, lutando em

cada respiração.

Em uma cidade em que a vida pode acabar muito abruptamente ou muito anonimamente para ser honrada, o espetáculo de um martírio traz um perigoso apelo para ela.

Notícias da morte iminente espalham-se como fogo. O movimento, que foi completamente pacífico até agora, torna-se violento. A turba irada coloca fogo em ônibus e veículos governamentais. Manifestantes confrontam a polícia em todo o país. Partidos da oposição conclamam greve geral.

Encarando um eleitorado cada vez mais hostil, e percebendo o humor popular, o governo tenta arrefecer a iniciativa, e o ministro de Negócios Empresariais em pessoa entrega uma garantia por escrito a Nirmala Ben de que ele fará com que a Atlas seja investigada e sua identidade real seja revelada em sessenta dias.

— Não é rendição — ele declara aos repórteres reunidos. — É pragmatismo baseado na clara percepção do interesse da nação.

À meia-noite e um, na quarta-feira, 13 de abril, Nirmala Ben encerra o jejum ao vivo pela televisão aceitando um suco de laranja de uma estudante, e um grito comemorativo ressoa pelo país todo.

Ela é levada ao hospital Apollo imediatamente, seguida por uma legião de devotos e um pequeno exército de médicos. Mas e eu estamos ocupadas com a tarefa de encerrar o protesto e levar os bens pessoais dela de volta à LIG Colony.

Naquela noite, enquanto arrumamos as coisas dela no B-25, abro a mala velha, a que ela levou a Jantar Mantar. Contém o lençol que usou como banner e dois sáris simples. Porém, escondidos debaixo das roupas há inúmeros lenços, colheres, pratos, copos, elásticos de cabelo, pulseiras, isqueiros e canetas. Há até um estetoscópio e um relógio masculino Titan. Coisas que definitivamente não pertencem a ela.

Apenas balanço a cabeça diante da descoberta. A cleptomania não foi curada pelo jejum.

Big Ben tornou-se o novo ícone nacional. Mas ainda mantém seus velhos hábitos.

Quando Acharya me chama a seu escritório na quinta à noite, eu já estava esperando.

— Tem algo a ver com o jejum de Nirmala Ben, não é? — chego falando assim que Revathi me acompanha até o escritório.

— Correto. Você passou no quinto teste, o teste da engenhosidade, mostrando que sabe solucionar problemas. Para fazer o jejum de Nirmala Ben ter êxito, você abriu caminho pelo terreno bagunçado da política de massa. Nada mal como façanha.

— Certamente não foi fácil.

— Este é exatamente o ponto. Engenhosidade é a habilidade de agir efetivamente e com imaginação, especialmente em situações difíceis. Um CEO é, acima de tudo, um estrategista. Um jogador de xadrez que domina todos os movimentos do oponente. Líderes que são engenhosos fazem as coisas acontecer quando a situação é adversa. São capazes de operar nas piores condições. Nunca desistem. Se a parede é muito alta para ser escalada, eles encontram um jeito de contorná-la.

— Tudo que fiz foi por Nirmala Ben, eu não poderia deixá-la morrer.

— Você também teve a previdência de saber que Nirmala Ben estava canalizando a raiva pública a respeito da corrupção em seu símbolo mais visível: Atlas. E você fez as pessoas acreditarem que o que ela estava fazendo era digno de apoio. A mesma estratégia que usou hoje para transformar uma desconhecida gandhista em um herói popular, você pode usar amanhã para transformar um produto em uma marca. Pode ser seu segredo de negócio mais valioso quando se tornar a CEO do Grupo ABC.

— Bem, acho que dei sorte. — Sorrio.

— Sorte não tem nada a ver com isso. Você até conseguiu convencer Salim Ilyasi a apoiar o jejum. Recebi a mensagem de voz do ator em meu celular. Como você conseguiu essa?

— Ora, esse é um segredo de negócios que eu não ousou revelar!

Karan tem me evitado nos últimos três dias. Sempre que o vejo, ele está com a expressão preocupada de um estudante se matando de estudar para o exame final, sem tempo livre para desperdiçar. Por isso, quando passeio pelo jardim esta noite, não sei o que esperar.

Primeiro, conto sobre a reunião com Acharya.

— Cinco de sete, hein? — ele comenta.

— Veja, nós dois sabemos que Acharya está só me provocando. Eu tenho tanta chance de dirigir uma companhia de dez bilhões quanto de ganhar a coroa de Miss Mundo.

— Eu discordo da parte da Miss Mundo, mas isso não importa. O que importa é que você tem de estar sempre um passo à frente de Acharya.

— E você? A companhia ainda está investigando sobre o MMS de Salim Ilyasi?

— Esse era o item número um na agenda do sr. Swapan Karak, o dono da Indus Mobile — ele responde seriamente.

— Ele descobriu sobre você? — pergunto com o coração na boca.

— Eu me livrei! — Ele sorri. — Sr. Swapan Karak não tem ideia de que eu estou por trás do MMS. A investigação acabou hoje. Ele chegou à conclusão de que o MMS foi uma “pegadinha de cunho social” perpetrada por um grupo de hackers foras da lei.

Solto um suspiro de alívio:

— Ufa! Essa foi por pouco. Você não tem ideia de como me senti culpada nesses últimos quatro dias.

Ele me dá um tapinha nas costas.

— Eu consigo imaginar. Por isso, fiquei muito tentado a lhe enviar um outro MMS, dessa vez na voz de Aamir Khan em *3 idiotas*.

— Falando o quê?

— Apenas três palavras: *All izz well*: tudo está bem.

O sexto teste:

Cento e cinquenta gramas de sacrifício

A LIG Colony funciona, como o resto da classe média indiana, como uma rede intrincada de laços, relacionamentos, obrigações e favores. Todos conhecem alguém que conhece alguém. Sr. Gupta, no A-49, por exemplo, é amigo de um técnico de computação que presta serviços para todos os residentes. Sr. J. P. Aggarwal, do B-27, é o cara nas questões relacionadas a hardware. Sra. Lalita, no C-18, é a abelhuda com um talento único para achar barganhas, especialmente roupas. Nirmala Ben, do B-25, é a irmã mais velha de todos (recentemente promovida a líder universal). E o dr. Dheeraj Mittal, no D-58, atua como o médico da casa.

A cada três meses, usamos nossa conexão com dr. Mittal para fazer o check-up da Ma no hospital público MCD, no Setor Dezessete, onde o médico trabalha como nefrologista. Ele poderia facilmente morar em um prédio bem mais chique, mas prefere nosso condomínio pela conveniência. Em seu Ford Fiesta, consegue chegar ao hospital em menos de dez minutos.

Meu relacionamento com hospitais é como aquele da mulher espancada que volta ao marido agressivo. *Odeio* ir a hospitais. Uma ida até o hospital público é o suficiente para transformar um crente em ateu. Você vê tanta dor e sofrimento que imediatamente surge a questão: como um deus misericordioso permite a doença? No entanto, não vivo sem eles. Hospitais são como navios que carregam as almas feridas através do rio da doença humana. Eles providenciam um atestado trimestral de que tudo está bem com Ma e o mundo.

Já é rotina. Levo Ma ao hospital público logo cedo no domingo. Eles pegam amostras de sangue e urina. Ela é testada para deficiência de B12, ferro e anemia. Um raio X do peito também é feito, além do exame da visão. Então, o dr. Mittal em pessoa faz uma consulta, armado com resultados de hemograma, glicemia de jejum, glicemia pós-prandial, creatinina sérica e urocultura. Ele dá uma boa palestra sobre manter uma dieta sem açúcar e tomar os remédios com regularidade antes de renovar a prescrição: glibenclamida para diabetes, salbutamol inalatório para a asma, diclofenaco cinquenta miligramas para a artrite e telmisartan quarenta miligramas para hipertensão.

— Sua mãe está bem. — Em geral, ele faz um joinha para mim. — Voltem em três meses.

O prazo de três meses expirou no começo de abril. À época, estávamos ocupadas com o histórico jejum de Nirmala Ben. Mas, no primeiro domingo depois, estou no hospital com Ma.

É um dia ensolarado, sem nuvens, mas dentro do hospital está nublado e acinzentado. A maior parte das lâmpadas fosforescentes está queimada, e o que ilumina a recepção é apenas a luz do sol que atravessa as duas janelas com esquadrias, uma em cada ponta. As paredes são desbotadas e negligenciadas, como se já tivessem tido melhores dias. O ar fede a suor; o lugar está barulhento. Uma jovem mãe em um sári azul está agachada no canto, soluçando incontrolavelmente. Há longas filas no

balcão de registro. Para aqueles sem influência ou conexões, são três horas apenas para conseguir o cartão.

Ao passar pelos corredores do departamento de nefrologia, o cheiro azedo e químico de hospital invade minhas narinas, obrigando-me a acelerar o passo. A sala do dr. Mittal, no terceiro andar, está igualmente cheia. A maioria é composta por pacientes idosos com condições crônicas, acomodados nas cadeiras de plástico duro dentro da sala de espera. Alguns olham para Ma com curiosidade, talvez buscando na mente de onde a conhecem. Aqueles que lembram sabem que ela é a mulher desconhecida que estava ao lado de Nirmala Ben durante a cobertura do jejum pela TV.

Como sempre, a enfermeira permite que pulemos a fila e, dez minutos depois, estamos cara a cara com o dr. Dheeraj Mittal. Um homem baixo de quarenta e poucos anos, dr. Mittal tem aquela aparência meio descuidada de professor distraído com seu cabelo escuro despenteado e óculos sem aro. Mas ele compensa tudo com sua postura gentil e conhecimento médico. Ele exsuda confiança e competência.

— Bem-vinda, Ma *ji* — ele cumprimenta mamãe. — Fiquei sabendo que você virou uma celebridade graças a Nirmala Ben.

— Nirmala Ben é sortuda — diz Ma ironicamente. — Ela não precisa enfrentar infundáveis visitas ao hospital.

— Se você conseguisse manter um peso constante, também seria poupada desses check-ups. Mas sempre que a vejo, seu peso diminuiu um pouco.

— O que fazer? — Ma suspira. — Nirmala Ben está forte e sã mesmo depois de jejuar por duas semanas. Eu como três vezes ao dia e não consigo engordar.

Dr. Mittal me olha.

— Você sabe que há dois meses Ma *ji* desmaiou em casa por conta da hipoglicemia?

— Ma nunca me contou, doutor. Fiquei sabendo há pouco.

— Por isso, precisamos fazer mais exames dessa vez — avisa o médico ao anotar no bloco.

Ele pede uma bateria de exames: hemoglobina glicosilada, frutossamina, 1.5 AG, microalbumina, rotina laboratorial, ureia, cistatina C, peptídeo C. É o primeiro sinal de que esse check-up não está seguindo o script.

Os exames levam o dia inteiro e os resultados demoram uma semana. Como sempre, vamos diretamente para o dr. Mittal. Sempre achei estranho os resultados serem mostrados ao médico primeiro, como se os pacientes não fossem capazes de receber uma análise do próprio corpo.

Isso contribui para a mística da profissão. Médicos e mecânicos de carro têm algo em comum. Ambos trabalham na maquinaria, e nós não temos como saber o que está acontecendo, tanto dentro do corpo humano como no motor do carro. Do mesmo modo que um carro em perfeitas condições pode afogar de repente, nossos corpos podem nos trair de muitas maneiras. Portanto, quando dr. Mittal me convoca ao hospital no domingo, dia 24 de abril, às onze da manhã, entro em sua sala com o nervosismo de um estudante marginal prestes a receber o boletim.

— Está tudo bem com a Ma, doutor? — pergunto assim que me sento à sua frente.

A expressão sombria no rosto dele faz meu peito ficar apertado.

— Sempre acreditei na honestidade total com os pacientes — ele começa. — Por isso...

— Por favor, não me diga que é câncer — eu o interrompo, lamuriosa.

— Não, não é câncer.

— Graças a Deus. — Solto o fôlego.

— Não agradeça a Deus ainda. Sua mãe tem IRC, que é tão ruim quanto.

— IRC? O que é isso?

— Insuficiência Renal Crônica. Diabetes e hipertensão são as causas mais comuns. E sua mãe possui ambas. São doenças que acometem os vasos sanguíneos e prejudicam a habilidade dos rins de filtrar o sangue e regular os fluidos no corpo. No estágio final de falência do rim, os rins funcionam em uma porcentagem de menos de quinze por cento de sua capacidade normal.

Estou em choque.

— Mas... mas ela parece bem. Deve haver algum erro.

— Os resultados dos testes estão na minha frente e não mentem. — Ele levanta o papel impresso e começa a despejar números: Hemoglobina de 6 gramas, glicemia de jejum de 80, glicemia pós-prandial de 180, creatinina plasmática de 7,5 miligramas, urina demonstra proteinúria de 3/4+ e glicosúria também de 3/4+. — Ele tira os óculos e coça o cenho. — Se não são indicadores de IRC, o que são?

— E por que só estamos descobrindo isso agora?

— A doença do rim é uma assassina silenciosa, progredindo furtivamente por anos, sem sinais ou sintomas que o paciente possa reconhecer. Quando descoberta tardiamente, como é o caso de sua mãe, pode ser fatal.

Fatal. A palavra provoca calafrios.

— A única maneira de tratá-la é com diálise ou transplante — ele segue em frente. — Vocês não conseguirão pagar diálise permanente. Desse modo, só resta uma opção.

— E qual é?

— Um transplante de rim. Sua mãe precisa de um novo rim, e rapidamente.

— E quanto um novo rim vai custar?

— Nada.

— Nada? Como assim?

— Porque vai ser seu. Ou de sua irmã.

— Eu... eu não entendo.

— De acordo com o Decreto de Transplante de Órgão Humano, de 1994, apenas doadores consanguíneos podem doar órgãos ao paciente. Isso inclui pai, mãe, irmão e irmã.

— Doar sangue é uma coisa. Mas como uma pessoa viva pode doar um órgão assim?

— É chamado transplante renal de doador vivo. Veja, a vantagem do rim é que ele é um órgão duplo. Possuímos dois deles. O segundo rim é quase redundante, pois não tem utilidade. Na verdade, desperdiça recursos do corpo. Dessa maneira, é possível remover o rim de uma pessoa viva. Seres humanos razoavelmente saudáveis conseguem viver muito bem com um rim. A única questão é: qual das duas será?

Encaro o chão, a cabeça pendurada, tentando desesperadamente não vomitar. Assentindo com fraqueza, pergunto:

— Qual é o procedimento?

— Bem, preciso que as duas venham e façam exames de sangue. Se possível, hoje mesmo. A parte boa é que o tipo sanguíneo de sua mãe é AB positivo, o que faz dela uma receptora universal. Terei de fazer apenas compatibilidade de antígeno tecidual e *crossmatching* para determinar a compatibilidade para o transplante.

— E se nem Neha nem eu formos compatíveis?

— Lidaremos com esse problema se ele surgir, certo? — Ele sorri amplamente, mas isso não me anima.

— Obrigada, doutor — agradeço, minha voz áspera, e saio da sala.

A sala de espera do lado de fora tem um pôster desbotado mostrando as principais estruturas do sistema urinário. Nunca tinha olhado para ele. Mas, hoje, atraindo-me como um ímã. Estudo os dois órgãos escuros em formato de feijão localizados um de cada lado da espinha, logo abaixo das costelas, como se fossem coordenadas para o tesouro secreto. Eles parecem bem pequenos, pouco maiores que um punho fechado. Ambos são cobertos por um tecido fibroso e poroso, nervos e veias. E possuem ureteres indo para a bexiga. Para mim, tanto o esquerdo quanto o direito parecem idênticos. E nada nesse diagrama sugere que um deles seja redundante.

Quando chego em casa, minha mente está completamente confusa e rodando por pensar nas piores situações. Ma está na cozinha, como sempre, preparando o almoço. Ela nem se dá ao trabalho de perguntar sobre os resultados. Ela condicionou a si mesma para acreditar que a morte é inevitável e nenhuma quantidade de antibióticos pode impedi-la quando a hora chegar. É apenas um último desejo, uma última esperança que a impulsiona.

— Estou apenas esperando minhas filhas casarem e se estabelecerem — ela disse a Nirmala Ben inúmeras vezes. — Depois disso, posso morrer em paz.

Neha está distraída, como sempre, consigo mesma. Quando entro em seu quarto, ela está em frente ao espelho imitando a icônica pose de Priya Capoorr em *Love in Bangkok*.

— Decidi me inscrever para o Miss Índia, *didi* — ela informa. — Uma voz tem altos e baixos, mas não há dúvida sobre um rosto bonito. Afinal, uma rosa é uma rosa, não é?

— Dá pra você pensar em outra coisa além de concursos de beleza e de manequim? — eu rebato. — O dr. Mittal pegou os resultados dos exames da Ma e disse que ela está na fase terminal de uma doença renal. Ela precisa de um novo rim.

— Um novo rim? E onde compramos? No Big Bazaar?

— Não é piada, Neha. Você não pode comprar um rim, apenas doar. O doutor nos chamou para fazer exames para testar se somos compatíveis para doar um rim para Ma.

Neha encolhe-se como se eu a tivesse estapeado.

— Doar um rim? Você ficou doida, *didi*? Não vou dar meu rim de jeito nenhum.

— Tudo bem. Então, *você* fala pra Ma que ela vai morrer.

Por fim, convenco-a a ir ao hospital comigo. Passamos reto pela recepção e vamos direto ao laboratório no primeiro andar.

A enfermeira é uma mulher de meia-idade de cara amarrada vestida em um uniforme branco, alvejado e engomado. Ela já tinha recebido instruções do dr. Mittal. Com eficiência e sangue-frio, ela localiza a veia na parte de dentro do meu braço e está preparada para furar minha pele com uma agulha hipodérmica quando meu celular toca. É da Cruz Vermelha ligando para me lembrar do Dia Mundial da Doação de Sangue, 14 de junho.

— O banco de sangue está com o estoque baixo em Bombaim de novo — o funcionário me informa. — Você poderia vir fazer sua doação trimestral? Podemos mandar um carro buscá-la.

Admiro a coincidência.

— Desculpe. Estou em um hospital agora, prestes a doar sangue para minha mãe. Não posso ajudar vocês desta vez.

A enfermeira me olha feio e penetra a agulha. Já tirei sangue muitas vezes, mas, desta vez, é diferente. Conforme o líquido vermelho-escuro começa a preencher a seringa, sou preenchida por um temor sem nome, um monstro mutante que toma a forma de meus piores medos. A amostra vai ser testada em breve, sussurrar seus segredos, revelar seus antígenos e anticorpos. E eu sei, bem no fundo de mim, que este é um teste que ficarei feliz em reprovar.

Neha nunca doou sangue antes e fica inquieta e nervosa quando chega sua vez. Ela morde o lábio inferior, aperta as mãos e não olha para a seringa. Quando a agulha entra na pele, ela começa a hiperventilar e reclama de fraqueza e tontura.

— Não seja dramática — a enfermeira dá bronca e continua a tirar sangue.

Neha enfrenta o procedimento com a mandíbula tensa, fulminando a enfermeira, e vomita logo em seguida.

Depois de tirar o sangue, esperamos agonizantes três horas pelo resultado antes de dr. Mittal nos chamar em sua sala.

— Tenho boas notícias — ele diz para mim. — O teste HLA indicou uma compatibilidade perfeita de seis de seis para Neha e compatibilidade parcial, de três para seis, para você, o que é tão bom quanto, pois a rejeição parcial pode ser superada com drogas imunossupressoras. E o *crossmatching* para as duas deu negativo.

— Negativo? — Neha, que estivera segurando o assento da cadeira, de repente relaxa a mão, uma centelha de alívio cruza sua face. — Isso significa que somos incompatíveis com o grupo sanguíneo de Ma, não é?

— Pelo contrário, isso significa que a compatibilidade é total. No teste, misturamos células brancas do doador com sangue do recipiente. Se as células brancas são atacadas e morrem, o *crossmatching* é “positivo”, e isso significa que o sistema imune do recipiente não aceitará o órgão. Mas se é “negativo”, os antígenos do doador são compatíveis com o do recipiente. O sangue de ambas é compatível com o de Ma ji e ambas podem doar. Agora, as duas irmãs têm de decidir quem ama mais a mamãe.

Neha e eu nos entreolhamos e depois desviamos o olhar. O ar na sala fica denso e opressivo, pesado

por conta da gravidade da situação e do ambiente agourento do hospital.

Dr. Mittal sente a tensão palpável entre nós.

— Sei que não é uma decisão fácil. Por isso quero que ambas pensem bem e voltem em setenta e duas horas. Três dias.

Voltamos para casa em silêncio, sem saber o que dizer ou fazer. É um novo desafio para as duas, algo que nunca tivemos de enfrentar antes. A única regra com que concordamos é não comentar nada com Ma.

À noite, deitada no escuro, ouço Neha se revirando na cama. E sei que ela está pensando a mesma coisa que eu. Todo o nosso amor e nossa afeição filiais se resumiram a este dilema bizarro: de quem gostamos mais, nossa mãe ou nosso rim?

É uma questão à qual eu gostaria que nenhuma filha tivesse de responder. Pois tem o potencial de colocar irmã contra irmã, expondo a fraqueza escondida de nossa alma. Cada ansiedade, cada dúvida, cada fraqueza e cada fingimento me emboscam na rua da indecisão. Todo desejo egoísta brota no jardim do medo.

Ocupo-me em pesquisar sobre a doença e transplantes renais. O rim de um adulto, aprendo, mede de dez a doze centímetros de comprimento, contém um milhão de néfrons e pesa aproximadamente cento e cinquenta gramas. Vasculho a internet, procurando inspiração naqueles que doaram rins a seus entes amados e continuam a viver vidas felizes e saudáveis.

Neha passa seu tempo pesquisando o contrário, recrutando argumentos contra a doação. Ela conversa em sussurro comigo depois que Ma já dormiu:

— Doar um rim não é como dar seu iPod para um amigo. É um procedimento cirúrgico extenso e pode provocar problemas de saúde crônicos. Depois da operação, pode esquecer a prática de esportes ou outra atividade física. Além disso, eu não acredito no argumento de que um segundo rim seja redundante. Deus me perdoe, mas se algo acontecer comigo algum dia, tipo um acidente ou uma doença grave, o segundo rim pode vir a ser bem útil.

Há certa verdade no que ela diz. Minha pesquisa revela que pessoas com apenas um rim tendem a sofrer com certos problemas depois. Algumas têm pressão alta; outras desenvolvem uma condição chamada proteinúria, que significa excesso de proteína na urina; e uma terceira categoria sofre algo conhecido como diminuição da taxa de filtração glomerular, o que significa que o único rim não é mais capaz de remover efetivamente os resíduos da corrente sanguínea.

— Sabendo de tudo isso, você ainda acha que devemos ir em frente com o transplante? — Neha quer saber.

— Não temos escolha. Se Ma não receber um novo rim, ela morre — respondo. — O sangue tem um preço. Amor exige sacrifício.

— Então, você doa — ela diz com sua honestidade de sempre. — Eu preciso participar das regionais do Miss Índia. Não posso ir pálida e com cara de doente. Além do mais, você é a mais velha.

Neha já me magoou antes; desta vez, é uma facada. Sinto a lâmina da traição revirando minhas entranhas. E isso me enche de completa repulsa.

— Por quê? Que favores especiais vocês já me fizeram? — Eu irrompo em raiva virtuosa. — Onde

diz que a mais velha tem de sofrer por todos? Eu desisti de meus sonhos, abandonei meus estudos e agora você quer me forçar a cortar meu corpo?

Pela primeira vez, Neha fica pasma. Ela dá um involuntário passo para trás, os olhos arregalados em descrença. Em seguida, um arfar de remorso escapa de seus lábios e ela cai aos meus pés.

— Desculpe, *didi* — ela grita, agarrando minhas pernas. — Retiro minhas palavras. Depois de tudo que você fez por mim, como eu posso ser tão ingrata? Eu não mereço viver.

É o suficiente para eu começar a chorar. Levanto-a, balbuciando:

— Estamos nessa juntas, sua tonta.

Abraçamos uma à outra, duas almas assustadas tentando desesperadamente reunir coragem para fazer um ato corajoso.

Quando o instinto moral do amor filial colide com o instinto primário de autopreservação, a primeira baixa é a tomada de decisão. Tentamos adiar o inevitável nos imergindo na rotina mundana. Vou religiosamente ao trabalho; Neha, à faculdade. À noite, encarceradas no mesmo quarto, mal falamos uma com a outra, sufocadas pelas nossas ansiedades.

Por quarenta e oito horas, permanecemos na encruzilhada, tensas com a incerteza, divididas pela falta de resolução, como um júri incapaz de decidir o veredicto.

É Neha quem sugere uma saída para o impasse na terceira manhã:

— Vamos jogar na moeda, como fazem no críquete. Cara sou eu. Coroa é você. O.k.?

Faço que sim com a cabeça. Talvez seja o melhor jeito. Às vezes, grandes decisões na vida têm de ser deixadas ao puro e insensível acaso.

Neha vasculha a gaveta de roupas e extrai uma velha moeda de uma rúpia, a superfície manchada pelo tempo. Reunimo-nos no meio do quarto, como duas duelistas prestes a encontrar-se com o destino. Neha mostra os dois lados, confirmando que não é uma moeda fajuta. Então, sem aviso prévio, ela joga. Embora velha e gasta, a moeda reflete o sol que entra pela janela ao rodopiar no ar. Neha a pega com habilidade durante o arco de descida. Ela a bate contra as costas da mão livre, encobrimo-a.

— Nossa decisão está selada. Não haverá segunda chance, combinado? — ela pergunta com a voz trêmula.

— Combinado. Cara ou coroa, é a decisão de Deus, não nossa. Vamos honrá-la.

Neha concorda.

— Repito: cara sou eu, coroa é você.

— Agora, tire a mão. — Eu engulo em seco. — Vamos ver nosso destino.

Lentamente, muito lentamente, como uma reviravolta na trama da novela, Neha desliza a mão. A luz do sol banha a moeda, e o leão de três cabeças de nosso emblema nacional brilha para mim.

A face de Neha enruga-se em choque. Um soluço sobe em sua garganta diante da conclusão do veredicto. Mas ela recupera a pose tão rápido quanto, mostrando a mesma determinação estoica que apresentou em Mumbai.

— Se é para ser eu, que seja. Dou meu rim para Ma com alegria.

Finalmente, chegamos a uma decisão, mas em vez de me sentir melhor, me sinto miserável. Quero abraçar minha irmã e dizer: “Você não vai fazer tal coisa. Eu cumpro meu dever de irmã mais velha”. Mas o que sai de minha garganta é um rouquenho:

— Sinto muito! Que azar!

Logo, estamos a caminho do hospital para nosso encontro com dr. Mittal. Por ser dia de semana, o hospital está menos cheio. Mas exala o mesmo cheiro de sangue e antisséptico que me dá vontade de vomitar.

Ao chegarmos ao patamar do terceiro andar, um homem moreno nos aborda. Reconheço Tilak Raj, que trabalha como auxiliar de enfermagem no hospital. Seu filho Raju frequenta minha aula de inglês.

— Senhora *ji*, posso ter uma palavrinha com você? — ele sussurra, chamando-nos para um canto isolado.

— Sim? — pergunto com cautela.

— Fiquei sabendo que sua mãe precisa de um novo rim.

— É verdade. Como você sabe?

— Ouvi o dr. Mittal contando para a enfermeira-chefe. E como você vai arranjar um rim?

— Neha vai doar o dela.

— Tsc, tsc. — Ele balança a cabeça. — Que ideia é essa? Tão linda menina e você quer matar o futuro dela? Depois de doar o rim, ela vai desbotar como uma flor murcha. Siga meu conselho: não deem esse passo.

— E o que podemos fazer? Não conseguimos pagar diálise permanente.

— Há outra maneira. — Ele pisca.

— Conte! — Neha quase agarra o braço dele.

— Você pode comprar um rim.

— Comprar? Mas isso é ilegal — eu comento. — O Decreto do Transplante não permite.

— Você vai se importar com a lei ou com o futuro de sua irmã? Se você quer um rim, eu posso arranjar. E bem barato.

— Quão barato? — pergunta Neha.

— Você vai descobrir neste endereço.

Ele pega um pedaço de papel do bolso e me entrega. Nele, está escrito o contato de um tal dr. J. K. Nath, um nefrologista que trabalha no Instituto do Rim, um hospital particular no Setor Quinze de Rohini.

— Não é o hospital do MLA local, o Anwar Noorai? — pergunto, lembrando-me do político com cabelo tingido e costeletas compridas que encontrei no metrô.

— Exatamente. — Tilak Raj assente. — MLA *sahib* é muito prestativo. Ele que me arrumou esse emprego. Ele vai ajudar sua mãe também. O hospital dele é especializado em transplantes de rim.

— E quanto ao custo?

— Diga ao dr. Nath que eu indiquei. Ele vai fazer um bom preço. — Tilak Raj sorri sagazmente e desliza silenciosamente pelas escadas.

— Não sabia que Tilak Raj era um agente no negócio de rins ilegais — penso em voz alta ao observá-lo ir embora.

— Não me importo se é ilegal ou não, *didi* — diz Neha. — Eu quero falar com o dr. Nath.

— Acho que isso seria um erro. Precisamos primeiro conversar com o dr. Mittal.

— Porque é meu rim e não o seu, não é? — Neha diz com veemência.

Nesse momento em que baixa a guarda, sua máscara de bravata cai. Ela escorrega para o chão e toda a sua ansiedade e frustração reprimidas jorram por soluços incontrolláveis.

Sinto uma onda de compaixão por ela, acompanhada de uma flama de esperança. Talvez um milagre esteja acontecendo.

— Eu não vou trabalhar hoje — digo. — Venha, vamos conhecer o dr. Nath.

Saímos do hospital e pegamos um autorriquixá para o Setor Quinze. Trinta rúpias e quinze minutos depois, estamos nos portões do Instituto do Rim.

Do lado de fora, o hospital parece um edifício de escritórios, com fachada de vidro. Dentro, é igual a um lobby de hotel, todo de mármore e pedra, impecavelmente limpo.

A recepção tem a eficácia agitada de um aquartelamento militar. Fico surpresa ao ver alguns estrangeiros na fila. Uma jovem recepcionista atilada sorri amplamente para nós.

— Sim, o que posso fazer por vocês?

— Estamos aqui para falar com o dr. J. K. Nath — respondo.

— Vocês têm hora marcada?

— Não, podemos marcar?

Dr. Nath recebe-nos uma hora depois. Ele é um homem careca e diminuto, por volta dos cinquenta anos, rosto gordinho, barbeado e dentes amarelos. Embora esteja de jaleco, há algo nele que lembra Keemti Lal, o atendente cara de fuinha do gabinete do magistrado. Ele nós oferece um sorriso gentil, mas o brilho esfomeado em seus olhos o trai, me deixando cautelosa.

— Quem indicou o senhor foi Tilak Raj do hospital público do Setor Dezessete — começo, hesitante.

— Bom. — Ele assente. — Isso significa que precisam de um rim. É para ela? — Ele aponta com o dedão para Neha.

— Não. É para nossa mãe. Ela tem IRC.

— Bem, vocês vieram ao lugar certo. Posso arranjar um rim substituto para sua mãe assim que eu souber o perfil sanguíneo dela.

— De um doador falecido?

— Não, um vivo. Esta é a melhor coisa da economia de mercado do século XXI. Você pode comprar um rim tão facilmente quanto um carro. É só uma questão de demanda e oferta.

— Mas isso não é ilegal? Pelo que sei, apenas parentes próximos podem doar o rim.

— Obviamente, você não leu o Decreto de 1994 por inteiro. Há uma cláusula para doações altruístas pela qual até uma pessoa não aparentada pode doar o rim, desde que se sinta emocionalmente ligada ao receptor.

— Mas não temos ninguém assim.

— Deixe essa parte comigo. Encontrei o doador e será totalmente legal. Você ficará surpresa como uma ligação emocional surge rapidinho quando colocamos dinheiro na equação.

— Então, de quanto estamos falando?

— No IR, cobramos um preço fixo de seis *lakhs* para o pacote de transplante de rim, tudo incluso.

— Seis *lakhs*? É muito mais do que podemos pagar.

Ele passa a mão pela careca.

— Então, melhor procurarem outro lugar. Apenas saibam que mais de cento e cinquenta indianos precisam de um transplante de rim todos os anos, mas apenas três mil e quinhentos rins estão disponíveis. Por isso, é um pouco caro. E nós temos pacientes o suficiente, da Índia e de fora, que estão dispostos a pagar o preço. Seis *lakhs* é uma pechincha. É menos de quinze mil dólares. Na América, precisaria pagar dez vezes isso.

Fica claro que estamos lidando com um homem de negócios vigarista e não um médico ético. E não temos condições de pagar esses preços fantasiosos.

— Vamos. — Puxo o braço de Neha. — É inútil perdermos mais tempo aqui. Dr. Mittal deve estar nos esperando.

— Não, *didi* — diz Neha com um firme negar de cabeça. — Aconteça o que acontecer, eu não volto para aquele hospital público.

Fico sem palavras diante da ideia repentina e maluca que se apodera de Neha. Ela está desesperada para comprar um rim, custe o que custar.

Neha toma conta das negociações.

— Sou apenas uma estudante. Você não pode dar um desconto de estudante? — ela pergunta ao dr. Nath, os lábios curvando em um sorriso simultaneamente suplicante e provocante.

O médico fica imediatamente encantado.

— O.k., só para você, reduzo o preço em um *lakh*. Que tal cinco *lakhs*?

— Ainda é muito. — Neha faz biquinho.

Observo em silêncio enquanto ela troca números com dr. Nath como uma regateadora experiente. Por fim, o especialista em rins joga as mãos para o alto.

— Onde você acha que está? Na feira? Meu último preço é dois *lakhs*, e apenas porque estou com pena de você. É pegar ou largar.

— Aceitamos — diz Neha rapidamente.

Aproximo-me do ouvido de Neha:

— E como vamos arrumar tanto dinheiro? — eu questiono em um sussurro furioso. — Ma não tem mais joias.

— Deixe comigo — ela afirma com confiança ao se levantar para apertar a mão do médico. — Obrigada, doutor. Você receberá o dinheiro em menos de uma semana.

— Nesse caso, vamos começar os procedimentos preliminares imediatamente. Traga sua mãe amanhã para o exame de sangue — diz o médico.

Ao sairmos do hospital, Neha olha momentaneamente para o céu. Estico o pescoço também,

semicerrando os olhos para as nuvens que flutuam pela imensidão azul. Não sei o que Neha viu, mas eu não sou capaz de enxergar nenhum sinal miraculoso.

Neha revela a estratégia apenas quando estamos na metade do caminho.

— Tenho amigos que são podres de rico. Eles emprestarão o dinheiro. Dois *lakhs* são trocado para eles, provavelmente menos do que gastam por mês em ração para o poodle.

Fico com vontade de perguntar onde estavam esses amigos quando precisamos de dinheiro para manter o apartamento, mas resolvo ficar quieta. Quem sou eu para julgá-la? Afinal, é o rim dela que está em jogo. E ela pode pedir, emprestar ou roubar, não estou nem aí.

Há uma multidão reunida no pátio quando o autorriquixá nos deixa em frente a LIG Colony. Fico sabendo através de Dhiman Singh que a sra. Nirmala Mukherjee Shah, nossa famosa moradora, está deixando o B-25 para morar em Gandhi Niketan, um centro comunitário que pratica os ensinamentos gandhistas, situado no chique e exclusivo West End, na zona sul.

A mudança não me surpreende. Nirmala Ben não é mais a gandhista simples com estilo de vida frugal que eu conheci. Ela transformou-se em um guru abastado. Seu cabelo agora é imaculadamente penteado, seus *chappals* sem graça foram substituídos por sandálias de grife e até sua marca registrada, o sári, parece mais branco. Agora, ela é constantemente rodeada por um séquito de seguidores leais, admiradores e outros encostos. Apesar de seu apartamento ficar a apenas três portas do meu, sua fama criou uma distância entre nós, um abismo profundo demais para ser cruzado com facilidade.

— Arre, Sapna, *beti* — ela me chama assim que me vê. — Como vai você? — Ela me abraça calorosamente.

— Estou bem. Mas por que você vai abandonar a colônia?

— *Shoo karoon?* O que fazer? — ela suspira. — Eu não queria ir, mas meus companheiros insistem que este lugar é pequeno demais para minhas palestras diárias.

— Vou sentir sua falta — eu digo, e é a pura verdade.

— Arre, não vou mudar de cidade, estarei apenas a poucos quilômetros de distância. Você e Susheela têm de vir me visitar sempre que quiserem *dhoklas* e *rasagullas* caseiras.

Ao observá-la sentando-se no banco de trás de um encerado Hyundai Sonata, tenho o distinto sentimento de que a estou vendo em pessoa pela última vez. De agora em diante, vou vê-la apenas nas páginas do jornal ou na tela da TV.

Ao menos, ela usa seu estrelato para mudar a vida das pessoas e inspirar mudanças positivas. Sua campanha contra a corrupção de alto escalão continua acelerada. Há notícias diárias de que a corda no pescoço da Atlas está apertando. Investigadores do governo afirmam que encontram evidências cruciais nas Ilhas Maurício, gerando uma onda de especulação de que os nomes por trás da Atlas serão revelados em breve.

Em nosso apartamento, Ma está sentada à mesa de jantar, chorando em silêncio. Ela está desconsolada pela partida de Nirmala Ben.

— Minha melhor amiga do condomínio foi embora — ela lamenta. — Eu gostaria de ir embora deste mundo.

— Você não vai a lugar algum — digo com firmeza.

— Qual é o ponto? — Ela abre as mãos. — Minhas duas filhas nunca me contam nada. Tratam-me como criança, fazem coisas às minhas costas.

Troco olhares irônicos com Neha. Ma está em um de seus periódicos acometimentos de depressão, imaginando conspirações em toda parte.

— O que escondemos de você? — desafio.

— Sei que você e a Neha estão aprontando alguma. Tem algo a ver com o resultado dos exames? Pelo menos, conte-me o que o dr. Mittal falou. Quanto tempo ainda me resta?

Sinto que é o momento de abrir o jogo.

— Dr. Mittal falou que você tem uma doença chamada IRC, na qual os rins ficam menos eficientes. Por isso, você vem se sentindo cansada, sem apetite, com câimbras. Você precisa de um novo rim. E nós vamos arranjar um para você.

— Como? Dando um de vocês? — A mão de Ma pousa sobre seus lábios ao contemplar o horror da implicação. — Que Deus me leve antes que eu prejudique minhas crianças. O dever de uma mãe é de dar, nunca de receber.

— Não vai ser nosso rim — asseguro. — Será de outro doador.

— Para que roubar o rim de alguém por minha causa? Ninguém sabe quanto tempo lhe resta. Talvez minha hora tenha chegado — ela diz com o jeito cansado do mundo de uma mulher muito mais velha. — Não tem sentido gastar dinheiro em cirurgia e remédios para mim.

Mães têm a incrível habilidade de humilhar seus filhos. Toda a nossa vida, nunca imaginamos Ma como um ente separado da cozinha. Pelo fato de ela ser uma simples dona de casa de uma cidadezinha rústica de Mainpuri, que não terminou os estudos, não conhece Camus e não sabe mexer em computadores, e nem falava inglês, nunca a levamos a sério, nunca tentamos entendê-la. Alka era a mais próxima dela. A atitude de Papa em relação a ela era de superioridade condescendente, e Neha e eu, inconscientemente, o imitávamos. Relegamos a Ma um papel de fundo, alguém que gerenciava a casa e as ocasiões religiosas, além da rede de relações familiares com tias distantes e primos mais distantes ainda, enquanto a gente lidava com assuntos mais importantes, tipo equações quadráticas e *Hamlet*. Mesmo após a morte de Papa, nunca passou por nossas mentes descobrir como ela estava lidando com tudo. Ela se sentia sozinha ou acabrunhada pelos mistérios da vida? Ela apagou todas as suas vontades e desejos pelo bem dos outros. E agora, quando sua vida está em jogo, ela está pronta para se sacrificar por nós.

Corro para abraçá-la, a culpa transformando-se em um choro sem lágrimas.

— Você tem apenas quarenta e sete — eu a lembro. — Sua hora ainda não chegou e não vai chegar em breve. Você cumpriu seu dever de mãe; agora, nós devemos cumprir nosso dever de filhas.

— Não “nós”, *eu* — Neha intervém. — Sou eu quem está arranjando um rim substituto para você no

melhor hospital do rim da cidade.

Fico boquiaberta, em choque. Não foi o que ela disse, mas *como* ela disse, ao mesmo tempo deboche e paternalismo.

— Mas é muito caro — Ma aflige-se.

— Você não precisa se preocupar com dinheiro enquanto *eu* estiver aqui para cuidar de você — diz Neha, direcionando outra farpa para mim.

— Minha querida filha! — Ma seca os olhos e puxa Neha contra seu peito.

Sinto-me isolada, expulsa desta cena familiar, como um penetra em uma festa. Neha de repente age como uma adulta, e eu tenho dificuldade em lidar com isso. Mas, por outro lado, eu mesma sou culpada. Ao abdicar de minha responsabilidade como irmã mais velha, ao abandonar minha obrigação como filha, permiti a Neha que usurpasse meu lugar. E agora ela me tirou de cena, me transformou em uma pária dentro da minha própria casa.

Vou para a cama com o ego ferido e a consciência inquieta. Dinheiro pode comprar um rim, mas não compra o respeito fraterno.

Dr. Mittal me telefona no dia seguinte justamente quando estou ocupada em explicar as características únicas de uma TV de LED Sony BX420 a um cliente.

— O que aconteceu? Pensei que você e Neha fossem se encontrar comigo ontem. — Ele soa irado e um pouco agitado.

— Houve uma mudança de planos — eu informo. — Estamos analisando a possibilidade de encontrar um doador altruísta.

Silêncio do outro lado da linha. Enfim, ele pergunta:

— E quem é o doador altruísta?

— Um amigo nosso — eu minto.

— Então, melhor trazê-lo. Preciso checá-lo. É imperativo que façamos o transplante dentro de cinco a sete dias. A condição de sua mãe é muito séria. Ela morre um pouquinho por dia.

— Compreendo, doutor.

Termino a ligação rapidamente, sentindo-me exausta e abalada. Depois disso, é impossível para mim me concentrar no trabalho, e recebo uma bronca do gerente, que já está irritado por conta de minha ausência não autorizada ontem.

Mais dois dias se passam e Neha consegue arranjar dez mil. Aparentemente, os coleguinhas dela não são tão generosos quanto imaginou. Mesmo assim, ela não admite derrota.

— Alguns amigos estão fora da cidade. Estou esperando eles voltarem. Fique tranquila, chegarei ao total.

A única boa notícia vem do dr. Nath.

— Sucesso! — ele comemora ao telefone com Neha. — Encontrei um excelente doador para sua mãe. É uma juvenzinha saudável. E todos os parâmetros dela são perfeitamente compatíveis. Quando você vai trazer o pagamento? Queremos o total, em dinheiro.

— Logo, doutor — Neha assegura. — Estou trabalhando nisso.

A segunda, 2 de maio, começa com a notícia da morte de Osama bin Laden. Ficamos estupefatos ao saber que ele morreu em um tiroteio com os soldados americanos nos confins do Paquistão.

A notícia da morte de Osama não é mais emocionante do que a que Neha me dá à noite.

— Consegui, *didi*! Consegui os dois *lakhs*.

— Sério?

Ela pega a bolsa, uma Gucci falsificada.

— Tá-dá! — Ela imita uma fanfarra de clarins ao jogar os dois maços grossos de notas de mil rúpias sobre a cama. — Cada maço tem cem mil.

Eu dou um tapinha nos ombros dela.

— Estou orgulhosa de você. E quem é essa amiga magnânima?

— Não posso contar o nome dele.

— Dele? É um homem?

Neha fica subitamente evasiva.

— Ouça, você quer resolver o problema ou ficar questionando? O que importa é que *temos* o dinheiro, não como eu consegui ou quem me deu.

— Você tem razão — eu digo, cedendo. — O importante é que Ma pode fazer a operação agora.

Vou para a cama à noite com o coração aquecido. Osama bin Laden está morto. E Ma vai viver.

*

O escritório do dr. Nath fede a algum tipo de perfume doce quando eu entro ali às dez da manhã do dia seguinte, vestida em um *salvar kameez* branco.

O especialista cumprimenta-me com a avidez sem vergonha de um adolescente no primeiro encontro.

— Onde está sua irmã? — ele pergunta, fitando a porta com esperança.

— Neha está no período de provas. Ela não virá mais ao hospital — respondo, quase involuntariamente ajeitando o *dupatta* sobre o peito.

— Ah. — Dr. Nath tenta esconder a decepção ficando atencioso e sério. — Reservei a sala de operações para depois de amanhã. Sua mãe precisa ser internada amanhã, para ser monitorada.

— Combinado.

— Você trouxe o dinheiro?

— Sim, exatamente dois *lakhs*. — Abro a bolsa e tiro os maços.

— Espere. — Ele me interrompe. — Eu não manuseio dinheiro. Você precisa fazer um depósito lá

embaixo e me trazer o comprovante.

— Tenho um pedido.

— Sim?

— Gostaria de me encontrar com a doadora para agradecer. Você pode arranjar isso?

— Veja, em situações assim, é melhor não saber muito. Seguimos a mesma política que as adoções anônimas.

— A doadora vai ficar bem depois da operação, não vai, doutor?

— Claro que sim. Pessoas saudáveis vivem tranquilamente com apenas um rim.

— Ao menos, conte-me o nome dela.

— Que serventia isso terá? Mas se está desesperada para saber, é Sita Devi, esposa de Lord Ram em *Ramayana*. Satisfeita? Agora vá e me traga o comprovante.

Saio da sala e pego o elevador para o térreo. A janelinha de pagamento fica na outra ponta da recepção. Assim que pago, ouço o barulho de uma discussão na entrada.

— Eu já avisei para não vir aqui. Isso não entra no seu cérebro? — A voz de um homem chia asperamente.

— O que fazer, *sahib*? Preciso do dinheiro urgentemente. Meu filho está muito doente — a lamúria da mulher vem em resposta. Não vejo seu rosto escondido atrás de um pilar.

— Você só vai receber o dinheiro amanhã, depois da operação. Mas fique avisada, Sita: se você puser os pés aqui novamente, não vamos mais fazer negócios com você. Depois não me culpe se sua família morrer de fome. Agora, volte para a clínica.

Sita. Minhas orelhas ficam em pé. Quase instintivamente, minha cabeça vira na direção da entrada e inclino para o lado e tento enxergar atrás do pilar. Espero ver uma jovem saudável, mas a suplicante que dá as costas para o balcão é uma mulher de meia-idade, vestida em um surrado sári verde. Ela parece um esqueleto, com olhos fundos, rosto macilento e lábios rachados. Seu cabelo está sujo e malcuidado. Suas costelas estão visíveis sob a blusa; a pele é enrugada como pergaminho antigo. Ela arrasta os pés lentamente, como se estivesse se recuperando de uma grave cirurgia. No ambiente refinado do Instituto do Rim, ela parece um deslocado prato de carne em uma refeição vegetariana jainista.

“Não”, penso. “Ela não pode ser a doadora de Ma.” Mas algo naquela mulher aguça minha curiosidade, como uma história que tem de ser lida. Guardando o comprovante em minha bolsa, sigo-a enquanto ela arrasta os pés pela porta giratória do hospital.

Com a cabeça baixa, ela anda devagar até o ponto de ônibus ao lado. Um ônibus da Delhi Transport Corporation para Gurgaon chega dez minutos depois e ela embarca. Depois de um momento de hesitação, eu entro também, sentando-me bem ao lado dela.

Lado a lado com Sita, examino-a cuidadosamente. Há um curativo em suas costas, e seus braços estão repletos de picadas de agulhas. Fico ainda mais curiosa para conversar, mas ela mal me nota, uma estranha em um ônibus cheio de estranhos. De tempos em tempos, ela roça os olhos com o dedão, secando lágrimas.

O ônibus segue uma rota que desconheço pela rua Outer Ring, congestionada. Por todo lado que olho,

vejo pessoas, carros e mais pessoas. Ao observar as ruas fervilhando e o trânsito enlouquecedor, sou dominada por uma estranha onda de emoção. Como a cidade é vasta e, no entanto, tão solitária. Ninguém tem tempo para ninguém. Nossas vidas são regradadas pelo relógio, cada pessoa cativa de seu tique-taque, presa em uma corrida de rato sem fim à vista. Talvez, não sejamos diferentes dos carros, casulos distantes uns dos outros, colidindo-se por uma rodovia que não leva a lugar nenhum.

Perdida em meus pensamentos, não noto a passagem do tempo. O ônibus já chegou a Gurgaon e minha presa está em pé, preparando-se para desembarcar.

O ônibus para em frente a uma galeria de lojas deslumbrante, cheias de grifes e cafés. Através da fachada de vidro, espio uma praça de alimentação extensa no segundo andar, fervilhando com executivos de call center e yuppies suburbanos aproveitando a atmosfera moderna. O shopping é um emblema de Gurgaon, uma cidade *nouveau riche* enxameada por edifícios de escritório, multiplexes e condomínios fechados. As pessoas dizem que parece mais Dallas do que Delhi. Talvez seja por isso que se tornou o cerne preferido de muitas multinacionais.

Sita olha pensativa para o shopping, maravilhada pelos ideogramas em néon prometendo pizzas e frango frito. Depois, com ar resignado de uma mulher que aceitou seu quinhão na vida, ela vira-se e atravessa a rua.

Sigo-a por dois quarteirões, certificando que ela não perceba. Por fim, entra em uma rua paralela, e eu me encontro em uma rua residencial arborizada. Tem casas grandes, calçadas pavimentadas e poucos pedestres. Depois do empurra-empurra frenético do shopping, é um porto da solidão, a letárgica calma do meio-dia quebrada apenas pelo ronronar dos ares-condicionados, carros ocasionais e o murmúrio do jazz escoando por uma janela aberta em algum lugar.

Sita para em frente a uma casa modesta de dois andares, pintada de branco com venezianas verdes. Uma placa de madeira do lado de fora indica a casa apenas com “3734”. Não há o nome do morador. Outra coisa intrigante é que a casa possui uma guarita com guarda uniformizado.

Sita conversa com o guarda e ele permite sua entrada pelo portão de metal. Ainda estou me questionando o que fazer quando vejo um rosto familiar se aproximando do outro lado da rua. É ninguém mais ninguém menos que Tilak Raj, o auxiliar de enfermagem do hospital público, acompanhando um homem que, pela sujeira de sua roupa, parece ser um faz-tudo. Escondo-me atrás de uma árvore, esperando os dois passarem. Mas seu destino também é a casa 3734. Observo Tilak trocar algumas palavras com o guarda e entrar na casa com seu acompanhante.

A essa altura, minha curiosidade está me matando. Eu *preciso* descobrir o que está acontecendo dentro da casa. Tomando coragem, eu abordo o segurança.

— Sim? O que você quer? — Ele me encara com suspeita.

— Vim falar com Tilak Raj — eu respondo, agarrando minha bolsa nervosamente. — Ele me disse para encontrá-lo aqui.

— Sim, ele está aí dentro. — O guarda assente e abre o portão.

Passo por uma porta aberta que leva a uma sala que parece de espera. O “faz-tudo” está sentado em uma cadeira de plástico junto a outros dois homens e Sita. Não há sinal de Tilak Raj.

Saio da sala para um corredor. Por dentro, a casa é bem espaçosa. Há no mínimo dois outros cômodos no térreo.

Espio no primeiro e vejo um homem deitado em uma maca, com soro no braço.

— Dói muito, irmã — ele geme, pensando que eu sou a enfermeira.

Aproximo-me. Uma prancheta está presa à cama e o identifica como Mohammad Idris. A idade anotada é vinte e nove anos, mas ele parece dez anos mais velho, com sua barba grisalha e desgrenhada e bochechas ocas.

— Olhe aqui, irmã, é onde dói — ele murmura, levantando a camisa.

Encolho-me diante da vista. Há uma ferida feia, inchada, de quase trinta centímetros, encrespada por pontos negros. Parece o trabalho de um açougueiro.

— Se eu soubesse que seria tão doloroso, teria pensado duas vezes antes de concordar em vender meu rim — ele diz antes de ingressar em uma crise de tosse.

Entro no cômodo seguinte e encontro uma mulher em situação semelhante. Sunita, trinta e oito anos, está enrolada em tubos de soro. Sua pele escura está esticada nas bochechas; seus olhos, ensombrecidos por olheiras. Ela também tem uma incisão no mesmo lugar em que Idris. O corte ainda está vazando apesar dos pontos segurando as pontas carcomidas da pele.

Ao contrário de Idris, ela não está arrependida.

— Doutor *babu* disse que um segundo rim não tem utilidade e ocupa espaço. Melhor ganhar um dinheiro com ele.

— Quanto ganhou? — pergunto.

— Eles me prometeram trinta, mas deram vinte mil. Ainda assim, dá pra viver seis meses com isso — ela responde.

Então, ambos os pacientes venderam o rim e estão agora em recuperação pós-operatória. Mas quem executou as operações? E onde?

O mistério é solucionado quando subo as escadas para o primeiro andar. Entro em um corredor passando por portas vaivém. Há um banheiro de um lado e uma porta de metal com duas portinholas de vidro do outro. Logo acima da porta, uma luz vermelha pisca como um farol. Espio pela portinhola e gelo. Diante de meus olhos, uma cena de filme de terror. Um paciente deitado sobre a mesa de operação, rodeado por médicos, mascarados e de roupas cirúrgicas verdes, e técnicos de jaleco. Há tanques de oxigênio, máquinas de anestesia e aparelhos e geringonças que nunca vi antes. Instrumentos cirúrgicos estão alinhados nas mesas, e prateleiras estão repletas de suprimentos cirúrgicos. Estou olhando para um centro cirúrgico completo. O ar, no entanto, não cheira a antisséptico. Fede a desespero e exploração.

O cenário fica claro para mim. É o mercado negro do rim que levou ao fenômeno “Transplante Turístico”. Dr. Nath recruta pessoas pobres e indigentes para vender seus rins, que são extraídos nestas instalações e depois fornecidos para ricos pacientes indianos ou turistas que vêm de fora, dispostos a dar um bom dinheiro pelo transplante. MLA Anwar Noorani é o último elo na corrente, o chefe que fornece proteção política para a armação nefasta.

Não sei o que me estarrece mais, a colheita descarada de órgãos humanos ou minha própria tentativa

repreensível de obter um doador de rim vivo. Esta clínica descaracterizada fica a trinta quilômetros do chique Instituto do Rim, mas a diferença entre doadores e receptores é muito maior. Mirza Metal Works era uma fábrica que empregava crianças. Isto é pior: é uma armadilha mortal para os pobres.

Sentindo-me sobrecarregada e nauseada, dou as costas para a sala de operação e trombo com Tilak Raj.

— O que você está fazendo aqui? — Os olhos dele estão arregalados.

— Vim conhecer a doadora do rim para minha mãe. Agora percebo que foi um erro. Nunca deveria ter vindo.

— É verdade. Quem deseja saborear a carne não deve frequentar matadouros. — Ele sorri.

Seu sorriso sombrio me enoja. Agora percebo que ele participa da operação ilegal tanto quanto o dr. Nath.

— Enfim, a cirurgia de Sita será hoje — ele acrescenta e me acompanha até a sala de espera. — O rim de sua mãe será entregue até amanhã.

— Eu não quero mais.

— O que você disse? — O queixo de Tilak Raj cai. — Você não quer o rim da Sita? — ele pergunta alto o suficiente para que todos na sala ouçam.

— Sim. Não posso aceitar. A felicidade de uma pessoa não pode vir da miséria de outra.

Sita levanta-se da cadeira em um pulo e corre até mim.

— O que você disse? — ela pergunta, com um brilho maníaco nos olhos.

— Não quero o seu rim — repito. — Será um pecado aceitá-lo.

— Não! — Ela solta um berro apavorante. — Meu filho vai morrer. Eles prometeram trinta mil. Onde vou arranjar tanto dinheiro? Já dei meu fígado. Um rim é tudo que tenho. Por favor, aceite.

— Sinto muito.

— Sente muito? — Ela agacha-se e começa a me rodear como uma criatura predatória. — Vocês, ricos, acham que pedindo desculpas podem se safar de tudo. Eu vou matar você! *Kutiya!* Sua puta! *Saali!*

Ela me ataca, arranhando meu rosto como uma possuída. Pega de surpresa, desequilíbrio para trás, quase caindo sobre uma cadeira. Ela me segura ao chão, chovendo golpes em meus ombros e cabeça. Sua face é a máscara da fúria insana. Tento me defender, fracassando em tirá-la de cima de mim. Sua necessidade é maior que a minha, portanto, sua raiva também.

É Tilak Raj que me salva, arrancando Sita de cima de mim.

— Você enlouqueceu? — Ele a segura pela garganta e lhe dá dois tapas.

Ela continua a me fulminar com o olhar, como uma criança que levou bronca, respirando com força pelas narinas. Tilak Raj vira-se para mim:

— Posso fazer uma pergunta?

Faço que sim.

— Por que você não quer o rim de Sita? Garanto que ela está em perfeitas condições de saúde, cem por cento garantido.

— Não é uma questão de saúde, mas de moral. Eu fui fraca. Por isso procurei uma saída fácil. Mas

percebi que não há atalhos para uma consciência limpa.

— Eu não entendo. — Tilak Raj balança a mão. — Explique melhor: você arranjou um rim em outra clínica?

— Não, de jeito nenhum.

— E que tal o rim dele? — Ele dá um tapinha no homem que trouxe. — Este é Gyasuddin, ele é pintor. — Ele aperta o bíceps do homem. — Está vendo, bem saudável.

— Não, não quero o rim dele também.

— Está preocupada por ele ser muçulmano? No rim, não aparece se é de um muçulmano ou hindu. Ele pertence a quem pagar.

— Você não entende — eu digo com um traço de irritação. — Não quero o rim de ninguém deste lugar.

— E de quem sua mãe vai arranjar um novo rim?

— De mim.

— O quê? Você vai doar o próprio rim?

— Sim.

A resposta que estava na minha cara desde o começo. Eu apenas não tinha coragem de encará-la.

Sita revira os olhos.

— Você me chamou de louca — ela sorri ironicamente para Tilak Raj —, mas esta mulher é mais louca do que eu. *Ab mera kya hoga?* E agora, o que vai acontecer comigo?

— Se ela não aceita seu rim, outro aceitará — Tilak Raj a consola. — Apenas vai ter de esperar um pouquinho.

— Não posso esperar — ela lamuria. — Meu Babloo vai morrer se ele não fizer o tratamento amanhã. Oh, Babloo, Babloo, Babloo. — Ela começa a bater no peito como uma mãe que já perdeu o filho.

— O que há com Babloo? — pergunto a Tilak.

— Leucemia — intervém Sita, com uma pausa para efeito. — Ele tem leucemia. O hospital particular pediu dez mil para o tratamento. Como vou conseguir tanto dinheiro? Quem vai me dar?

— Eu — respondo baixinho.

Tilak Raj vira a cabeça com tudo para mim.

— Não brinque com as emoções dos pobres. As maldições deles costumam dar certo.

Abro minha bolsa e retiro o envelope que recebi três dias antes da loja, contendo meu salário de abril. Conto dez mil, dobro as notas e ofereço a Sita.

Ela me olha descrente e não se mexe, como um gato cauteloso com medo de tocar um pires de leite desconhecido. Por fim, a esperança fala mais alto. Ela pega o maço e começa a contar, lambendo o dedão intermitentemente.

— Sim, são dez mil. — Ela emite um urro perplexo. — Você vai mesmo me dar todo esse dinheiro?

— Sim.

Eu tento sorrir, mas o que sai é uma careta torta. Fico ali parada, tentando conter as lágrimas. Estou no mundo dos desgraçados, da miséria e da pobreza. Para essas pessoas, o rim não é um órgão, mas um bem a ser vendido para alimentar sua família, para salvar uma criança doente. E mesmo dez mil é apenas uma

gota de água no deserto.

— É um milagre — ela grita, o brilho maníaco voltando aos olhos. — Hoje, eu presenciei um milagre.

Fico com vontade de lhe contar que o maior milagre é eu ter acordado hoje enxergando claramente através da névoa envenenada que me cobriu na última semana.

Ela levanta os olhos para mim com gratidão cautelosa, como se preocupada que eu pudesse mudar de ideia. Em seguida, guarda o dinheiro dentro da blusa e sai correndo, como alguém fugindo de um incêndio atroz.

— Você deveria ir também — diz Tilak Raj, balançando a cabeça em frustração. — De onde surgem essas pessoas arrancando minha comissão? — Ouço o homem murmurar entre os dentes enquanto me enxota porta afora. Sei que é uma referência a mim, e não a Sita.

Saio da clínica com a cabeça levantada e os ombros mais leves. Como é revigorante se livrar do peso da culpa! Como a vida parece maravilhosa quando se é parte da cura, e não do mal.

Volto para o Instituto do Rim com o mesmo ônibus que me levou e vou direto ao caixa.

— Mudei de ideia sobre o transplante. Quero meu dinheiro de volta.

A caixa imediatamente avisa o dr. Nath, que me convida de volta à sua sala.

— Qual é o problema? Eu lhe dei a melhor oferta possível. Todos os arranjos foram feitos.

— Não quero o rim de Sita. Acabei de conhecê-la.

— Acabou de conhecê-la? Onde?

— Venho de sua clínica em Gurgaon.

— Você esteve em minha clínica em Gurgaon? — O cenho dele se fecha de preocupação. — Por favor, espere — ele diz e sai da sala.

Através de uma pequena janela de vidro, vejo o médico falando ao celular. Pouco depois, MLA Anwar Noorani aparece.

— Sim. Qual é o problema? — Ele me dá um sorriso levemente condescendente.

— Nada. Mudei de ideia sobre fazer o transplante aqui e quero meu dinheiro de volta.

— Posso ver o comprovante?

Apresento o recibo. Ele o examina e depois o guarda no bolso de cima de seu colete de *khadi*.

— Por que exatamente você não quer fazer o transplante aqui? Temos as melhores instalações de toda a Delhi.

— Eu vi o mercado negro que vocês estão gerenciando, roubando órgãos dos pobres. É completamente infame.

— Somos apenas prestadores de serviço, ajudando pessoas como você — ele afirma ameaçadoramente. — Enfim, é tarde demais para ser reembolsada, fazendo o transplante ou não.

— Isso é ridículo!

— Não, não é. Que loja em Delhi devolve seu dinheiro, me diga? Também somos um estabelecimento comercial. Depois de fazer o trato, não pode voltar atrás sem uma penalidade.

— Vou prestar queixa contra vocês se não devolverem o dinheiro.

— Vamos negar que recebemos esse dinheiro. Na verdade, nós nem o recebemos, não é?

Ele troca um olhar com dr. Nath e rasga o comprovante diante de meus olhos horrorizados.

— Você não pode fazer isso. Vou à polícia agora mesmo.

— Fique à vontade. Em quem você acha que eles vão acreditar? Um político respeitado como eu? Ou uma vendedorzinha como você? Portanto, siga meu conselho: traga sua mãe aqui e resolveremos isso amigavelmente.

Por trás de seu sorriso escorregadio, entendo a ameaça de suas palavras. Ele desenhrou uma linha e me desafia a ultrapassá-la por conta e risco.

— Vou pensar nisso — eu digo e saio da sala, sentindo-me enojada, traída e furiosa.

Do lado de fora do hospital, pego meu celular e faço duas ligações. A primeira é para o dr. Mittal.

— Desculpe, doutor, por ter enganado você. Nunca houve um amigo doando o rim. Eu serei a doadora.

Quando você pode fazer a operação?

— Depois de amanhã — ele responde, obviamente feliz pelo desenrolar dos fatos.

A segunda ligação é para Shalini Grover, a repórter investigativa da Sunlight TV.

— Tenho uma história para você — eu começo.

O relógio de parede mostra que são quatro da tarde. Estou vestida com a camisola do hospital amorfa e azul, sendo levada de cadeira de rodas até a sala de operação. Dr. Mittal está ocupado com a preparação da sala, fazendo perguntas a enfermeiras, checando se tudo está em ordem antes de o anestesista vir e injetar o anestésico.

— Vai acabar antes que se dê conta. — Ele dá um tapinha carinhoso em meu ombro. — Você é uma menina muito corajosa.

Não sinto ansiedade alguma, nem medo, apenas a sensação amplificada de estar viva. De ter um propósito. Ma vai ter uma nova chance. E eu vou ter um novo respeito, renovando minhas credenciais de irmã e filha mais velha.

Neha também está na sala comigo. Ela fez as pazes com a perda dos dois *lakhs*, mas ainda não se reconciliou com a ideia de eu ser a doadora.

— Por que você insiste em ser mártir? — ela geme alto, agarrando minha mão.

— Não estou sendo mártir — respondo. — Estou apenas sendo a filha mais velha.

— Queria ter sua coragem.

— O dr. Mittal garantiu que a operação é totalmente segura. Pense nela como uma remoção de cento e cinquenta gramas de redundância do corpo.

— Karan queria vir também, mas o dr. Mittal não permitiu. Apenas membros da família são permitidos na UTI.

— E a Ma? — tento soar despreocupada, torcendo para que Neha não tenha percebido o sangue subindo às minhas bochechas após a menção do nome de Karan. Não o vejo há uma semana e estou

sofrendo uma deficiência aguda de vitamina K.

— Ainda louvando você para todos — diz Neha.

Ma quase colocou todo o plano em cheque recusando-se prontamente a aceitar meu rim. Dr. Mittal contou que ela entrou na sala de preparação fazendo um estardalhaço. Foi necessário todo o seu esforço para convencê-la sobre o milagre do transplante de órgão.

— Hora de ir — o médico gentilmente avisa Neha.

Com um olhar pensativo e um tapinha consolador em meu braço, ela levanta-se e sai rapidamente.

Um minuto depois, o anestesista marcha adentro, o estetoscópio balançando no pescoço sobre o jaleco branco. Ele é um jovem com cabelo grosso e negro e olhos inquietos.

Ele estica meu braço e o perfura com a agulha. Por um tempo, perco e retomo a consciência, vagamente ciente dos sons ao redor, dos movimentos das enfermeiras, do cheiro de antisséptico do hospital, até que um efeito antigravidade agradável me envolve e, por fim, eu caio no sono sintético.

Quando acordo, o cheiro adstringente de hospital ainda está ali, mas o torpor em meu corpo não mais. Em vez disso, sinto uma coceira, como se formigas caminhassem sobre minha pele. Abro os olhos, grogue do anestésico, e vejo um homem de branco debruçado sobre minha cama. Suponho que seja o dr. Mittal, porém, conforme a imagem gradualmente entra em foco, arquejo de surpresa ao reconhecer o nariz aquilino e a cabeleira prateada. É o industrial Vinay Mohan Acharya vestindo um *kurta* amarelado com uma pashmina branca dobrada ao redor dos ombros. Embora esteja vestido exatamente como no dia em que o conheci no templo Hanuman, ele parece diferente. Sua face está mais pálida e mais magra, com olhos mais ociosos. Seu corpo parece mais magro, perdeu um pouco de sua massa.

— Parabéns — ele diz, sorrindo, ao se ajeitar na poltrona em frente à minha cama. — Você acabou de passar no sexto teste.

Eu resmungo, amaldiçoando o dia em que aceitei a oferta. Desde então, minha vida transformou-se em uma longa prova, com Deus me testando de um lado e o industrial, do outro.

— Este foi o teste da determinação — ele continua. — Determinação é a disposição para tomar decisões, mesmo diante da complexidade ou da incerteza. Um CEO tem de tomar decisões difíceis e aceitar as consequências. Você mostrou essa habilidade na decisão corajosa de doar o rim. Não foi apenas um ato de coragem, mas foi o certo. Não há nada mais altruísta do que ser um doador.

— Mas como você ficou sabendo sobre isso?

— Pelo dr. Mittal. Ele trabalha para mim agora.

— Ele trabalha pra você? — A reviravolta inesperada me faz sentar na cama. Olho ao redor para ver se tem mais alguém na sala, mas não. — E... e a operação para remover meu rim? Correu tudo bem?

— Não houve operação. Seus dois rins estão intactos.

Minha mão imediatamente voa para a lateral de meu corpo, apalpando em busca do curativo que cobre as suturas, mas meus dedos encontram apenas pele macia. Não há corte algum em meu abdome.

— E a Ma? Como vai conseguir um rim?

— Sua mãe está bem. Ela nunca precisou de transplante de rim, pois ela não tem doença renal.

Fico zozona, a escuridão atingindo meu cérebro outra vez.

— Então, tudo isso foi...

— Uma armação. Fico surpreso por você não ter sacado antes.

— Desde quando isso vem acontecendo? — eu questiono sem forças.

— Desde que seu tio Dinesh ameaçou despejar vocês do apartamento. Fui eu quem pediu para que ele fizesse isso. Não é incrível o que as pessoas fazem por dinheiro?

Fecho o cenho em confusão.

— Também arranjei para que sua bolsa fosse roubada em Connaught Place, a que continha as pulseiras de ouro de sua mãe.

— Não! — Eu engasgo. — Não acredito! Você está mentindo.

— Ora, então, dê uma olhada nisto — ele diz e retira dois pares de pulseiras de ouro do bolso de seu *kurta*.

Elas refletem a luz fosforescente, seus entalhes decorativos claramente visíveis. Não preciso tocá-las para saber que são as de Ma.

— Isso é loucura! Por que você faria algo assim?

— Porque eu estava desesperado para que participasse de meus sete testes. Queria ter certeza de que você tem a têmpera para sobreviver ao pega pra capar do mundo dos negócios.

— *Todos* os testes foram emboscadas?

— Nada foi emboscada. Tudo que fiz foi criar condições em que seus instintos naturais entrariam em ação. Tome o primeiro teste como exemplo. Minha tarefa estava limitada a garantir sua chegada ao vilarejo Chandangarh, o covil de mortes por honra. Quando ficamos sabendo de Babli e Sunil, foi relativamente fácil persuadir Kuldip Singh a visitar a loja para as compras do dote.

— Mas e se Babli não tivesse me entregado o bilhete?

— Eu teria achado outro meio de envolver você. Eu coloquei uma equipe de cinco membros aquartelados em Chandangarh desde setembro. Embora, eu devo dizer, você surpreendeu a todos enfrentando o *khap panchayat* da maneira como fez.

— E o segundo teste? Você também convenceu Priya Capoorr a visitar a loja?

— Bem, um ator pode ser contratado. No entanto, tive de usar todos os meus poderes persuasivos para fazê-la concordar em deixar o anel com você. Ela queria usar uma imitação barata. Quando você não devolveu o anel por uma semana, foi o inferno. Ela reclamou amargamente comigo todos os dias, certa de que você jamais devolveria.

— Se você conseguiu convencer Priya Capoorr a deixar o anel, então deve ter sido quase uma brincadeira armar uma fábrica de cadeado e encher de crianças?

— Não, a fábrica não foi coisa minha. Prefiro morrer do que explorar crianças inocentes. Mas, sim, foi Rana quem deu a dica para Lauren Lockwood sobre a Mirza Metal Works.

— E os capangas que me ameaçaram: eram homens seus ou de Mirza?

— Foram contratados por mim — ele admite, envergonhado. — O trabalho deles era apenas assustá-

la, nunca machucar.

— Suponho que ser ameaçada com estupro dentro de um parque não se encaixa na sua noção de machucar?

— Estupro? Parque? Do que você está falando?

— Não se finja de desentendido. Você fez o mesmo com Neha.

— Não tive nada a ver com sua irmã. Apenas arrumei a entrada dela na competição e para que fosse colocada no time de Raoji. Todo mundo da indústria conhecia o fraco de Raoji para as mulheres, mas ninguém tinha ideia de que ele fingia ser cego.

— Você sabe que Raoji quase conseguiu molestar Neha?

— Você a salvou bem a tempo. Eu entendo, porém, que seria difícil evitar dano colateral.

— E se Nirmala Ben tivesse morrido, teria sido um dano colateral, certo?

— Ah, Nirmala Ben. Devo dizer que a gandhista apresentou um desafio único. Meu papel estava restrito a plantar a semente da ideia na mente dela, você sabe, sobre sacudir o mundo delicadamente. O resto encaixou-se perfeitamente. — Ele esfrega as mãos e sorri. — Você tem de admitir que nenhum mal verdadeiro resultou de meus testes.

O modo superficial com que ele desdenha dos seis testes faz com que eu retese a mandíbula. Que idiota eu fui, vivendo neste universo de ilusões até agora, presa em um mundo onde tudo era fumaça e espelhos. Acharya era o titereiro e eu, o títere dançando sob os fios.

Uma raiva gelada e assassina toma posse de mim.

— Quem você pensa que é? Deus?

— Eu não afirmo ser Deus — ele responde. — Mas, como Deus, eu criei seu mundo, e a soltei nele para se virar. Eu boleei o processo, mas não os resultados. Você os criou com seu livre-arbítrio.

— Você é louco, sabe disso, não?

— Não sou louco, apenas diferente.

— Karan estava certo sobre você. Nunca deveria ter aceitado participar em seu plano maluco.

— Ah, então você conversou sobre nosso acordo com terceiros? — Ele franze o cenho em desaprovação. — Você sabe que isso não é permitido pelos termos de nosso contrato.

— Para o inferno, você e seu contrato. Não quero nunca mais ver a sua cara. Você é um doente que deveria ficar internado em um hospício.

— Eu esperava tal reação. Mas, acredite em mim, tudo que fiz foi necessário.

— Necessário para quê? Suas fantasias sádicas?

— Para seu aprendizado. O verdadeiro teste de um CEO é como ele ou ela enfrenta a crise. Revela do que o CEO é feito. Criei seis crises, e de todas você emergiu triunfante. Nesses seis testes, você aprendeu mais em cinco meses do que a Harvard Business School poderia ensinar em cinco anos. E, assim que você passar os sete testes, estará pronta para assumir como CEO do Grupo ABC.

— Não tenho intenção de passar por mais testes. Eu desisto agora.

— Desculpe, de acordo com nosso contrato, você não pode desistir no meio. Fracasso é uma opção, desistência não. E por que você desistiria agora, quando encabeçar uma empresa de dez bilhões está ao

alcance de sua mão?

— Pelo amor de Deus, muda o disco. Você vem me enganando esse tempo todo.

— Você está sendo injusta. A única pessoa que vem enganando você é Karan Kant, seu tal namorado. Olho com afinco para ele.

— E o que você quer dizer com isso?

— Dê uma olhada nisso — ele diz e levanta um envelope pardo.

Ele o abre e seis fotografias caem sobre meu colo. Sinto meu peito apertar ao olhá-las.

Dizem que não sabemos reconhecer quando o amor começa, mas sabemos quando acaba. Meu amor por Karan acabou às seis horas e trinta e cinco da manhã, em uma sexta, 6 de maio.

Nada que Acharya pudesse dizer ou fazer teria abalado minha confiança em Karan, mas a câmera não mente. E a meia dúzia de fotos sobre minha cama é uma documentação nauseante de traição e duplicidade. Elas mostram um casal se abraçando no que parece ser o quarto de meu apartamento. As imagens parecem ter sido tiradas durante o dia, com uma objetiva aproximando-se cada vez mais. Meu coração afunda mais a cada zoom, e estou completamente destruída quando a última mostra um granuloso beijo entre minha irmã e meu melhor amigo.

Deito novamente, gemendo como um animal aleijado.

— Leve-as, leve-as embora — eu grito. — Não consigo mais olhar.

— Ele é escorregadio, esse Karan — diz Acharya ao reunir as fotografias e guardá-las no envelope. — Algo não está certo nele. Ele deu um trabalhão ao detetive que o seguia de acordo com minhas instruções.

Mal estou ouvindo, minha mente ainda tentando lidar com o choque da descoberta. Por que os mais próximos são os que nos machucam mais? Por que, de todas as pessoas do mundo, Karan tinha de escolher Neha? A enganação de Acharya não foi nada comparada com a enorme traição de Karan e a deslealdade nojenta de Neha.

O industrial coloca a mão sobre meu ombro e eu não recuo. Preciso do bálsamo do toque humano, das palavras gentis.

— Desculpe não ter sido totalmente honesto com você. Mas você tem de acreditar que está apenas a um passo de realizar todos os seus sonhos.

— Por favor — olho nos olhos dele, tentando lê-lo —, não brinque mais comigo. Este é mais um de seus testes?

— Ele vai vir: o último teste.

— Por quê? Por quê? Por quê? — eu suplico como uma raposa exausta ao fim da caçada. — Apenas me diga: por que você me escolheu como cobaia? Você poderia ter escolhido qualquer pessoa de sua empresa, da cidade. Há milhões mais qualificados do que eu.

— Qualificações não importam. O que importa é a atitude. Estou impressionado por sua dedicação, sua vontade e seu entusiasmo para aprender. Você foi excepcionalmente bem até agora, demonstrando liderança, integridade, coragem, previdência, engenhosidade e determinação. Agora, precisa se preparar para o teste final.

Nego com a cabeça, exausta.

— Não acho que tenho forças para passar por outro teste. Por favor, liberte-me do contrato.

Ele levanta abruptamente da cadeira, vai até a janela e abre. O quarto particular onde estou conecta-se à ala geral; meu nariz é atingido imediatamente pelos cheiros de desinfetante e de doença. Observo o longo corredor, lotado de camas e corpos. O ar ressoa com gemidos solitários de pacientes, entremeados pelos soluços de uma criança faminta.

— É assim que quer passar o resto da vida? — Ele balança a mão na direção do rio de miséria e infortúnio na soleira. — Vivendo entre os famintos, os desgraçados, os pobres?

— Não há vergonha em ser pobre — eu respondo, insolente.

— Poupe-me dessa empatia ingênua com os perdedores do mundo — ele caçoa. — Querer ajudá-los é uma coisa, querer *se tornar* um deles é outra completamente diferente. Estou pronto a lhe dar uma posição muito acima da mediocridade paralisante das massas. Mas, se você está satisfeita em viver e morrer como eles, que seja. Apenas lembre-se de que há três coisas que não esperam por ninguém: tempo, morte e oportunidade. Se perder essa oportunidade, ela nunca mais voltará. A decisão é sua.

Fecho os olhos, incapaz de suportar o olhar escarnekedor.

— Supondo que eu diga sim — respondo após uma longa pausa —, que explicação darei a Ma e Neha por não ter doado o rim?

— Dr. Mittal vai lidar com isso — ele responde. — Meu único pedido é que mantenha nosso acordo em confidencialidade até que você passe pelo sétimo teste. Vai cumpri-lo, certo?

O momento da decisão chegou; não posso escapar. Reflito sobre o deserto que minha vida se tornou. Não há nada por que esperar, ninguém em quem confiar, nenhum trabalho do qual se orgulhar. Enxergo um futuro desbotado, sem prazer. Sou novamente uma perdedora. E uma perdedora tem tudo a ganhar.

— O.k. — Expiro. — Estou dentro. Agora, conte-me: sobre o que será o próximo teste?

— Não posso contar. — Ele nega com a cabeça. — Seria trapaça. Tudo que posso dizer é que será o mais difícil de todos.

— Ao menos, diga o que devo esperar.

Ele pensa bem antes de responder:

— O inesperado.

As formalidades da liberação do hospital acabam em menos de uma hora. Dr. Mittal chama Neha à sua sala e conta umas bobagens sobre uma nova medicação mágica chamada ImmunoglobulinX.

— Esse remédio milagroso entrou no mercado ontem. Se a condição de sua mãe pode ser corrigida com algumas pílulas, por que se submeter ao transplante, você não concorda?

Ele não tem coragem nem de me ver. Eu o vejo passando rapidamente pela porta quando estou saindo com Ma do hospital. Ao menos, ele tem a decência de se sentir culpado pelo que fez comigo sob o comando de Acharya.

Neha, por outro lado, não demonstra remorso algum. Na verdade, já em casa, ela até faz uma dancinha.

— Isso é o que chamo de final feliz — ela se regozija. — Salvamos o seu rim e o da Ma também. Viva o ImmunoglobulinX!

— Você tem alguma coisa para me contar? — Encaro-a fixamente.

— O quê? — Ela volta o olhar para mim, sem baixar os olhos e nem parecer envergonhada. Fico pasma com sua insolência.

Não suporto ficar no mesmo quarto que ela. Olhando pela janela, a lembrança dela beijando Karan naquele mesmo lugar me atinge. Mesmo o ar em minha volta parece contaminado pelo cheiro dos segredos e do subterfúgio.

— Nada — respondo, forçando um sorriso irônico.

Com Karan, a estranheza é ainda maior. Ele também age sem um traço de culpa, um traidor *par excellence*. Tento evitá-lo ao máximo. Os encontros noturnos no jardim acabam de vez.

Sem uma irmã com quem conversar, sem um amigo para me apoiar, sou encoberta pela melancolia. É parte raiva, parte frustração, mas principalmente é uma depressão que me persegue como uma sombra.

Meu único refúgio é o trabalho. O foco concentrado nas vendas funciona como terapia. Até Madan me elogia. Passo os dias laborando no showroom, e as noites fantasiando com o pote de ouro prometido por Acharya. Ele parece ser a bonança depois da tempestade que assola minha vida. Até então, os testes foram uma abstração. Agora, restando apenas o último, sinto a adrenalina do prêmio real e tangível. Dez bilhões de dólares! Só de pensar em todo esse dinheiro, fico arrepiada. Pela primeira vez, sinto o empuxo do destino. Tanto que, ao voltar do trabalho certa noite, compro por impulso um livro de “negócios” de um vendedor de rua, por noventa e cinco rúpias. É de um especialista em administração, um americano chamado Steven Katzenberg, e se chama *Como se tornar um CEO: Cinquenta segredos para chegar ao topo e permanecer*.

O sétimo teste:

Chuva ácida

O primeiro segredo para se tornar um CEO é saber que não há segredos para o sucesso. Ele é sempre resultado do trabalho duro, concentração, planejamento cuidadoso e persistência. Sucesso não é uma loteria, mas um sistema. Este livro vai lhe ensinar os cinquenta segredos compilados de horas de conversas com os melhores CEOs do mundo para capacitar você a aplicar esse sistema em sua vida diária e chegar ao topo.

Está devagar no showroom, e eu passo o tempo bebendo da sabedoria do sr. Steven Katzenberg, o especialista em administração.

Prachi dá um tapinha no livro em minha mão.

— Desde quando você lê manuais de negócios?

— É melhor do que matar moscas, não? — respondo.

— Você está pensando em fazer um MBA ou coisa do tipo? — Ela me olha com suspeita.

— Quem faz um MBA na minha idade? — Tento mudar de assunto: — E aí? Alguma investida nova de nosso amigo, o sr. Raja Gulati?

— O tarado veio aqui ontem — Prachi conta — e me prometeu um aumento. A empresa teve lucro recorde.

— Bom, espero que eu ganhe também.

— Conte: a Neelam mandou notícias pra você?

“Quem?”, estou prestes a perguntar antes de entender que ela está perguntando sobre nossa ex-colega. O casamento dela foi há quase três meses. Incrível como o que os olhos não veem o coração não sente.

— Não, por quê?

— Porque eu recebi uma carta dela ontem. Da Suécia.

— O que ela contou? Está feliz com o casamento?

— Feliz? Ela está explodindo de alegria. A casa dela é uma mansão de cinco quartos, em Estocolmo. Ela disse que é a cidade mais limpa do mundo. Ela dirige um Jaguar. E o marido ganha o equivalente a seis *lakhs* por mês. Dá pra imaginar? Seis *lakhs* por mês! É, tipo, vinte mil rúpias por dia.

— Bom para a Neelam.

— Sonho com um milionário alto e bonito entrando na loja e me pegando no colo — ela diz, pensativa. — Às vezes, sinto-me encurralada, imaginando se vou ficar neste emprego para o resto da vida. Você também não sonha em ser rica?

Imagino a cara dela se eu contasse que estou prestes a me tornar a CEO de uma empresa de dez bilhões de dólares. Em vez disso, ofereço o velho clichê:

— O dinheiro não compra o amor.

— Quem disse que eu quero amor? — zomba Prachi. — Quero a bolsa Bottega Veneta que vi no

Emporio Mall.

No corredor ao lado, Madhvan, um dos vendedores, ocupa-se em mudar os canais via satélite em uma TV LG Pen Touch quando avisto Shalini Grover.

— Pare, pare, pare — eu grito, dando-lhe um susto que quase o faz derrubar o controle.

Obviamente, Shalini Grover está na Sunlight TV, do lado de fora de uma casa sem adornos, pintada de branco e com venezianas verdes.

— Estamos de volta com a reportagem. Esta é a casa número 3734, na qual um negócio nefasto de rins tomava lugar — ela diz. — Em um dia de reviravoltas, o dr. J. K. Nath (ou devo dizer: dr. Rim?) foi preso pela polícia de Delhi. Ele era o responsável por remover ilegalmente rins de mais de quinhentas pessoas, em sua maioria, trabalhadores pobres. O Instituto do Rim, onde os órgãos eram vendidos a pacientes ricos, foi fechado e um mandado de prisão foi emitido para MLA Anwar Noorani, o homem que presidia o esquema. — Ela para e aponta um dedo para a câmera. — Lembre: você viu primeiro no Sunlight, o canal que revela a verdade, insistentemente, consistentemente e persistentemente.

Não resisto e telefono para Shalini durante o almoço.

— Parabéns pelo furo. Por que demorou tanto para a história sair?

— Depois que você me contou sobre a clínica, fiz uma investigação secreta, incluindo entrevistas com dúzias de vítimas. Levou um tempo, mas agora os bandidos não têm escapatória. Eles foram pegos com a boca na botija.

— O MLA tentou me subornar com dois *lakhs*. Espero que ele apodreça na cadeia por pelo menos vinte anos.

— Ele ainda não foi pego. Por favor, tenha cuidado, Sapna. Ele sabe que você me deu a história. E ele pode ser perigoso.

— Não se preocupe. Se ele tinha o dr. Rim, eu tenho dr. Mirchi para me proteger.

— Dr. Mirchi? Quem é?

— O quê? Você não conhece o dr. Mirchi? Ele é o melhor amigo de uma garota, também conhecido como spray de pimenta!

*

Ao voltar do almoço, encontro Raja Gulati do lado de fora da porta dos fundos, parecendo um vagabundo vestido de palhaço com sua camisa de seda roxa desabotoada até a metade do peito e calças justas. Ele impede minha entrada com o braço.

— Me deixe passar — digo friamente.

— Por que você não me dá bola, Donzela de Gelo? — Ele me olha com malícia. — Até o gelo derrete no verão.

— Mas um retardado é um retardado em todas as estações — respondo secamente.

— Quem você está chamando de retardado, vagabunda? — ele chia, inflamando-se como uma diva temperamental, e agarra meu pulso.

— Não ouse me tocar. — Luto para me livrar.

— Primeiro, peça desculpas — ele exige.

— Seu filho da mãe! — Eu giro e dou um tapa em sua cara.

Ele me solta, a boca aberta de surpresa.

— Você me paga, sua puta — ele chia enquanto eu o empurro para passar e entrar na loja.

Logo antes do fim do expediente, Madan convoca-me ao seu cubículo.

— Vamos fazer outro inventariado. Preciso de você na loja, no domingo — ele diz sem me olhar.

— É 12 de junho, né? É o dia da morte de meu pai — respondo. — Não posso vir.

— Quem você pensa que é? — ele berra. — Uma rainha que pode decidir quando vir e quando não? Já cansei de seus aniversários e mortes. Se não vier no domingo, vai levar um pé.

Minha mente já está fervendo por conta da afronta descarada de Raja. A intimidação de Madan é o suficiente para me jogar no abismo do desemprego.

— Para o inferno você e sua loja — eu grito de volta. — Peço demissão agora mesmo.

— Já vai tarde. E assim não precisamos arcar com as despesas da demissão — ele responde, tentando esconder o rejúbilo em sua voz.

O verdadeiro valor de um emprego é revelado pela quantidade de tempo que se leva para sair. Investi tão pouco no meu, que mal levo vinte minutos para ir embora da Gulati & Sons. A maioria dos funcionários está feliz por me ver dando as costas. Agora, podem aspirar à posição de vendedor número um. Prachi é a única genuinamente triste.

— Você não devia ter reagido assim — ela diz. — Se quiser, posso conversar com Madan, resolver isso.

— Não quero mais saber da Gulati & Sons — eu conto. — Não se preocupe, vou arranjar um emprego tão rápido quanto Raja Gulati acha uma garrafa de bebida.

Ao sair do showroom pela última vez, às sete e quarenta e cinco da noite, uma quarta-feira, 8 de junho, minha mente está límpida e calma. Nunca me senti tão leve, tão livre quanto agora. Como um condenado recém-saído da prisão. Pois isto: a Gulati & Sons tinha se tornado uma prisão da mente. Odiei a terrível comutação para o trabalho todos os dias, o empurra-empurra da humanidade no metrô lotado, a cacofonia e estrépito de Connaught Place, os clientes irritantes, o chefe insuportável, os colegas apáticos... Foi uma labuta diária triste e interminável, da qual fico feliz em me livrar.

Sentada no metrô, indo para casa, pego o livro de Steven Katzenberg e abro uma página ao acaso. Uma

citação do industrial Ram Mohammad Thomas salta à minha frente:

Apreendi mais com a vida do que com livros, e ela me ensinou que você precisa de apenas três coisas para ser feliz na vida: uma pessoa que ame, um trabalho de que goste e um sonho pelo qual viver.

Reflico sobre as sábias palavras. Com base nesses padrões, eu talvez nunca chegue a ser realmente feliz. Não tenho ninguém para amar, nenhum trabalho no qual me apoiar, mas tenho um sonho pelo qual viver: tornar-me CEO do Grupo ABC.

Isso se tornou a paixão devoradora de minha vida. Todas as noites, deitado na cama sonhando com a promessa tentadora de um salário de sete dígitos.

Não tenho notícias do industrial há mais de um mês. Talvez ele ainda esteja bolando o sétimo teste. O Sétimo Teste. Quando penso nele, sou tomada pela convicção de que ele já pode ter começado. Acharya disse que seria o mais difícil de todos. E se ele produziu o confronto com Raja Gulati, preparando outra crise?

Sinto o suor frio na testa. Fiz a coisa certa ao pedir demissão num acesso de raiva? As apostas são tão altas que falhar agora seria catastrófico.

Em desespero, procuro o manual Katzenberg, folheando rapidamente para abrir no capítulo vinte e sete. Chama-se: “Segredo Número 25: Como lidar com uma crise”.

Quando chego em casa, Neha desfila pela sala em salto alto, quadris rebolando como uma modelo na passarela.

— O que deu nela? — pergunto a Ma.

— A Neha não contou pra você? — diz Ma, entregando um envelope. — Isso chegou hoje.

O envelope contém uma carta da agência Nova, baseada em Mumbai, oferecendo um contrato de modelo para Neha.

— Você sabe o que isso significa, não sabe, *didi*? — Neha me abraça pelo pescoço em um gesto exageradamente afetuosamente. — Significa que finalmente encontrei minha vocação. Agora sei como quero deixar minha marca no mundo.

— Você tem certeza de que é uma agência respeitável? — eu pergunto, soltando-me de suas mãos.

— Uma das melhores. Até possuem um acordo com a Ford Models, em Nova York. Eles disseram que eu posso estar na passarela do Delhi Couture Week, já no mês que vem — ela comemora. — E eles acham que eu sou a favorita para o Miss Índia também.

Não consigo evitar a expressão de dor que toma conta de meu rosto. Acabo de perder o emprego, e Neha arrumou um contrato impressionante. Ultimamente, na equação entre minha irmã e eu, o resultado é soma zero. Cada azar que me acomete vem acompanhado de uma bonança para Neha.

— E os seus estudos? — questiono friamente.

— Quem se importa com meu diploma? — ela responde despreocupadamente. — Quando eu me tornar modelo, faço um curso por correspondência.

Depois do jantar, concentro-me no capítulo vinte e sete outra vez, mas Neha fica me distraíndo, circulando como um gato ávido por atenção, até eu não aguentar mais:

— O que é agora? — eu pergunto, minha voz cheia de irritação.

Ela enrola uma mecha de cabelo ao redor do dedo, os olhos faiscando de impertinência indolente.

— Por que você não vai mais ao jardim?

— Por quê? Sou obrigada a passear depois da janta?

— O Karan falou que você anda meio fria com ele.

— Não me importo com o que ele fala.

— Ele pediu para contar que ele vai se mudar da colônia.

— Vai tarde.

— Você está sendo muito ingrata.

— Ingrata? Você tem a cara de pau de me chamar de ingrata depois do que anda fazendo com ele?

Neha enrijece.

— E o que você quer dizer com isso, *didi*?

— Não finja que não sabe — respondo, o sarcasmo em minha voz mudando para raiva.

— Eu realmente não sei o que você está insinuando — diz Neha, ainda fingindo estar perdida como uma garotinha.

Toda minha dor e amargura reprimidas explodem.

— Vocês andam saindo às minhas costas. Ambos estão passando a perna em mim.

Ela fica boquiaberta, momentaneamente paralisada. O choque parece genuíno, antes de ser substituído por belicosidade determinada.

— Explique-se melhor, *didi* — ela exige, um caso clássico do ladrão pego no flagra.

— Eu vi fotos de vocês dois neste quarto.

— Fotos? Que fotos?

— Para de fingir. Você beijou ou não beijou Karan bem aqui, ao lado da janela?

— Ah, isso! — Ela olha para baixo. Um toque de arrependimento cruza sua face, enfim. — Confesso que não deveria ter feito isso. Mas não interprete mal. Não estou apaixonada por Karan nem nada disso. Ele é todo seu. É que eu estava tão grata, foi um impulso. Não foi nada mais que um beijo de agradecimento.

— Um beijo de agradecimento? Agradecimento para quê?

— Eu não deveria contar, mas foi Karan que me emprestou os dois *lakhs* para o transplante de rim.

— O quê?

— Sim, é verdade. Todos os meus amigos me deixaram na mão. No desespero, procurei Karan. Ele foi incrível. Primeiro, ele foi ao dr. Nath e ofereceu o próprio rim para Ma, mas o *crossmatching* deu positivo. Depois, o pobrezinho vendeu metade de seus pertences e pegou um empréstimo para juntar todo o dinheiro. Eu queria lhe contar, mas ele proibiu. Nunca poderemos pagar a dívida com ele. Vou contar,

didi, você é a pessoa mais sortuda do mundo por ter um amigo...

Não espero pelo resto da frase. Saio correndo até o terceiro andar, minha mente turva pela autodepreciação e pela vergonha. Eu fui gravemente injusta com Karan e nada pode consertar isso.

Bato na porta do B-35 como um viajante encharcado pela tempestade procurando refúgio. A porta demora tanto a abrir que quase perco a esperança. Meu coração fica pesado por achar que Karan foi embora para sempre.

Quando estou prestes a me virar em desespero abjeto, a tranca é aberta e o rosto de Karan espia para fora.

— Sim? — Ele fica parado com as mãos na cintura, olhando-me com suspeita, como um estranho olhando para outro.

— Vim pedir seu perdão — murmuro.

— Perdão por quê?

— Por ter tratado você como lixo, depois de tudo que fez por nós. Neha me contou tudo.

Ele continua me olhando bem nos olhos em julgamento silencioso. Prendo o fôlego, esperando, preparando os nervos para uma explosão de fúria justa, quando, de repente, ele levanta a palma da mão.

Fico boquiaberta, completamente sem jeito.

— A salvação é de graça, *balika*, mas uma doação de cem rúpias pode ajudar — ele entoa com a seriedade de um guru pregando no canal Aashta. Em seguida, dá uma gargalhada e abre os braços para mim, como uma fortaleza impenetrável abrindo as portas.

A risada é como remédio para o meu coração. Jogo-me em seu abraço. Sentir seu peito másculo contra o meu já me enche de tanta felicidade e paz que eu esqueço o resto. Lágrimas escorrem de meus olhos, derretendo a dor, a vergonha, o gelo da culpa que tinha se grudado aos cantos carcomidos de minha alma.

Karan perdoou-me. Tudo ficaria bem entre a gente. E era só isso que me importava.

Temos uma reunião mais longa depois, no jardim. Conto tudo que ocorreu entre Acharya e eu.

— Meu Deus! — Ele escuta com assombro crescente. — Era tudo armação, como eu suspeitei desde o princípio.

— Sim — concordo com um sorriso envergonhado. — Eu era a protagonista em sua novela particular, criada e dirigida por Acharya.

— Esse homem merece um tiro! Ele ficou espionando você e toda a sua família. Tentou até colocar um detetive na minha cola, mas eu flagrei o filho da mãe bisbilhotando e o xinguei tanto que ele não ousou chegar perto de mim outra vez.

— Ele contou. Enfim, logo vai acabar. Tenho a sensação de que o sétimo e último teste já começou.

Karan franze o cenho, perplexo.

— Está me dizendo que, depois de tudo isso, você não pôs um fim na brincadeira?

— Agora que eu já cheguei tão longe, por que não ir até o fim?

— Como é possível? — Ele bate no banco de madeira, frustrado. — Você ainda acredita que esse

maluco está falando sério?

— Olhe, ele não é maluco. Ele é um velho desesperado por um sucessor. E ele acha que eu tenho as qualidades necessárias para liderar sua empresa.

— Ele é louco!

— Mas não é mau. Ele acredita em certos valores.

— Então, *você é louca*. — Ele me fulmina com o olhar. — Não sabia que *você estava tão desesperada por dinheiro*.

— Eu não estou! — afirmo, surpresa com minha própria veemência. — O homem não vive só de pão. Vidas comuns, às vezes, precisam da faísca do extraordinário. Precisamos de assombro, de maravilha, de esperança. Mesmo se a oferta de Acharya seja apenas um sonho, fico feliz por ele tê-lo me dado.

— Talvez *você tenha razão* — ele diz lentamente. — Todos precisamos de algo a mais na vida. Enfim, a vida é sua e *você é a melhor para julgar o que fazer*. Quero apenas que seja feliz.

Nossos olhos se encontram. Uma sensação estranha me invade. Sinto o nascer de um entendimento mais suave entre nós, um novo pacto forjado no caldeirão da dor e da reconciliação.

Talvez seja a lua cheia, talvez seja algo no ar, a brisa fresca que de repente suga a umidade como um mata-borrão, mas eu sou invadida por um desejo desesperado e irresistível de beijá-lo. Apesar de estarmos a trinta centímetros de distância, sinto o calor do corpo dele sobre minha pele, despertando um calor correspondente em mim, um desejo tão poderoso que é quase a luxúria. As palmas de minha mão ficam úmidas; minha respiração torna-se entrecortada.

Acho que Karan sentiu os sinais febris emitidos por meu corpo, pois ele muda de assunto abruptamente:

— Neha contou que vou me mudar do condomínio?

— Sim. É verdade?

— Não exatamente. Não vou apenas me mudar de casa... Vou mudar de país.

— Deixar a Índia? Mas... mas por quê?

— Não falta ambição na Índia, Sapna — ele diz, olhando para a frente. — O que falta é oportunidade. Por isso, decidi ir para a *terra da oportunidade*: Estados Unidos.

— Estados Unidos? Mas tão de repente! — Respondo com o semblante em choque de alguém que deu de cara na parede.

— Tenho um amigo na Califórnia que me ligou do nada com uma fantástica oferta de emprego. É uma oportunidade boa demais para perder.

— *Você está cometendo um erro*. O mundo inteiro está vindo para a Índia e *você vai na direção contrária*?

Ele dá uma risada amarga.

— Deixe-me contar uma coisa, Sapna: para pessoas como nós, não há futuro na Índia. Apenas os muito ricos e os muito pobres sabem sobreviver aqui. Ninguém liga para o resto. Não somos necessários nem na hora de votar.

Sinto como se uma garra de gelo tivesse agarrado meu coração. Minha mente grita: “Não vá, eu amo

“você, vou morrer sem você”. Mas o que, de fato, sai de meus lábios é:

— Quando você parte?

— Amanhã. Já tenho o visto. Meu voo é às oito e quarenta e cinco da manhã. — Ele pausa e respira fundo. — Agora que vou embora, quero contar algo.

O modo como ele me olha, com seus olhos castanhos sonhadores. O modo como seu pomo de Adão sobe e desce quando ele engole em seco. Acho que ele vai dizer algo especial, sentimental até. Minhas bochechas acendem, enrubesço com a percepção intuitiva de que a nossa paquera vai chegar ao seu ápice. Karan finalmente vai abrir sua caixa-preta, revelar seus verdadeiros sentimentos. Um milhão de emoções revolvem-se dentro de mim. Espero que ele diga as três palavras mágicas pelas quais há tanto tempo anseio.

Os lábios dele tremulam, mas as três palavras que rolam para fora são bem diferentes do que as que eu desejava:

— Eu sou gay.

Estou prestes a cutucá-lo nas costelas por conta da piadinha, mas a careta torturada em seu rosto me impede. É uma confirmação instintiva de que ele fala a verdade. E percebo quanta angústia isso lhe causou.

De certo modo, isso explica tudo: sua estranha relutância em ter um relacionamento sério comigo, sua inexplicável incapacidade de devolver meu beijo, seu estilo de vida secreto, sua decisão de fugir da Índia. No entanto, é tão inesperado que eu fico zozona.

Não tenho nada contra gays. Costumam ser as pessoas mais legais do mundo, incrivelmente boas e prestativas, sensíveis, leais e altruístas. Mas, de certo modo, Karan ser gay é uma piada cruel comigo. Ranjo os dentes perante a injustiça de tudo. Não é o ultraje de uma preconceituosa, mas a frustração de uma amante abandonada que tem de fazer as pazes com a realidade.

— Espero que possamos continuar amigos — Karan murmura em um tom de desgraça submissa, encolhendo-se para dentro de si.

Ele parece tão frágil agora, temo que uma palavra errada possa quebrá-lo em pedaços. Sinto empatia por ele.

— Claro que você sempre será meu amigo, meu melhor amigo — eu digo e aperto sua mão com força.

Porém, ao confortá-lo, já sinto uma nova distância entre nós. Como se, de repente, o chão tivesse se aberto e nos deixado cada um de um lado. O pensamento que dá voltas em minha mente como um mantra é o de que Karan não é mais meu. Talvez nunca tenha sido.

O silêncio entre nós se expande até ficar desconfortável.

— Bem, boa sorte com sua nova vida — eu digo com um sorriso forçado e depois me viro e vou diretamente para casa.

Entro em meu quarto e enfio a cara no travesseiro, abafando soluços que ameaçam me afogar na onda da tristeza. Meus sonhos todos incluíam Karan. De repente, todos foram esmagados, pulverizados. Ganhei Karan, apenas para perdê-lo para sempre.

Karan vai para o aeroporto às quinze para seis. Observo da varanda enquanto ele arrasta a mala velha até o portão, vestido em uma camiseta com o logo da Indus e um jeans surrado. Dhiman Singh, o guarda, já chamou um autorriquíxá para ele. Karan senta-se no banco de trás sem olhar para trás. Porém, quando o veículo está prestes a partir, ele se debruça para fora e olha para cima, procurando o segundo andar do Bloco B. Ele me vê, levanta a mão em um gesto meio saudação meio desculpas, antes que seja puxado de volta pelo impulso do táxi.

Fico observando o riquíxá partir até que suma na distância empoeirada. Assim como observei Nirmala Ben ir embora um mês antes. Um a um, meus amigos abandonam-me, em busca de mais verdes pastagens.

Papa sempre dizia que na vida temos de deixar para trás e seguir em frente. Mas não consigo apagar Karan de minha vida como um erro no papel. Sempre que passo em frente ao seu apartamento, memórias inundam minha mente. A tranca pesada de latão em sua porta zomba de mim, como um jato de água suja no rosto.

Até o clima está conspirando contra mim, de desconfortavelmente quente para insuportavelmente abafado. Embora a monção aconteça apenas mês que vem, o ar já está parado com a promessa de chuva. A umidade está pendurada na atmosfera como um balão enorme e inchado que se recusa a ir embora.

Sem emprego e sem Karan, sou preenchida pelo vazio mordaz. A necessidade desesperada de preencher o buraco repentino em minha vida me direciona para Neha. Seu entusiasmo apaixonado pela nova carreira é contagiante, a centelha de que eu preciso para evitar cair na toca do coelho da lembrança e do arrependimento. Decido me dedicar inteiramente a ela. Passamos o dia debruçadas sobre revistas de moda e jornais de Bollywood, planejando roupas e maquiagem. Neha, no entanto, não fica satisfeita com isso. Ela quer uma repaginada. E tudo começa com um novo corte de cabelo.

— *Didi*, o cabelo é muito importante para uma modelo — ela declara. — Você precisa me levar ao melhor salão da cidade.

— Tem um bem ao lado do prédio — ofereço. — Posso recomendar o *Sweetly Beauty* sem medo.

— Fala sério! — Ela faz uma careta. — Preciso de um cabeleireiro profissional, e não um barbeiro de rua.

Por isso, às quatro da tarde do sábado, 11 de junho, estamos no recém-inaugurado City Centre Mall, no Setor Dez. Estou vestida em um *churidar* branco e um *kurta* com *chikan* combinando. Neha está trajando seu costumeiro jeans com camiseta da Hello Kitty.

O shopping está lotado por consumidores de fim de semana gastando em grifes. Hoje é Dia da Barganha, com dez por cento de desconto na maior parte das lojas.

O City Centre Mall não é o lugar onde costumo fazer compras. Os preços fazem o nariz de qualquer um sangrar. Mas Neha insistiu que cortaria o cabelo apenas no Naved Habib, localizado no segundo andar do shopping.

O salão é impressionante, com seu design contemporâneo e decoração da moda, mas dou uma olhada para os preços e quase engasgo. Um corte com escova custa exorbitantes mil e quinhentas rúpias. O corte no *Sweetly Beauty* custa apenas cento e setenta e cinco. Mas eu não reclamo de gastar. Neha tem uma

oportunidade fantástica e precisa estar equipada para aproveitar ao máximo.

Fuço em uma boutique refinada enquanto minha irmã ganha o corte mais caro da cidade. Olhando os preços da sombra L'Oréal, do batom Revlon e da máscara para os cílios Max Factor, temo pelas compras de cosméticos de Neha. Minhas reservas estão se esvaindo. Em breve, precisarei de um novo emprego para salvar minhas finanças.

Às cinco, Neha está pronta. Admito que o cabeleireiro fez um bom trabalho. Neha está mais glamourosa do que nunca com seu novo penteado estiloso — cabelo repicado na altura dos ombros com franja de lado — que realça seu rosto oval e destaca os lindos olhos. Percebo homens babando por ela quando saímos do shopping. Aos olhos deles, ela já é uma modelo.

Um bando de motoristas de riquixá nos rodeia imediatamente.

— Venham comigo, venham comigo — cada um chama.

Decido por um homem mais velho de colete e *lungi*, seus músculos bronzeados brilham de suor que escorre pelo corpo.

— Você nos leva até o LIG Colony no Setor 11?

— Serão trinta rúpias, *memsahib* — ele diz, secando a testa com um trapo.

— Arre, você acha que somos turistas? — eu ralho. — Acabamos de pagar vinte rúpias para vir.

— Tudo bem, *didi* — Neha diz expansivamente e sobe no riquixá.

Depois de um instante de reflexão, eu entendo que é futilidade regatear por conta de dez rúpias após gastar mil e quinhentas em um corte de cabelo.

Como é sábado, não há muito trânsito, e o riquixá não tem dificuldade em navegar pelo caminho até o Setor 11. Ao passarmos pela Rammurti Passi Marg, ouço uma motocicleta acelerando atrás de nós. Um segundo depois, ela está bem próxima, trazendo dois jovens de jeans apertado, ambos com capacete de vidro fumê cobrindo suas faces. Parecem arruaceiros atrás de seu passatempo favorito: garotas. Na verdade, o piloto passa tão perto do riquixá que quase pode tocar Neha. Estou prestes a gritar quando ele se afasta. A moto vai embora acelerada, fazendo o cabelo de Neha voar em meu rosto. O da garupa levanta um punho fechado em celebração, zombando da gente.

— Cachorros! — murmuro entre os dentes.

Dois minutos depois, quando estamos ao lado do complexo Metro Walk Mall, escuto outro barulho de moto. Viro para ver os dois acelerando em nossa direção, o rosnado do motor ficando mais alto.

Há algo sinistro na intenção deles. Tenho um pressentimento. Mas antes que eu possa sacar meu spray de pimenta, a moto fica ao nosso lado. Pelo canto dos olhos, vejo o da garupa desenroscar a tampa de uma garrafa. O alarme em minha mente dispara.

— Neha! Cuidado! — eu grito enquanto os malfeitores jogam o conteúdo da garrafa no rosto de Neha.

Um líquido escuro e viscoso respinga, e o grito de Neha em agonia rasga o ar. A moto dispara, deixando Neha contorcendo-se e esfregando-se no riquixá.

— Estou queimando, estou queimando, *didi* — ela berra. — Pelo amor de Deus, faça alguma coisa! Salve-me!

Só então percebo que ela foi atingida por ácido.

O corpo dela convulsiona conforme o ácido queima a pele. Ele penetra no cabelo, escorre pelo rosto e para dentro da boca. Quando ela tenta limpar-se, fios de ácido escorrem pelos dedos e braços.

Aconchego-a em meu colo, completamente incapaz de impedir a lenta desintegração de seu rosto. O cabelo dela está queimando, sua pele derrete como cera. Arrepio só de pensar na dor que ela deve estar sentindo.

— Chame uma ambulância! — eu grito o mais alto possível para o condutor que fica parado como uma estátua, paralisado pelo medo.

Coincidentemente, um carro de polícia que passa para e nos ajuda, carregando-nos para o hospital público Shastri, no Setor 5.

Três horas depois, ainda estou no hospital em vigília ansiosa na frente da sala de operação onde cirurgiões lutam para salvar minha irmã.

Lá dentro, Neha está entre a vida e a morte; do lado de fora, Ma e eu estamos entre o horror e a histeria.

— O que fizemos para merecer tanta dor, Ishwar? — Ma olha para o teto ao interrogar seus deuses. Depois, cai em prantos. — Por que Deus não me levou e poupou minha flor? — ela pergunta, agarrando meu braço.

Não tenho resposta a suas perguntas. Minha mente está enevoada por fúria e maldade. Eu quero ir atrás desses meninos selvagens que fizeram isso com Neha e igualmente destruí-los. Imagino-me arrancando seus olhos, cortando suas orelhas, quebrando seus narizes, decepando seus dedos um por um, e, quando estiverem implorando por piedade, arrebento suas cabeças com uma pedra pesada.

Como gostaria de ter Karan ao meu lado. Apenas ele é capaz de me salvar do abismo do ódio que ameaça me engolir. Mas ele está a milhares de quilômetros e eu não tenho meios de contatá-lo.

O ataque com ácido contra Neha tornou-se caso de polícia. Um subinspetor opressor chamado S. P. Bhatia, da delegacia de Rohini, foi designado para investigá-lo. Seu interrogatório incessante provoca enxaqueca em mim.

— Você reconheceu os dois jovens na motocicleta?

— Não. Eles usavam capacetes, então não pude enxergar seus rostos.

— Alguém queria se vingar de sua irmã?

— Não sei. Apenas um psicopata louco faria algo assim.

— Você conhece algum psicopata louco em Delhi?

— Não. Você conhece?

— Sua irmã tem namorado?

— Pode ser. Não sei.

— Você acha que pode ter sido um ex-namorado?

— Não sei.

— Parece que você não conhece sua irmã.

— Talvez eu não conheça.

Ele coça o queixo pensativamente.

— É possível que o alvo na verdade fosse *você*?

A questão me pega de surpresa.

— Eu? Por que alguém quereria me machucar?

— Você que me diga. Você tem algum segredo?

— Não. Nenhum.

— Não diga nenhum. Todo mundo tem segredos. Todo mundo é um criminoso em potencial. E a linha divisória entre sanidade e insanidade é muito tênue.

— Eu sei. — Concordo com a cabeça. — Eu estou bem em cima dela. Se você não encontrar quem fez isso, vou enlouquecer.

— A cidade toda enlouqueceu. — Ele suspira. — Os apoiadores de MLA Anwar Noorani estão protestando em todo o mercado do Setor 7 esta tarde contra sua prisão.

— Meu Deus! — exclamo quando a lembrança da conversa com Shalini Grover volta à minha mente. Ela alertou-me que Anwar Noorani era perigoso. E o ataque com ácido combina perfeitamente com sua natureza vingativa e seu temperamento volátil. — Com certeza, isso foi obra de Noorani — agarro o braço do subinspetor com a instintiva certeza da convicção feminina.

— Mas ele tá de molho na prisão Tihar.

— A Tihar não impediu Babloo Tiwari de comandar seu negócio de sequestro e extorsão. Vá agora mesmo interrogar Noorani. Estou certa de que ele organizou o ataque a Neha porque eu ajudei na exposição de seu contrabando de rim.

Bhati ouve-me pacientemente, mas seu olhar sugere que ele acredita estar perdendo tempo. Por fim, ele fecha o caderno e se volta para Ma:

— Precisarei interrogar sua filha se ela recobrar a consciência.

Ma fica boquiaberta e cai aos prantos outra vez. O subinspetor corrige a frase rapidamente:

— Eu quis dizer *quando* ela recobrar a consciência.

O especialista em queimaduras do hospital Shastri é o dr. Atul Bansal, um homem de traços tranquilos, por volta dos quarenta, com a expressão cansada e estoica de um condenado no corredor da morte. Não o culpo. De todas as alas do hospital, a dos queimados é a mais melancólica, perpetuamente encharcada de tragédia. Vítimas graves chegam a toda hora. As causas variam — explosões a gás, ataque com ácido, choque elétrico —, mas o resultado é sempre o mesmo: rostos terrivelmente desfigurados, carne exposta e dependurada, pele coberta de bolhas. Ouvir seus gritos de agonia ressoar pelos corredores é o suficiente para alguém desejar surdez temporária.

— Neha teve muita sorte — diz o médico ao nos acompanhar até a UTI para onde Neha foi transferida

após a operação. — Ela teve apenas quarenta por cento de tecido atingido, principalmente no lado direito do rosto, pescoço e peito. Ela poderia ter perdido os olhos e as orelhas.

Do outro lado do corredor, uma maca está sendo empurrada. Relanceio a face do paciente e imediatamente recuo em choque e horror. É um homem de meia-idade, por volta dos cinquenta anos. A pele toda de sua face foi arrancada, e o que ficou não foi um rosto deformado, mas *não* formado. É como se músculo, osso e tecido ainda estivessem crescendo, ainda trabalhando com o sangue, a fibra e os nervos que lhe dão força estrutural e vitalidade. O processo parece ter sido parado no meio, antes que a última camada, a epiderme, pudesse ser esticada sobre a estrutura. O resultado é uma massa de carne coberta por um peculiar tom vermelho. Onde sobrou um pouco de pele, há pequenos glóbulos transparentes, como se a cabeça tivesse sido colocada dentro da água fervendo e a face tivesse explodido.

— Não é bonito de se ver, né? — dr. Bansal comenta com uma honestidade advinda do fato de ser exposto a esse horror diariamente.

— Quem fez isso com ele?

— Sua esposa, casados há trinta anos.

Minhas sobancelhas levantam-se.

— Entendo que fique surpresa. Oitenta por cento das vítimas que chegam aqui são mulheres. Os casos comuns relacionados a dote. Ele é uma exceção. O marido batia na mulher diariamente. Ontem, ela vingou-se. Atacou o rosto dele com ácido sulfúrico enquanto ele dormia, cegando-o e desfigurando-o para sempre.

Posso apenas imaginar a perturbação mental que levou essa mulher a dar tal passo irrevocável.

— O que vai acontecer com ela agora?

— Provavelmente, vai passar o resto da vida na prisão — responde o médico, cortando caminho entre os agrupamentos de pacientes, familiares e enfermeiras.

A UTI parece uma cena pós-batalha de um filme de guerra, com corpos deformados e mutilados em diferentes estados de recuperação. A cama de Neha fica bem ao fim da ala, recostada contra uma parede caiada com teias de aranha e rachaduras, onde uma pequena janela quadrada fornece a visão do pátio central.

Um nó de sofrimento forma-se em minha garganta ao me aproximar de Neha. O rosto de minha irmã está inteiramente coberto por curativos, apenas os olhos visíveis, como o Homem Invisível. Pego em sua mão delicadamente e dou um aperto consolador. Ela puxa com rapidez, como se fosse o toque de um leproso, e agarra a mão de Ma. A dor em meu coração fica ainda mais aguda.

Há uma frieza perceptível no tratamento que Neha me dá, quase hostil. Talvez ela ache que não fiz o suficiente para protegê-la. Ou que eu tenha sido de algum modo culpada pelo que aconteceu com ela.

Chamo dr. Bansal de lado.

— O que devemos esperar quando os curativos forem removidos?

— Um rosto marcado para sempre — ele responde. — Será uma experiência dolorosa para ela e para vocês.

Um soluço de ânsia escapa de meu peito. Dr. Bansal faz uma careta empática.

— A Neha que você conheceu não existe mais. Quanto antes aceitar o fato, melhor.

— Podemos fazer algo para recuperar seu rosto?

— Claro que sim. Mas vão ser anos de plásticas e reconstruções cirúrgicas, e vão custar *lakhs*.

— Eu conseguirei o dinheiro — digo com determinação feroz.

Pego meu celular e vou até o corredor ligar para Acharya. Ele atende quase imediatamente.

— Não está um pouco tarde para me ligar, Sapna?

— Eu nunca pedi nada a você — começo —, mas hoje preciso de sua ajuda para minha irmã Neha.

Preciso de dinheiro para a cirurgia dela.

— O que aconteceu?

— Alguém jogou ácido nela. Agora ela está no hospital, lutando pela vida.

— Tsc... tsc. Isso é muito triste. Eles prenderam os rapazes que fizeram isso?

— Rapazes? — Eu pauso. — Como você sabe quem fez isso? E que foi mais de um? Eu não falei nada.

Ele não fala por um longo momento.

— Eu... eu supus que foi mais de uma pessoa.

— Meu Deus! Você está por trás do ataque com ácido. — Eu arquejo quando o raio de compreensão me atinge. — Este foi outro de seus testes dementes?

— Não vamos chegar a conclusões precipi...

— O que você fez? — eu guincho, as mãos em forma de punho. — Você é um louco que ultrapassou todos os limites.

— Não sei do que você está falando.

— Não minta. Você planejou o ataque, não foi?

— Claro que não. Mas eu avisei que o último teste seria o mais difícil.

— Por que você colocou minha irmã no meio?

— Não coloquei. Deus colocou. Eu não avisei também que poderia haver algum... ahn... dano colateral?

— Você acha que esfaquear a cara de alguém é um efeito colateral? — eu guincho.

— Os japoneses têm uma frase: *shikata ga nai*, não há o que fazer. A adversidade tem de ser enfrentada.

Sua pretensão pastoral me enfurece. Não há mais nada a dizer. Todas as ilusões que eu tinha alimentado nos últimos cinco anos foram enfim quebradas. Karan sempre teve razão. Acharya é um sádico violento; e eu, uma louca de carteirinha por ter voluntariamente me tornado um peão em seu esquema maligno.

Um vulcão entra em erupção dentro de meu cérebro. Um tsunami de raiva crua, febril e primal corre em minhas veias, fazendo meus dedos contraírem. Quero agarrar a garganta de Acharya e apertar até que seus olhos saiam das órbitas.

— Você é um monstro. Eu vou matar você — eu grito ao telefone.

Os outros familiares olham feio para mim. Uma enfermeira fecha o cenho e coloca o dedo sobre os lábios.

— Silêncio, por favor.

— Você está ficando nervosa sem necessidade — diz Acharya. — Por que não vem até Prarthana? Vou lhe explicar tudo.

— Vou agora mesmo. Espere por mim, seu filho da mãe.

Encerro a ligação e marcho pela ala.

Do lado de fora, o tempo deu uma reviravolta. O calor abafado deu lugar a uma chuva dilacerante. Fora de época, e por isso mesmo mais assustadora. Raios cortam o céu negro como uma enorme faca azul, seguidos pelo retumbar dos trovões agourentos que chacoalham o ponto de ônibus do outro lado da rua. Sem guarda-chuva, fico molhada até os ossos em questão de segundos. Mas não importa. Bem como não importa eu não ter comido nada desde o almoço. Nada importa a não ser meu desejo de vingança.

Levo dez minutos para conseguir um autorriquixá. Explico o endereço de Acharya em Vasant Vihar ao motorista.

— Vai lhe custar duzentas rúpias, senhora — ele afirma, cobrando o dobro do preço.

— Eu dou trezentas. Só me leve rapidamente.

*

Atravessamos a tempestade e o vento uivante. Durante a viagem de quarenta e cinco minutos, permaneço em silêncio. Meus pensamentos estão prisioneiros de um círculo de gritos agonizantes e sensações fantasmagóricas de quando segurei o corpo retorcido de Neha. Sua face sob curativos nada ante meus olhos, bloqueando qualquer outro pensamento. Meu mundo foi dilacerado e nada pode recompô-lo. Agora vou acabar com o mundo de Acharya, enviar-lhe meu julgamento do inferno.

Ao me aproximar do Lote 133-C, as batidas de meu coração aceleram-se. Eu abro e fecho o punho.

Um par de seguranças com aparelhos no ouvido e rádios me para nos portões imponentes de Prarthana.

— Você é Sapna Sinha? — um deles me pergunta ao colocar uma lanterna na minha cara.

— Sim — respondo.

Ele faz um sinal para que eu passe até a guarita, onde dois guardas uniformizados começam a discutir.

— *Jaane de na*. Deixe-a passar — diz um. — O Chefe avisou sobre ela.

— Não — retruca o outro. — Ninguém pode passar sem checarmos com o Chefe. — Ele pega o interfone e aperta o botão. — Senhor, a srta. Sapna Sinha está aqui.

— Mande-a — escuto Acharya responder asperamente.

O guarda assente e me traz um guarda-chuva. Eu o fulmino.

— Você quer que eu vá andando até a casa nessa chuva? Por que não posso ir no auto?

— Desculpe, senhorita, mas autorriquixás não são permitidos dentro da Prarthana. O sr. Acharya deu

ordens estritas. Você vai ter de andar. São apenas cinco minutos.

Balançando a cabeça diante da regra ridícula, volto-me para o motorista:

— Espere aqui — instruo. — Não vou demorar.

Ele olha para o céu. A chuva não dá sinal de arrefecimento. Ele avalia a rua deserta. Há pouca chance de conseguir outro cliente.

— Sem problema — ele diz, colocando um *paan* fresquinho na boca. — Vou acrescentar mais cem rúpias, taxa de espera.

Abro o guarda-chuva e começo a longa caminhada pela entrada sinuosa. O vento aumenta, assobiando entre as sebes aparadas como uma cantiga de ninar assustadora. A chuva ataca o guarda-chuva, escorrendo pelo tecido negro. Arrasto-me na direção da casa, os sapatos ensopados, meu *churidar* colado ao corpo como uma segunda pele.

Na metade do caminho, a rota faz uma curva à direita, e eu dou de cara com dois cachorros com aspecto selvagem barrando meu caminho com rosnados baixos. São dobermanns e seus olhos são como brasas acesas no meio da noite, sua pelagem negra brilhando como rochas molhadas. Apesar de acorrentados a um tronco, vou pelo lado mais distante que consigo. Outro raio atravessa o céu, iluminando a mansão como um negativo exposto. Outra rajada de vento vira meu guarda-chuva ao contrário.

Alcançar o abrigo do pórtico assemelha-se a uma vitória. Fecho o guarda-chuva, sacudo a chuva do cabelo e aperto a campainha.

Espero por quase dois minutos, mas ninguém aparece para abrir a porta. Aperto a campainha uma segunda vez. Sem resposta. É aí que percebo que a porta está semiaberta. Empurro-a e piso em um tapete de boas-vindas de grife. Quase automaticamente, começo a raspar meus pés, retirando o excesso de umidade.

— Sr. Acharya? — eu chamo, mas ouço apenas o eco no foyer de mármore.

O silêncio misterioso é inquietante. Em minha última visita, o lugar estava apinhado de empregados. Hoje, parece um castelo mal-assombrado. Os cômodos amplos e vazios ficam mais sinistros e secretos conforme eu vou passando por eles. Sombras nas paredes parecem observar cada passo, suspirando conspirações em resposta ao meu tênis de sola de borracha rangendo no chão de madeira.

Atravesso as salas de estar e jantar e entro no escritório, apenas para encontrá-lo igualmente vazio. Abro a porta conectora lentamente e espio.

Um foco de luz fraco ilumina à meia-luz o retrato do pai de Acharya. O resto do quarto está na completa escuridão.

— Sr. Acharya? — chamo outra vez, imaginando que ele possa estar no banheiro.

Sem resposta, entro no quarto cautelosamente, procurando com as mãos por um interruptor. Após vasculhar um pouco, meus dedos encontram um painel de plástico e eu ligo todos os interruptores. A explosão de luz que invade o quarto faz com que eu proteja os olhos.

O quarto está mais ou menos como da última vez. A mesma cama de mogno com lençóis roxos, o espelho de ônix e a mesa cheia de antigas fotos de família. A única mudança é uma TV Sony de sessenta e

cinco polegadas presa à parede oposta à cama.

— Sr. Acharya? Onde você está? — eu grito, sentindo ondas de frustração e impaciência me atacarem.

Fica claro que ele está deliberadamente me evitando. O banheiro parece ser o lugar mais provável. Sigo na direção da sólida porta de carvalho do banheiro do outro lado do quarto quando ouço um barulho úmido sob meus pés. Olho para baixo e me encolho de terror. Pisei em uma pequena poça vermelha. É evidente que o que estou vendo é sangue fresco, represado como uma mancha de óleo, e agora contaminando minha sola.

Meus olhos percorrem todo o chão, procurando a origem do sangue. O rastro vai até o outro lado da cama e termina em algo que me faz estacar. Há um corpo no chão. Parece ser de homem vestido em um *kurta* de seda amarelada. De onde estou, não consigo ver sua face, mas está obviamente morto, uma faca de cabo de madeira enfiada em sua barriga, como uma vela em um bolo de aniversário.

Um grito sobe e para na minha garganta. Acabo de testemunhar um assassinato pela primeira vez. E isso me faz ter tamanha náusea que me curvo até o chão, quase vomitando meu almoço. Uma cena descrita por Karan há muito tempo aparece em minha mente. Acharya chama-me até sua casa tarde da noite. Não o encontro lá, mas acho um cadáver — e o assassinato recai sobre mim. Na história de Karan, o corpo era da esposa de Acharya. Aqui, estou olhando para um homem morto, mas não tenho coragem de analisar seu rosto. Sei que caí em uma armadilha de Acharya. A qualquer segundo, os seguranças vão invadir a casa pela porta da frente, soltando os cachorros sobre mim. Pensar naqueles dois caçadores selvagens pulando sobre mim, arrancando minha carne com os dentes afiados, arrepia meu corpo todo. Não, não posso arriscar ser pega passeando na cena de um crime. Por isso, preciso fingir que nunca vi crime nenhum e sair o quanto antes.

Sem pensar mais, tiro os sapatos e os seguro na mão enquanto saio do quarto. Cautelosamente, refaço meus passos até a porta da frente, saio e recalço. Depois, abro o guarda-chuva e caminho o mais normalmente possível.

Um rosnado feroz quase me faz pular, lembrando-me de que me aproximo dos cães. Eles começam a latir assim que me veem, como se um sexto sentido já os tivesse avisado sobre o assassinato na residência. Eu passo de fininho perto deles, como se pisasse em ovos.

A tensão em meu corpo está no auge quando viro a curva que me coloca cara a cara com os dobermanns. Tento me acalmar respirando lentamente ao me aproximar da guarita.

— Essa reunião foi rápida — o guarda observa enquanto devolvo o guarda-chuva.

— Sim — concordo, sorrindo sem forças e subindo no autorriquixá que me espera. — Leve-me de volta a Rohini. — Cutuco o motorista que tira uma soneca ao volante. — Rápido.

Ele me encara.

— Está tudo bem? Parece que você viu um fantasma.

— Não converse — respondo entre os dentes. — Apenas dirija.

Com um dar de ombros indiferente, ele cospe o líquido do *paan* e liga o motor. O auto se recusa a pegar, tensionando ainda mais meus nervos atormentados. Minhas mãos ficam geladas e úmidas, meu coração martela violentamente no peito, e meu estômago revira como um misturador de cimento. Por fim,

o motor entra em ação, mas eu não consigo mais me controlar. Mal andamos cinquenta metros quando eu vomito em cima do banco de trás.

As luzes fortes do hospital são um refúgio bem-vindo do mundo de pesadelos do qual escapei. Mesmo os rostos mutilados na ala dos queimados são preferíveis ao corpo assassinado em Prarthana.

Embora tenha passado da meia-noite, Ma ainda está à beira do leito de Neha.

— Onde você foi tão de repente? — ela me pergunta.

— Consultar um cirurgião plástico — minto sem remorso.

— E o que ele disse? O rosto de Neha pode ser recuperado?

— Sim, mas não vamos conseguir pagar.

Ma vira o rosto, já esperava por isso.

— Vou falar com Nirmala Ben. Talvez ela consiga arrecadar o dinheiro.

— Por que não volta ao apartamento? — Pouso a mão sobre o ombro dela. — Eu fico aqui com Neha.

— O hospital é minha casa agora — ela responde. — Vá você e descanse.

Olho pela janela. A chuva parou, mas a atmosfera ainda está carregada de eletricidade. A terrível nuvem do assassinato está pendurada sobre a cidade como uma mortalha.

Sento-me na cadeira vazia ao lado do leito de Neha. Fechando os olhos, tento ordenar meus pensamentos, achar sentido na bagunça de meu cérebro. Acharya contratou uma dupla de jovens para jogar ácido em Neha. Então, matou alguém na casa dele. Fez o melhor para me culpar do assassinato, mas eu consegui escapar a tempo. Mesmo assim, a polícia vai me interrogar. E eu estou disposta a contar tudo. Vou revelar a natureza perversa dos sete testes, expor ao mundo a verdadeira face de Vinay Mohan Acharya. Mas algumas coisas eu não contarei. Por exemplo, ter entrado no quarto de Acharya e visto o cadáver.

Vou ao banheiro e checo minhas roupas. Não há uma gota de sangue nelas. Tiro o tênis e lavo com cuidado, removendo qualquer traço de sangue das solas. Depois, volto à cadeira e tento dormir, mas o cadáver flutua em minha mente como uma alucinação febril. A faca balança à minha frente como uma visão provocadora, longe do alcance. É impossível dormir, impossível descansar, impossível fingir que nada aconteceu.

Dominada pela fome e pela exaustão, finalmente caio em um repouso agitado por volta das quatro da manhã, apenas para ser acordada meia hora depois por um policial me cutucando com um cassetete.

— Você é Sapna Sinha? — ele se dirige a mim.

Atrás dele, meia dúzia de policiais. Faço que sim com a cabeça, ainda grogue de sono. Ma imediatamente fica tensa, o instinto maternal telegrafando que algo ruim está prestes a acontecer.

— Você está presa.

— Por quê?

— Pelo assassinato de Vinay Mohan Acharya.

Sou acordada do cochilo.

— Você só pode estar brincando.

— Isto parece brincadeira pra você? — ele pergunta, apontando para um mandado de prisão em meu nome.

— Deve haver um er...

Mamãe nem espera o fim da frase. Ela solta um uivo de angústia e desmaia.

Ser presa é facilmente a experiência mais desgastante e desorientadora da vida. Ela racha seu mundo em dois: antes e depois da prisão. Você é repentinamente arrancada de sua vida diária, de sua família e de seus amigos, e jogada no ambiente mais estranho possível.

Sou levada à delegacia de Vasant Vihar e indiciada por assassinato. Eles colhem minhas digitais, DNA e tiram fotos. Meu apartamento é vasculhado e meu computador é levado, junto com meu diário. As roupas que eu usava ontem, bem como meu tênis, também, e meu celular são confiscados. Sou apresentada diante de um juiz que recusa a me dar fiança e me deixa sob custódia da polícia por sete dias.

Agora, estou à mercê do comissário-assistente de polícia I. Q. Khan. Um homem alto e em boa forma, com um rosto enrugado e bigode aparado. Há algo muito “não policial” a respeito dele. Tem o jeito militar de um soldado e a elegância cultivada de um velho aristocrata.

Uma policial chamada Pushpa Thanvi fica grudada em mim como uma gêmea siamesa. Ela é uma mulher acima do peso e peituda, com a pele manchada e a voz de um pato com laringite. Observa-me como um falcão e tem o irritante hábito de me cutucar sempre que precisa chamar minha atenção.

Ainda mais irritante é a encarada sem piscar de Khan quando estou sentada de frente a ele. A fadiga da noite anterior, em conjunto com toda a correria da manhã, deixou-me exausta. O único pensamento circulando em meu cérebro é que estou em um sonho horrível e vou acordar em breve.

Estamos reunidos na sala de Khan, um cômodo grande e sem graça, ainda mais sufocante por conta das cortinas de veludo vermelho. As paredes caiadas são adornadas por retratos emoldurados de Gandhi, Nehru e Subhash Chandra Bose, além de citações motivacionais de Einstein e Khalil Gibran. Uma televisão de LCD Philips presa à parede está desligada, mas o relógio ao lado está ocupado contando os segundos para as cinco para as quatro da tarde.

— Você está pronta para confessar? — ele pergunta, olhando dentro de meus olhos.

Afasto o olhar, esmorecendo sob seu escrutínio sem culpa.

— Não tenho nada a confessar.

— Você foi à casa do sr. Acharya ontem à noite ou vai negar até isso?

— Eu fui até a casa de Acharya. Mas não matei ninguém. Para ser mais precisa, não encontrei ninguém lá. Fiquei apertando a campainha, mas não atenderam. Aí, voltei ao hospital.

— Então, você não achou o cadáver dentro do quarto dele?

— Não. Nunca entrei no quarto dele. Na verdade, nem consigo acreditar que ele esteja morto.

— Então, olhe para esta foto — ele diz, empurrando a fotografia pela mesa.

É a “foto oficial” do homem assassinado, tirada pelo fotógrafo forense. Vejo um rosto pálido feito cera abaixo da cabeleira prateada. Parece Vinay Mohan Acharya. Está deitado em uma poça de sangue, vestido em um *kurta* de seda amarelada. Seus olhos estão abertos, mas ele está bem morto, seus traços congelados em uma careta agonizante. O cabo da faca sai do peito manchado de sangue.

Um calafrio involuntário atravessa meu corpo. Mesmo tendo visto o cadáver com meus próprios olhos, não consigo compreender a irrealidade da morte de Acharya, embora eu esteja esperando que ele entre na delegacia e declare: “Você falhou no último teste!”.

A única coisa que não sinto é arrependimento. Acharya cometeu um crime horrível e merecia morrer. Mas quem o matou e por quê? Era um mistério ainda a ser resolvido.

Empurro a foto de volta.

— Quem achou o corpo?

— Foi o dr. Kabir Seth, o médico pessoal do sr. Acharya. Acharya esteve em Mumbai a semana toda, no hospital Tata Memorial. Voltou a Delhi ontem. Ontem à noite, às vinte e duas e cinquenta, ligou para o dr. Seth, reclamando de desconforto e pediu para que ele viesse até Prarthana. Quando o dr. Seth chegou, pouco antes da meia-noite, encontrou o corpo do sr. Acharya sobre uma poça de sangue e imediatamente alertou aos seguranças do portão, algo que você deveria ter feito se não tivesse matado o sr. Acharya.

— Por que você acha que eu matei o sr. Acharya?

— Bem, vamos ver. Ao menos vinte pessoas no hospital Shastri ouviram você gritando ao telefone com o sr. Acharya às vinte e duas horas, ameaçando matá-lo. Você chegou sob chuva torrencial à casa dele às vinte e duas horas e cinquenta e oito minutos. O guarda do portão conversou com o sr. Acharya em pessoa pelo interfone e recebeu instruções para permitir sua entrada.

— Sim, eu o ouvi também.

— Bem, então você mesmo afirma que ele estava vivo às vinte e três horas. O médico-legista afirmou que a hora da morte não foi antes das vinte e duas horas e nem depois das vinte e três e quinze. Já que o sr. Acharya estava muito vivo às vinte e três horas, isso significa que ele foi morto entre vinte e três horas e vinte e três e quinze. Você era a única pessoa dentro da casa nesse período. Portanto, apenas você pode tê-lo matado.

— Como você sabe que eu era a única pessoa dentro da casa? O verdadeiro assassino deveria estar escondido lá dentro.

— Prarthana é uma fortaleza. Até um pássaro não ousa voar lá dentro sem permissão. No sábado, apenas dois visitantes entraram nas dependências. Um foi Rana, o ajudante do sr. Acharya, que foi até a casa às dezenove horas e trinta, ficou uma hora com o sr. Acharya e saiu às vinte horas e trinta e cinco. A outra pessoa foi você. — Ele pausa para consultar as notas antes de retomar: — Depois de chegar de Mumbai às dez horas, o sr. Acharya não saiu da casa o dia todo. Ele almoçou no horário de sempre, treze horas e trinta, e jantou às dezenove horas. Em seguida, dispensou todos os criados, dizendo que não queria ser perturbado sob nenhuma circunstância. Todos os empregados saíram às vinte horas e trinta. Rana saiu cinco minutos depois, às vinte horas e trinta e cinco. Depois, ninguém mais entrou na casa até sua chegada. A equipe de segurança no portão está absolutamente certa disso. Ou seja, depois que você

adentrou Prarthana, você e o sr. Acharya eram as únicas pessoas dentro da casa. Dez minutos mais tarde, ele está morto e você está em um auto, fugindo. — Ele pausa e continua com o mesmo olhar fixo. — Então, por que você matou o sr. Acharya? Pelo que sei sobre ele, era um homem bom e gentil. Uma fonte de generosidade filantrópica.

— Ele era um monstro — eu chio entre os dentes. — Você não sabe nada sobre ele. Ele destruiu a vida de Neha. E agora destruiu a minha. Tudo por causa dos sete testes malditos.

— Que sete testes?

Respiro fundo e sigo em frente:

— Tudo começou quando ele me abordou no templo Hanuman em uma tarde de inverno.

Falando continuamente por mais de uma hora, conto tudo, começando pelo fatal encontro em Connaught Place e terminando no ataque com ácido contra Neha.

Khan escuta-me com atenção total, tomando notas em seu caderno fino. Quando termino, ele respira fundo, esfrega a ponta do nariz contemplativamente e cita um dístico em urdu:

— *Katl bhi hue hain hum aur kasoorwar bhi hum the/ Apne hi katil se ishq me giraftar bhi hum the:* Sou o assassinado bem como o culpado/ Meu crime: amar meu assassino.

— Acharya não estava apaixonado por mim, nem eu por ele — eu corrijo.

— Isso é o que nós vamos ver — ele diz quando um subinspetor entra no cômodo e o cumprimenta atiladamente.

— *Jai Hind*, senhor. A imprensa está reunida lá fora. O que devo dizer-lhes, senhor?

Khan suspira, exasperado, e assente com a cabeça.

— Diga que estou indo atualizá-los.

Ele se levanta da cadeira e fala com Pushpa Thanvi.

— Fique de olho nela. — E com passos largos, sai da sala.

Agora que ela fica a sós comigo, o rosto da policial se contorce em um sorriso metido. Ela vai até a janela, levanta a cortina pesada e espia lá fora.

— Está todo mundo aqui. — Ela dá uma risadinha.

— Todo mundo quem?

— Aaj Tak, Zee News, Star, IBN-7, NDTV, Sunlight, ITN... Finalmente vou conseguir realizar meu sonho de aparecer na TV.

Ela pega um espelhinho e checa os dentes.

Khan fica fora por uma hora. Quando volta, sua linguagem corporal está bem diferente.

— Espero que tenha usado o intervalo sabiamente para se arrepender — ele diz, parado a meu lado.

Estou sentada, olhando pensativamente para o chão de cimento, puxando fios de meu *salvar* azul-celeste. Ele sorri de um modo meio triste ao citar outro dístico em urdu:

— *Voh kaun hain jinhen tauba ki mil gai fursat/ Hamein gunaah bhi karne ko zindagi kam hai:* Quem são os sortudos que possuem o luxo do arrependimento/ Eu não tenho tempo nem para pecar.

Ele se senta e recomeça rapidamente:

— Acabamos de localizar o testamento do sr. Acharya.

— E?

— Ele doou toda a sua fortuna para caridade. Portanto, se esperava ficar com a riqueza dele, sinto muito.

— Acharya era contra a cultura da herança. Ele apenas me prometeu que eu seria a CEO, não sua herdeira.

— Temo ter mais más notícias para você.

— O que foi agora?

— A equipe forense acabou de confirmar que o sangue encontrado em seu tênis é o do sr. Acharya. Você tomou a precaução de lavar os sapatos para tirar o sangue, mas não notou que ele tinha escorrido entre as duas solas. Nós encontramos.

Meu coração bate violentamente, e o sangue sobe ao meu cérebro. Estou prestes a dizer algo quando ele levanta a mão.

— Espere. Fica pior. A equipe também confirmou que as digitais na faca usada para o assassinato são suas.

— Isso é totalmente impossível! Eu nunca toquei a faca.

— Talvez isto refresque sua memória — ele diz, segurando a arma do crime dentro de um saco plástico.

De perto, vejo que ela me é estranhamente familiar. Noto o logo da KK Thermoware no cabo de madeira e o reconhecimento é como um soco na barriga. É a mesma faca que comprei do vendedor ambulante na noite em que fui atacada por aqueles três bandidos no parque.

— Tecnicamente, chamamos seu caso de “abre e fecha” — Khan comenta ao fechar seu caderno. — Poupe-se de um interrogatório longo e assine a confissão. — Ele me olha com esperança.

Nego com a cabeça.

— Eu não matei Acharya. Mas agora tenho uma boa ideia de quem possa ser o assassino.

— Bem, vamos ouvir.

— Rana. Apenas ele tinha acesso a essa faca com minhas digitais.

— Como?

— Você não percebe? Acharya mandou aqueles caras me atacarem no parque como parte do terceiro teste. Eles levaram minha faca e devem tê-la retornado para Acharya ou Rana. E a mesma faca foi usada para matar Acharya. O que significa que apenas Rana poderia ter feito isso.

— Mas Rana deixou Prarthana às oito e trinta e cinco e não voltou até meia-noite.

Ao pensar na questão, tenho outra ideia.

— Mas e se não foi um assassinato, mas um suicídio?

Ele me olha atentamente.

— Você agora vai alegar insanidade?

— E se foi suicídio? — repito. — Lembra o sétimo teste? Acharya disse que seria o mais difícil de

todos. Bem, é isto.

— Não faz sentido.

— Veja, Acharya foi quem colocou os bandidos para me agredirem no parque e pegarem minha faca. Depois, ele me atraiu até sua casa com a história do ataque com ácido. Quando estava chegando, ele esfaqueou-se com a mesma faca, para que eu fosse enquadrada pelo assassinato. É facilmente a maior crise de minha vida. Portanto, o teste final. CQD: Como queríamos demonstrar. — Você pode apresentar essas teorias elaboradas para o advogado indicado pelo Estado. — Khan dá risada e sinaliza para a policial que o interrogatório acabou. — Leve-a para a cela feminina.

— *Jai Hind*, senhor *ji*. — Pushpa faz uma saudação meia-boca e me cutuca na testa. — *Chalo*. Vamos.

Ela me acompanha por um corredor curto. Passamos pela cela masculina, onde dois homens malcuidados, com a barba por fazer, estão com as costas curvadas perto da porta. Eles me observam com curiosidade insensível. Tapo o nariz, incapaz de suportar o forte cheiro de bebida que irradia deles como fumaça de incenso.

No fim do corredor, fica a cela feminina, que felizmente está vazia. Pushpa destranca a porta pesada, permite que eu adentre e bate com tanta força que o eco metálico aturde meus ouvidos como um trovão. Fico parada um momento encarando a luz fraca e empoeirada que atravessa a grade da porta de ferro, piscando entre lágrimas e absorvendo o fato de que eu estou encarcerada.

Em teoria, a custódia policial significa que o acusado fica na delegacia sob vigilância policial temporariamente, até o próximo julgamento. Na prática, significa ficar presa em uma cela fétida e opressiva que exala miséria humana. As paredes da cela feminina estão manchadas de mofo, rabiscos e anos de sujeira. O chão é concreto áspero. Não há janelas e nem luz do sol, tornando o lugar sombrio e melancólico mesmo à luz do dia. A cama é um colchão encaroçado e infestado de pulgas. O pior: o banheiro não é separado. Atrás de uma parede baixa, um sanitário ao estilo indiano, sem uma caneca, sem papel, sem água encanada. Exala o cheiro de excremento e urina das ocupantes anteriores. Um balde de metal no canto está lambuzado de fezes. O cheiro é tão distinto, tão forte que é possível sentir o gosto.

Eu enfrentei a prisão e o interrogatório com coragem determinada, mas eu não aguento ficar nesta cela horrível e malcheirosa. Quero morrer. Sei que se ficar neste inferno por mais de vinte e quatro horas, vou enlouquecer.

A feiura opressiva das paredes me sufoca. Tento com ímpeto, mas não consigo respirar. Arrasto-me até a porta e agarro as barras de ferro.

— Socorro! — eu grito como um interno do hospício. — Me tirem daqui! Por favor, pelo amor de Deus.

— *Kya hai?* Qual é o problema? — Pushpa Thanvi aparece. — Por que está fazendo esse escândalo?

— Não consigo ficar aqui.

— O que você queria? O Sheraton?

— Eu... eu preciso ir ao banheiro.

— Então vá — ela late. — Tem um bem atrás de você.

— Não consigo ir aqui. Por favor, você não pode pelo menos me levar a um banheiro decente?

— Não — ela declara com a contundência de um juiz dando o veredicto. — Os presos têm de usar o banheiro *dentro* da cela.

— Eu imploro — choro. — Por favor, mostre um pouquinho de consideração.

Khan ouve minhas súplicas e vem a passos largos pelo corredor. Ele vê minha face manchada de lágrimas e compreende.

— O.k., como uma exceção, permito que use o toalete das policiais. Pushpa, leve-a, mas a mantenha fechada à chave o tempo todo.

— *Jee*, senhor *ji* — diz Pushpa, claramente infeliz por ter sido contrariada.

Ela me guia até o pátio aberto e retangular com uma grande goiabeira no centro. Ele é rodeado por dezenas de salas. Leio as placas de madeira penduradas na frente de cada uma: Caserna, Sala de Computação, Sala de Interrogatório, Sala do Investigador, Sala Wireless, Sala das Provas...

O toalete feminino fica localizado do lado noroeste do pátio, voltado para os fundos, em frente à Sala de Descanso Feminina, onde cinco policiais estão sentadas, assistindo a seriado na TV. Pushpa abre a porta com uma chave e me empurra rudemente para dentro.

— Bata na porta quando tiver terminado. Eu estarei bem ali assistindo *Ladies Special* com as minhas amigas.

Quando a chave gira do lado de fora, sou tomada por uma sensação de vergonha e degradação que me embrulha o estômago. O que aconteceu com a minha vida? É a pergunta que não quer calar. Agora, preciso implorar para alguém até para fazer xixi.

Sento na privada rachada, fecho os olhos e tento imaginar-me em outro lugar. Uma tarde de domingo ensolarada, nuvens brancas passeando pelo céu perfeitamente azul. À distância, a névoa nas montanhas cheias de pinheiros. Estou aninhada com um livro de poesia embaixo de um carvalho. Atrás de mim, Ma e Papa estão sentados em cadeiras de vime, rindo e papeando. Alka e Neha estão deitadas na grama, aproveitando a luz do sol. É um lugar sem medo, sem tristeza, sem a polícia. Perco-me nesse mundo há muito perdido até ser puxada de minha fantasia por alguém batendo com força à porta. Ouço a voz áspera de Pushpa trazendo-me de volta à realidade:

— Arre, você tá cagando ou se arrumando pra uma festa? Faz meia hora!

Quando volto para a cela, há uma marmita me esperando com o jantar. É um agrado inesperado, consistindo de kebab *galouti* e *biryani* de galinha. Pushpa revela que a comida veio da casa de Khan.

— Que magia negra você fez pra ele ser tão generoso com você? — ela pergunta maliciosamente.

A bondade de Khan traz lágrimas a meus olhos, tornando a prisão um pouco mais suportável. Ainda assim, passo a noite sentada com as costas contra a parede. Não arrisco o colchão infestado de pulgas.

A manhã traz um novo dia e uma visita bem-vinda: Ma. Encontramo-nos na Sala de Visita, sob o olhar de falcão de Pushpa.

— Como você está, *beti*? — Ma pergunta com tamanha preocupação que não tenho coragem de lhe contar a verdade.

— Estou bem, Ma. Está tudo bem. E a Neha?

— Está se recuperando bem. Ela manda um beijo.

Uma lágrima escorre e, antes que me dê conta, estou soluçando. Ma puxa-me para seu peito e faz carinho em minha cabeça, silenciosamente despejando seu amor e sua afeição. Ficamos assim por quase dez minutos, uma comunhão telepática que não necessita de palavras ou gestos desnecessários. E eu sinto algo passando dela para mim, uma segurança protetora de que não estou só, uma energia espiritual curativa que suga a tensão e a negatividade de mim.

Nessa manhã, entendo pela primeira vez a verdadeira profundidade da ligação mãe-filha, sua intensidade feroz, sua natureza indestrutível e, acima de tudo, seu poder de redenção.

Logo antes do meio-dia, o advogado também faz uma visita tardia. Sr. Trilok Chand é um homem pequeno e esquelético, vestido em um casaco preto mal-ajambrado, que inspira tanta confiança quanto um absorvente caseiro.

— Analisei seu caso — ele me diz em sussurro conspiratório — e não parece muito bom.

— Para mim ou para a polícia? — sou obrigada a perguntar.

— Para você. As provas contra você são muito fortes. O sangue do assassinado estava nos seus sapatos, a faca que o matou tinha suas digitais. Você mentiu para a polícia sobre não ter entrado na casa. E você tinha motivo, meios e oportunidade, as três coisas necessárias para uma condenação por assassinato.

— Você parece mais o promotor público do que meu advogado.

— Você não precisa de um advogado — ele diz, lambendo os lábios rachados. — Você precisa comprar um juiz.

O acontecimento mais impressionante do dia chega às três da tarde. Khan convoca-me até sua sala, onde está com um olho no telefone e outro na TV de LCD sintonizada na Sunlight TV. Shalini Grover está na frente do Kyoko Chambers, que está rodeado por veículos da polícia.

— Está é, sem dúvida, a maior história do ano — ela afirma sem fôlego ao microfone. — Dois dias após o sensacional assassinato do industrial Vinay Mohan Acharya, quando a polícia invadiu a elegante sede do Grupo ABC para revelar mais pistas sobre a sangrenta morte, descobriu-se algo completamente inesperado. Dentro do cofre de Acharya, mantido em sua sala particular, investigadores depararam-se com um esconderijo de documentos secretos que fazem as revelações da WikiLeaks parecer pegadinha juvenil.

A câmera corta para uma gravação de um investigador federal:

— Ainda estamos analisando todas as informações coletadas no cofre, mas a análise preliminar nos leva a acreditar que há uma ligação entre Acharya e a Atlas Investments.

— Não! — eu exclamo.

— Sim — Shalini contradiz —, a Sunlight declara com certeza que Vinay Mohan Acharya foi desmascarado como a mente por trás da Atlas, a elusiva companhia de fachada que foi o centro de virtualmente todas as fraudes recentes.

Khan desliga a TV com o controle remoto.

— Incrível, não é? — Ele volta-se para mim: — Esse homem doa todo o dinheiro para a caridade, e aí descobrimos que sua fortuna foi obtida ilegalmente. Acharya fingia ser a epítome da retidão, mas era, na verdade, o maior fraudador que este país já produziu. — Rapidamente, ele solta mais um dístico: — “Ó, virtuoso, como eu o venerarei/ Mas você era um pecador maior do que eu jamais serei”.

— Isso vai ter algum impacto no meu caso?

— Assassinato é assassinato — ele declara amargamente. — Se você mata um criminoso *dacoit* ou uma freira, a punição é a mesma.

— E o que vai acontecer com a empresa de Acharya?

— Não sei. Pode até falir se as autoridades fiscais decidirem por uma pena alta ao caixa dois de Acharya. Ou o conselho pode decidir vender a outro conglomerado. Sei que Ajay Krishna Acharya, o irmão gêmeo de Acharya, está disposto a comprar o Grupo ABC. Provavelmente, vai conseguir.

— Vai ser a cereja no bolo. Acharya odiava o irmão com todas as forças. Na verdade, certa vez ele me confidenciou que pensava ser AK o chefe da Atlas. — Levanto os olhos para Khan com aquela perda de fôlego momentânea que vem com insights repentinos. — Claro! AK matou Acharya para que pudesse tomar a empresa do irmão.

Khan balança a cabeça em uma negativa lenta.

— Já verifiquei a possibilidade. AK estava no Grand Regency Hotel na noite em que Acharya foi morto.

— O que ele estava fazendo no Regency?

— Falando em uma conferência sobre planos de saúde na frente de mil participantes. Não há possibilidade de ele ter assassinado Acharya.

— Ainda acho que Rana é a chave para o caso todo. Você não deveria interrogá-lo agora?

— Já o convoquei. Deve chegar em cinco minutos.

Rana entra na sala de Khan um pouco diferente da última vez em que o vi. Talvez tenha algo a ver com sua camisa polo, calças cáqui e sapatos refinados, emprestando-lhe um ar de prosperidade fácil.

— Espero que apodreça no inferno — ele sussurra com raiva para mim ao sentar-se ao meu lado.

Khan lida com ele com a brusca proficiência de um investigador experiente.

— Qual a natureza de sua relação com o sr. Acharya?

— Eu era seu principal ajudante. Você pode pensar em mim como um tipo de secretário confidencial.

— Então, é verdade que o sr. Acharya selecionou a srta. Sapna Sinha para possível CEO do Grupo ABC?

Ele assente com uma cara feia.

— Foi um erro. Eu avisei ao Chefe.

— O que levou o sr. Acharya a escolher a srta. Sapna?

— Não tenho ideia. O Chefe não dividia tudo comigo. Meu palpite é que ele estava por algum motivo atraído por ela. Por isso, setembro passado, ele comprou a Gulati & Sons em segredo.

— Mas isso foi antes de ele me conhecer! — intervenho.

— Continue — pede Khan. — Portanto, o sr. Acharya comprou a empresa na qual a srta. Sapna trabalhava. Depois, encontrou-se com ela e avisou que queria fazer dela a CEO de seu grupo se ela passasse nos sete testes, certo?

Rana assente.

— E você ajudou o sr. Acharya a executar esses sete testes?

— Sete não. Apenas seis.

— Como assim?

— Recentemente, o sr. Acharya ficou muito doente e não teve tempo de planejar o sétimo.

— Isso é pura mentira — intrometo-me outra vez.

— *Sahib*, você pode conversar com o dr. Chitnis no Tata Memorial, em Mumbai — diz Rana sem emoção. — Ele vai lhe mostrar o histórico médico do sr. Acharya, que provará que o Chefe estava com câncer pancreático. Estágio terminal. Ele morreria em breve de qualquer maneira. Mas esta mulher — ele pausa para me jogar um olhar de desprezo manifesto — não poderia esperar tanto.

— Ele está inventando — afirmo.

Khan atira um olhar sério para mim antes de retomar o interrogatório:

— Você tinha consciência de que o sr. Acharya era o cabeça por trás da Atlas?

— Não tinha ideia. Foi um choque tremendo para mim.

— Mas você é o ajudante em que ele mais confiava. Por que ele não lhe confiava as contas secretas?

— Acho que alguns segredos nunca são divididos. Mas eu lhe conto isto: o sr. Acharya era um homem bom, não o monstro pintado pela mídia.

Penso a respeito da encenação de Rana. Ele ainda veste a máscara do servo desinteressado, fingindo ser um criado devoto, o leal ajudante.

— Posso lhe perguntar quando foi a última vez em que viu o sr. Acharya vivo?

— Quando deixei Prarthana, no domingo, logo depois das oito e meia da noite.

— E para onde você foi depois que deixou a residência do sr. Acharya?

— Para minha casa.

— E onde exatamente fica sua casa?

— DDA, apartamento 4245, Setor C-1, Vasant Kunj.

— Você ficou em casa a noite toda?

— Não. Às dez e meia, fui para o Infra Red, um bar em Basant Lok.

— E quanto tempo ficou lá?

— Até meia-noite, quando recebi a ligação da equipe de segurança da Prarthana me informando do assassinato do Chefe.

— E o que fez depois disso?

— Imediatamente, fui para a residência do sr. Acharya, onde encontrei o dr. Seth. A polícia chegou um minuto depois.

O interrogatório arrasta-se por mais quinze minutos, mas não vai a lugar nenhum e eu fico cada vez mais impaciente.

— Se Acharya não planejou o ataque com ácido a Neha, quem foi? — eu exijo saber, fulminando Rana.

— Como eu vou saber? — responde Rana. — Isso é pra polícia descobrir.

— E nós descobriremos — diz Khan.

No fim do dia, Lauren vem me visitar, acompanhada de um menino alto com cabelos escuros.

— Lembra-se dele? — ela me pergunta.

Olho de lado para o menino e logo o reconheço.

— Guddu, certo? O expert em cadeados.

Um sorriso tímido cruza o rosto dele.

— Sim, senhora. Eu trabalhei na Mirza Metal Works até você e a dona Lauren me salvarem.

— O que você está fazendo agora?

— Aprendo computação na Foundation.

— Levante a cabeça — diz Lauren. — “Se não tivéssemos o inverno, a primavera não seria tão agradável; se não experimentássemos o sabor da adversidade, a prosperidade não seria tão bem-vinda.”

— Ela cita Anne Bradstreet.

Meu desânimo é tão grande que, em resposta, consigo apenas citar “A balada do cárcere de Reading”, de Oscar Wilde, sobre a vida na prisão:

— “Nós presos miseráveis/ só sabemos que as muralhas da prisão/ são altas, fortes e invioláveis;/ e que um dia é mais longo do que um ano,/ ano de dias infindáveis.”

Às seis da tarde, Khan chama-me outra vez à sua sala. Ele me olha com olhos solenes enquanto me sento à sua frente.

— As coisas não vão bem para você — ele diz. — Acabei de falar com o dr. Chitnis. Ele confirmou o que Rana nos disse. O sr. Acharya estava de fato sofrendo de câncer pancreático. A doença possui uma média de sobrevivência de três a cinco meses. A condição do sr. Acharya tinha deteriorado a tal ponto que o médico disse que ele teria apenas duas semanas de vida.

Meus olhos arregalam-se de surpresa.

— Acharya nunca mencionou uma palavra sobre seu câncer para mim!

— Vi a filmagem das câmeras de segurança do Infra Red. Rana esteve mesmo lá entre vinte e duas horas e quarenta e cinco e vinte e três horas e cinquenta e cinco, o que significa que o álibi dele é

inviolável.

— Ele deve ter manipulado as câmeras de algum modo. Tenho quase certeza de que ele estava na residência de Acharya quando entrei. Ele matou Acharya e deu um jeito de fugir, enganando a segurança no portão.

— Mas por que Rana mataria o patrão?

— Pela razão mais básica: ódio. Rana odiava Acharya por não ter sido o escolhido para o cargo de CEO. E ele me odiava por ter sido a escolhida. Por isso, matou Acharya e me enquadrou, matando dois coelhos com uma só cajadada.

— E se você tivesse passado no sétimo teste? Você acha que Acharya teria realmente lhe dado o posto?

— Não sei — respondo, mordendo o lábio.

— Acho que ele estava armando para você se tornar um bode expiatório. Você teria ficado culpada pelo rolo da Atlas.

— Sim. — Concordo lentamente com a cabeça. — Ele era muito mais engenhoso do que parecia.

Khan junta as palmas das mãos e me olha dentro dos olhos.

— Você quer confessar agora?

Olho de volta.

— Você realmente acha que eu matei Acharya? Acha que é simples assim?

Ele suspira.

— Assassinato nunca é simples. Mas temos de enxergar os fatos. E os fatos estão contra você. De qualquer modo, não sou mais o responsável por este caso. É grande demais para uma delegacia. A Diretoria de Inteligência Policial tomou o caso. Eles que vão interrogar você a partir de agora.

Meu primeiro encontro com a polícia federal acontece às oito da noite no mesmo dia.

— Eles querem você na Sala de Interrogatório — anuncia Pushpa, provocando um calafrio em minha espinha.

Imagino um porão iluminado por uma única lâmpada suspensa sobre uma mesa, em volta da qual homens medonhos sentam nas sombras e a fumaça do cigarro enevoa suas caras.

A Sala de Interrogatório é, no entanto, amplamente iluminada, com a atmosfera aconchegante de uma sala de aula. Há uma mesa de madeira cercada por cadeiras de metal sólidas e até um quadro-negro. Os três homens sentados ao redor da mesa, contudo, não parecem nem um pouco com professores. Todos identicamente trajados em seus ternos de safári sem adereços. Têm a aparência anônima de investigadores do governo.

Eles me mandam sentar no único assento oposto a eles, deixando claro que sou eu contra eles, um contra três.

E o interrogatório começa. Primeiramente, são polidos, fazendo perguntas rotineiras sobre minha família, meu emprego na Gulati & Sons e minhas interações com Acharya. Depois, gradualmente, o tom

muda. As questões tornam-se penetrantes, sugestivas e simplesmente ofensivas.

— Você teve relações sexuais com Acharya?

— Quantas vezes ele chamou você ao quarto dele?

— Você sabia da conexão de Acharya com a Atlas?

Por três horas, os investigadores me questionam sem piedade, tentando me forçar a admitir que matei Acharya. Ao permanecer firme, eles gritam e berram, intimidam e ameaçam.

— Nós vamos enforcar você pelo crime, se não confessar.

— Então, enforcem — desafio. — Mas não vou admitir um crime que não cometi.

Emaranhada em uma investigação policial, percebo, é como cair na areia movediça. Não importa o quanto lute para escapar, você acaba afundando cada vez mais. Pouco a pouco, os federais reúnem provas contra mim, ligando os pontos, criando uma acusação concludente. Pelo que consigo apanhar, o caso é o seguinte: eu era amante de Acharya e tinha um caso com ele; Acharya me prometeu o cargo de CEO de sua empresa desde que eu passasse nos sete testes; após ter completado seis testes, fiquei impaciente, querendo botar as mãos no dinheiro dele logo; no meio da história, um incidente completamente não relacionado, o ataque a Neha, aconteceu; pensando ter sido trabalho de Acharya, fui até a residência dele com a faca, para chantageá-lo; Acharya rejeitou minhas demandas e, em um acesso de raiva, e o ataquei com a faca e o matei.

Devo admitir que a hipótese soa bastante plausível. Na verdade, ao fim do terceiro round de interrogatório coercitivo, quase começo a acreditar nela. Talvez eu tenha mesmo matado Acharya e a experiência foi tão traumática que tranquei a lembrança bem no fundo de minha memória e joguei a chave fora.

Como parte da estratégia, o pessoal da polícia federal tenta todos os tipos de jogos mentais. Deixam-me sem dormir e sem comida. Instruções são dadas para que me tratem como um criminoso de segurança máxima. Um guarda fica a postos todas as noites do lado de fora de minha cela. Como se eu fosse uma Houdini do crime que seria capaz de escapar de uma cela trancada e sem janelas.

O interesse da mídia pelo caso não dá sinal de cansaço. Há mais vans de filmagem paradas na frente da delegacia de Vasant Vihar do que na frente da 7 RCR, a residência do primeiro-ministro. Minha prisão é a história número um de audiência na Índia, ganhando até das novelas. Um diretor famoso pretende filmar minha biografia. Como ele mesmo diz: “Escândalos saborosos giram em torno de dinheiro, assassinato e sexo. E quando os três estão presentes, como é o caso de Sapna Sinha, você tem um supersucesso em mãos!”.

Nirmala Ben aparece no quinto dia de minha prisão. A notícia de sua visita iminente provoca um rebuliço na delegacia.

— Você conhece a Big Ben? — Pushpa Thanvi pergunta com assombro reverencial, olhando-me com

respeito.

A gandhista chega à uma da tarde, mas não é levada diretamente a mim. Primeiro, toma uma xícara de chá na sala de Khan. Depois, ele a acompanha para uma inspeção da delegacia. Ela espia as variadas salas em torno do pátio, posa para fotos e até autografa. “Big Ben, Big Ben”, ouço cantoria, vivas e risadas. Minha ansiedade está no auge quando a sra. Nirmala Mukherjee Shah entra da Sala de Visita, que foi previamente limpa e decorada com um arranjo floral.

Ela está confortavelmente elegante em um sári branco simples. Um bando atizado de fotógrafos e câmeras surge atrás dela como um tsunami. Os repórteres tropeçam nos cabos e uns nos outros em sua tentativa desesperada de conseguir um trecho da conversa. Não é todo dia que eles têm a chance de gravar um encontro entre a mais famosa guerreira anticorrupção e a detenta mais famosa do país.

Pushpa gruda ao meu lado enquanto flashes disparam na minha cara vindos de todas as direções. A turba de jornalistas aproxima-se, enfiando o microfone como adagas. Levanto as mãos na frente do rosto, encolhendo-me diante das luzes fortes e vozes agudas dessas pessoas que querem transformar minha desgraça em espetáculo.

Khan tenta obrigar as equipes de reportagem a sair depois da pose para fotos, mas ninguém ouve. Fica por conta de Nirmala restituir o mínimo de ordem.

— *Dekhiye*, vejam: esta é uma visita particular — ela diz com as mãos cruzadas. — Por favor, permitam que eu encontre minha enteada a sós. Depois, irei me encontrar com todos vocês do lado de fora. *Barobar chhe ne?* Tudo bem?

É como um mágico fazendo um truque de hipnose maciça. A horda parte instantaneamente, deixando a gandhista a sós comigo, Khan e Pushpa.

Nirmala olha bem dentro de meus olhos, vasculhando-os, e encontra a verdade que está procurando. Como um bom médico que sabe o que o paciente tem de errado apenas medindo sua pulsação, ela entende o que estou passando, meu tormento.

— Seja corajosa, minha menina — ela diz. — Lembre-se de que a coragem não é uma característica do corpo, mas da alma.

Em seguida, ela me abraça, puxando-me para perto de seu ombro. Aperto-a com força, sentindo seu calor, procurando aquela fonte de compaixão e compreensão que encontro em Ma. Embora eu tente com força não chorar, o poço da tristeza e do desespero dentro de minha alma transborda e eu começo a soluçar como uma criança perdida. Ela alisa meu cabelo, acalmando-me.

— Não se preocupe, tudo será resolvido. Eu avisei Susheela também que farei meu melhor por Neha. Vinte minutos depois, Nirmala Ben prepara-se para ir embora.

— Encerre o dia com oração, para que tenha uma noite sem sonhos e pesadelos — ela oferece como conselho de despedida enquanto pega minhas mãos na dela.

Sinto algo metálico sendo passado para minha mão e instintivamente agarro o objeto com o punho. Em seguida, ela curva a cabeça em namastê e sai da sala.

— Que mulher incrível — diz Khan ao me acompanhar de volta à cela.

— Eu tirei uma foto com ela, senhor — Pushpa exulta, ganhando uma cara feia do patrão.

Eu abro meu punho e encontro uma pequena chave.

Nirmala Ben foi embora, deixando um mistério para mim. O que é essa chave? O que ela abre? Por que deixou comigo?

Giro a chave na mão. É uma chave comum de aço inoxidável, nada de especial. Daquele tipo usado para trancar armários e guarda-louças. Mas não há nada disso na cela. “Deve ser coisa da cleptomania”, concluo ao guardar a chave no bolso da *kameez*.

Mais tarde, um médico vem me examinar. O interrogatório incessante da polícia federal prejudicou minha saúde, tanto mental quanto física. Uma combinação nauseante de terror, tristeza, desesperança e desamparo alojou-se permanentemente dentro de meu estômago. Inevitavelmente, impacta meu intestino, provocando uma diarreia tão forte que preciso sair correndo ao banheiro, mesmo de madrugada, para irritação de Pushpa.

Passa da meia-noite, mas não estou com sono. Embora o desânimo me açoite todos os dias, estou particularmente abatida hoje. Rola uma conversa sobre me transferir para Tihar, onde apenas os piores criminosos são acolhidos. A perspectiva de passar o resto da vida atrás das grades se apresenta para mim como o inverno siberiano: estéril, sombrio e completamente desolado.

Ainda acredito em Khan, mas ele foi reduzido ao status de um observador de mãos atadas. Os homens da investigação federal têm sua própria maneira de agir e não vão parar até que tenham garantido minha condenação. Sinto as portas se fechando.

— Apenas um milagre pode salvar você agora — diz meu advogado.

Mesmo a deusa Durga parece ter me abandonado, fazendo minha fé vacilar.

Perdida em pensamentos, mal ouço a porta sendo aberta. É Pushpa Thanvi, com sua cara azeda de sempre.

— Não aguento mais seus amigos — ela declara.

— Por quê? O que aconteceu?

— Agora você tem um telefonema.

— De onde?

— Kochi.

— Kochi? Eu não conheço ninguém em Kerala.

— Então é melhor você contar para esse corujão maluco parar de nos perturbar nesses horários desgraçados — ela diz e me leva até a Sala de Reportagem, onde três policiais estão vigiando um antigo telefone de discar como cachorros em volta de um osso.

Pego o fone.

— Alô?

— É você, Sapna? — Ouço uma voz estalando com a estática de longa distância. É uma voz que eu

reconheceria mesmo a um milhão de anos-luz de distância.

— Karan? — pergunto, surpresa e feliz. — De onde você está ligando?

— De Coachella, na Califórnia.

O som da voz de verdade dele é um bálsamo para minha alma ferida, instantaneamente erguendo uma ponte sobre o abismo de distância e tempo entre nós.

— Sinto muito — ele continua. — Acabei de ficar sabendo sobre Acharya. Vou raspar minha poupança e pegar um voo para Delhi o quanto antes.

— Não precisa — eu digo. — Você tem coisas mais importantes...

— Nada é mais importante que você — ele me corta. — Acabei de começar no emprego aqui, mas ele pode esperar. Primeiro, tenho de tirar você desse rolo.

— Não há nada que você possa fazer, Karan.

— Já estou fazendo um pouco daqui, Sapna. Pedi para meus amigos na Indus me passarem detalhes do registro telefônico recente de Rana. Adivinhe com quem ele vem falando todos os dias desde a morte de Acharya.

— Quem?

— Ajay Krishna Acharya. Estou convencido de que o assassinato de Acharya foi uma conspiração bolada por Rana e AK. AK tem a mesma voz e a mesma aparência do irmão. E se ele deu um jeito de entrar na Prarthana aquela noite?

— Meu Deus! — cochicho. — Nunca pensei nessa possibilidade.

— Eu vou botar a boca no trombone. Espere e verá, Sapna. Estou chegando — ele diz antes de uma explosão de estática cortar a ligação.

Volto para minha cela cheia de uma nova coragem e de esperança renovada. Karan pode ser gay e estar em outro mundo, mas ele ainda é minha rocha, e com ele do meu lado, serei capaz de provar minha inocência.

Ao mesmo tempo, sou tomada por uma repentina e irresistível convicção de que preciso tomar as rédeas, dar um jeito de sair desta prisão sufocante.

Ando de um lado para o outro na cela pelas duas horas seguintes, vasculhando meu cérebro em busca de um plano de fuga quando o mal-estar na barriga volta. Espasmos urgentes rasgam meu abdome, fazendo com que grite de dor. Arrasto-me até a porta e berro para o guarda cochilando na cadeira.

— Preciso ir ao banheiro. Por favor, chame a Pushpa.

Poucos minutos depois, Pushpa aparece, esfregando os olhos de sono.

— Nem uma bruxa fica acordada até esse horário — ela murmura mal-humorada ao destrancar a porta. — Ah, o tormento que você é.

O pátio está silencioso como uma tumba. Escuto roncões de algumas salas. Pushpa empurra-me para dentro do banheiro feminino com um resmungo.

— Vou levar poucos minutos — eu murmuro.

— Por mim, você pode apodrecer aí a noite toda — ela responde, fuçando nos bolsos atrás da chave do banheiro. Não encontrá-la apenas aumenta sua irritação. — Onde está, caramba? — ela murmura, enfiando a mão no bolso da calça. — Sarla já perdeu a dela. Algum filho da mãe está roubando nossas chaves?

Por fim, ela acha a chave no bolso da blusa.

— Achei! — ela exclama, triunfante, segurando-a como um artefato antigo descoberto em um sítio arqueológico. Encaro o objeto, hipnotizada.

— Agora, cague o quanto quiser. Vou dar trinta minutos. Mas não ouse me incomodar outra vez esta noite, hein?

Ela me fuzila com o olhar e bate a porta, trancando-a pelo lado de fora.

Coloco a mão dentro do bolso de minha blusa e retiro de lá a chave que Nirmala Ben me deu. É idêntica à de Pushpa. Em um lampejo súbito de entendimento, compreendo o propósito da chave. Ela destranca o banheiro feminino. Há cinco policiais na delegacia e cada uma possui uma cópia. Nirmala Ben deve ter escamoteado de uma delas.

Começo a tremer perante as oportunidades. Tenho comigo não apenas a chave para o toalete, mas a chave para minha liberdade. Uma ideia impulsiva e selvagem toma conta de mim, uma que me faz jogar para o alto toda precaução. Espero até ouvir o eco dos passos de Pushpa se afastando. Depois, conto até duzentos e insiro a chave na fechadura. Encaixa perfeitamente. Faço uma breve oração e a giro o mais devagar possível. O som que ouço em seguida é o mais doce que um prisioneiro jamais pode ouvir: o som de uma porta destrancando.

Saio de fininho do banheiro, tranco outra vez e olho rapidamente ao redor. Não há sinal de Pushpa Thanvi e nenhum pio da Sala de Descanso Feminina. O pátio ainda está deserto, e o silêncio reina sobre a noite.

Com passos furtivos, eu deslizo até o corredor oeste. Acabo de passar pela Sala Wireless quando ouço uma porta bater atrás de mim. O susto é tão grande que quase perco o equilíbrio. De algum modo, consigo manter presença de espírito o suficiente para abaixar atrás de um pilar. Olhando para trás, um homem sai da Sala do Investigador, vestido apenas de colete e cuecas listradas. Por um momento, ele fica parado em confusão sonolenta antes de soltar um pum alto. Depois, coçando as costas peludas, ele vira à esquerda, sem dúvida na direção do banheiro.

Mal me recuperei do susto quando outro som soa no corredor. É uma pancadinha suave, como alguém batendo com a bengala no chão. Só pode ser o guarda noturno fazendo a ronda. Eu congelo como um ladrão pego com a boca na botija, certa de que ele me viu. Mas, por milagre, ele para, provavelmente por ter encontrado o homem de cueca listrada. Escuto sons de conversa abafados seguidos de gargalhadas. Percebo que é minha única chance e corro para a Sala do Investigador, cuja porta está semiaberta.

Fico agachada na semiescuridão, esperando o guarda passar. Ele anda como se passeasse, tendo todo o tempo do mundo. Conforme seus passos se aproximam, suor começa a escorrer em minha testa. E então

ele para, quase em frente à porta. Minha respiração fica presa nos pulmões. Há um ventilador ligado com força total, mas o único som que ouço é a pulsação do sangue em minhas veias. Escuto o guarda pigarrear e cuspir. Em seguida, continua pelo corredor, as botas rangendo no chão de pedra, como dobradiças enferrujadas.

Sinto o alívio me invadir como a luz da manhã. Agora, minha visão já está ajustada à escuridão do cômodo pequeno e lúgubre. Vejo uma mesa, um leito e um criado-mudo com uma jarra de água coberta. Obviamente, a sala vem sendo usada como quarto por um dos subinspetores. Quando estou prestes a sair de fininho, minha atenção é atraída por dois itens. Um é o uniforme pendurado em um gancho grudado à parede atrás da cama. E o outro é um coldre de couro sobre a mesa.

Outra ideia audaciosa germina em minha mente, uma que traz o sangue pulsante de volta às minhas orelhas.

Saio da sala parecendo alguém que vai a uma festa à fantasia. A camisa é duas vezes meu tamanho. As calças são longas demais, as barras se acumulam ao redor do calcanhar, como meias esgarçadas. Mas digo a mim mesma que é melhor parecer um palhaço do que um condenado em fuga.

Ando até o fim do corredor, olhando para todas as portas, mas, em vez de virar à esquerda na direção da cela e arriscar um encontro com o guarda, viro à direita, onde a recepção se junta ao pátio. A sala de Khan está fechada, mas há um grupinho de policiais do turno da noite na Sala de Reportagem. Estão tão concentrados no jogo de cartas que mal me notam ao passar pela janela aberta, seguindo na direção do portão de fora.

— Ei, Pushpa! — um deles grita. — Aquela *chhori* ainda está deixando você acordada a noite toda? — Os outros dão gargalhadas.

Cada nervo de meu corpo está tenso enquanto sigo na direção do portão. Estou com medo de alguém perceber que uso um uniforme masculino mal-ajambrado por cima de meu *salvar* feminino e avisar aos outros. A qualquer segundo, espero uma sirene soar e eu ser agarrada por trás. Mas eu não sou desafiada e nem impedida ao atravessar o portão de metal.

A delegacia fica do lado do complexo Priya, em Vasant Vihar, famoso por seus bares e restaurantes, e é para lá que eu vou. É difícil acreditar que estou enfim livre. Meu destino em minhas próprias mãos.

Mesmo sendo tarde da noite, o complexo está zunindo de vida. Os festeiros ainda estão nos pubs e há trânsito nas ruas. Encontro um autorriquixá deixando um jovem casal e subo imediatamente.

— Leve-me para Vasant Kunj, Setor C, rapidamente — digo ao motorista.

— Pague adiantado, cento e cinquenta — ele responde sem nem se dar ao trabalho de olhar para o cliente.

— Desde quando vocês, motoristas, começaram a pedir adiantado? — eu lato.

Ele vira a cabeça e vejo um rosto moreno coberto de cicatrizes de varíola. Só então ele nota meu uniforme, e seu comportamento muda por completo.

— Desculpe, senhora. Vamos pelo taxímetro — ele diz, submisso, e liga o display de tarifa.

Sorrio com satisfação por ter conseguido um raro triunfo: colocar um motorista de auto de Delhi em seu devido lugar.

Acabamos de chegar à Nelson Mandela Marg quando uma sirena dispara, perfurando a quietude da noite como um grito. O motorista acorda.

— Parece que algum ladrão fugiu — ele comenta.

— Sim — concordo com seriedade. — Parece ser o caso. Quem será?

A Nelson Mandela Marg está completamente vazia enquanto trepidamos na direção de Vasant Kunj. A rodovia de oito pistas é a artéria que liga Vasant Vihar a Vasant Kunj. É o lar de um hotel cinco estrelas, algumas instituições de ensino de ponta e dois dos maiores shoppings de Delhi. Também é famosa por ser um dos trechos mais perigosos da capital durante a noite, graças a patrulha escassa, iluminação inadequada e vegetação densa, sem habitações dos dois lados — o que é adequado para mim.

Os primeiros sinais de problema emergem quando estamos no trecho que sobe o morro perto da universidade Jawaharlal Nehru. Vejo barricadas de metal sendo erguidas no meio da rua, uma barreira sendo montada. Uma pontada de medo me atravessa. Eu não imaginei que a notícia de minha fuga se espalharia por todas as unidades policiais tão rapidamente.

— Pare! Pare! Pare! — Eu puxo o colarinho do motorista. — Vou descer aqui.

— Aqui? — Ele olha duas vezes. — Mas não há nada e ninguém por quilômetros.

— Está vendo aquilo? — Aponto para um barraco de zinco que provavelmente já foi usado um dia como vendinha de chá. — Fui enviada para investigá-lo.

— Como queira. — Ele dá de ombros e desliga o motor. — Serão cinquenta e duas rúpias, senhora — ele diz, lendo de uma tabela impressa, basicamente o medidor mais vinte e cinco por cento da taxa noturna.

Desço do auto e vasculho os bolsos do uniforme, torcendo para encontrar um pouco de dinheiro, mas não tenho sorte.

— Você está cobrando um policial em serviço? — questiono, tentando meu melhor para imitar o jeito grosseiro de um policial.

— Onde é que diz que policiais não precisam pagar? — ele desafia. — Mês passado, um inspetor tentou a mesma coisa, e nosso sindicato foi direto ao comissário, ameaçando entrar em greve.

— Eu posso não lhe dar dinheiro. — Eu balanço a cabeça. — Mas posso lhe enfiar uma bala na cabeça.

Ao mesmo tempo, retiro o revólver do bolso da calça e miro no rosto dele, com o trejeito teatral de um vilão de Bollywood.

Os olhos dele dilatam-se de medo, e um lampejo de terror e reconhecimento passam por eles.

— *Arrey baap re!* Você é a menina que vi na TV, a assassina.

O revólver fica pesado e desconfortável em minha mão quando o balanço para ele.

— Sim. E não vou ter remorso por matar você também.

— Não... não. Por favor, poupe minha vida. Tenho esposa e três filhas. Elas vão morrer sem mim.

— Então, vá embora imediatamente. Volte pelo mesmo caminho. E não dê um pio.

— Não darei, prometo. Estou indo... estou indo.

Ele treme ao ligar o motor. Dando marcha a ré, manobra o veículo na direção de Vasant Vihar e pisa fundo no acelerador.

Observo o auto até ele se tornar um pontinho. Em seguida, troto para o barraco de zinco e me recosto atrás dele. Meu corpo dói de fadiga e insônia. Preciso de um pouco de descanso, tempo para pensar meu próximo passo. Abaixo, a floresta avulta, escura e ameaçadora. É o morro da antiga cordilheira Aravalli, conhecida como serra South-Central.

Estou sentada há menos de dez minutos quando o ar começa a reverberar múltiplas sirenes. Espio de trás do barraco e vejo meia dúzia de viaturas vindas de Vasant Vihar na minha direção, suas luzes piscando como naves espaciais. Giro para o outro lado e encontro o mesmo número de viaturas chegando pelo outro lado, de Vasant Kunj. Todas parecem convergir no barraco.

“O motorista do auto deu com a língua nos dentes”, percebo, “e agora a polícia chegou para me capturar.” Ficar naquela rua não é mais uma opção. Tenho apenas um santuário possível: a floresta.

Encaro a ladeira íngreme à minha frente, que leva à ravina abaixo. É medonhamente escarpada e rochosa, mas momentos desesperados pedem ações desesperadas. Levantando a barra de minhas calças roubadas, começo a perigosa descida. Galhos e espinhos entram em meus calcanhares, terra solta entra nos sapatos, e pedrinhas pontiagudas e afiadas marcam meus joelhos, mas eu continuo a descer vagarosamente, com movimentos deliberados, até que tropeço e caio de cabeça em uma escarpa rochosa. A dor me atinge quando raspo os joelhos. E minha cabeça bate contra uma pedra, provocando um desmaio momentâneo.

Quando recobro a consciência, encontro-me jogada no chão como uma boneca de pano cujos membros estão cada um posicionado para um lado. Há terra em minha boca e folhas no meu cabelo. Gemo e me levanto para estudar o entorno.

Há árvores altas por todo o lado, formando uma copa única e densa. O chão é cheio de arbustos espinhosos, roseiras-bravas e sarças, todas cobrindo o chão de grés. Esta floresta primeva está viva com os sons de seus habitantes noturnos. Corujas piam, insetos ziziam. Algo desliza sobre meus pés e eu pulo para trás, alarmada, torcendo para que não seja uma cobra.

E então ouço algo que me gela: o latido estridente de cachorros, vindo de algum lugar acima. Pressionando-me contra uma árvore larga, levanto a cabeça e olho sem enxergar nada para cima. Vejo apenas fachos de luz no céu. A polícia não veio só. Trouxe holofotes e cães farejadores.

Agora, pela primeira vez, a realidade de ser uma fugitiva da justiça me atinge como uma bala em câmera lenta. Imagens dos dobermanns selvagens da residência de Acharya preenchem minha mente e eu fujo.

Enquanto avanço cegamente pela floresta selvagem, galhos atingem meu rosto como chicotes, arbustos sarmentosos tentam me impedir como arame farpado e folhas duras arranham minhas bochechas como mil agulhas. Não tenho ideia de para onde eu vou, mas sei que preciso ser mais rápida que os cães.

Tropeço e caio algumas vezes, minha camisa rasga e inúmeros cortes machucam minha face e braços, mas eu continuo a correr. Todos os meus poros estão cheios de suor; meus músculos estão tensos; minha

respiração arqueja soluços entrecortados; meu coração bate loucamente em sua cela — mas eu não desacelero. Tudo que percebo é o odor da floresta, os gravetos quebrando-se sob meus pés e o vento soprando entre as folhas. Mais do que pânico, mais do que instinto, é a pura vontade. Há uma voz em algum lugar dentro de minha cabeça me impelindo a continuar, fornecendo determinação pura para ignorar todas as necessidades corporais de sono, comida e água, e apenas continuar. Hoje à noite, corro pela minha liberdade, e nada vai me parar.

Depois de três horas de corrida intermitente, a escuridão clareia, e as árvores rareiam. Os primeiros raios da aurora atravessam a floresta com espadas, empurrando a escuridão. Passarinhos começam a piar, e eu ouço o gorgolejar suave de um rio. Mas sobrepujando esses sons está o destoante estrépito do trânsito em uma via próxima.

Sigo esse som por mais algumas centenas de metros até abruptamente estacar. Cheguei à fronteira da floresta. Troco o verdejante ambiente por uma pedreira de cascalho. Canos gigantes de concreto estão espalhados pelo terreno, sem dúvida preparando o local para a construção de outro hotel cinco estrelas ou um shopping grã-fino. Lentamente, mas certamente, o pulmão verde da serra vai ser sacrificado no altar do desenvolvimento comercial.

À distância, vejo a parte de trás de algum tipo de complexo coroado por uma abóbada brilhante que me parece muito familiar. Exercito a memória e me lembro de tê-lo visto no DLF Emporio Mall. O que significa que cheguei em Vasant Kunj.

É um local cuja geografia eu conheço bem, pois Papa deu aulas por pouco tempo na Ryan International School, no Setor C.

O horizonte torna-se um ímã místico, atraindo-me. A adrenalina ainda corre pelas minhas veias. Minhas pernas estão dormentes, mas não sinto dor nem fadiga.

Tiro o uniforme policial, que já está em frangalhos, e jogo em uma tubulação. Peso o revólver em minhas mãos antes de colocá-lo no bolso de dentro da *kameez*. Aliso o *salvar*, esfrego o rosto e puxo o cabelo para trás. Inspiro profundas lufadas de ar e volto a correr pela última vez.

Sigo para a estrada, para o Setor C-1, para Rana.

O Setor C é o primeiro setor de Vasant Kunj vindo da direção de Vasant Vihar. O Bolsão 1 fica bem próximo da rua principal, e a cacofonia do trânsito na Abdul Gaffar Khan Marg assegura que a notícia de minha fuga ainda não atrapalhou o ritmo do dia.

A colônia ainda está acordando quando me aproximo do portão de entrada. Ele é controlado por um segurança jovem que me encara com suspeita.

— *Nayi aayi kya?* Você é nova por aqui? — ele fala comigo de um modo casual, desinteressado, como se estivesse se dirigindo a alguém de status inferior.

Primeiro, não entendo. Mas logo percebo que ele acha que sou uma nova faxineira.

Não o culpo. Sou comum, não chamo atenção. Não há nada em meu rosto que se destaque. E agora, com a sujeira no cabelo e nas roupas, ele só podia pensar que sou uma empregada. Eu poderia ser Bela ou Champa, Phoolmati ou Dharamwati, ou qualquer uma das milhares de faxineiras que percorrem casas e ruas de Delhi todos os dias.

— Sim. — Concordo com a cabeça com entusiasmo. — Começo hoje.

— Onde?

— Rana *sahib*, 4245.

— Mas ele já não tem a Putli?

— Ela foi embora ontem, foi para o vilarejo — eu improviso. — Por isso estou aqui. Para fazer o trabalho da Putli até ela retornar.

— Ah, você é temporária. Você fez a verificação policial?

— Não. O que é isso?

— Pergunte ao Rana *babu*. É um requerimento compulsório que a Associação de Moradores exige para todos os criados.

— Quer dizer que eu não posso trabalhar até fazer o meu?

— Claro que pode. Temos de nos ajudar, não é? — Ele pisca e gesticula para o portão semiaberto. — Aliás, você não me contou seu nome.

— Ah, é Pinky.

— Bom. Nos vemos por aí, Pinky.

Entro no condomínio e analiso as adjacências. O térreo tem apartamentos com jardins e cercas vivas aparadas. Os tetos cintilam com antenas satélites e caixas-d'água. Quase toda casa possui vasos de plantas e cestinhas penduradas. Há SUVs e sedãs de luxo estacionados à sombra. O Bolsão C-1 possui o verniz refinado da prosperidade da classe média suburbana.

O flat de Rana fica no primeiro prédio à minha esquerda, adjacente ao muro de contenção. Ao subir as escadas até o quarto andar, um nó de tensão aperta meu peito. Discreta e lentamente, tiro o revólver do bolso e seguro na mão direita. Aperto a campainha do 4245 e espero.

Imagino o choque no rosto de Rana quando ele abrir a porta e der de cara com o cano de um revólver. Vou rudemente empurrá-lo para dentro, fazê-lo ajoelhar ao chão e obrigá-lo a recontar o conto sórdido completo de como matou Acharya em parceria com AK e colocou a culpa em mim. Depois, liguei para o comissário Khan, farei com que grave a confissão de Rana e assim acabe com o pesadelo que me assola desde minha prisão.

Há sempre a possibilidade de as coisas não irem de acordo com o plano. Rana pode escolher me enfrentar, acreditando que eu seja incapaz de atirar nele. Quão errado ele estaria! O revólver não está mais desconfortável em minhas mãos — está letal. E eu sei bem lá no fundo que se precisar, apertarei o gatilho. Uma suspeita de assassinato não tem nada a perder.

Quase cinco minutos se passam e ninguém abre a porta. Tento mexer na maçaneta, mas está bem fechada. Aperto a campainha repetidas vezes, mas Rana não responde. Depois de dez minutos infrutíferos, chego à conclusão de que minha presa não está lá dentro. Meu coração fica pesado diante da

plúmbea constatação de que Rana fugiu de Delhi também. Essa possibilidade eu simplesmente não tinha considerado.

Ao virar-me em derrota, pego algo com o canto do olho. Um raio azul em algum lugar da rua principal. Olho para a Abdul Gaffar Khan Marg. Entre os curtos intervalos no meio das ondas de trânsito matinal, relanceio um grupo unido de corredores em roupas esportivas e tênis, vindo na direção do Setor C. Foi onde vi a mancha azul. Mas não está mais lá. Não, calma, está sim. É um corredor usando um conjunto azul-marinho da Reebok, movendo-se com graça fluida. Enquanto continuou a segui-lo, sinto uma sensação de formigamento nas palmas das mãos. É ninguém menos que Rana.

O desânimo em meu coração é substituído pela satisfação sombria de um caçador paciente que finalmente avistou sua presa. Sim, Deus de fato está no céu, e a justiça será feita.

O grupo está quase de frente ao portão 4, mas do outro lado da rua. Vejo Rana se separar da turma e abanar a mão aos outros que continuam. Enquanto espera uma pausa no trânsito antes de atravessar, ele debruça-se, como um corredor exausto buscando o fôlego.

Agora está ereto e pega um celular do bolso. Ele cola o telefone ao ouvido, como se estivesse recebendo uma ligação e começa a correr lentamente para atravessar a rua. Ele ainda não chegou à calçada do meio quando, do nada, um caminhão pequeno aparece descendo a rua em alta velocidade. Rana está distraído demais ao telefone para ver ou desviar. Ouço o barulho nauseante do metal contra a carne e os ossos. O celular voa de suas mãos. O corpo catapulta no ar e bate no chão, produzindo um som chocante. O caminhão, depois de atingir Rana, acelera ainda mais, desesperado para fugir.

Tudo acontece tão rápido que apenas consigo encarar em horror imóvel. Mas meu cérebro começa a me mandar mensagens urgentes avisando que, se Rana morrer, morrerá também a última chance de provar minha inocência.

— Nãããã! — eu grito e corro cegamente escada abaixo.

Atravesso o portão e arrisco a pele ao desviar do trânsito, mas, de algum modo, dou um jeito de chegar ao outro lado. Quando alcanço Rana, ainda está vivo, mas por um fio. O pavimento está manchado com seu sangue, e o lado direito de seu rosto é uma massa de carne viva pingando massa cerebral. O telefone dele está arrebentado a poucos metros no chão. Ajoelho ao lado dele e coloco sua cabeça em meu colo.

— Rana... Rana — eu sussurro com urgência. — É a Sapna.

— Sapna? — ele repete um sussurro rouco e depois tosse cuspiendo sangue.

Sua respiração está arquejante e rápida. O pulso em seu pescoço está batendo erráticamente. Sei que ele não tem mais muito tempo.

— O que... o que aconteceu? Quem fez isso com você?

— Ele... eu... traiu... — ele balbucia sem sentido.

— Quem? Conte-me, conte-me agora — tento conseguir uma confissão.

— Desculpe — ele diz com a rouquidão da morte, olhando-me com uma mistura de entendimento e arrependimento.

Tosse outra vez; seus olhos começam a revirar. A pulsação em seu pescoço diminui e então para de

uma vez.

A essa altura, uma enorme multidão de curiosos reuniu-se ao meu redor.

— Arre, chamem uma ambulância logo — alguém grita.

— Não há necessidade — diz uma mulher. — *Khatam ho gaya*. Ele morreu.

— Ele era seu marido? — outro passageiro me pergunta.

— Não. — Nego com a cabeça. — Eu... eu apenas o conhecia.

Surpreendentemente, o trânsito continua a fluir na Abdul Gaffar Khan Marg, como se nada ruim tivesse acontecido. A morte de Rana é apenas mais uma fria estatística dos acidentes de trânsito. Uma morte anônima em uma cidade perigosa.

Mas a polícia precisa notar. Logo, atravessando o fragor, surge o som da sirene policial e eu entendo que é hora de partir. Levanto-me e percebo que meu *salvar* está sujo de sangue e meus tênis estão com uma camada de vísceras de Rana.

— Preciso ir agora — eu digo, procurando um buraco no círculo de curiosos.

— Meu Deus! Você não é a Sapna Sinha? A menina que matou Vinay Mohan Acharya? — uma voz grita do nada.

Os espectadores dão um passo atrás com a abruptude de um estremecimento.

Congelo, como uma estátua, o corpo todo entorpecido pelo pânico. “Fuja!” O pensamento soa em minha mente com a claridade de um sino. “*Fuja agora!*” Eu invisto contra a turba, como um touro, e forço caminho. Sem saber em que direção ir, corro sem rumo e atravesso a rua, evitando ser atropelada por um ônibus.

— Peguem-na! — um homem ruge.

É quando me lembro da arma. Tirando-a do bolso, paro e me viro.

— O próximo que chegar perto leva uma bala na testa — eu rosno aos meus perseguidores. Eles veem o revólver e se dispersam como uma revoada de pombos.

Estou tão concentrada em minha fuga que não percebo um homem vindo atrás de mim com um bastão de críquete na mão direita. Quando me viro, é tarde demais. Soltando uma obscenidade, ele me atinge bem na barriga. Fico sem ar de repente e caio ao chão, chocada e zozna. O revólver cai de minha mão e vai parar na valeta.

De algum modo, consigo me levantar e começo a correr, tropeçando, nauseada. O homem com o bastão me ataca de lado e eu revido com toda força, fazendo com que caia de costas na mesma valeta.

A essa altura, a multidão já se inflamou com a excitação visceral da caçada. Mais de doze homens me perseguem. Corro sem direção, passando por casas e vendinhas, sem olhar para trás, mas a turba está nos meus calcanhares como uma sombra.

“Mais rápido!”, a voz em minha mente comanda, mas minhas pernas não possuem mais força. Meu coração está prestes a explodir, e meu cérebro vai rachar.

Estou prestes a colapsar quando vejo um Maruti Swift vermelho parar com tudo ao meu lado. A porta de trás abre e uma mulher ordena:

— Entre!

Jogo-me no banco de trás com a obediência irrefletida de um cultista. Assim que entro, o carro faz uma curva e toma velocidade. Ao levantar a cabeça, vejo uma mulher de camiseta azul me olhando do banco do passageiro da frente. Ela parece Shalini Grover da Sunlight tv. O motorista é um homem magricela com cabelo despenteado que nunca vi antes.

— Você está bem, Sapna? — a mulher pergunta, e meu corpo amolece de alívio. É, de fato, minha amiga Shalini.

— Como... como você me encontrou?

— Estou de butuca na casa de Rana há dois dias, tentando provar a ligação dele com a morte de Acharya. Eu o vi sendo atropelado pelo caminhão. Um minuto depois, vi você brandindo um revólver e fugindo como P. T. Usha, a corredora. Quando vi aquela turba tentando te linchar, disse para o D'Souza, meu câmera, para sermos seu veículo de fuga.

— Oi, eu sou o D'Souza. — O motorista acena do volante.

Shalini acende um cigarro com um isqueiro e me oferece um trago. Apenas então percebo a nicotina grudada nas superfícies do carro como uma tatuagem. Ela deve ser uma fumante inveterada.

— Não, obrigada — recuso, meu coração ainda martelando por ter escapado por um fio.

— Então você fugiu da prisão — Shalini diz pouco depois.

Eu faço que sim com a cabeça, temerosa.

— Você vai me entregar para a polícia?

— Você tá maluca? — Ela ri. — Tenho um plano melhor para minha fonte mais preciosa. Vou levar você para nosso abrigo em Daryaganj.

— E de que adianta? — pergunto com um gosto amargo de bile subindo a garganta. — A morte de Rana acabou com as minhas esperanças.

— Pelo contrário, ela apenas prova que você é um simples peão em um jogo mais complexo. O modo como o caminhão atropelou Rana pareceu intencional. Não foi acidente: foi assassinato — ela diz, soprando um anel de fumaça em meu rosto.

— Alguém telefonou para ele logo antes de ser atingido.

— Quem? AK?

— Não, provavelmente foi o dono da Indus Mobile, Swapan Karak.

— Por que você acha isso?

— Algo estava rolando entre Karak e Rana. Eu o vi entrar no apartamento de Rana ontem e ficar lá por mais de duas horas.

— Mas o que o dono da Indus pode querer com Rana?

— É essa história que vou cavar. Relaxe agora e tente dormir — diz Shalini e liga o rádio.

As melodias serenas do raga Khamas na interpretação de Pandit Jasraj saem do alto-falante, acalmando o mundo de caos que me rodeia. Fecho os olhos pela primeira vez em mais de vinte e quatro horas. A confiança reconfortante de uma amiga e o movimento suave do carro me embalam em um sono necessário até que uma explosão de sirenes me acorda repentinamente.

— Merda, merda, merda! — Ouço D'Souza xingar. — Três viaturas no meu encalço.

— Alguém daquela turba deve ter anotado nossa placa — Shalini murmura, olhando pelo retrovisor.

— Você me colocou neste rolo, agora você me tira dele — D’Souza lamenta.

— Acalme-se — Shalini ordena e acende outro cigarro.

Pisco diversas vezes tentando ficar mais consciente enquanto tento identificar nossa localização.

Parecemos estar perto do India Gate e nos aproximando de um sinal vermelho.

— O que devo fazer, pô? — D’Souza quer saber.

— Para começar, fure o sinal vermelho — diz Shalini calmamente.

— Quê?

— Fure!

Buzinas buzina e veículos desviam quando D’Souza acelera pelo cruzamento.

— Agora você vai se ferrar! — eu exclamo com Shalini.

— Não se preocupe — ela diz. — Vamos contar para a polícia que *you* nos sequestrou.

Quando penso que despistamos a polícia, mais sirenes enchem o ar, cada vez mais agudas.

Saindo da rua principal, D’Souza vira o carro em uma rua paralela deserta. Com uma mão firmemente postada na buzina, ele ziguezagueia por um labirinto de pequenas vias, mudando de direção como uma bússola quebrada. Mesmo assim, não conseguimos nos livrar totalmente de uma única viatura na nossa cola. Em desespero, D’Souza atravessa três faixas e cai no caos da hora do rush em Janpath.

É uma decisão desastrosa. Presos no engarrafamento em Connaught Place, Shalini sabe que é impossível chegar ao abrigo.

— Pare o carro — ela instrui ao câmara.

D’Souza assente e para o carro com tudo em frente ao Regal Cinema.

— É melhor que você desça aqui e procure um esconderijo — Shalini aconselha. — Vamos dirigir por mais alguns quilômetros até a polícia nos alcançar. Pelo menos você vai sair um pouco na frente.

Abro a porta rapidamente e desço. Instintivamente, Shalini pega minha mão em um gesto de irmandade solidária.

— Continue lutando, Sapna — ela diz. — Nunca desista. E pegue isto. — Ela entrega uma bolsa de couro marrom. — É meu kit emergencial de viagem. Tem um pouco de dinheiro, roupas, papel higiênico, lanterna, canivete e até fita adesiva.

Pego a bolsa e dou um sorriso débil, torcendo para que ela possa ler a gratidão em meus olhos, por trás da pátina de medo e incerteza.

— Como poderei um dia compensar você por isso?

— Simples. Você vai me dar uma entrevista exclusiva assim que provar a sua inocência. Agora, ande, ande, ande! — ela diz enquanto D’Souza engata o carro outra vez.

Por um instante, permaneço parada, como alguém desorientado após um acidente de carro. Shalini quer que eu me esconda em Connaught Place, mas eu não conheço um único esconderijo sequer. Na verdade, seria impossível me esconder no coração pulsante e agitado da cidade.

Sinto o pânico escalando minha espinha quando meus olhos são atraídos para uma esquina onde um vendedor espalhou pôsteres religiosos. A deusa Durga acena para mim como um farol para um navio

açoitado pela tempestade. E eu sei que tenho um lugar onde me refugiar em Connaught Place.

Puxando meu *chunni* por sobre minha cabeça, parcialmente escondendo meu rosto, junto-me à torrente de pedestres que seguem para os escritórios e lojas. Depois de virar à esquerda na Baba Kharak Singh Marg, sigo na direção de Hanuman Mandir.

*

Apesar de ser pouco depois das nove da manhã, o templo está agitado. Artistas de tatuagem e *mehndi*, vendedores de pulseiras e astrólogos de beira de estrada já montaram suas barracas. Um idoso “Vidente Espiritual”, que oferece seus serviços pela auspiciosa taxa de cento e uma rúpias, me aborda.

— Você quer conhecer o futuro? — ele pergunta.

Fico com vontade de responder que nem Deus sabe de meu futuro.

Deixando meu tênis com a velhinha da entrada, subo os degraus de dois em dois. Segundos depois, estou na presença de Durga Ma. Apenas olhar para seu rosto divino já me enche de tanta paz que esqueço minhas dificuldades. Deve haver alguma coincidência cósmica, pois hoje é sexta, dia da Deusa. Talvez, Durga Ma estivera me chamando esse tempo todo, e era meu destino estar aqui hoje.

Um grupo de mulheres de sári vermelho, carregadas de oferendas de frutas e flores, já está se ajeitando no chão de mármore, preparando-se para ouvir as *bhajans* cantadas por uma devota de meia-idade vestida em um sári branco. Eu tomo meu lugar entre elas discretamente, mantendo a cabeça baixa para que ninguém veja meu rosto.

As canções funcionam como mágica. As devotas começam a balançar em harmonia, levadas pela avalanche de amor devoto e a simples verdade da mensagem. Sinto um banho de graça divina me curar, me renovar. O mal-estar em minha barriga e o martelar em minha cabeça desaparecem miraculosamente.

Fico no templo por quase nove horas. Até a pontada da fome não poder ser mais ignorada.

Ao sair lá fora, o crepúsculo cor de cinza está cobrindo a cidade, envelopando o entorno em uma névoa de um azul pálido. As lâmpadas dos postes começam a tremeluzir, lançando sombras ominosas sobre as calçadas. A bolsa de Shalini contém a boa quantia de três mil rúpias. Eu pego um prato de *puri-aloo* em uma barraquinha de rua.

Sento-me em um banco e observo a maré da humanidade. Bancários e funcionários públicos correm para o metrô, ansiosos por chegar em casa após mais um dia de trabalho duro. No banco ao lado, um casal de namorados sussurra despedidas inconsoláveis e desoladas. Um vendedor de flauta aproxima-se e começa a tocar a apropriadamente trágica canção de *Kal Ho Na Ho*. A melodia abafa a cacofonia que geralmente acompanha a hora de pico do trânsito em Connaught Place, até ser estraçalhada pelo guincho de sirenes policiais.

Logo, todas as esquinas ficam lotadas por homens uniformizados, cautelosos e alertas. Barricadas são levantadas nos cruzamentos para interceptar carros. Perto do estacionamento do Bloco A, vejo um inspetor interrogando um funcionário e lhe mostrando uma fotografia. Não tenho dúvida de que é minha.

Minha respiração acelera. O suor umedece minhas palmas. Parte de mim quer acabar com tudo. Quero me entregar. Esta vida miserável em constante temor e segredo é pior que a morte. Mas a velha tenacidade também reaparece dentro de mim, dizendo-me para continuar correndo, se não pelo meu bem, pelo de Ma e Neha.

Pelas duas horas seguintes, abaixo e esquivo, costurando meu caminho pelo bazar lotado e trânsito idem. Logo depois das nove, encontro-me no Bloco L, no Outer Circle, em frente à Agência de Viagem Jain. Meus olhos caem sobre a vitrine oferecendo especiais de verão para Gangotri, Kedarnath, Badrinath, Almora e Nainital.

Nainital. A palavra traz tantas lembranças que quase começo a chorar. Tomo a decisão ali mesmo.

O atendente noturno, um cansado homem mais velho, está ocupado folheando uma revista quando peço um bilhete para Nainital.

— Oitocentas rúpias — ele diz com o tom exausto de alguém que preferiria estar em casa assistindo seriado. — O ônibus sai às dez e meia, logo em frente. Sem cancelamento, sem reembolso.

Quando chego ao local de embarque, descubro que meus companheiros de viagem são um grande grupo de meninos e meninas da faculdade, vestidos casualmente em jeans e camisetas e equipados com malas e mochilas. Com a cabeça baixa, sento bem no fundo e enterro o rosto em uma revista.

Estou uma pilha de nervos quando o ônibus se aproxima da barreira policial. Quando um policial suado entra, meu coração está quase saindo pela boca. Olha superficialmente para os rostos jovens e sorridentes diante dele. Com um meneio entediado do pulso, gesticula nos liberando.

Há um engarrafamento maciço na Ring, resultado das verificações policiais, e o ônibus demora duas horas para alcançar a rodovia 24. Minha tensão paranoica arrefece apenas quando saímos do limite municipal de Delhi.

O resto da viagem é um emaranhado de canções desafinadas, piadas indecentes, bate-papo constante e barulhos juvenis de estudantes universitários em uma excursão. Observo a todos, a tudo, mas não abro a boca. Os jovens me deixam em paz. Estão concentrados demais em seu mundo sem preocupações para entender que estão viajando com a mulher mais procurada da Índia.

O ar-condicionado luxuoso, o zumbido constante do motor e o balançar suave do ônibus me embalam. Quando abro os olhos, a luz do sol morna está invadindo pelos vãos da cortina. Olho pela janela e a paisagem plana e marrom de planícies de terra deu lugar ao sopé ondulante, verde e exuberante do Himalaia. A visão daquelas montanhas ensombrecidas e distantes, rodeadas de neblina, me hipnotiza.

A rota agora é mais desafiadora, contorcendo-se e virando e serpenteando por curvas estreitas. Paramos em Haldwani para o café da manhã em uma *dhaba*, uma lanchonetelocal. A comida é deliciosa; o ar fresco é revigorante. O restaurante também possui uma lojinha que vende diversas tranqueiras e eu compro um par de óculos de sol enorme. Observo-me no espelho e noto com satisfação que eles cobrem boa parte de meu rosto. Porém, ao olhar para a TV, vejo a devastadora notícia que Shalini Grover foi presa por ajudar um fugitivo. Uma onda de tristeza rebenta em mim e eu volto para o ônibus antes que alguém perceba minha expressão consternada.

Os últimos quarenta quilômetros passam sob a névoa das lágrimas. Às sete, estou de volta à cidade de

minha infância e adolescência.

Sob a luz da manhã do alto verão, Nainital parece uma estação de trem lotada. A rua do shopping está repleta de casais em lua de mel e o barulhento povo de Punjab. Riquixás puxados por bicicleta atravessam o *bazaar*, tilintando seus sinos para quem estiver em seu caminho.

O lago cintila à minha frente, cheio e convidativo. Um rolar de água lento e sensual sobe e desce como se estivessem dando de ombros contra o Boat House Club. Os sete orgulhosos montes rodeando o lago dão uma sensação mística para o cenário, providenciando um contraste majestoso à beleza vazia e manufatura de Delhi. Ao encarar o panorama à minha frente — a região Flats, o templo Naina Devi, o Capitol Cinema, a rua Thandi —, minha antiga vida me vem à memória.

Alguém me cutuca no ombro. Encolho-me em atenção, mas é apenas uma família do sul da Índia: pai, mãe e duas meninas. O pai, vestido em linho branco imaculado, com uma marca amarela de casta na testa, me aborda.

— Com licença, senhora, você poderia nos explicar como chegar a Rosy Guest House?

Ele tem o ar hesitante de um turista, inseguro no novo lugar, os dedos envolvendo a alça da maltratada mala preta.

— Desculpe — respondo, arrumando os óculos. — Também acabei de chegar.

Dando-lhe as costas, fixo o olhar no Grand Hotel do lado oposto do lago, do lado Mallital. É um prédio baixo, de estilo colonial, com varandas compridas e abertas. Lentamente, meu olhar sobe, traçando um ponto no morro atrás do hotel, coberto por nuvens baixas. É lá que fica a Windsor Academy.

Como se impulsionada por uma mão invisível, começo a escalar na direção da escola. A estrada levemente sinuosa me leva por lojas de souvenir brega e operadoras de turismo baratas, pela igreja metodista e a faculdade Inter. Quando alcanço a entrada da Academy, estou sem fôlego por conta do esforço.

O portão de ferro forjado com o logo azul e branco da escola é convidativo. A escola deve estar fechada para as férias de verão e não há checagem na entrada. Adentro pela passagem de pedestres e caminho pelo trecho pavimentado bordado por cedros gigantes. Ele bifurca-se no alto do morro, um lado direcionando para a sala do diretor e o prédio principal, e outro para o dormitório dos empregados.

Pego o da esquerda, na direção do que chamávamos de Colônia dos Professores. Ela consiste de um conjunto de bangalôs caiados dispostos em fileiras, divididas por caminhos largos pavimentados com pedras redondas. Alka considerava esses alojamentos assustadores por sua extrema organização. Sempre os considereei um porto seguro, um antídoto para a loucura dos turistas arruaceiros do lado de fora.

A colônia está assustadoramente quieta. Não há uma alma à vista. Os residentes devem estar aproveitando seu cochilo de fim de semana. Ao passar pelas casas numeradas, nomes entram em minha mente automaticamente. Nº 12, sr. Emmanuel; nº 13, sra. Da Costa; nº 14, sr. Pant; nº 15, sr. Siddiqui; nº 16, sr. Edwards; e, antes que eu perceba, chego à minha antiga casa.

Paro em frente ao número 17 e fico em choque. A casa não parece em nada com nosso lar. Lembra a

um chiqueiro abandonado. O magnífico gramado, que reguei com tanto cuidado, está uma bagunça de ervas daninhas, grama alta e arbustos sem poda. As paredes estão verdes de mofo. A varanda da frente, a qual costumávamos decorar com lampiões *diyás* no Diwali, está cheia de lixo carregado pelo vento. A chaminé com mísula, que salta do telhado rebaixado como um torreão, agora é a casa de um ninho de passarinho.

Sinto uma corrente de raiva contra os atuais moradores que deixaram o nº 17 neste estado calamitoso. Esta é a casa onde passei a infância, a casa em que aprendi as duras verdades da vida adulta. As memórias mais queridas de minha vida, lembranças das mangas *dusehri* e das histórias em torno da lareira, da família feliz que um dia viveu ali antes da tragédia.

Enquanto mantenho o olhar fixo na casa, essas memórias voltam. A qualquer minuto, Neha vai sair da cozinha treinando uma raga ensinada pelo velho e mal-humorado Mestre *ji*. Vejo Papa sentado na cadeira de vime, abaixando o jornal para me olhar com afeição séria, e Alka, a querida e doce Alka, vai surgir de trás do antigo carvalho no quintal e gritar “*Kamaal ho gaya, didi!*”.

Cada lembrança nostálgica vem acompanhada por emoções perturbadoras. Vozes familiares ecoam em minha mente. Como se algumas fibras de meu corpo ainda estivessem conectadas a esta casa, a esta cidade. Reflito a respeito do balanço de minha vida, o que ganhei e o que perdi na mudança para Delhi.

O tilintar de um sino me desperta desse sonho acordado. Viro e vejo um garotinho em um triciclo me pedindo licença. Ele me observa com a curiosidade indiscreta de uma criança de quatro anos.

— Você sabe quem mora nessa casa? — Sorrio.

— *Bhoot*, fantasma — ele responde, lacônico.

— Como é?

— Ninguém mora nela, apenas o fantasma da menina que morreu lá dentro. Não fique aí parada, senão, ela vai sugar seu sangue. É o que minha mãe diz — ele conta com o maneirismo exagerado de uma criança dividindo um segredo. Em seguida, ele acena rapidamente e pedala seu triciclo.

A casa está vazia. Provavelmente, desde que nos mudamos. A morte de Alka marcou o lugar com a mancha do escândalo e do suicídio. Agora, ninguém mais a quer.

Caminho entre as ervas daninhas até o fundo da casa e encontro o mesmo detrito podre que assola a frente. O quintal transformou-se em lixão para os vizinhos, exalando o fedor de uma fossa. Um amontoado de mobília descartada e equipamentos quebrados está empilhado em frente à porta da cozinha. Desvio de uma privada de ponta-cabeça para olhar pela janela de vidro. A luz fraca que penetra pelo vidro empoeirado e engordurado banha a cozinha com uma aura assustadora, dando-lhe um ar de navio fantasma abandonado.

Noto que um dos painéis de vidro da porta está trincado. Um empurrão de leve, e ele cai em pedaços ao chão. Com a mão direita, abro a porta por dentro.

A casa escura e agourenta combina com meu humor. O cheiro de mofo e umidade avassala meus sentidos, provocando espirros. Caminho trôpega pela sala de jantar e abro as cortinas. Um poço de luz atravessa a escuridão, expondo as moléculas de pó que dançam no ar. Nessa luminosidade suave, vejo um cômodo coberto por uma fina camada de poeira cor de cinza. Teias de aranha dependuram-se do teto

como estalactites. Fezes de rato sujam o chão de madeira. Se não fosse minha familiaridade com o lugar, ele pareceria espectral, cenário de um filme de terror.

Ao aventurar-me adentro, sussurros do passado me assaltam. Em cada cômodo que entro, memórias e lembranças inundam minha mente. A sala de estar, onde costumávamos assistir à televisão e comer amendoins; o escritório, onde Alka encenou seu último motim; o quarto principal, com aquela pequena alcova que Ma converteu em altar particular; a janela saliente no quarto de Neha, de onde costumávamos espionar a casa 18; e, por fim, meu quarto, onde, recostada a um travesseiro, eu rabiscava em meu diário secreto, fantasiando um dia me tornar uma escritora. O quarto de Alka é o único no qual não tenho coragem de entrar.

Tudo parece diferente. Não é mais a casa de meus sonhos. Os cômodos vastos, vazios e sem mobília parecem conchas vazias, sem alma. De repente, sinto-me como uma invasora em casa alheia.

Algumas lembranças, percebo, deveriam assim permanecer, guardadas em um canto quieto, profundo e escuro da mente. Coloque-as em contato com a luz da realidade e imediatamente elas entram em combustão e viram pó.

Depois de verificar a casa inteira, decido fazer dela minha morada temporária. Sua fama de lugar mal-assombrado vai manter os abelhudos afastados. E me encavernar aqui por alguns dias vai permitir que eu recarregue as baterias antes de caçar AK. Mas, primeiro, preciso fazer algo a respeito de minha aparência.

O kit de emergência de Shalini entra em ação com sua tesoura. Entro em meu antigo banheiro e me observo no velho espelho rachado, ainda sujo com manchas de pasta de dente. Só de me lembrar de minhas manhãs na frente do espelho escovando os dentes fico emocionada, com lágrimas nos olhos. Sei que esses dias tranquilos nunca mais voltarão.

O pensamento também me deixa inexplicavelmente brava. O que eu fiz para merecer este destino, esta vida de animal caçado? Fervendo com a raiva mais atávica, ataco meu cabelo com a tesoura, arrancando uma mecha.

Cada espelho rachado, cada janela fechada, cada teia de aranha nestes cômodos me falam do passado. E a cada lembrança eu choro mais e tesouro os cabelos.

Dentro de poucos minutos, minhas longas madeixas se foram, substituídas por um corte supercurto. Assim que as lágrimas diminuem, também me livro do *salvar* malcheiroso e visto o jeans apertado e a camiseta preta que vieram na bolsa marrom de Shalini.

Ao colocar os óculos de sol e me observar outra vez no espelho, vejo uma estranha na moda me olhando de volta. De algum modo, o novo visual é apropriado, pois é isto que me tornei: uma estranha em minha própria casa.

Felizmente, a água encanada ainda funciona e o botijão de gás não está vazio. Desse modo, passo o resto do dia limpando a casa detalhadamente e ajeitando a cozinha. Tiro o pó de meu quarto, a sujeira do banheiro e a camada fina de poeira engordurada que grudou no balcão da cozinha como bolor. O

momento dona de casa é exatamente o que preciso para me distrair de meus pensamentos cada vez mais deprimentes.

Quando os primeiros sinais da noite surgem, surge também a coragem para me aventurar no campus. Permanecendo nas sombras, sigo para a lojinha Thapa's, situada logo ao lado do portão.

Thapa, o proprietário, é um velho nepalês encarquilhado, com cabelo cortado rente e um sorriso arruinado por dentes ruins. Ele me observa com olhos embaciados.

— Eu já vi você em algum lugar. Você é a srta. Nancy, a nova professora de biologia?

— Não — respondo, esforçando-me para manter uma voz neutra, casual. — Sou Nisha, de Nagpur.

Por mais de dez anos, comprei mantimentos de Thapa, no entanto, ele não foi capaz de me reconhecer. Concedo-me esta pequena vitória e me lanço nas compras.

Meia hora depois, volto discretamente para a casa 17, com provisões suficientes para durar uma semana. Há chá, leite, açúcar e pão para as manhãs; fósforos e velas para iluminar as noites; macarrão instantâneo e comida pronta para almoços e jantas rápidos; e cosméticos para me manter limpa.

Depois de um jantar apressado e nada apetitoso, saio pelas portas dos fundos. O ar da noite está frio e, mesmo com meu *kameez* sobre a camiseta, fico arrepiada.

Sento-me sob o carvalho, observando o lago em silêncio. Sob o céu estrelado, as águas escuras ondeantes estão vivas com um caleidoscópio de imagens volteantes formadas pelas luzes brilhantes do Boat Club se fundindo com o néon cintilante do centro de Nainital. É tão lindo, quase melancólico.

Meus pensamentos viajam para minha família e meus amigos. Imagino como Neha está, como Ma está lidando. Quero desesperadamente conversar com Shalini, quero acreditar que Karan está a caminho da Índia. É de quebrar o coração ser afastada das pessoas que mais importam.

Por fim, exausta por meus próprios pensamentos, volto para casa, deito no chão frio de meu antigo quarto e durmo.

Em Rohini, eu costumava acordar ao som das buzinas agudas de caminhões passando ao lado da LIG Colony. No campus Windsor, sou acordada por um canto de pássaro. Olho pela janela do quarto e vejo um rabirruivo empoleirado em um conveniente galho de pinheiro. O ar está limpo como vidro, e eu vejo até o infinito, o horizonte distante, onde picos nevados ousadamente reivindicam o sol nascente. Nuvens de um cor-de-rosa delicado flutuam ao longo das montanhas, como bolas de algodão-doce sob a primeira luz da aurora. Uma brisa suave sussurra entre os girassóis selvagens, ainda úmidos do orvalho da manhã. Sinto-me abençoada, confortada pela grandeza serena e ativa de Nainital. Retonar às montanhas é retornar ao mundo da maciez e da cor depois da dureza do concreto cor de cinza da cidade.

Noto também um exemplar do jornal de hoje sobre a varanda da casa dezesseis. O entregador deve ter passado bem cedo. Uma vontade irresistível de checar as notícias me faz ir de mansinho até o jardim da frente do vizinho e roubar o jornal.

Foi um erro. O jornal está cheio de notícias deprimentes sobre mim. A polícia me denomina a maior perseguida desde os ataques terroristas em 26 de novembro e anuncia uma recompensa de duzentos mil por informação que leve à minha prisão. Embora eu não tenha mais meu revólver, sou descrita como “armada e perigosa”. Há tentativas de também me implicar na morte de Rana. As únicas informações boas são que a policial Pushpa Thanvi foi suspensa e Shalini Grover obteve fiança.

Também leio nas páginas sobre negócios que a diretoria do Grupo ABC aprovou a aquisição da companhia pelo Grupo Premier. Há uma foto de Ajay Krishna Acharya em frente ao Kyoko Chambers. A cada dia, o cérebro por trás do assassinato de Acharya fortalece sua posição, e eu continuo uma suspeita fugitiva.

Rasgo a foto, furo os olhos de AK, corto sua boca, pico o homem em pedacinhos, despejando todos os meus medos e frustrações naquele tico de papel-jornal barato.

O tempo passa entre o tédio e o terror. Minhas horas despertas são gastas com antecipação paranoide de uma batida policial. Minhas horas de sono são um turbilhão de sonhos fantasmagóricos, flashbacks e pesadelos. Engaiolada na casa fria e escura, estou ficando claustrofóbica. “Será que troquei uma prisão por outra?”, penso.

A cada noite, faço um novo plano para desmascarar AK, e sob a fria luz do dia, ele se torna não prático, sem sentido, ou apenas estúpido. Nem sei onde AK mora. E, sem uma arma, sem um parceiro e sem o elemento-surpresa, incriminar o industrial parece tão impossível quanto tentar escalar o monte Everest com chinelos de borracha.

Ao fim do quarto dia, uma lassitude paralisante toma conta de mim. Não sinto vontade de comer, nem de dormir, e, acima de tudo, não sinto vontade de pensar.

Karan é minha única esperança agora. Apenas ele pode fazer um milagre: localizar uma evidência implacável que irá desvelar a trama sinistra de AK e devolver minha liberdade.

São oito da noite e estou sentada na sala de jantar. Uma única vela presa com cera derretida ao chão é a fonte de luz. Em seu brilho suave, tento me preparar psicologicamente para minha batalha com AK. Vasculho minha mente atrás de um novo plano, qualquer plano. Mas, não importa quanto eu pense, não encontro nada.

Apenas para me distrair, pego o dinheiro restante e começo a contar. Depois das compras, fiquei com apenas mil quatrocentos e vinte. Viro a bolsa de Shalini de ponta-cabeça para ver se algo passou despercebido e uma moeda de cinco rúpias cai. Como uma calota solta, ela sai rolando pelo chão de madeira. Sigo-a com os olhos enquanto ela passa rapidamente pelas tábuas, mas, então, ela vira à direita e continua pelo corredor até passar por debaixo da porta de Alka e sumir de vista.

Com um gemido frustrado, levanto-me e descolo a vela de seu ninho de cera. Em seguida, saio de mansinho da sala de jantar.

Hesito por um instante em frente à porta de Alka, como se ela ainda contivesse um espírito maligno sem permissão para escapar. Penso ouvir vozes estranhas e sussurrantes chamando do quarto, falando em uma língua indecifrável. Desprezo a ideia como ficção de minha mente, culpa de muitos filmes de fantasma. Mas então detecto um som baixo de arrasto, como se alguém ou algo estivesse se mexendo de um lado a outro sobre o chão de madeira do quarto. Encolho-me de terror.

Por alguns instantes, o único som que soa em meus ouvidos são minhas próprias respirações curtas e o bater de meu coração acelerado enquanto reúno coragem para encarar meus demônios, tantos os imaginários quanto os reais. Inspiro profundamente e esvazio a mente, depois, corajosamente, seguro a maçaneta e abro a porta. Ratinhos fogem correndo com um guincho, provocando uma reviravolta de nojo em meu estômago.

As vozes sussurrantes ficam mais altas quando eu entro no quarto de Alka. A vela bruxuleante cria sombras grotescas na parede, fazendo com que meu entorno fique ainda mais sinistro. O cômodo está completamente vazio, porém, em minha mente, vejo a cama de madeira de Alka. Quase involuntariamente, meus olhos seguem para o alto, para o teto, e o cadáver de Alka aparece para mim, como um local escuro subitamente iluminado por um raio. Vejo o rosto dela com clareza, pendurada pelo ventilador, a cabeça caída de lado, o *dupatta* amarelo amarrado ao redor do pescoço. A memória assustadora me domina tão completamente que eu arquejo.

Preciso de toda a minha força de vontade para bloquear a imagem cáustica da mente. “Certa vez, amei este quarto”, lembro a mim mesma, recordando os dias ensolarados em que passei entre estas quatro paredes trocando piadas com minha irmã, as noites em que Alka se aconchegaria a mim de pijama e eu a divertiria com histórias inventadas sobre reis sábios e feiticeiros maus.

Colocando minha mente em equilíbrio, tento empurrar Alka para fora dela de uma vez e me concentrar na tarefa: encontrar aquela moeda de cinco rúpias. Não a vejo no chão. Sob a luz fumacenta da vela, olho em toda direção, procuro em cada canto escuro, mas não a localizo. Parece ter desaparecido sem deixar rastros.

Como nunca acreditei em magia, só consigo pensar em uma possibilidade: a moeda escorregou pelo espaço entre as tábuas. Agachando, começo a bater nas tábuas com o nó dos dedos, procurando por uma solta. Demoro, mas encontro o ponto X exatamente no centro do quarto, onde ficava a cama de Alka. A madeira é clara ali, mais gasta do que o resto, e emite o som oco que procuro.

Tento retirar a tábua, mas o espaço entre as bordas não é grande o suficiente para eu inserir meus dedos e puxar. Sem desanimar, pego o canivete de Shalini e o utilizo para levantar um lado. Com a outra mão, pego a ponta levantada e puxo para cima.

Retiro a tábua e espio a cavidade oca. A moeda de cinco rúpias brilha sobre um pequeno monte de poeira acumulada. Mas, abaixo dela, há outra coisa: uma fina caixa de papelão.

Mais consternada do que intrigada, pego a caixa. Um cheio bolorento e azedo irradia dela, fazendo meu nariz coçar. Com dedos trêmulos, abro a caixa e encontro um maço de cartas. Por um instante, sinto-me culpada, como um voyeur flagrado olhando para algo particular ou proibido. Mas minha curiosidade fala mais alto e eu começo a folhear a pilha. Cheias de termos carinhosos apaixonados e declarações

alucinadas de amor, todas as cartas são endereçadas para “Minha querida Alka” e assinadas apenas com “Hiren”.

Hiren. A palavra dispara algo dentro de mim, no fundo da memória, que escapa antes que eu possa seguir o fio da meada. Assustadoramente, algumas cartas parecem escritas em sangue, e algumas são adornadas com símbolos satânicos. Uma delas declara, chocantemente: “Você é minha luz na escuridão. Vou caçar e destruir quem quer que fique no caminho de nosso amor eterno”.

Abaixo da pilha de cartas, há um único cartão de aniversário, sem dúvida entregue na ocasião do aniversário de quinze anos de Alka. Abro e um punhado de fotografias coloridas escorrega dele. Pego uma delas e sinto o mundo à minha volta girar e meu corpo ficar dormente.

As fotos são de um menino bonito, alto e de porte atlético, com cabelo preto e liso caído sobre a testa e um bigode espesso proporcionando o toque final de masculinidade viril. São apenas os olhos que o delatam. Eu reconheceria esses olhos em qualquer lugar.

“Não, não pode ser ele”, tento dizer a mim mesma, mas eu sei, dentro de meu coração, que é ele. Uma inscrição atrás de uma das fotos dá seu nome completo também. ALKA SINHA + HIREN KARAK = A MAIOR HISTÓRIA DE AMOR DO MUNDO.

O amante de Alka era Hiren Karak. Minha mente torna-se um inferno atroz de emoções conflituosas conforme cenas diversas pululam nela. Lembro-me das palavras de Shalini sobre a ligação do dono da Indus, Swapan Karak, com Rana. Recordo o namorado de Lauren, James, contando em Jantar Mantar que vira Karak Junior na greve de fome de Nirmala Ben. E as palavras derradeiras de Papa reverberam em minha mente como um eco na caverna. Lauren pensou ter ouvido “*hiran*”, “cervo”, mas agora sei que Papa estava dizendo “Hiren”.

Meu sangue gela. Uma escuridão penetra minha consciência como tinta nanquim. Preciso me apoiar com a mão no chão.

Súbita como a morte, a verdade surge para mim. Neste instante, sei o que fazer.

Enfio as cartas e fotos dentro da bolsa marrom, recolho todo o dinheiro e deixo a casa em silêncio.

Ao sair da Windsor Academy, sou tomada por um poderoso senso de propósito. Não há dúvida em minha mente de por que estou aqui, o que me trouxe até aqui. Este é o lugar onde tudo começou, onde um evento traumático deslançou uma reação em cadeia de destruição calculada e desenfreada. E haveria justiça poética em terminá-la a partir daqui.

Sigo para o Centro de Comunicação Rawat, que costumava ser a Central de Telefonia Pública local antes da era do celular e o encontro ainda operante. Entro em uma pequena cabine de madeira, o interior desfigurado por inúmeros números de telefone e disco o celular de Lauren.

Ela atende ao quinto toque.

— Lauren, aqui é Sapna — digo, mantendo a voz baixa.

— Sapna, é você mesmo... — ela começa antes que eu a interrompa.

— Não tenho tempo, Lauren. Apenas me faça um favor. Diga a Guddu que me encontre em frente à LIG Colony às seis da manhã, amanhã.

— Por que você precisa de Guddu? De onde está ligando?

— É melhor que não saiba — eu digo e desligo.

Ao pagar pela ligação, eu pergunto ao jovem atendente:

— Você sabe a que horas o ônibus noturno para Delhi parte?

— Às dez — ele responde. — Você é da Academy, *didi*?

Faço que sim.

— Dizem que o fantasma da menina voltou a assombrar o número 17.

— Verdade?

— Sim. O assistente do laboratório viu uma luz de vela piscando dentro da casa há dois dias. E um dos professores ouviu sons estranhos vindos lá de dentro.

— Não acredito em fantasmas. — Sorrio tristemente para ele. — E, mesmo que haja um, algo me diz que será exorcizado amanhã.

É a estação das chuvas.

A monção de sudoeste chegou cinco dias antes da data usual e a cidade toda fica embrulhada em seu abraço ensopado. A garoa fina e intermitente que começou quando cheguei em Delhi às cinco da manhã transformou-se em uma tempestade completa. Nuvens escuras e irritadas fustigam o céu cinza como ardósia, antes de se despejar dolorosamente sobre prédios, ruas e campos. A chuva cai como uma lâmina cortante, pontuada por serpentes serrilhadas de raios.

Estou em frente ao apartamento B-35, onde a tranca pesada de latão está pendurada na porta.

— Venha — chamo Guddu, cutucando-o. — Você disse que consegue abrir qualquer cadeado. Então, vamos ver você abrir este.

Guddu coloca as mãos à obra imediatamente, fuçando em um chaveiro gordo. Ele prova que é, de fato, o mestre-chaveiro, levando menos de três minutos para abrir o cadeado. Mostro minha gratidão dando-lhe quinhentas rúpias, o que sobrou do dinheiro emergencial de Shalini. Sei que não precisarei mais dele. Cheguei ao fim de minha jornada.

— Agora, você pode ir — digo-lhe. — Com o resto, eu me viro.

Enquanto Guddu vai embora, entro no apartamento. Parece o típico cafofo de solteirão, com poucos móveis, uma TV grande, um console de PS3 e uma cozinha que não é usada há dias. Cruzando a sala, entro no primeiro quarto. Possui apenas uma *almirah*, mais nada. O segundo quarto está na escuridão quando entro, com um saturado cheiro doce.

Ligo o interruptor, enchendo o pequeno cômodo com a luz amarela doentia de uma lâmpada sem lustre. Olho ao redor e meus olhos dilatam-se em choque. Fico tonta. O cômodo é um santuário para Alka. Fotografias gigantes de minha irmã estão coladas às paredes. Há um lenço amarelo dobrado em um canto como uma guirlanda. É igualzinho o *dupatta* com o qual Alka se matou. E há imagens mórbidas de sangue e morte, caveiras, serpentes e bestas satânicas. Prova de que eu estou no santuário pessoal de um sociopata criminoso.

Passo os trinta minutos seguintes vasculhando o quarto, abrindo gavetas, mexendo em armários, até virando o colchão de ponta-cabeça. Encontro um bom dinheiro, uma boa quantidade de cocaína e uma

dúzia de cartas de Alka para Hiren.

Quando começo a ler as cartas, sou levada de volta no tempo, para o mundo idílico de uma inocente garota de quinze anos cujos olhos possuem estrelas e o coração carrega sonhos. Muitas das cartas fazem menções a mim, como Alka me idolatrava, confiava sua vida em mim, e não consigo mais me conter. Afundo no chão, agarrada a essa última relíquia de Alka. As lágrimas que se recusaram a cair no dia em que ela morreu jorram agora, enquanto pranteio minha finada irmã.

O choro me faz bem. Sinto-me limpa de dentro para fora, como se um sedimento maligno sobre meu coração tivesse sido lavado.

Estou tão perdida em uma nuvem de dor que não noto a porta da frente se abrindo e alguém entrando na ponta dos pés. Antes que eu perceba, um cano de metal gelado está pressionado contra minhas costas.

Viro-me e olho para um homem apontando uma arma. Vestido em um conjunto esportivo branco da Adidas, ele parece malcuidado e sujo. O cabelo está para trás como naquelas antigas fotografias, longo e liso. O bigode também voltou, mais cheio e mais escuro.

— Olá, Karan — dirijo-me a ele, secando os olhos. — Ou devo chamá-lo de Hiren?

— Um sexto sentido me disse que você viria para a colônia hoje. Mas não esperava encontrá-la dentro de casa — ele sussurra, desacreditado. — Achei que tinha escondido meus rastros muito bem.

— Escondeu, mas uma moeda de cinco rúpias da sorte me levou até você. Diga: você chegou a ir para os Estados Unidos?

— Eu nunca deixei Delhi. — Ele sorri.

— E quantos anos você tem?

— Vinte. Tenho idade o suficiente para entender o que significa perder a única pessoa que se ama no mundo.

— Também perdi minha irmã. Alka foi...

— Não ouse pronunciar o nome de Alka — ele grita de raiva.

Curvando-se, ele pega meu cabelo e me puxa para trás. A dor espalha-se por toda a minha cabeça e desce até o pescoço. Com a mão livre, ele puxa minha camiseta e a rasga, expondo meu sutiã.

— Apenas conferindo para ver se está com escuta. — Ele vira minha bolsa de ponta-cabeça. — Bom. — Ele assente. — Sem gravadores aqui também.

— Não fui enviada pela polícia.

— Eu imaginei. Ninguém sabe meu segredo. Exceto você.

— E o que você pretende fazer comigo? — pergunto quando um raio enche a sala de luz, como um olho raivoso observando a tudo.

— Matar você, claro — ele responde monotonamente, mirando o revólver em mim enquanto um trovão balança as paredes e abre a janela. — Ninguém vai ouvir o tiro nessa chuva. E eu posso me livrar do corpo sem problemas.

— Mate-me se é o que quer — digo calmamente. — Mas ao menos pode me contar por que fez tudo isso? E pode dizer a verdade ao menos uma vez?

— A verdade, é? — ele zomba. — Você sempre foi uma puta moralista. Como seu pai.

— Você o odiava, não?

— Odiar é eufemismo. Eu desprezava-o completamente pelo que fez com Alka, pelo que todos vocês fizeram com ela.

Aponto para o *dupatta* amarelo no canto.

— Onde você o arranjou?

— Foi parte de um pacto com Alka — ele responde, a voz adquirindo o tom suave de lembrança melancólica. — Na noite da morte dela, eu entrei em seu quarto pela janela. Fizemos um juramento de fugir para nos casar no templo Arya Samaj. O tecido amarelo seria o nó do casamento, um para ela e outro para mim. Ela pediu apenas algumas horas para fazer as malas. Fiquei esperando no ponto de ônibus, mas Alka não apareceu. Ela amava a família demais, uma família que não merecia seu amor. Em vez de fugir comigo, ela preferiu morrer. Seu nó de noivado acabou se tornando a forca em seu pescoço.

Ele me encara com olhos julgadores.

— Vocês tiraram a única coisa que importava para mim. Quando Alka morreu, eu morri também. O mundo tornou-se um lugar sombrio. Estudar parecia sem sentido. Larguei a escola, ardendo apenas com um desejo: vingança. — Ele pausa para respirar e o tom de voz muda. Foi-se o amante de luto e entra o psicopata doentio. — Eu poderia ter acabado com sua família em um segundo. Mas teria sido fácil demais. Eu queria fazer vocês sofrerem. Como eu sofri desde a morte de minha amada.

— Então, você nos seguiu para Delhi?

— Sim. Primeiro, livre-me daquele canalha do Pramod Sinha. Fui eu quem o atraí ao parque Deer. Nada aliviou mais meu coração do que vê-lo ser atropelado pelo caminhão.

— E Neha? Como ela se encaixou no seu plano doentio?

— Alka nunca se deu bem com ela. Neha era tão apaixonada por si mesma, tão obcecada com sua beleza. Eu não me importaria em ter transado com ela, mas ela me desprezou. Disse que eu só ganharia um beijo. Por isso, ensinei-lhe uma lição. Fui eu quem a atacou com ácido na moto. — Ele torce os lábios em desdém. — Aquela vadia recebeu o que merecia.

Sei que estou na presença do mal em sua forma pura. A agitação que cozinhou em meu cérebro está fervilhando, deixando-me sem fala por um instante. Nesse hiato horripilante, o único som na sala é o martelar constante da chuva que cai.

— Mas minha maior vingança estava reservada para a traidora de Alka: você — ele diz, o rosto se contorcendo em uma máscara grotesca de raiva e desprezo.

— E foi você quem convenceu Acharya a propor os sete testes?

— Não. Eu não tenho nada a ver com aquele velho gagá. Na verdade, ainda não entendi por que ele escolheu você do nada para ser a CEO.

— Mas com certeza teve um papel na morte dele, não teve?

— Pode apostar. Quando não consegui dissuadir você de entrar nos jogos de Acharya, decidi jogar os meus. Depois do segundo teste, encontrei com Rana e fiz uma oferta irrecusável.

— Foi você quem armou o ataque no parque?

— Quem mais? Eu precisava da faca com suas digitais.

— E então você usou a mesma faca para assassinar Acharya e me incriminar.

— Bingo! O plano era mandar você para detrás das grades por ao menos vinte anos.

— Então conte o que aconteceu na noite do crime.

— Tudo ocorreu conforme o planejado. Depois de resolver meu assunto com Neha, segui para a casa de Acharya, escondido no carro de Rana. Esperamos que ele terminasse o jantar e depois fomos até seu quarto. Enfiei a arma na cara dele e mandei ficar de bico calado. A melhor parte foi interfonar para os servos idiotas fingindo ser Acharya e livrar-me deles pela noite. Rana saiu cinco minutos depois, mas eu fiquei fazendo companhia a Acharya com a arma apontada para sua cabeça. Quando você telefonou para ele do hospital, eu que atendi. Sempre fui um bom imitador e imitar a voz característica de Acharya foi como roubar doce de criança.

— Quando exatamente você matou Acharya?

— Imediatamente depois de sua ligação. Quando você se dirigiu a Prarthana, assinou a sentença de morte dele. Você devia ter visto o jeito como o velhote grunhiu quando eu o esfaqueei. Assim que ele caiu morto, eu simplesmente substituí a faca do crime com a que tinha suas digitais. E depois esperei que você caísse na armadilha.

— Então, você estava na Prarthana quando eu cheguei?

— Mas claro. Fui eu quem atendi ao interfone. E fiquei lá mesmo depois de você ter saído, escondido na garagem. Rana voltou logo depois da meia-noite e eu fui embora do mesmo modo como entrei, acobertado no carro dele. Você tem de admitir que é o assassinato mais engenhoso já planejado.

Fico em silêncio, ainda processando o que ele acabou de falar.

— Se você quiser, eu também posso contar o lado Atlas da história.

— Acho que eu já sei. O Indus Group era a fachada da Atlas, não?

— Correto. Só que meu pai, Swapan Karak, revelou o segredo muito depois. Se eu soubesse, nunca teria concordado em imitar Salim Ilyasi.

— Não apenas você matou Acharya, mas também o incriminou.

— Foi um presente para meu pai — ele diz. — Meu pai nunca gostou de mim, sempre preferiu meu irmão mais velho, Biren. Depois que eu larguei a escola, ele praticamente me deserdou. Mas quando o nó da Atlas em seu pescoço começou a apertar, ele veio falar comigo em pânico. E eu resolvi pra ele. Tudo que precisei fazer foi mandar Rana colocar os documentos bancários secretos de meu pai no cofre de Acharya. Matei dois coelhos com uma cajadada só.

— E aí você traiu Rana.

— O porco ficou ganancioso. Começou a exigir mais. Então, papai e eu tivemos de dar um jeito nele. E agora eu vou dar um jeito em você.

Parece inconcebível algum dia eu ter amado este homem. Tudo que sinto agora é um ódio consumidor. Não suporto a ideia de ele sair dessa ileso. Meus olhos vasculham ao redor e pousam sobre um peso de papel de vidro com o logo da Indus, ao alcance. As cartas de Alka ainda estão em minha mão. Em um momento ousado, jogo-as nele, assustando-o momentaneamente. Simultaneamente, minha mão direita dispara, agarra o peso de papel e o taca nele. Miro o rosto, mas atinjo o peito, desequilibrando-o. Fico

em pé, mas, antes que eu possa me equilibrar, Hiren me chuta, derrubando-me outra vez. Gemo de dor, que apenas aumenta quando Hiren acerta com o calcanhar em meu tronco, prendendo-me ao chão.

— Você teve coragem, mas não os meios — ele sussurra, os dentes à mostra como o esgar de um lobo.

— Tenho apenas mais uma pergunta: eu...

— Chega de conversa — ele diz, interrompendo. — Vou direto à morte agora. — Ele levanta o revólver e mira diretamente em meu rosto.

Uma sensação agourenta de déjà-vu me varre, meus sentidos são aguçados pela adrenalina gelada do perigo físico. Olho em seu rosto inflexível e cruel, em seus olhos que brilham com uma frieza fanática, e entendo que não devo esperar piedade dele.

Junto com o entendimento desanimador de que falhei em minha missão vem uma percepção mais madura. Justiça, vingança, desforra devem ser deixadas para os deuses do carma. Eu vou me juntar a Papa e Alka e quero ir com o coração em paz. Deixo para trás todo ressentimento, arrependimento, amargura, irremissibilidade, permanecendo apenas com um resíduo de tristeza por não ter feito minha parte com Ma e Neha.

— Vá em frente — eu digo ao mesmo tempo que um trovão erupciona lá fora.

Hiren enfia o revólver em minha boca. O gosto frio e metálico da morte em meus lábios. Ao menos, será rápida.

A cena desenrola-se com a opressora clareza de um sonho ruim. Uma obscenidade escapa dos lábios de Hiren, seu dedo no gatilho tem um espasmo, há um estouro de arma e eu me encolho. Mas em vez de tombar, vejo Hiren afastando-se, com incredulidade escrita em sua face. Ele agarra seu ombro esquerdo, onde uma flor de sangue gigante está brotando no agasalho.

O comissário Khan entra no quarto, a arma sacada, nuvens de fumaça saindo do cano. O cheiro acre de cordite preenche meus sentidos.

— Prendam-no — ele direciona os policiais que surgem atrás dele.

E atrás de todos está Shalini Grover.

Ela me abraça.

— Graças a Deus, você está bem?

Encaro-a com o olhar assombrado de um paciente que acaba de sair do coma.

— O que está acontecendo? Quem avisou Khan? E o que *you* está fazendo aqui?

— É uma longa história, mas basicamente você precisa agradecer a isto. — Ela levanta a bolsa marrom do chão. — Minha bolsa de viagem emergencial também é um kit de espionagem completo, com uma câmera miniatura na fivela, um microgravador de áudio costurado na aba e um transmissor wireless na base. Eu estava seguindo cada passo seu de Delhi a Nainital. Mas quando descobri que estava de volta a Delhi, alertei Khan. Temos gravada cada palavra pronunciada por Hiren. Ele não vai escapar dessa enrascada.

O som ao fundo de sirenes berrantes e a vozeria dos rádios policiais flutuam no ar ensopado de chuva

enquanto sigo meu caminho pela mixórdia de viaturas, policiais e paramédicos.

No pátio da frente, olho aos céus. A chuva parou completamente, e o céu começa a clarear. Promete um dia lindo. Depois de tudo por que passei, essa simples convicção reanima algo que há muito não sentia em meu coração: esperança.

Resolvi antigas pendências. O passado foi finalmente enterrado. Além do horizonte oriental, o futuro acena, ainda nebuloso, mas lentamente tornando-se límpido.

Epílogo

É um dia nublado e parado, com chuva intermitente. Sento à janela de minha nova casa em Saket, bebericando café e ouvindo o suave tamborilar das gotas de chuva sobre o flamboyant que domina a parede que circunda o terreno. Está completamente florido, as flores luminosas providenciando um lindo borrifar de cor contra o turbulento céu cinzento.

Escolhi a casa pela árvore. Ela me conforta, um porto seguro ensombrecido e escarlate em um canto caótico da cidade.

Três meses passaram desde os traumáticos eventos de junho. Durante as primeiras semanas, a imprensa me perseguiu sem piedade. Apareci em capas de revista, fui tópico no Twitter, fui o assunto nas discussões em talk-shows.

O resultado positivo de minha notoriedade foi que consegui o emprego dos sonhos como editora de ficção na Publicon, uma editora pequena, mas respeitada. O pagamento é bom, mas, além disso, é gratificante finalmente fazer algo relacionado à minha paixão.

Além de editar as histórias dos outros, também estou escrevendo a minha. Uma importante editora na Grã-Bretanha comprou os direitos de meu primeiro livro — memórias daqueles seis tumultuosos meses de minha vida.

Meus editores britânicos deram um adiantamento importante. O dinheiro permitiu que Neha começasse a maratona de cirurgia reconstrutiva. Cada dia traz uma nova vibração à face dela, e os médicos dizem que ela poderá voltar à vida normal em breve.

Ma juntou-se a Nirmala Ben e agora mora com ela em Gandhi Niketan. A vida austera de fé, simplicidade e caridade combina com ela e já provocou uma melhora dramática em sua saúde.

Shalini Grover está na capa do jornal de hoje, recebendo o prêmio de Courageous Journalism, de coragem em coberturas jornalísticas. Fito a foto dela e me encho de orgulho indireto. Ela nem precisava daquela entrevista exclusiva comigo, no final das contas. A capa também traz a informação de que o pedido de fiança de Hiren Karan e Swapan Karak foi negado outra vez. Khan (promovido a delegado comissionado, no mês passado) me conta que, mesmo se escaparem da pena de morte, pai e filho ficarão vinte anos na prisão, no mínimo. O Indus Group (apelidado de “A Pilhagem Atlas” pela imprensa) foi liquidado, junto com seus bens.

Pouso a xícara de café quando a campainha toca. Um gemido escapa de meus lábios. Deve ser outro repórter inoportuno. Levanto da poltrona e atendo à porta com a mesma má vontade de um funcionário público perto da hora de ir embora. Dou um passo para trás em choque. Quem está na minha soleira é um fantasma. É Vinay Mohan Acharya em seu *kurta* de seda amarelada, uma pashmina branca sobre os ombros e o *tika* vermelho na testa. Exatamente igual ao dia em que nos conhecemos.

— Eu... eu não acredito — arquejo, sentindo a cabeça girar violentamente, minhas pernas amoleceram.

Apenas agarrando-me rapidamente aos braços do visitante sou capaz de me equilibrar.

— Desculpe se assustei você — ele diz ao me ajudar a ficar de pé. — Sou Ajay Krishna Acharya, dono do Grupo ABC.

— Você quer dizer AK? O irmão do sr. Vinay Mohan Acharya? — pergunto sem forças.

Ele assente com a cabeça.

— Posso entrar?

Ainda me sinto envelopada por uma bruma surreal quando ele se senta no sofá de vime da sala de visitas.

— Você está muito diferente da última vez em que o vi na casa do sr. Acharya — comento.

— Eu mudei — ele responde. — A morte de meu irmão me fez observar a mim mesmo e aos meus métodos de negócio com crítica.

— Rana era sua toupeira no Grupo ABC, não era?

— Sim. — Ele suspira. — Rana era um patife de prontidão para vender a alma a quem pagasse mais. Ele estava na minha folha de pagamentos desde 2009. Mas quando ele ajudou Hiren a assassinar Vinay Mohan por alguns trocados, algo dentro de mim despertou. É triste, mas eu descobri meu irmão apenas após sua morte. Também descobri a Deus. Você vai ficar feliz em saber que acabei de doar um cheque de dois crores à caridade de sua amiga Lauren.

— E o que você quer de mim?

— Quero que leia isto — ele diz e me passa um papel dobrado.

— O que é?

— Uma mensagem de meu irmão dirigida a você. Encontrei ontem enquanto vasculhava antigos papéis de Vinay Mohan. Achei que deveria ler.

Abro a folha de papel e vejo uma carta escrita em um brilhante papel artesanal com o monograma das iniciais de Acharya. Com a data de 10 de junho, um dia antes de sua morte, aqui está o que ele diz em sua caligrafia fluida:

Minha querida Sapna,

Se você está lendo isto, então eu já deixei este mundo. O tumor pancreático me reivindicou, um pouco antes do que eu esperava.

Estou escrevendo de meu quarto particular no hospital Tata Memorial, onde os médicos estão prestes a me operar. Posso não sobreviver à operação. E, mesmo se eu sobreviver, os médicos me dizem que tenho menos de três semanas para viver. Meu câncer, que estava em metástase nos linfonodos ao redor do pâncreas, já se espalhou para o fígado e os pulmões. Mesmo com quimioterapia agressiva, minhas chances de sobrevivência são menores do que cinco por cento. Com essa probabilidade, recusei a quimioterapia, escolhendo morrer com dignidade. Como minha filha Maya dizia: é a qualidade da vida que importa, não a quantidade.

Tive muitos arrependimentos nos últimos anos de vida, mas nenhum maior do que não ter passado mais tempo com você quanto eu queria. Você me lembra tanto de minha filha.

Quando me conheceu, naquela tarde fria e cor de cinza do dia 10 de dezembro, eu falei que vi um brilho nos seus olhos, mas isso não foi toda a verdade. Você tem algo mais: uma generosidade de espírito muito rara.

Penso se a data de 23 de agosto tem algum significado para você. Para você, deve ser apenas um dia qualquer, mas, para mim, foi meu renascimento.

Tenho um dos tipos de sangue mais raros: o fenótipo Bombaim. No último 23 de agosto, precisei passar por uma cirurgia de emergência. Fiquei em estado crítico, necessitando de cinco bolsas de sangue, mas nenhum banco de sangue da cidade possuía o Bombaim. Os médicos quase desistiram de mim, quando você se voluntariou para doar.

Naquele dia, você salvou minha vida. Foi o dia em que decidi fazer de você minha CEO. Eu falei que era a candidata número sete, mas não era verdade. Você sempre foi a única.

Você deve ter pensado que eu era um sádico desalmado quando planejei os testes. Mas herdar uma posição é fácil; mantê-la é o difícil. Os negócios modernos são um mundo selvagem, cheio de riscos e armadilhas. Eu queria assegurar que você tinha as qualidades necessárias não apenas para assumir minha empresa, mas também para levá-la para a frente. Mais importante: eu queria que o cargo de CEO fosse um feito, não um presente.

Através dos seis testes, eu já lhe ensinei os atributos de liderança, integridade, coragem, previdência, engenhosidade e determinação. Infelizmente, eu não serei capaz de completar o sétimo teste. Mas, nesta carta, estou passando minha última lição.

Um dos paradoxos do sucesso é que quanto mais poder você obtém, mais controle você perde. Não há previdência, planejamento ou engenhosidade que proteja você dos caprichos do mundo lá fora. Performance no passado não é garantia de resultados futuros. A verdade é que nada permanece constante. Você pode estar no topo um dia, mas sempre há rivais tentando derrubar você. E, quando isso acontece, precisa ter a qualidade mais essencial em um líder: sabedoria.

Muitos acham que sabedoria vem com a idade, mas isso não é verdade. Apenas cabelo branco e rugas vêm com a idade. A sabedoria advém de uma combinação de intuição e valores, de escolhas e o aprendizado com elas. Vem da habilidade em lidar com o fracasso e a rejeição. Cada um de meus seis testes lhe ensinou uma valiosa lição. Mas a lição mais valiosa da vida é confiar em sua voz interna. Conhecer o mundo é inteligência; conhecer a si mesmo é sabedoria.

Portanto, o que quer que faça, seja você mesma. Sempre escute seu coração, faça o que acha certo e defenda os princípios em que acredita. Tudo o mais vai seguir.

Para mostrar que eu pratico o que prego, estou, por meio desta, nomeando você como CEO do Grupo abc. Deixo meus negócios nas mãos de quem mais merece: você.

Agora, é sua responsabilidade preparar a direção futura da empresa e continuar meu legado. Meus melhores votos sempre estarão com você.

Boa sorte e Deus a abençoe.

Afetuosamente,

Vinay Mohan Acharya.

Fecho a carta com lágrimas nos olhos. Por trás da fachada austera, Acharya era um pai carinhoso e um professor tenaz, esforçando-se para transmitir seu conhecimento até seu último suspiro. Até mesmo enviando uma última lição do além.

— Obrigada — agradeço AK ao secar os olhos. — Fico feliz por ter me mostrado.

— Não vim aqui apenas para lhe mostrar a carta — ele diz. — Vim aqui para fazer a mesma oferta que meu irmão teria lhe feito em pessoa se não tivesse sido traiçoeiramente assassinado.

— Desculpe, não entendo.

— Tornar-se CEO do Grupo ABC. Só que desta vez, não haverá testes. Você já provou seu caráter.

Fico em silêncio, olhos semicerrados, uma coleção de memórias dos testes de Acharya surge em minha mente como um cinejornal avançando com rapidez.

— Que tal o salário de um *crore* por ano?

Um *crore*. Dez milhões de rúpias. Só de pensar em tanto dinheiro, minha garganta seca.

Quando o choque inicial arrefece, analiso a oferta com frieza. Todos os zeros perturbaram minha mente; agora, devo ouvir meu coração.

A resposta vem num piscar de olhos. E eu sei que é a única decisão a ser tomada.

— Eu não quero.

Ele franze o cenho.

— Como é?

— Não quero me tornar CEO do Grupo ABC. Não me adequo ao pega pra capar do mundo dos negócios.

— Acho que você está se subestimando — ele diz. — Você pode contribuir muito para a companhia.

— Estou confiando em minha voz interna. Como o sr. Acharya gostaria que eu fizesse. Sei que vou ser mais feliz batalhando como escritora do que como magnata dos negócios.

— Existe algo que pode fazer você mudar de ideia?

— Não — respondo firmemente.

— Muito bem, então. Respeitarei sua vontade, Sapna. — Ele suspira e se levanta.

Ao observar o industrial entrar em seu Bentley com motorista, não sinto nenhuma pontada de arrependimento. Cheguei à conclusão de que para ser realmente feliz neste mundo é preciso mais do que dinheiro. O que me sustenta é o amor e o apoio da família, a bondade dos amigos, a compaixão dos desconhecidos e os pequenos milagres com os quais Deus nos abençoa todos os dias.

Um acontece bem diante de meus olhos. As nuvens escuras subitamente se abrem, permitindo que o sol atravesse. E um arco-íris magnífico aparece, pintando o céu com suas cores mágicas e irreais, permeando minha alma com alegria e admiração. Fico sem sombra de dúvidas em minha mente. Sei quem eu sou e o que quero ser.

Às vezes, uma prova de fogo é necessária para superarmos nossos maiores medos, para descobrirmos do que realmente somos feitos. Passei por sete testes, e mais estão por vir. E eu estarei pronta para eles. Pois Acharya me ensinou a lição mais importante de todas.

Eu não acredito em loteria. Acredito em mim mesma. A vida nem sempre nos dá o que desejamos, mas, ao final das contas, ela nos dá o que merecemos.

Agradecimentos

Este livro nasceu de uma imagem, que veio a mim espontaneamente, há muitos anos: um bilionário idoso no Hanuman Mandir, em Connaught Place, procurando por alguém.

Dessa semente, uma história germinava enquanto eu tentava decidir como e por que ele estava lá. A jornada me levou, por fim, a Sapna Sinha. Nos dezoito meses que demorei para traçar seu caminho, Sapna tornou-se mais do que um personagem; ela se tornou uma voz independente, em que aprendi a confiar e a respeitar.

Tive sorte de poder chamar minha família e amigos para conselhos na hora de mapear os sete testes. Meu pai me ajudou com a complexidade jurídica. Sheel Madhur e o dr. Harjender Chaudhary deram palpites criativos vitais. Dr. Kushal Mital e dr. Edmond Ruitenberg auxiliaram com seu extenso conhecimento médico. Varuna Srivastava atuou como primeira leitora e maior torcedora.

Um dos versos citados pelo comissário Khan é de Markandey Singh, também conhecido como Shayar Aadin.

Minha esposa Aparna generosamente dividiu sua visão do mundo de uma mulher. Meus filhos Aditya e Varun foram críticos ferozes e valiosos testadores.

O livro beneficiou-se das sugestões feitas por meus agentes Peter e Rosemarie Buckman.

Suzanne Baboneua, diretora de publicação na Simon & Schuster UK, merece minha gratidão e respeito por receber este romance com tanto entusiasmo. Fui abençoado por uma editora como Clare Hey, cujas percepções astutas ajudaram a afiar o texto final.

O livro foi escrito enquanto eu estava alocado em Osaka-Kobe. Aprendi muito com a bondade, a honestidade, a generosidade e a coragem do povo do Japão. Há uma ordem e uma serenidade nesse país que igualmente acalmam e excitam a mente criativa.

Por fim, um grande “obrigado” aos meus leitores, por sua paciência, lealdade e encorajamento. Esse é o combustível que me alimenta como escritor.



ROHIT SURI

O diplomata e romancista VIKAS SWARUP é autor do best-seller *Sua resposta vale um bilhão*, que deu origem ao filme vencedor de oito Oscars *Quem quer ser um milionário?*, e de *Seis suspeitos*.

Venda proibida em Portugal.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Embora o autor trabalhe para o governo indiano, nenhuma das opiniões expressas neste romance deve ser interpretada como reflexo da visão do governo da Índia ou do autor como funcionário deste.

TÍTULO ORIGINAL The Accidental Apprentice

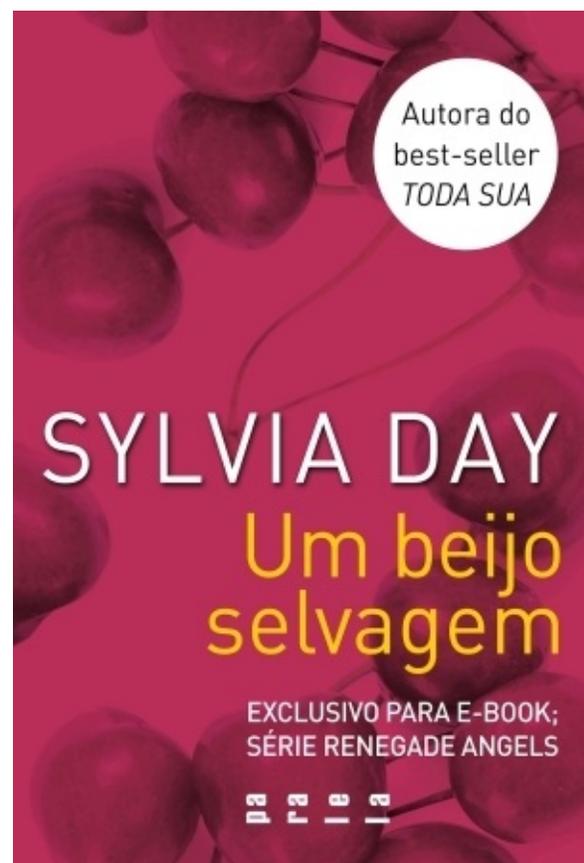
CAPA Claudia Espíndola de Carvalho

PREPARAÇÃO Ana Juno

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0280-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br



Um beijo selvagem

Day, Sylvia

9788580869774

61 páginas

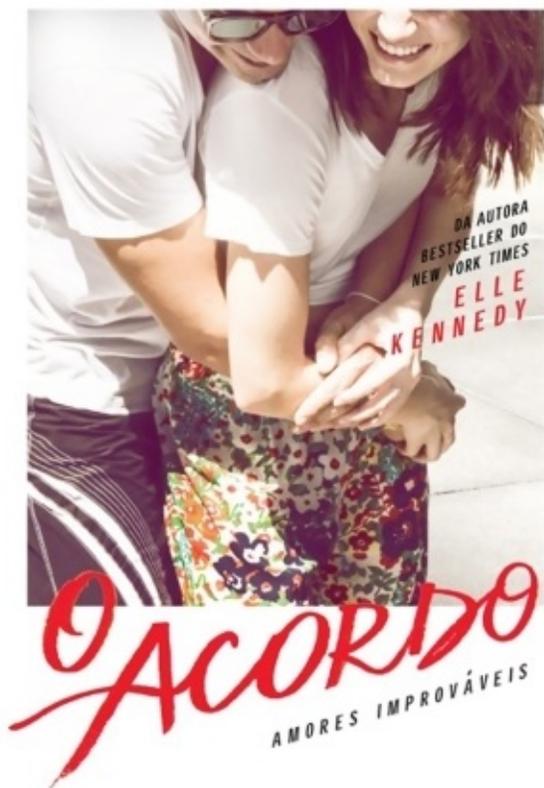
[Compre agora e leia](#)

Novela gratuita da série Renegade Angels, de Sylvia Day, autora best-seller do New York Times e da Veja e que já vendeu mais de 12 milhões de exemplares.

O vampiro Raze perdeu suas asas por ser um grande sedutor. E é o único dos Caídos que nunca encontrou uma parceira. Mas ter conhecido Kimberly McAdams parece ter mexido com ele. Ela é inteligente, linda, rica e, por algum motivo inexplicável, se interessa por Raze.

Depois de passarem uma noite inesquecível juntos, ele percebe que encontrou em Kim algo de especial. Será que este amor será maior do que as diferenças que existem entre eles?

[Compre agora e leia](#)



O acordo

Kennedy, Elle

9788543805887

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tocante, profundo, engraçado, sexy... Um romance que vai te encantar e surpreender a cada página.

Hannah Wells finalmente encontrou alguém que a interessasse. Mas, embora seja autoconfiante em vários outros aspectos da vida, carrega nas costas uma bagagem e tanto quando o assunto é sexo

e sedução. Não vai ter jeito: ela vai ter que sair da zona de conforto... Mesmo que isso signifique dar aulas particulares para o infantil, irritante e convencido capitão do time de hóquei, em troca de um encontro de mentirinha.

Tudo o que Garrett Graham quer é se formar para poder jogar hóquei profissional. Mas suas notas cada vez mais baixas estão ameaçando arruinar tudo aquilo pelo qual tanto se dedicou. Se ajudar uma garota linda e sarcástica a fazer ciúmes em outro cara puder garantir sua vaga no time, ele topa. Mas o que era apenas uma troca de favores entre dois opostos acaba se tornando uma amizade inesperada. Até que um beijo faz com que Hannah e Garret precisem repensar os termos de seu acordo.

[Compre agora e leia](#)



Dia de beauté

Ceridono, Victoria

9788543804187

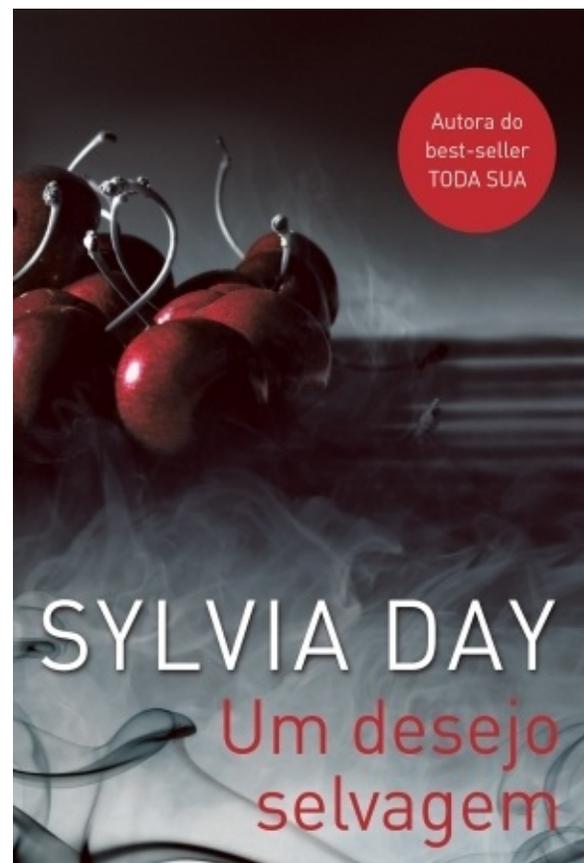
160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quase nada é tão divertido quanto maquiagem. O lema de Victoria Ceridono, blogueira e editora de beleza da Vogue, é especialmente verdadeiro em seu livro Dia de beauté – um guia de maquiagem para a vida real. Com mais de 130 fotos e ilustrações, promete ensinar tudo que existe entre um make básico, quase nada, e uma

maquiagem para festa. Sem nunca perder o tom divertido, as dicas de Victoria são acessíveis, vindas de quem experimentou de tudo para descobrir o que vale mesmo a pena. Um livro para todo tipo de leitor(a) – desde iniciantes até obcecadas, passando por quem apenas busca dicas para sair da rotina, ou alguém não interessado que sem querer foi parar com o livro em mãos. Um livro para inspirar e despertar a vontade de mergulhar nesse fantástico universo da maquiagem.

[Compre agora e leia](#)



Um desejo selvagem

Day, Sylvia

9788580869330

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste segundo livro da série, Vash, a segunda vampira mais importante do mundo, e Elijah, líder dos licanos, assumem o papel central. Além de serem representantes de duas espécies que sempre se perseguiram, Elijah e Vash se odeiam, mas são obrigados a se aproximar em busca de parceria numa guerra

contra os anjos. O único problema é que o ódio entre eles vai se transformando em uma paixão incontrolável. Vash, uma mulher dura e determinada, perde a concentração nas lutas, passa a ter ciúmes e a não controlar mais seus sentimentos, enquanto Elijah parece decidido a conquistá-la, usando os mais tentadores artifícios.

[Compre agora e leia](#)



Quando estou com você - Parte 8

Kery, Beth

9788580868012

31 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando estou com você — segundo e-book seriado de Beth Kery, escritora best-seller da lista do New York Times — chega ao seu clímax quando Elise, Lucien, Francesca e Ian descobrem as verdades que os cercam, revelam os segredos que os assombram e o incontrolável desejo que pode destruí-los ou salvá-los...

Na luxuosa cobertura de Ian, ele, Francesca, Lucien e Elise passam uma noite que começa agradável e termina devastadora, pois finalmente os segredos do passado de Lucien são revelados. Graças à impulsividade de Elise, a dolorosa verdade que ele esconde há tanto tempo vem à tona. Mas revelar a verdade era muito mais grave do que Elise imaginava, fazendo-a se sentir culpada por ter afastado o homem que ama.

Quando Lucien e Ian vão para Londres, Elise é deixada para trás e sofre com a indiferença de Lucien, que certamente está furioso por ela ter revelado seu segredo — esse era o medo dele desde que se reencontraram. Com o coração partido, Elise toma uma decisão difícil para ambos. Mas Lucien ainda tem uma revelação a fazer, que pode uni-los ou afastá-los. Uma revelação que pode mudar o futuro do casal para sempre.

[Compre agora e leia](#)